

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A condição feminina em Maria Lacerda de Moura: análise de
configuração textual do livro *Renovação* (1919)**

Tatiana Ranzani Maurano

2019

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TATIANA RANZANI MAURANO

**A CONDIÇÃO FEMININA EM MARIA
LACERDA DE MOURA: ANÁLISE DE
CONFIGURAÇÃO TEXTUAL DO LIVRO
RENOVAÇÃO (1919)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep como exigência parcial para defesa do Mestrado em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Glaucia Uliana Pinto

**PIRACICABA
2019**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP
Bibliotecária: Marjory Harumi Barbosa Hito - CRB-8/9128.

M453c	<p>Maurano, Tatiana Ranzani</p> <p>A condição feminina em Maria Lacerda de Moura : análise de configuração textual do livro Renovação 1919 / Tatiana Ranzani Maurano. – 2019. 257 f. : il. ; 30 cm.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Glaucia Uliana Pinto. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Educação, Piracicaba, 2019.</p> <p>1. Educação. 2. Família Patriarcal. 3. Gêneros (Grupos Sociais). I. Pinto, Glaucia Uliana. II. Título.</p> <p>CDU – 37</p>
-------	--

TATIANA RANZANI MAURANO

**A CONDIÇÃO FEMININA EM MARIA LACERDA DE MOURA:
ANÁLISE DE CONFIGURAÇÃO TEXTUAL DO LIVRO
RENOVAÇÃO (1919)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep como exigência parcial para defesa do Mestrado em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Glauca Uliana Pinto

Aprovado em:

Prof. Dr. Thiago Borges Aguiar
Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep

Profa. Dra. Anna Maria Lunardi Padilha
Instituto de Pesquisas Heloísa Marinho – Rio de Janeiro

Dedico este trabalho a todas as mulheres da história pelo que fizeram por todas nós. As que foram queimadas nas fogueiras, as que não aceitaram as condições que lhes foram impostas historicamente, lutaram por nossos direitos, fizeram greve, foram presas, torturadas. As que enfrentaram todos os preconceitos e estudaram, reescrevendo a história da mulher. A todas as mulheres que começaram a ocupar espaços públicos que antes nos eram negados para que hoje estivéssemos aqui. Às nossas antepassadas, às minhas mestras e minhas doutoras, às que estão na luta pela emancipação da mulher no âmbito público e privado e às que estão por vir. Às mulheres de minha vida, minhas avós, minha mãe, minhas tias de sangue e as de coração, as minhas irmãs de sangue e as de coração... Ao amor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa de Práticas Educativas e Relações Sociais no espaço escolar e não escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba e à Capes pelo financiamento desta pesquisa.

Este é um momento difícil para agradecer por causa do contexto de recessão que estamos vivendo no Brasil e no mundo. Mas talvez por isso mesmo seja tão necessário agradecer. É essa a dialética da vida, como diz o poeta “a dor e a delícia de ser o que é”.

Agradeço a meus pais, Magá e Pedro, por terem me dado vida, amor e a consciência do que é justo e ético; a meu irmão, Pedrão, e às minhas irmãs, Paula e Carla, por toda a paciência durante essa minha trajetória de mestrado e de vida. Às minhas irmãs de coração, Gabi, por toda atenção mesmo no meio da loucura da vida; Maria, por todo carinho, cuidado e risadas; Nati, pelas intermináveis conversas sobre nossa existência; e Giu Sorbara, por ser minha amiga e cúmplice. Sem você isso tudo nem existiria.

Às mulheres do Grupo de Estudos Mulheres em Movimento de Piracicaba, que ampliaram minha vontade de conhecimento e resistência. Às minhas eternas mestras, Anna e Glaucia, pela sabedoria, pelo cuidado e paciência. Às companheiras e companheiros de mestrado do Tetas Filosóficas (Jéssica, Érica, César, Samuel e Luiz). Sem vocês não sei o que seria de mim e das minhas angústias. À Coluna Padilha, grupo dos eternos orientandos da Profa. Anna Maria Lunardi Padilha: resistir é existir!!!

A todas as companheiras e companheiros do *Nóis Pira ou se Acaba* (Fer, Gabi, Bia, Carpim, Coxa, Cris Mônaco, David, Duda, Guilbert, Lê Freire, Marcio,

Natalia, Rosângela, Marcellly, Matheus e Isa) e a mulher que é minha referência como feminista Rai Almeida, porque vocês – posso ficar anos sem os ver – mas o que aprendemos, compartilhamos e construímos juntos nunca será esquecido, tanto no trabalho social em Piracicaba como na vida, pois o que sou como ser humanitário e minha consciência de coletividade em grande parte deve-se à minha convivência com vocês.

A todas as guerreiras e guerreiros que estiveram ao meu lado nesse campo de batalha de interesses que é o trabalho social, tanto em Piracicaba quanto em Recife (Cida Craveiro, Rô Torres, Carlota, Chiquinho, Dudu, Tonho das Olinda, Dudui, Antônio de Pádua, Paula e Geni), compartilhando angústias, conhecimentos, sonhos. Agradeço também às populações com as quais trabalhei, que me ensinaram muito sobre respeito e dignidade humana.

Falando em ser humano... Alberto Guerreiro e Claudine Alcoforado, obrigada por contribuírem em minha tentativa de uma vivência humana possível, diante da loucura.

À equipe de revisores Cristina Paixão Lopes, Sérgio Marcus Pinto Lopes e Carlos Alberto Rittner, que com o seu trabalho possibilitaram a melhoria da escrita e conseqüente compreensão do texto.

Ao amor.

Em geral chegamos aos livros com a mente vaga e dividida, pedindo à literatura que seja verídica, à poesia que seja falsa, à biografia que seja lisonjeira, à história que reforce nossos preconceitos. Se baníssemos todas as ideias preconcebidas durante a leitura, já seria um começo muito louvável. Não dê ordens ao seu autor; tente converter-se nele. Seja seu cúmplice e companheiro de trabalho. Se de início você mantém distância, faz ressalvas e críticas, está-se impedindo de obter o valor mais pleno possível daquilo que lê. Mas, se abrir a mente ao máximo, sinais e sugestões de finura quase imperceptível, desde o torneio das primeiras frases, vão levá-lo à presença de um ser humano diferente de qualquer outro. Embeba-se nisso, familiarize-se com isso e logo descobrirá que seu autor lhe está dando, ou tentando lhe dar, algo muito mais definido.

“Como ler um livro?”, Virginia Woolf, 1925.

RESUMO

A proposta deste estudo é trazer as contribuições dos escritos da educadora, feminista e anarquista do início do século XX, Maria Lacerda de Moura (1887-1945) sobre a condição feminina, fazendo aproximações possíveis dentro da discussão das categorias de gênero, patriarcado e educação e tomando como objeto de estudo seu segundo livro, *Renovação*, escrito em 1919. O objetivo foi fazer uma análise de configuração textual da obra *Renovação* e, assim, trazer à tona seus argumentos sobre a condição feminina e a educação em seu tempo, bem como os desdobramentos para os desafios da atualidade. Assim, como instrumento para o desenvolvimento de tal proposta, buscamos nos apropriar dos estudos de Maria do Rosário Longo Mortatti sobre a Análise de Configuração Textual, considerando as categorias gênero, patriarcado e educação como focos da análise. A compreensão da história da sociedade e, dentro dela, a de um determinado grupo social oprimido, bem como as elaborações do pensamento para a superação dessa condição, é crucial para captar a dimensão da dominação masculina dentro dela e, assim, buscar a transformação dessa realidade. Nas leituras feitas sobre os escritos de Maria Lacerda de Moura, destaca-se seu diferencial em relação aos pensamentos e escritos das mulheres brasileiras de sua época. Historicamente falando, Lacerda é de uma época em que as mulheres estavam lutando por seus direitos a melhores condições de trabalho e ao sufrágio. Destaca-se o que já falava a autora sobre a mulher poder escolher com quem vai se envolver, sobre a importância de ela estudar, de instruir-se, sobre amor livre, sobre a escolha de ter ou não ter filhos, sobre sua condição de subjugada, tutelada, não apenas nas questões dos direitos, mas também nas questões do cotidiano, em um nível mais simbólico e particular, algo que começou a ser mais discutido e pontuado a partir da segunda metade do século XX (1960-1970). Nesse sentido, é notório o quanto Maria Lacerda de Moura ainda pode contribuir para as questões relacionadas à condição e subjugação feminina e para a reflexão sobre os conceitos de gênero, patriarcado e educação. Revisitar seus escritos, ou seja, olhar para a história, é ter cada vez mais a percepção do quanto a opressão da mulher está enraizada na construção histórica em nossa sociedade e do quanto ainda se mantém nos dias de hoje, seja pela não garantia dos direitos que conquistados, seja pela opressão simbólica e histórica que ela sofre cotidianamente. Revisitar sua obra foi a descoberta de caminhos para a *renovação* social.

Palavras-chave: Maria Lacerda de Moura; Condição Feminina; Gênero; Patriarcado; Educação; Análise de Configuração Textual.

ABSTRACT

The proposal of this study is to bring the contributions of the early feminist and anarchist educator Maria Lacerda de Moura (1887-1945) on the female condition, making possible approximations within the discussion of the categories of gender, patriarchy, and education, and taking as the object of study her second book, *Renovação*, written in 1919. The objective was to make a textual configuration analysis of the work *Renovação*, bringing to light its arguments about the female condition and the education in her time, as well as today's challenges. As an instrument for the development of such a proposal, we sought to appropriate ourselves of Maria do Rosário Longo Mortatti's studies on Textual Configuration Analysis, considering the categories of gender, patriarchy, and education our focus. Understanding the history of society and that of a certain oppressed social group, as well as the elaborations of thought to overcome such condition, is crucial to grasp the dimension of male domination within society and seek the transformation of such reality. In the readings of Lacerda's writings, the differences between her thoughts and those of the Brazilian women of her time stand out. Historically speaking, Lacerda lived in a time when women were fighting for their rights to better working conditions and suffrage. It is important to emphasize that the author spoke about women being able to choose with whom they would get involved, about the importance of female schooling and education, about free love, about choosing to have children or not, about their subjugation and tutelage, and not only on matters related to rights, but also to the everyday life, on a more symbolic and particular level, something that became more discussed and emphasized on the second half of the twentieth century (1960-1970). In this sense, it is clear that Maria Lacerda de Moura can still contribute to issues related to the condition and subjugation of women and to the reflection on the concepts of gender, patriarchy, and education. Revisiting her writings, that is, looking at history, is to have a growing perception of how the oppression of women is rooted in our society's historical construction and that it is still a reality today, whether by the non-guarantee of conquered rights or by the symbolic and historical oppression women suffer daily. Revisiting her work we found out ways for social renewal.

Keywords: Maria Lacerda de Moura; Female Condition; Gender; Patriarchate; Education; Textual Configuration Analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – O CAMINHO DA VIDA À PESQUISA	12
2 A AUTORA, SEU CONTEXTO HISTÓRICO, EDUCAÇÃO E ANARQUISMO	26
2.1 A história de vida de Maria Lacerda de Moura: sua constituição como mulher, pensamentos e escritos.....	26
2.2 O contexto vivido pela autora	41
2.3 A Educação no Brasil	44
2.4 O anarquismo no Brasil.....	58
3 A CONDIÇÃO FEMININA E SUAS RELAÇÕES COM OS CONCEITOS DE GÊNERO, PATRIARCADO E EDUCAÇÃO	63
3.1 O conceito de patriarcado	64
3.2 O conceito de gênero	66
3.3 O conceito de educação	69
4 O LIVRO RENOVAÇÃO	77
4.1 A apresentação dos editores	87
4.2 Prefácio – Maria Lacerda de Moura	91
4.3 O feminismo em Maria Lacerda de Moura.....	96
4.4 O sufrágio feminino	115
4.5 A religião.....	118
4.5.1 Liga fraternista internacional.....	121
4.5.2 O primeiro congresso de religiões no Brasil	124
4.6 Solidariedade, a infância abandonada e a filantropia.....	130
4.6.1 Maternidade.....	133
4.6.2 Policiamento de costumes.....	136
4.6.3 Higiene, a criança e o cinematographo.....	138
4.7 Seduções e a proteção masculina.....	143
4.7.1 Questões sociaes	148
4.7.2 Sentimentalismos e o suicídio	152
4.8 A educação nova.....	155

5 REFLEXÃO SOBRE AS CATEGORIAS DE GÊNERO, PATRIARCADO E EDUCAÇÃO NA OBRA DE LACERDA, SEU POTENCIAL LIBERTÁRIO E TRANSFORMADOR PARA A ATUALIDADE	175
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E INCONCLUSÕES	199
REFERÊNCIAS.....	213
ANEXO I – CARTA DO PRESIDENTE AMERICANO WOODROW WILSON PARA AS ASSOCIAÇÕES FEMINISTAS DOS ESTADOS UNIDOS, FRANÇA, INGLATERRA, BÉLGICA, ITALIA E PORTUGAL.....	244
ANEXO II – PROJETO DE LEI MAURÍCIO DE LACERDA.....	245
ANEXO III – SISTEMA EDUCACIONAL MARIA MONTESSORI.....	250
APÊNDICE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ESTUDOS SOBRE MARIA LACERDA DE MOURA.....	252
APÊNDICE II – PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MARIA LACERDA DE MOURA	257

1 INTRODUÇÃO – O CAMINHO DA VIDA À PESQUISA¹

Já que não podemos evitar a revolução das classes, revolução que se prepara, surda, entre as nações, – ergamos, n'um grito ardente de fé, a nossa voz, proclamando, pela palavra e pela acção, intenções puras que desejam a felicidade para todos os homens e pedem o direito á vida, á saude, ao alimento, á casa, à instrucção, aos divertimentos, a tudo que alegra a alma dos ricos e que, até agora, tem sido vedado aos pobres, aos que mais trabalham. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 277)².

A epígrafe escolhida para iniciar a escrita apresenta de forma sucinta o ponto fulcral que perpassa esse trabalho: a condição da mulher, dos excluídos numa sociedade de classes. Esta é uma sociedade que criou uma subcondição, uma condição subjugada, de subserviência e passividade da mulher ao senhor, ao homem, em uma sociedade patriarcal. Ao mesmo tempo em que traz exemplos nítidos dessa opressão, abre brechas, possibilidades de produção de sentidos, de reflexão, possibilidades de superação desta condição que foi imposta à mulher durante séculos.

Em minha trajetória como psicóloga no âmbito da Psicologia Social, formada pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) em 2003, durante seis anos trabalhei no Centro de Apoio e Solidariedade à Vida (Casvi), uma ONG de direitos humanos com enfoque na sexualidade, com várias populações: profissionais do sexo (mulheres, travestis e homens), usuários de drogas (mulheres e homens), lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). A

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil.

² As citações de Maria Lacerda de Moura presentes no presente texto são do livro *Renovação* (1919). Entretanto, para a pesquisa, utilizou-se a segunda edição feita em 2015 e as numerações de páginas que utilizamos são desta última edição.

perspectiva foi sempre a do olhar da teoria da identidade³, da construção do gênero humano por meio de sua história de vida, além da minha formação como redutora de danos⁴.

Como coordenadora do Projeto Esquina da Noite, no qual trabalhava questões relacionadas aos direitos sexuais, reprodutivos e auto-organização dos profissionais do sexo (mulheres, travestis e homens), pude verificar que a maioria dos profissionais do sexo atendidos eram mulheres. Enfrentando uma enorme dificuldade, ao buscar sua participação nas atividades de auto-organização, comecei a procurar alternativas práticas para o trabalho com essa população. Então ingressei no programa de formação em Psicodrama⁵ da PUC – SP / Cogee⁶ cuja base teórica e técnica iniciou-se com o trabalho feito com prostitutas.

³ Retiro um trecho do livro que mostra esse olhar da teoria da identidade: “A exploração e a violência sociais se concretizam, através de mediações, sempre no particular, que é a unidade do singular e do universal. Coletivamente, constituem o conjunto das relações sociais que, no nosso caso, materializam um mundo: nosso mundo capitalista. Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política” (CIAMPA, 1988, p. 127).

⁴ “A estratégia de redução de danos pode ser definida como mais uma maneira de se abordar o usuário de drogas, descentrando o foco do problema da erradicação e da abstinência e privilegiando o direito à saúde de todos e o respeito à liberdade individual daquele que não deseje ou não consegue interromper o uso da droga. Como a história indica, essa estratégia surgiu como uma medida de prevenção em resposta à epidemia do contágio por HIV, às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e às hepatites” (MACHADO; BOARINI, 2013).

⁵ Psicodrama: “Trata-se de proposta para trabalhar as relações humanas, em suas necessidades individuais e grupais, pedagógicas e psicológicas, terapêuticas e existenciais, através dos elementos revolucionários do chamado ‘teatro espontâneo’” (ALMEIDA, 1989), criada por Jacob Levy Moreno, o qual trabalhou com prostitutas em 1914. “Dois fatos significativos na trajetória de Moreno [...] foram os trabalhos de assistência aos refugiados na Áustria e com um grupo de prostitutas. Neles fica muito clara a importância dos problemas sociais e da busca por soluções efetivas, levando sempre em conta a natureza dos problemas e termos das relações e integração com o contexto [...] No caso das prostitutas, o objetivo não era ‘recuperá-las’ para reintegrá-las à sociedade [...] Consistia em desenvolver, junto com elas, princípios básicos de organização que iriam conferir ao grupo em questão maior integração, organização e, consequentemente, melhoria das condições de vida (organização social)” (RIQUET, 1998).

⁶ Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Durante meu trabalho no Casvi, em vários momentos tornou-se necessária a articulação com outras organizações não governamentais para discussão, trocas de experiências e alternativas de inúmeras questões que enfrentávamos no cotidiano junto à população com a qual trabalhávamos, tais como violência⁷ contra a mulher, violência policial, lgbtfobia, racismo e a própria pobreza da população. Alguns espaços acabaram se transformando em referências para nós, principalmente o movimento de mulheres da cidade do Recife/PE que atuava e atua bravamente na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos⁸.

Nesse sentido, após o término de minha formação em Psicodrama, fui morar em Recife/PE, onde trabalhei durante quatro anos com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em situação de rua, e com usuários de drogas e profissionais do sexo.

Desde meu primeiro trabalho, nós enfrentávamos, no cotidiano das ações, dificuldades intrínsecas à nossa atuação, tais como as questões relacionadas à violação dos direitos sociais das mulheres, população LGBT, negros e população em situação de rua. O contato e participação nos fóruns de discussão

⁷ “A violência é um fenômeno complexo que se expressa de várias maneiras. Ela pode ser cometida contra terceiros ou contra o próprio sujeito da ação violenta; pode ocorrer na relação interpessoal ou afetar toda uma coletividade; pode ser cometida por uma pessoa, por grupos ou nações. Homens e mulheres, em razão da especificidade de gênero, são atingidos pela violência de forma diferenciada. Enquanto a maior parte da violência cometida contra os homens ocorre nas ruas, nos espaços públicos, e, em geral, é praticada por outro homem, a mulher é mais agredida dentro de casa, no espaço privado, e o agressor é ou foi uma pessoa íntima: namorado, marido, companheiro ou amante. A violência contra a mulher acontece no mundo inteiro e atinge mulheres de todas as idades, classes sociais, raças, etnias e orientação sexual. Qualquer que seja o tipo, física, sexual, psicológica ou patrimonial, a violência está vinculada ao poder e à desigualdade das relações de gênero, onde impera o domínio dos homens, e está ligada também à ideologia dominante que lhe dá sustentação. São muitas as formas de violência contra a mulher: desigualdades salariais; assédio sexual; uso do corpo como objeto; agressões sexuais; assédio moral, tráfico nacional e internacional de mulheres e meninas” (BRASIL, 2005, p. 73).

⁸ Exemplos: Grupo de Mulheres Cidadania Feminina, S.O.S Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, Loucas de Pedra Lilás, Fórum de Mulheres de Pernambuco, Casa da Mulher do Nordeste, Grupo Curumim, Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero e muitas outras.

junto à comunidade e aos órgãos financiadores tornaram-se indissociáveis ao trabalho com essa população.

Meu envolvimento nos movimentos sociais, tanto em Piracicaba/SP (Casvi), em São Paulo/SP (Fórum Estadual das Profissionais do Sexo, Fórum Paulista LGBT e Marcha Mundial das Mulheres), quanto em Recife/PE (Conselho Regional de Psicologia de Pernambuco – CRP 02; Conselho Estadual de Direitos Humanos de Pernambuco; Comitê de Prevenção e Combate à Tortura de Pernambuco), motivou-me a buscar o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep com a finalidade de aprofundar estudos na área da educação como possibilidade de defesa dos direitos sociais⁹.

Em minha construção social como psicóloga e educadora, o que mais me afeta é a constatação da opressão histórica e cultural da mulher e, em consequência, sua invisibilidade¹⁰ na história oficial e na construção da história humana¹¹. Esta é uma opressão que a cada investigação e leitura descobre-se mais e mais antiga e profunda, mais e mais atual.

⁹ Ingressei no mestrado em educação no Núcleo de Pesquisa de Práticas Educativas e Relações Sociais no Espaço Escolar e não Escolar, com a Profa. Dra. Anna Maria Lunardi Padilha. Anna fez toda a minha orientação durante o meu primeiro ano de mestrado e, pelos seus ensinamentos, pudemos juntas delinear o objeto de pesquisa e começar a realizar os estudos necessários para o desenvolvimento desta dissertação. Infelizmente, diante da crise que a Universidade tem passado (econômica? política?), que presenciamos e padecemos ante o atual regime econômico e o político, minha orientadora foi demitida de forma discricionária. Deixo aqui meu manifesto! Conhecemos bem a situação política da educação que nosso País tem enfrentado. Felizmente, fui acolhida prontamente pela Profa. Dra. Gláucia Uliana Pinto, que de forma atenciosa e respeitosa, vem orientando minha pesquisa durante todo este segundo ano.

¹⁰ “O campo das experiências históricas consideradas dignas de serem narradas ampliou-se consideravelmente e junto à emergência dos novos temas de estudo, isto é, com a visibilidade e dizibilidade que ganharam inúmeras práticas sociais, culturais, religiosas, antes silenciadas, novos sujeitos femininos foram incluídos no discurso histórico, partindo-se inicialmente das trabalhadoras e militantes, para incluir-se, em seguida, as bruxas, as prostitutas, as freiras, as parteiras, as loucas, as domésticas, as professoras, entre outras. A ampliação do conceito de cidadania, o direito à história e à memória não se processavam apenas no campo dos movimentos sociais, passando a ser incorporados no discurso, ou melhor, no próprio âmbito do processo da produção do conhecimento” (RAGO, 1998, p. 14).

¹¹ Relevante, a partir de agora, continuarmos a leitura com esta reflexão sobre a história, uma palavra que será muito utilizada no trabalho que apresentamos. Na busca por compreender a história de que vamos falar, recorreremos a Adam Schaff em *História e verdade* (1978). A história apresenta vários olhares contraditórios do processo histórico. E quais seriam, então, as razões

Para iniciar os estudos sobre a temática da opressão sobre a mulher, buscamos¹² autoras que pudessem ajudar a pensar qual seria nosso objeto de estudo nesta investigação. Fomos aos escritos sobre a história da mulher e aí pudemos compreender a exclusão das mulheres da história oficial brasileira. Os estudos sobre a historiografia da mulher abordam necessariamente essa discussão, assim como a importância do movimento feminista no Brasil para a conquista dos direitos das mulheres.

Ao ler sobre o movimento de mulheres no mundo, chamado movimento feminista a partir de 1975, mais especificamente no Brasil, deparamos com as reflexões e escritos de Maria Lacerda de Moura. Esta mineira defendia, a partir de seus escritos de 1919, a importância da educação para a melhoria das condições de vida da população brasileira e a importância da educação da mulher para sua real emancipação¹³.

A partir de alguns escritos de Maria Lacerda de Moura e ao fazer um levantamento bibliográfico de suas obras e de sua vida, saltou aos nossos olhos o

nas escolhas de um dado histórico? “Um acontecimento histórico verdadeiramente [...] , recuo suficiente para evitar a alteração de percepção, influenciar gerações seguintes [...] ter sido alvo de interesse de várias gerações de historiadores, o que permite confrontar visões de um único fato em diversas épocas históricas” (p. 10-11). Então, “nossa reflexão, é apenas o fato da diversidade, da variabilidade, até mesmo da incompatibilidade dos pontos de vista dos historiadores que, potencialmente, dispõem das mesmas fontes e, subjetivamente, aspiram à verdade, e só à verdade, crendo mesmo tê-la realmente descoberto. Assim, em consequência do objetivo fixado, restringimos o nosso papel a selecionar alguns autores e permitir-lhes apresentar, por si, os seus pontos de vista” (p. 59).

¹² A partir deste ponto do texto, os escritos não serão mais em primeira pessoa singular e, sim, no plural, pois este texto não foi escrito apenas por mim, mas por “seis mãos”. A introdução, o primeiro e o segundo capítulos têm muito do meu trabalho junto com as orientações da Profa. Dra. Anna Maria Lunardi Padilha. Todos os outros capítulos, mais a formulação deste texto para a defesa, são fruto das discussões feitas nas orientações junto à Profa. Dra. Glaucia Uliana Pinto.

¹³ No Dicionário *emancipação* significa alforria; libertação, aquisição de maioria (EMANCIPAÇÃO, 1981, p. 395). Mas, historicamente falando, a discussão sobre o conceito de emancipação humana foi trabalhada em Karl Marx, quando falava sobre a emancipação política dos judeus, em que os direitos dos cidadãos são direitos sociais, propondo uma sociedade que encontre a liberdade, mas, na realidade, acontece o contrário, a sociedade limita o cidadão. “[...] Fica claro que a emancipação política, vale dizer, a democracia formal é insuficiente. É necessário caminhar em direção à emancipação humana que implica a superação da democracia formal à democracia real” (SAVIANI, 2017, p. 656).

fato de que existem pouquíssimos estudos¹⁴ sobre essa escritora, que entre 1918 e 1940 escreveu doze livros e diversos artigos na imprensa anarquista.

A pergunta sobre o motivo de sua invisibilidade foi uma preocupação. As hipóteses eram inúmeras. Seria pelo fato de ser mulher, por falar em defesa dos direitos da mulher à educação, ao amor livre e referir-se à possibilidade de a mulher optar por querer ou não ter filhos? Ou pelo fato de ela se autointitular anarquista e adepta do movimento anticlerical, assim dedicando parte significativa de sua obra à denúncia do quanto a Igreja naquela época estava ligada ao movimento integralista, que interferiu diretamente no Estado brasileiro e conseqüentemente na educação? Ou, talvez, reafirmando as colocações acima, sobre a hipótese da invisibilidade da mulher na história, a própria Maria Lacerda de Moura o possa responder:

... e a historia tem sido escripta pelos homens.

Que coisas descobririamos se essas mulheres tivessem escripto as suas memorias!

Washington¹⁵ é o grande Washington, pois bem, – Mercy Otis Warren¹⁶ pregou ardorosamente a independencia da America, antes de Washington. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 143-144).

São muitas questões para apenas uma dissertação, pois Lacerda tem uma literatura densa e fazer uma análise de sua obra como um todo seria tema para uma tese ou mais, como é o caso dos estudos da cientista social Miriam

¹⁴ Em revisão bibliográfica, com os descritores Maria Lacerda de Moura, na plataforma Scielo, Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, todas as páginas do Google, buscando suas devidas referências, mais indicações de pesquisadores do Núcleo de Estudos de Práticas Educativas no Espaço Escolar e não Escolar da Pós-graduação em Educação na Unimep, foram encontrados dezenove artigos científicos, dez dissertações de mestrado e duas teses de doutorado sobre Maria Lacerda de Moura (sua relação encontra-se no apêndice desta dissertação).

¹⁵ George Washington (1732-1799) foi o primeiro presidente dos Estados Unidos (1789-1797).

¹⁶ Mercy Otis Warren (1728-1814), escritora política e poetisa americana, publicou, em 1805, três volumes de *História da ascensão, progresso e rescisão da revolução americana* (SILVA, 2016).

Moreira Leite, que fez seu doutorado intitulado *Outra face do feminismo*¹⁷: Maria Lacerda de Moura, abordando seus escritos.

Como a pergunta primeira era sobre a questão da mulher e o acesso à educação para sua devida libertação da opressão da sociedade, seu segundo livro, *Renovação*, escrito em 1919, chamou nossa atenção. Esta é uma obra que ela dedica a todas as mulheres e seu ponto principal é a importância de a mulher se educar e ler, para libertar-se das amarras da sociedade por meio do conhecimento.

Em *Renovação*, Lacerda (2015) começa por contextualizar a condição da mulher na sociedade. Depois, faz um resgate histórico do movimento de mulheres no mundo, seus avanços, necessidades e trabalha outras temáticas, como o sufrágio feminino, a religião, a solidariedade, as seduções e a educação nova.

Assim, perguntamos: qual a contribuição de Maria Lacerda de Moura para a compreensão da condição feminina e a reflexão crítica sobre a realidade histórica da mulher? Quais aspectos textuais da obra *Renovação* indicam a pesquisadoras e pesquisadores os avanços e retrocessos na luta pela libertação das amarras da sociedade patriarcal que oprimiam as mulheres no início do século XX?

O livro chamou atenção desde o primeiro momento por ser uma obra que Lacerda dedicou às mulheres, para contar-lhes tudo aquilo que imaginava que elas precisavam saber para, assim, conseguirem se libertar da condição que lhes foi

¹⁷ Por que a história e a memória do feminismo? Certamente, o feminismo coloca o dedo nesta ferida, mostrando que as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado (RAGO, 1996, p. 15).

imposta pela sociedade, e, quem sabe, então, fazerem escolhas mais conscientes ou, pelo menos, terem consciência do que acontecia com elas e porque isso acontecia. Após sua primeira edição em 1919, o livro só foi reeditado em 2015 por pesquisadoras e um pesquisador da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Depois da escolha, o segundo passo foi encontrar um exemplar, o que levou quase seis meses. Com uma doação feita pela biblioteca anarquista Terra Livre¹⁸, o livro chegou às nossas mãos pela mediação de uma integrante, Gabriela Brancalion¹⁹.

Ao tentar encontrar informações sobre Maria Lacerda de Moura ou sobre feminismo e ao fazer uma busca na biblioteca da Universidade Metodista de Piracicaba, conhecemos a pesquisa de doutorado de Miriam Moreira Leite, cientista social e historiadora, grande estudiosa desta educadora anarquista.

Ao ler o livro-tese de Miriam Moreira Leite e entender a profundidade de sua pesquisa, fomos em busca de outros escritos seus. Recebemos o retorno de uma mensagem enviada para seu contato do currículo lattes²⁰ e tivemos a notícia de que já havia falecido em fevereiro de 2013. Quem respondeu, com todo cuidado, foi seu filho Rui Moreira Leite. Ele nos informou que sua mãe teve a preocupação de repassar/doar todos os dados e documentos de sua pesquisa ao Centro de

¹⁸ Este é um projeto de guarda e divulgação da memória anarquista que se originou em 2004, em São Paulo. Seu acervo conta hoje com mais de três mil livros, além de jornais, revistas, materiais audiovisuais, entre outros. Além de organizar a Feira Anarquista de São Paulo, que conta com nove edições, realiza colóquios, debates e possui um selo editorial com mais de vinte títulos publicados de traduções e textos de produção própria do coletivo.

¹⁹ Gabriela Brancalion, historiadora, estudante de biblioteconomia e anarquista apaixonada por Emma Goldman.

²⁰ Currículo Lattes Miriam Moreira Leite <http://lattes.cnpq.br/5181395079788133>.

Documentação e Memória (Cedem)²¹ da Unesp. A historiadora Renata Cotrim²², da equipe técnica, recebeu-nos com muita presteza, dando-nos acesso a todo o acervo de Miriam Moreira Leite para a pesquisa sobre Maria Lacerda de Moura e colocou-nos em contato com a Biblioteca Terra Livre.

Para o materialismo histórico e dialético de Karl Marx (1817-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), especialmente seus pressupostos centrais, resgatar o passado é parte da possibilidade de compreensão do presente, entendendo-se a sociedade como produção humana em constante transformação ou devir. A história é substrato material e a essência do homem, conjunto das relações sociais encarnadas nos sujeitos. Serve como um arcabouço teórico e metodológico que se aproxima do modo como concebemos a vida e a organização social.

Uma das premissas do método do materialismo histórico-dialético é a importância de se alcançar a essência do objeto, capturar sua estrutura e dinâmica por meio de processos analíticos de sua compreensão como objeto de investigação, para se ir além do concreto e visível. Primeiramente, vê-se o concreto. Posteriormente, eleva-se a ordem do pensamento, tentando identificar as inúmeras determinações e possibilidades de compreensão desse mesmo objeto; então podemos vê-lo de outra forma, em sua síntese. Como diz José Paulo Netto (2011, p. 45), assistente social brasileiro, grande conhecedor do materialismo histórico-dialético: “o conhecimento concreto do objeto é o conhecimento de suas múltiplas determinações”.

²¹ Órgão vinculado à Vice-Reitoria, criado por iniciativa de um grupo de professores da área de Humanidades da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 1987. Atualmente, é também especializado na prestação de apoio informativo à pesquisa social e realiza amplos projetos de digitalização dos documentos sob sua guarda, com o apoio da Fapesp e da própria universidade. O acervo encontra-se aberto a consulta pública, *on-line* ou presencial (<http://www.cedem.unesp.br/#!/apresentacao/>).

²² Graduada em História com extensão em preservação de acervos. Atualmente, compõe a equipe de historiadores no Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem), nas áreas de preservação documental, pesquisa histórica e organização arquivista.

Ao mesmo tempo, para o materialismo histórico-dialético, o entendimento do mundo científico é provisório (NETTO, 2011), pois, como dizem Marx e Engels, “não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos” (apud NETTO, 2001, p. 31). Ou seja, as próprias categorias são históricas e transitórias.

Nesse sentido, se a investigação perpassa a obra de Maria Lacerda de Moura, sua trajetória e análise consideram o movimento, a lógica dialética²³ da realidade, como possibilidade de se visualizar as contribuições desta escritora e ativista para a transformação da realidade social da mulher de sua época e compreender de forma mais aprofundada o que está para além dos avanços e desafios da condição feminina nos dias de hoje.

A partir de alguns estudos (AGUIAR, 2000; BORIS, CESÍDIO, 2007; STRÜCKER; MAÇALAI, 2016), evidencia-se que as relações de gênero permanecem atravessadas pelo modelo patriarcal de sociedade, resultando na manutenção da tímida participação das mulheres nas questões políticas e econômicas. Este ideário é reforçado pelas especificidades de seu corpo quando subjetivado como frágil, que demanda proteção, ainda responsável pela procriação e cuidado da prole.

Constatamos o quanto é preciso produzir conhecimento na área. Como destacam Meyer, Ribeiro e Ribeiro, a despeito da expressiva expansão da temática no plano acadêmico internacional, impulsionando ampla gama de pesquisas que,

²³ “A realidade é dialética porque as modificações nela ocorridas nascem das contradições [...] Para compreender as contradições, basta reunir várias categorias” onde “os polos de uma contradição estão encerrados em um todo e são, portanto, internamente relacionados [...] as próprias contradições refletem a negatividade da realidade por meio da qual a multiplicidade nasce da unidade [...] a tensão entre a unidade e a multiplicidade resolve-se pela mudança. O tipo específico da mudança é determinado pelas tendências associadas a cada polo de contradição” (BOTTOMORE, 2012, p. 323).

a partir de perspectivas diversas, tensionam os campos da educação, história, direito, literatura, arte, saúde, teologia e política, “é possível dizer que continua existindo uma lacuna curricular no que diz respeito a essas temáticas e que elas ainda não aparecem, com muito destaque, na pauta dos grandes eventos ou na agenda de revistas importantes da área da educação” (2004, p. 1).

Deste modo, tomamos como objeto de estudo a obra *Renovação*, com o intuito de conhecer a autora e sua obra, seu tempo histórico, como ela o vê e o analisa. Nosso objetivo foi refletir sobre a pertinência de seus escritos para pensar as questões de gênero, patriarcado e educação que historicamente têm marcado a subjugação e a condição da mulher. A escolha por tais conceitos não se deu por negligenciar os modos de organização social e divisão de classes nas sociedades capitalistas, mas por considerar tais categorias como alicerces importantes para essa organização – é preciso falar sobre sexo e sobre o corpo para compreendermos o papel da mulher. É preciso falar do acesso ao conhecimento como constitutivo da consciência. Já a escolha do livro foi feita porque acreditamos que ele seja um marco no pensamento revolucionário da escritora, em sua vida e obra. A intenção é resgatar suas contribuições para que possamos avançar na compreensão das dimensões ideológicas que subjugam as mulheres, colaborando com a teorização educacional, social, cultural e política contemporânea no que se refere à temática.

Para tais propostas investigativas, o trabalho opta metodologicamente pela análise de configuração textual da obra *Renovação* buscando trazer à tona seus argumentos sobre a condição feminina e a educação em seu tempo, bem como os desdobramentos para os desafios da atualidade.

A análise de configuração textual é um instrumento metodológico proposto pela professora doutora em educação Maria do Rosário Longo Mortatti, entendendo que a “linguagem é de natureza histórica” e que “o discurso é a materialização dos sentidos” (MORTATTI, 1999, p. 70). “Como produções históricas e sociais, a leitura e a escrita supõem a produção de significados e sentidos... atividades discursivas, que têm no texto seu ponto de partida e de chegada” (MORTATTI, 1999, p. 71).

Para tentar dar conta da análise da configuração textual, enfrentamos o desafio de nos apropriar dos estudos de Maria do Rosário Longo Mortatti, que, ao propor essa metodologia de análise de textos, explica:

o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?). (MORTATTI, 1999, p. 71-72).

Utilizando esta concepção metodológica que diz que “é o texto a unidade do sentido” (MORTATTI, 1999, p. 71), procuramos responder, ao longo do trabalho, as perguntas centrais do instrumento proposto, fazendo o exercício contínuo e dialético de olhar para os textos de Lacerda, para o contexto histórico do ontem e do hoje, tentando fazer a leitura do que está para além da aparência e utilizando os recursos dos entendimentos de alguns escritos da teoria política feminista até hoje desenvolvidos por mulheres e homens das mais variadas áreas das ciências²⁴

²⁴ Pensando na ciência em sua concepção marxista, “sob dois aspectos: (a) como algo que o marxismo é ou pretende ser; (b) como algo que ele procura explicar (e talvez até mesmo

humanas, bem como o contexto dos anos 1920 e do movimento anarquista, principalmente no que se refere às discussões na área da educação.

O foco da análise textual passa também pelas categorias gênero, patriarcado e educação, teias ideológicas que se entrecruzam e organizam a sociedade estabelecendo lugares sociais a serem ocupados por cada um dos sujeitos, portanto, marcando seus modos de ser e estar no mundo.

Os apontamentos históricos sobre a condição da mulher na humanidade, as lutas das mulheres por direitos sociais, culturais e intelectuais, bem como trazer à tona a história de vida de Maria Lacerda de Moura, sua produção literária e análise de seu livro, tornam-se contribuições para o desvelamento e tentativa de superação dessa sociedade patriarcal e patrimonialista que oprime a todos, contribuindo, assim, de forma efetiva, para a construção de uma sociedade mais justa para homens e mulheres. Trata-se, portanto, de chegar à proposição de uma práxis libertadora²⁵!

Mais sistematicamente, o trabalho encontra-se organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, abordamos a história de vida de Maria Lacerda de Moura, sua constituição como mulher, seus pensamentos, escritos e uma breve aproximação com outras mulheres de sua época. Realizamos uma síntese do

transformar). Em (a) ciência é um valor ou norma; em (b), um tópico de pesquisa e investigação. Sob o primeiro aspecto intrínseco, o marxismo envolve, ou pressupõe, uma epistemologia. Sob o segundo aspecto, extrínseco, constitui uma sociologia histórica” (BOTTOMORE, 2012, p. 85).

²⁵ Conceito fundamentado pelo materialismo histórico e dialético de Karl Marx e Friedrich Engels, que descreveremos aqui por meio da leitura minuciosa feita por Adolfo Sánchez Vázquez (2011, p. 398) sobre práxis: “Entendemos a práxis como atividade material humana transformadora do mundo e do próprio homem. Essa atividade real, objetiva, é, ao mesmo tempo, ideal, subjetiva e consciente”. E sobre libertação, conceito que se relaciona ao primeiro, o autor diz que “a libertação do homem – a verdadeira liberdade humana como desenvolvimento ilimitado de suas virtualidades práticas, criadoras – está vinculada à possibilidade de elevar e organizar racionalmente a produção material de tal maneira que se reduza cada vez mais o tempo de trabalho imposto pela necessidade” (VAZQUEZ, 2011, p. 402).

contexto histórico da época em que foram produzidos seus textos (1919 a 1935), destacando aspectos sociais, políticos, educacionais e o movimento anarquista.

No segundo capítulo, trazemos as categorias de análise gênero, patriarcado e educação, explicando sua conceptualização, além dos apontamentos do passado²⁶ e do presente, com citações de Maria Lacerda de Moura e autores aqui estudados.

No terceiro capítulo, é apresentada uma descrição do livro *Renovação* para que o leitor possa vislumbrar a estrutura da obra. Caracterizamos os conteúdos, temáticas e pensamentos da autora em cada capítulo, trazendo citações da própria obra. Outras citações da educadora também percorrerão todo o texto desta dissertação, entrelaçados com os conceitos e pensamentos das pesquisadoras.

No quarto capítulo, são realizadas algumas análises de fragmentos do livro *Renovação* pelo olhar das categorias de gênero, patriarcado e educação. Trata-se de um exercício para se entender os pensamentos e escritos da autora, os conceitos trabalhados, voltar ao passado e compreender o presente, em alguns momentos identificando avanços, em outros, resquícios e manutenção da opressão como um processo histórico.

Algumas considerações finais fecham o trabalho.

²⁶ “O passado pressiona para ser visto e revisto, exige novas explicações e nos impõe visitar os arquivos e passar a História a limpo. Como se, num misto de decepção e indignação, precisássemos desfazer os fios da memória e mostrar como e por que foram arbitrariamente trançados” (RAGO, 1996, p. 15).

2 A AUTORA, SEU CONTEXTO HISTÓRICO, EDUCAÇÃO E ANARQUISMO

No presente capítulo será dado destaque ao contexto histórico em que Lacerda viveu e produziu seus escritos. Além disso, coerente com o método de análise de configuração textual, uma descrição minuciosa²⁷ da obra se faz necessária, considerando sua cronologia e o próprio contexto histórico da autora, ou seja, o que estava acontecendo na década de 1920, principalmente em relação ao que era mais caro para Lacerda – a condição feminina e a educação – bem como as principais influências da autora, sabidamente marcada pelo movimento anarquista.

Inicialmente, terá destaque quem era Lacerda e a situação vivida por ela, focalizando acontecimentos expressivos de seu contexto, principalmente o modelo de educação da época.

2.1 A história de vida de Maria Lacerda de Moura: sua constituição como mulher, pensamentos e escritos

Nascida em 16 de maio de 1887, em Manhuaçu / MG, na fazenda de Monte Alverne, Maria Lacerda de Moura é filha de Modesto de Araújo Lacerda²⁸ e Amélia Araújo Lacerda, simpatizantes de ideias anticlericais e suas primeiras influências de contestação. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, Maria Lacerda tem voz destacada nas lutas sociais quando, junto com outras militantes libertárias, pelas páginas dos periódicos, difunde sua palavra e denuncia a exploração capitalista, contradita os fundamentos da moral

²⁷ A descrição minuciosa da obra *Renovação* de Maria Lacerda de Moura será feita no terceiro capítulo desta dissertação.

²⁸ Modesto Araújo Lacerda (1859-1916), advogado, maçom militante, fundou uma loja em Barbacena, político republicano, foi vereador em Manhuaçu, espírita kardecista, intelectual e tenente-coronel da Guarda Nacional (<https://reminiscencias.blog/2017/06/04/modesto-de-araujo-lacerda/>).

burguesa, a opressão masculina, a instituição do casamento, afirmando, para além do direito do corpo e ao prazer, o horizonte da luta pela emancipação social de homens e mulheres. (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ apud LACERDA, 2015, p. 6).

A citação acima foi retirada da apresentação feita pelas pesquisadoras e pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, Adelaide Gonçalves²⁹, Allyson Bruno³⁰ e Camila Queiroz³¹, que foram as organizadoras e organizador responsáveis pela segunda edição do livro *Renovação*, em 2015, 96 anos após sua primeira edição feita pela própria autora pela Athene³² (Fig. 1). Seus motivos e os porquês do interesse na reedição deste livro serão apresentados em outro momento no texto.

²⁹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Pós-Doutorado no Instituto de História e Teoria das Ideias, da Universidade de Coimbra. É professora Associada da Universidade Federal do Ceará. Professora da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST-Brasil. Tem experiência nas áreas de Teoria da História, História do Brasil e História de Portugal. Para a História do Brasil e Portugal, com ênfase na República e História das Ideias, atuando principalmente nos seguintes temas: anarquismo, mundos do trabalho, memória, imprensa operária, história do livro, práticas de leitura, imigrantes, bibliotecas, revistas (<http://lattes.cnpq.br/8012319362966987>).

³⁰ Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (1999), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2002) e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2014). É professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, com experiência da área de História do Brasil, com ênfase na História Social do Trabalho e na interface entre História e Memória e História e Imprensa. Trabalha principalmente com os temas: história do Brasil Republicano, anarquismo, associativismo dos trabalhadores, imprensa operária e culturas políticas (<http://lattes.cnpq.br/6500123656495802>).

³¹ Mestrado em História Social pela UFC, bacharel em Comunicação Social também pela UFC, atua principalmente nos seguintes temas: feminismo, anarquismo, imprensa e história social do livro e da literatura (<http://lattes.cnpq.br/9448974106532620>).

³² Tentamos fazer uma busca pela internet para descobrir algo sobre essa editora (na época chamada de tipografia), quem estaria por trás dela, se era do movimento anarquista da época, ou de algum movimento anarco-sindicalista, algo histórico que pudesse contextualizar e apresentar neste trabalho, mas infelizmente nada encontramos. Teríamos que fazer uma pesquisa mais rebuscada, o que não foi possível por questões de tempo.



Figura 1 – Maria Amélia Dias Toledo,
Clariêta Lacerda, Maria Lacerda,
Modesto Araújo Lacerda
(<https://reminiscencias.blog>)³³

Aos 4 anos de idade, mudou-se com a família para Barbacena, onde fez o curso primário no Externato de Freiras do Asilo de Órfãos. Em 1904, formou-se como professora na Escola Normal Municipal, aos 16 anos de idade.

O jornalista francês, Pierre Plancher³⁴, do jornal *O Espelho Diamantino*, no Rio de Janeiro em 1927, em parte de seu texto, ao se referir à condição feminina e educação da época, considera que conservar a mulher “em estado de estupidez, pouco acima dos animais domésticos, é uma empresa tão injusta quanto prejudicial ao bem da humanidade” (DUARTE, 2016, p. 99).

³³ A foto foi retirada do *site* da família (<https://reminiscencias.blog/2017/06/04/modesto-de-araujo-lacerda>), escrito pela bisneta sobrinha de Maria Lacerda. Todos os registros são de seu pai Attila Augusto Cruz Machado, que, em 2007, lançou o livro de genealogia *Os Côrtes* (da esquerda para a direita: Maria Amélia Dias Toledo, Clariêta e Maria Lacerda, Modesto de Araújo Lacerda – Barbacena, MG, 1893).

³⁴ Pierre René François Plancher de la Noé (1779-1844), jornalista francês, livreiro, dono da Typographia de Plancher, criou três jornais, entre eles o *Jornal do Commercio*. Veio para o Brasil em 1824 e usava sua escrita para a defesa da soberania do governo monárquico.

Maria Lacerda (Fig. 2) casou-se com Carlos Ferreira de Moura na mesma época em que iniciou seu trabalho pedagógico na Escola Normal, onde atuou durante quinze anos em sua luta no movimento pela moradia e no combate ao analfabetismo (Campanha Barbacenense de Alfabetização, 1912) na cidade de Barbacena, defendendo a importância da educação para a melhoria das condições de vida da população brasileira.

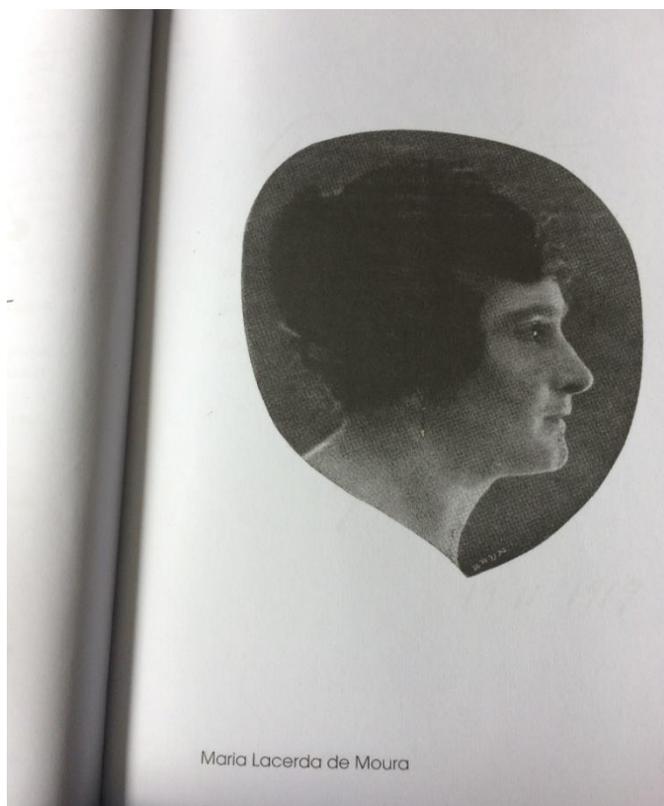


Figura 2 – Maria Lacerda de Moura, em seu livro *Renovação*³⁵

Em 1912, começou a mandar crônicas para o jornal local e fundou a Liga Contra o Analfabetismo.

³⁵ Esta foto encontra-se no livro *Renovação*, de Maria Lacerda de Moura, na primeira edição da autora, em 1919, segunda página (sem numeração), logo após a contracapa e antes das dedicatórias. Na segunda edição de 2015, feita pela Universidade Federal do Ceará, essa foto encontra-se na página 37.

Seu pai era um livre-pensador, espírita e membro da maçonaria, o que a influenciou durante toda a sua vida. Aos 17 anos, casou-se, passando a se chamar Maria Lacerda de Moura e quatro anos depois (1908) iniciou a vida profissional como professora e, em 1912, como jornalista. É também dessa mesma época o seu envolvimento com campanhas de alfabetização e de obras de benemerência, todas na cidade de Barbacena. Em 1918, lançou sua primeira obra em torno da educação. (KARAWAJCZYK³⁶, 2014a, p. 108).

Com referência a seu casamento com Carlos Ferreira de Moura³⁷, não se sabe muita coisa. Sabe-se apenas que não tiveram filhos biológicos, mas, em 1912, adotaram Jair (um sobrinho de Lacerda) e Carminda (uma menina órfã) e que, por volta de 1928, ano em que Lacerda foi viver em Guararema, eles não estavam mais convivendo maritalmente. Por suas dedicatórias a ele, percebe-se uma amizade fraternal mantida entre os dois. Sobre o filho adotivo, nos relatos do estudo de doutorado de Leite (1984), é possível constatar que, em 1935, em um dos escritos de Lacerda na revista *A Lanterna*³⁸, ela diz que Jair não seria mais seu filho, por ter feito escolhas diferentes e existir uma *ponte* entre eles. Esse seu

³⁶ Pós-doutoranda, pesquisadora e professora colaboradora do PPG da Escola de Humanidades – História – PUCRS. Doutora, bacharel e licenciada em História pela UFRGS e Mestre pela PUCRS. Bolsista do Programa de Pesquisadores Residentes na Fundação Biblioteca Nacional entre os anos 2014 e 2015, tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: conquista do sufrágio feminino no Brasil durante as primeiras décadas do século XX e as associações femininas da época com ênfase no trabalho com a fonte imprensa. Faz parte dos grupos de estudo e pesquisa Imprensa e História do Brasil – Leituras do Brasil Contemporâneo e Gênero e História das Mulheres (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4763356P3>).

³⁷ Carlos Ferreira de Moura era funcionário público e foi casado com Maria Lacerda de Moura até 1925, mas mantiveram uma amizade fraternal até o final de suas vidas.

³⁸ O jornal *A Lanterna* era um semanário anticlerical de São Paulo, que surgiu em 07 de março de 1901 e era dirigido por Benjamin Mota. Produziu sessenta números e parou em 1904; reiniciou suas publicações, em 1909, sob a direção de Edgard Leuenroth, que produziu mais 293 exemplares até 1916. Somente em 1933 sua impressão foi retomada e perdurou até 1935 (PINTO, Maria Emilia Martins, 2010, p. 598).

posicionamento veio logo após ela saber que seu sobrinho tinha se aliado ao movimento integralista³⁹ da época (LEITE, 1984, p. 150).

Após o lançamento de sua primeira obra *Em torno da educação*, editada em 1918, recebe várias críticas positivas:

Vieram as críticas ao *Em torno da Educação*.
Colhi os primeiros aplausos e os primeiros espinhos.
Admirei ainda mais o animo valoroso de todos os escriptores que melhor souberam ser vigorosos, leaes e verdadeiros.
Vi que era preciso um novo plano na ordem das minhas publicações: esperam de mim um livro nos môldes do que eu idealizára.
Dei um balanço nas minhas concepções. Procurei lêr o que me faltava para pôr em ordem as idéas nóvas e formulei meu programma, estimulada pelas apreciações de José Oiticica...⁴⁰
(LACERDA DE MOURA, 2015, p. 49).

Foi então que inicia seus primeiros contatos com os estudos anarquistas e correspondências com dois de seus representantes brasileiros, José Oiticica e Galeão Coutinho⁴¹. No livro *Renovação*, ela começa a mostrar esse outro olhar, agora como mulher e anarquista, criticando, no prefácio deste livro, os seus próprios escritos, no caso do primeiro livro *Em torno da educação*.

³⁹ A Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político que agiu no Brasil de 1932 a 1937, procurou usar todos os recursos do imaginário histórico brasileiro somado ao clima nacional e internacional da década de 1930 para criar seu projeto de poder. Com uma retórica nacionalista o movimento tinha em Plínio Salgado o seu líder. Uma parte significativa de suas simbologias eram um abasileiramento das que Benito Mussolini e Adolf Hitler estavam utilizando (SILVA, 2005, p. 63).

⁴⁰ José Rodrigues Leite e Oiticica nasceu em Oliveira, Minas Gerais, em 22 de julho de 1882 e morreu no Rio de Janeiro em 30 de junho de 1957. Foi filólogo, professor, escritor e militante anarquista das primeiras décadas do século XX. Seu primeiro contato com o anarquismo foi em 1912. Participou da Insurreição Anarquista e greve geral em 1918 e foi preso na Ilha Rasa. Escreveu doze livros dentro das temáticas de línguas, literatura, pedagogia e anarquismo.

⁴¹ Salisbury Galeão Coutinho nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 26 de setembro de 1897 e morreu no Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1951. Foi escritor (pseudônimos Cândido e João Sem Terra), editor e jornalista comunista da primeira metade do século XX. Foi o quarto presidente da União Brasileira de Escritores. Escreveu, onze livros de literatura entre 1920 e 1952, em um estilo tragicômico – destaque para sua obra *Vovô Morungaba*, em que o viver com pouca renda sem recorrer à mão armada era seu traço novelístico. Na década de 1930, junto com Mário de Andrade e Sérgio Millet, fundou as Edições Cultura Brasileira.

Em 1919, escreve *Renovação*, dedicado a todas as mulheres brasileiras e trazendo sua preocupação com a condição feminina. No mesmo prefácio, discorre sobre a importância da leitura para todas as mulheres, sobre o quanto estão em uma situação de escravas em virtude impossibilidade de adquirirem a instrução necessária para sua emancipação (no início de século XX, no Brasil, estudar era uma atividade reservada à elite da época, com exceção das mulheres e dos filhos primogênitos, responsáveis pela continuidade do ofício paterno). Na década de 1870, poucos brasileiros e brasileiras estavam alfabetizados.⁴² Sobre essa situação da mulher, Lacerda diz:

A nossa ignorancia é cultivada calculadamente. Quando, por si, a mulher desvendar o grande mysterio, toda a humanidade será emancipada pelas suas mãos generosas.

E o homem, mais feliz, entoará canticos de hosanna (numa linguagem mais doce e mais racional) à sua companheira e caminharão juntos para a Harmonia, para o Trabalho, para a Solidariedade.

Seductôra, fulgirá a aurora nóva da Emancipação. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 53).

Nos anos de 1920, poucas mulheres brasileiras apresentavam à sociedade seus pensamentos e escritos sobre ela. Traremos aqui três delas, que, historicamente, foram destacadas pela imprensa no Brasil e que traziam a questão

⁴² “O Censo Demográfico de 1872 (IBGE), o primeiro realizado no País, contém dados interessantes. O Brasil tinha 81,43% de sua população analfabeta, sendo que 19,85% dos alfabetizados eram homens e 11,5% eram mulheres. Dentre os escravos, menos de 1% sabia ler, e a maioria residia na corte. Os jornais e revistas destinavam-se, portanto, às poucas brasileiras que começavam a superar a reclusão doméstica” (DUARTE, 2016, p. 101).

da luta pelos direitos da mulher: Bertha Lutz⁴³, Leolinda de Figueiredo Daltró⁴⁴, além de Maria Lacerda de Moura.

Bertha Maria Júlia Lutz nasceu em São Paulo, em 1894, e “surgiu” no cenário público nacional no final da década de 1910. Era filha do renomado cientista Adolpho Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler. Para a época em questão, teve uma educação esmerada e inusitada. [...] ingressou na seleta Faculté des Sciences da Universidade de Paris – Sorbonne, na qual seguiu o curso de botânica, zoologia e evolução dos seres organizados, química biológica. [...] se posicionava em prol da emancipação da mulher, mas sem descuidar de seu papel de mãe e dona de casa, procurando, em seus escritos, reiterar que o papel doméstico da mulher não sofreria desgastes com os novos papéis que ela estava assumindo. (KARAWEJCZYK, 2014a, p. 107-108).

Segundo a historiadora Monica Karawejczyk (2014a), o que aproximou as feministas Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura foi justamente o fato de o nome de Leolinda Ferreira Daltró estar vinculado pela imprensa brasileira a um “mau feminismo”. Daltró era uma professora que, desde de 1919, vinha na luta pela emancipação feminina, quando fundou o Partido Republicano Feminino (PRF). Ela lutava não só pelo direito ao voto, mas também pelo direito a ser votada e realizava campanhas em frente ao Parlamento, fazendo discursos em público.

⁴³ “Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976) é um ícone da historiografia feminista no Brasil. Seu feminismo dos anos 20-30, já foi rotulado como de elite, conservador, bem-comportado, jurídico-institucional, senão mais do que isso. Sem a preocupação de rotulá-lo, temos lido e relido a trajetória indissociavelmente feminista / científica / política de Bertha, imersa na cultura de sua época. Da valorização no país das atividades científicas, educacionais, de institucionalização das profissões acadêmicas e de progressiva busca por sua maior internacionalização, desenvolveu forte referência aos Estados Unidos” (SOUSA; SOMBRIO; LOPES, 2005, p. 315).

⁴⁴ Nasceu na Bahia de 1859 e mudou-se para o Rio de Janeiro por melhores condições de vida. Foi casada duas vezes, teve cinco filhos, formou-se professora e entrou na vida política, tendo vários nomes do parlamento da época como ciclo de contato e amizade, tais como José do Patrocínio, Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado. Começou sua vida pública na luta pela alfabetização e direitos civis indígenas, mas logo percebeu o quanto sua condição sexual impedia suas ações. Fundou, em 1910, o Partido Republicano Feminino. Foi precursora da luta pela emancipação, pelos direitos e pelo sufrágio das mulheres. Foi ridicularizada pela imprensa brasileira da época que a comparava às *suffragettes* inglesas (segundo momento da luta pelo sufrágio, quando as mulheres foram para as ruas na luta pelo sufrágio, após os *lobbies* políticos internos não terem sido resolvidos). (KARAWEJCZYK, 2014b).

O fato de Bertha Lutz nem ao menos citar o nome de Daltro nas suas manifestações através da imprensa parece ser justificado pelo seu desejo de não ter qualquer vinculação de sua campanha pela emancipação da mulher com a campanha levada a cabo por Daltro e ter procurado se associar com outra professora, Maria Lacerda de Moura. (KARAWAJCZYK, 2014a, p. 112).

Lutz e Lacerda começaram a trocar correspondências a partir de 1920. Estas podem ser encontradas na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), no Arquivo Nacional. Tudo indica que o nome da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM) foi uma sugestão de Maria Lacerda de Moura, que nesse mesmo ano foi para o Rio de Janeiro fazer várias conferências, uma delas na LEIM.

Enquanto a mulher não cuidar da emancipação da mulher será escrava das leis e dos preconceitos.
Lastima-se tendo nas mãos a chave do enigma.
Se todas o compreendessem que formidável corrente a impulsionar os destinos a uma nova vida!
Muito se tem a dizer acerca do assumpto (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 147).

Maria Lacerda de Moura, junto a Bertha Lutz, foi uma das idealizadoras da formação do LEIM. As duas estavam muito entusiasmadas com essa parceria, mas, conforme foram se posicionando politicamente em seus pensamentos sobre a questão da emancipação da mulher, começaram a se afastar. Isso fica evidente pelo silenciamento das cartas. Esse afastamento ocorreu conforme a Liga passou a tratar da questão da luta pelo sufrágio, coisa de que Lacerda discordava por achar que o direito ao voto era um processo inadequado de luta pelo poder, beneficiando algumas mulheres e pouco transformando uma organização social injusta: “não posso aceitar nem o feminismo de votos e muito menos o feminismo de caridades.

E enquanto isso – a mulher se esquece de reivindicar o direito de ser dona de seu próprio corpo, o direito da posse de si mesma” (LACERDA, 1999, p. 105).

O artigo foi retirado de uma citação intitulada *Feminismos? Caridade?* Provavelmente, segundo Miriam Moreira Leite (1984), data de 1921 e refere-se à questão de Lacerda fazer críticas à luta exclusiva pelo sufrágio em detrimento de outras questões que necessitavam ser trabalhadas para o que considerava a verdadeira emancipação da mulher. A autora demonstra essa preocupação desde 1919, em seu livro *Renovação*, quando, no segundo capítulo, *O sufrágio feminino*, diz:

A evolução é um dos meios de renovação social.

Não é o direito de voto à mulher que nos vae trazer felicidade: beneficiará um grupo e pode ser de elevado alcance moral se esse grupo estiver na altura de compreender as necessidades actuaes e o mal estar que reina em todas as classes da sociedade.

Mas a emancipação de que tratamos deve abranger o grande tódo. O voto é um dos meios para o fim. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 123).

O afastamento de Lacerda e Lutz pareceu ocorrer, inicialmente, pela questão do sufrágio, mas pela leitura de outros artigos foi possível compreender que a divergência ia além disso. Já naquela época, Lacerda denunciava a condição de subjugação da mulher para além do público, mas também no privado⁴⁵, coisa

⁴⁵ “O início do século XX foi demarcado por construções simbólicas, sendo esquadrinhados como deveriam ser um homem e uma mulher e a ocupação de seus lugares na sociedade. Eram os homens que deveriam trabalhar no espaço público, que construíam as leis, que escreviam na imprensa, que falavam em tom de oratória. Com relação a isso, as mulheres, geralmente não deviam trabalhar fora para ficar em casa cuidando dos filhos e marido. Deviam apenas obedecer, já que sua natureza feminina se formava a partir da abnegação e aceitação. Deveriam ler romances, conversar com amigas para trocar receitas culinárias e de costura. Assim, enquanto o homem foi se delineando para funções do mundo público, a mulher, em contrapartida, foi sendo desenhada para o mundo privado” (MORAES, 2016, p. 6).

que só começou a ser discutida da segunda para a terceira onda⁴⁶ do feminismo que propunha uma revolução⁴⁷ nos costumes:

Esse desacordo caracterizaria um conflito entre elas, uma vez que Lutz procurava integrar a mulher brasileira na sociedade vigente, solicitando os mesmos direitos que os homens, pelas vias legais, mas sem propor mudanças radicais na forma com que a mulher estava inserida, enquanto Moura procurava, por sua vez, expor a servidão que o sexo feminino estava vivenciando naquele momento e propunha uma revolução nos costumes. (KARAWAJCZYK, 2014a, p. 107).

Desde então, fica notório o quanto os escritos e olhares de Lacerda se diferenciavam dos da maioria das outras mulheres escritoras brasileiras em relação ao que tratava em suas temáticas.

A partir de 1926, começa a se aproximar dos escritos anarquistas de Han Ryner⁴⁸ e da pedagogia libertária de Ferrer i Guardia⁴⁹. Nesse ano, ela lança o livro

⁴⁶ O feminismo é dividido até o exato momento em três grandes ondas, como movimento e pensamento. A primeira onda se inicia no século XX e se caracteriza por um momento mais concreto do movimento de luta por direitos; a segunda onda, na segunda metade do século XX, traz os pensamentos das teóricas feministas sobre as causas de sua condição feminina; a terceira onda, final do século XX, é o pensamento feminista interseccional entre outras tendências. As mulheres já lutavam por seus direitos desde a inquisição, mas a chamada primeira onda do feminismo se deu, segundo Célia Regina Jardim Pinto (2010), na segunda metade do século XIX com o movimento sufragista (direito ao voto), momento histórico em que se encontra nossa autora Maria Lacerda de Moura.

⁴⁷ “No primeiro esquema de desenvolvimento da história esboçado por Marx e Engels em *A ideologia alemã* (1845-1846), a ideia básica era a de uma sucessão de épocas históricas, cada qual fundada em um modo de produção, e a revolução, em seu sentido mais pleno, significava um salto cataclísmico de um modo de produção para o seguinte. Este salto seria provocado por uma convergência de conflitos: entre as velhas instituições e as novas forças produtivas que lutam pela liberdade, e, menos impessoalmente, entre as classes dominante e dominada da velha ordem, e entre a primeira e uma nova classe nascida para desafiá-la, até que, ao nível da revolução socialista, a velha classe explorada e a nova classe dominante fossem a mesma coisa” (BOTTMORE, 2012, p. 479).

⁴⁸ “Han Ryner (Jacques Élie Henri Ambroise Ner), anarquista individualista, pacifista, anticlerical, defensor do amor livre, nasceu na Argélia em 1861 e faleceu em Paris em 1938. Entre sua extensa obra destacam-se *Pequeno manual individualista* (1903), *O quinto Evangelho* (1911) e *Os pacifistas* (1914)” (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 30).

⁴⁹ Francisco Ferrer i Guardia (Francesc Ferrer i Guàrdia, em catalão), pedagogo catalão, anarquista e um dos grandes nomes da Escola Moderna, também conhecida como Escola Libertária. “Ferrer nasceu em 1859 em um vilarejo da Catalunha, em família de agricultores católicos. Aos 14 anos, foi trabalhar no comércio em Barcelona e, autodidata, estudou as ideias republicanas. Tornou-se republicano, ateu e anticlerical, ligando-se a grupos maçônicos de livres pensadores.

Religião do amor e da beleza, falando sobre temas pouco trabalhados na época e muito polêmicos, tais como a conscientização das mulheres sobre a situação em que se encontravam e a busca de caminhos para maior participação social.

Para Maria Lacerda de Moura não há emancipação feminina sem emancipação humana. Na organização social burguesa capitalista, baseada na exploração do homem pelo homem, todos são escravos, todos são explorados. Esse pensamento traduz o que pensavam as anarquistas em todo o mundo, porém foi através de sua vida e trajetória como militante feminista que Maria Lacerda de Moura chegou a tal conclusão, após romper totalmente com os preceitos do feminismo liberal. (MENDES, 2010, p. 163).

Lacerda falou em defesa dos direitos da mulher à educação, ao amor livre e à possibilidade de a mulher optar por ter filhos ou não.

No livro *Renovação*, ela nos fala sobre a *condição feminina*, temática, segundo a pesquisadora Miriam Moreira Leite (1984), em que a relevância de seus pensamentos e escritos revela-se de modo mais significativo. Nos livros e artigos posteriores, inclui também outras questões, como o direito à cidadania e à educação. Embora Lacerda não tenha trabalhado com o conceito de gênero, tampouco de patriarcado, defendemos a ideia de que sua obra possibilita problematizá-los. Dentro da concepção do materialismo histórico-dialético, para

Trabalhando na companhia de estradas de ferro, organizou uma biblioteca popular nos trens e ligou-se a um dos expoentes do republicanismo espanhol, Ruiz Zorrilla. Com o fracasso de uma insurreição republicana, exilou-se em Paris, onde sobreviveu dando aulas de espanhol. Chegou, mesmo, a escrever e publicar um método de espanhol prático. Sua estada na França também o aproximou de pensadores e militantes anarquistas. [...] A escola de Ferrer era o exato contraponto da escola em que havia estudado e que abominava: uma escola centrada nos dogmas religiosos, com os alunos fechados entre quatro paredes, em condições insalubres e sem higiene, organizada segundo um sistema meritocrático que premiava os acertos e castigava os erros e as falhas. A Escuela Moderna era um local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre. Além disso, eram frequentes as atividades fora da escola: visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local e assim por diante” (GALLO, 2013, p. 241-242). Foi fuzilado em 1909, por ser considerado o mentor intelectual da “Semana Trágica” (conjunto de protestos contra guerra no Marrocos) e pela criação da Escuela Moderna de Barcelona, em 1901.

compreender o presente é necessário resgatar o passado, pois o hoje carrega as marcas do processo.

Sobre a condição da mulher na obra de Lacerda, Leite diz:

[...] resistência à redução da vida da mulher ao papel de procriadora, aos preconceitos existentes contra a mulher escritora, à legitimação da inferioridade feminina na sociedade vigente; o direito ao amor e ao casamento por livre escolha, a necessidade da maternidade consciente, o problema da solteirona e da prostituta, as situações criadoras dos crimes passionais e as formas do trabalho doméstico⁵⁰ e as repercussões do trabalho assalariado feminino. (1984, p. 21-22).

Em seu livro *A outra face do feminismo: Maria Lacerda Moura* (1984), a pesquisadora destaca, ainda, um ótimo exemplo sobre a preocupação de Lacerda, ao focalizar a condição feminina em seu artigo “A mulher brasileira e os problemas sociais”, publicado em *O Corymbo*⁵¹, em 1922, no Rio Grande do Sul:

A mulher patricia, não pode penetrar os arcanos da questão, na sua maioria escrava da religião, dos trapos, das joias, dos bombons e do salário – não pode pensar senão pela cartilha dos dogmas, dos modistas, das vitrinas e da lucta pelo estomago.

A religião, em constante conflito com a sciencia, tem na mulher a alavanca reaccionaria contra a evolução para feitos mais altos.

Cumpre desembaraça-la das peias que a encarceram mentalmente.

Enquanto não souber pensar será instrumento passivo em favor das instituições do passado. E ella própria, inconsequente, trabalha pela sua escravidão.

⁵⁰ “Mencionado por Engels em ‘A origem da família, da propriedade privada e do Estado’ (caps. II e IX), por Bebel, Lenin, Trotski e outros, como um dos fatores que contribuem para a opressão econômica das mulheres, afastando-as da produção social. O trabalho doméstico tornou-se uma categoria reconhecida do pensamento marxista com o moderno movimento feminista, depois que as feministas marxistas se empenharam em estudar as bases materiais da opressão das mulheres sob o capitalismo.” (BOTTOMORE, 2012, p. 566).

⁵¹ *O Corymbo* foi o primeiro jornal do Rio Grande do Sul a ser editado apenas por mulheres (1883-1944) durante toda a sua história.

E o captivo é tal que se revolta si outras mulheres querem eleva-la à altura de seus direitos clamando contra a violação do pensamento feminino.

Enquanto não pensar, em vão tentaremos quebrar os grilhões para a nossa independência individual; a mulher ainda é escrava; dependente do salário, do homem, de seu capital.

Assim, é impossível a libertação.

Seu cérebro foi conservado infantil pelo egoísmo masculino de seus ancestrais.

Falta derradeiro lampejo para que a inteligente, idealista, generosa, num impulso final, por entre relâmpagos da consciência adormecida, perceberá.

E sua dedicação eloquente completará a obra magnífica.

Faltam-nos escolas.

Faltam-nos educadores na acepção mais ampla da expressão.

Faze-los nascer deste mesmo povo – eis o que é preciso.

As nossas professoras primárias executam prodígios.

Que mais podemos exigir dellas? Se lhes não distribuíram alimento espiritual para a excursão portentosa aos picos mais altos da alma infantil, iluminuras místicas. (LACERDA, 1922, p. 1).

Desembaraçar os entraves (peias) que encarceram as mulheres demanda justamente o desvelamento das teias ideológicas atravessadas pelos conceitos de gênero e patriarcado que aprisionam o feminino. O *saber pensar*, de que fala a autora, não prescinde destas compreensões e do acesso ao conhecimento pelos processos educativos.

É importante destacar que, assim como aconteceu nos países da Europa, a questão da desqualificação da mulher, tanto no âmbito físico como intelectual, de sua fragilidade, imbecilidade, bem como seus aspectos demoníacos, teve seu eco aqui no Brasil. No século XIX, os tratados médicos colaboraram com essa questão, dentre eles o trabalho de Tito Lívio de Castro⁵². Em seus escritos

⁵² Tito Lívio de Castro (1864-1890), médico e ensaísta brasileiro, escreveu sobre a situação do Brasil de sua época e a condição da mulher. “A semelhança entre a mulher e a ‘raça atrasada’ é defendida ao longo de toda a argumentação de Castro em seu livro ‘A mulher e a sociogenia’. Ao fim, as mulheres acabariam por representar a parcela atrasada da humanidade, superando a inferioridade das raças, pois mesmo no interior das ‘raças atrasadas’, as mulheres seriam inferiores aos homens” (ALMEIDA, 2008, p. 104-105).

aparentemente revestidos de ciência, ele mostra a inferioridade da mulher, tratando as questões físicas como problema, tais como a gestação, concluindo que a mulher é um ser permanentemente doente dentro dos parâmetros masculinos. Ele impõe à mulher um resguardo que, em sua visão, condiz com a tradição cristã, que exige conter e cobrir o corpo para não desencaminhar o homem psiquicamente (LEITE, 1984).

A crescente urbanização do século XIX também contribuiu significativamente para a discriminação da mulher em várias áreas, em seus papéis social, cultural e econômico, ao destacar sua condição de produtora e reprodutora presa ao serviço doméstico, independentemente de classe social (burguesas, empregadas ou operárias). Com a industrialização, os papéis e classes sociais começam a se transformar nos vários âmbitos (família, trabalhadores e burguesia⁵³).

A explosão demográfica e a complexificação social impôs uma dura realidade de responsabilidades e obrigações à mulher, ignorando suas condições econômicas e sociais, obrigando-a a suportar horas intermináveis de trabalho, baixos salários e ainda a conviver com o imaginário dos problemas que poderiam surgir para a família por sua inserção no mundo do trabalho.

Sobre isso a pesquisadora Miriam Moreira Leite aponta importante contribuição do pensamento de Maria Lacerda Moura, quando diz: “a singularidade de seu trabalho provém da articulação que estabeleceu entre o problema da

⁵³ Engels definiu burguesia como “a classe dos grandes capitalistas que, em todos os países desenvolvidos, detém, hoje em dia, quase que exclusivamente, a propriedade de todos os meios de consumo e das matérias-primas e instrumentos (máquinas e fábricas) necessários à sua produção. [...] A burguesia, enquanto classe economicamente dominante nesse sentido, que também controla o aparelho do Estado e a produção cultural, opõe-se a, e está em conflito com, a classe operária, mas, entre essas ‘duas grandes classes’ da sociedade, moderna, há camadas intermediárias e de transição, que Marx também chamou de classe média” (BOTTOMORE, 2012, p. 55).

emancipação⁵⁴feminina e a luta pela emancipação do indivíduo no capitalismo⁵⁵ industrial” (LEITE, 1984, p. 28). Nesse sentido, Lacerda apresenta-se como uma pensadora diferenciada, inovadora das temáticas que trouxe para a discussão no Brasil da década de 1920 e 1930.

2.2 O contexto vivido pela autora

O momento histórico vivido pela autora é muito rico, político, econômico, social e culturalmente. Essa mulher viveu entre 1887 e 1945. Sua vivência como estudante da Escola Normal e seus primeiros passos como educadora, conferencista e escritora aconteceram na primeira metade do século XX no Brasil. Seu livro *Renovação* foi escrito durante o período da República Velha, mais especificamente em seu segundo período, também conhecido como República das Oligarquias. Tentaremos, a seguir, deixar registrados alguns acontecimentos históricos que estavam ocorrendo nessa mesma época e que podem ter motivado ou, pelos menos de certa forma, influenciado seus pensamentos e escritos.

⁵⁴ Relevante é dizer que a partir deste momento, com leituras de pensadores e educadores anarquistas e sobre a emancipação da mulher, Lacerda se aproxima dos estudos de Ferrer i Guardia de 1909, que diz: “A mulher não deve estar recolhida ao lar. O raio de sua ação deve ser dilatado para fora das paredes das casas, este raio deveria ser concluído onde chega e termina a sociedade. Mas para que a mulher exerça sua ação benéfica, os conhecimentos que lhe são permitidos não devem ser convertidos em pouco menos que zero, deveriam ser, em quantidade e em qualidade, os mesmos que ao homem são proporcionados. A ciência, penetrando no cérebro de mulher, iluminaria o rico manancial de sentimento, dirigindo-lhe certamente; nota saliente, características de sua vida; elemento inexplorável até hoje; boa nova no porvir de paz e felicidade na sociedade” (GUARDIA, 2014, p. 49).

⁵⁵ O capitalismo, como “denominação do modo de produção do capital, sob suas diferentes formas, é o principal meio de produção. O capital pode tomar a forma de dinheiro ou de crédito para a compra da força de trabalho e dos materiais necessários à produção, a forma de maquinaria física (capital em sentido estrito), ou, finalmente, a forma de estoques de bens acabados ou de trabalho em processo. Qualquer que seja a sua forma, é a propriedade privada do capital nas mãos de uma classe, a classe dos capitalistas, com a exclusão do restante da população, que constitui a característica básica do capitalismo como modo de produção” (BOTTOMORE, 2012, p. 75).

Um fato interessante é que Lacerda nasceu ainda em um país governado pela monarquia e com um regime escravocrata. O primeiro acontecimento que parece ser mais importante, logo após seu nascimento, foi a Abolição da Escravatura, em 1888. No ano seguinte ocorreu a Proclamação da República, em 1889, também chamada República Velha, que se alastrou até a chamada Revolução de 1930 e a Proclamação da República Nova.

Nos primeiros anos da República Velha, muitas mudanças ocorreram com o fim da escravidão e o início do regime do trabalho livre. O decreto 164/1890, de Rui Barbosa, permitia que as companhias e sociedades anônimas se estabelecessem sem autorização do governo. Foi criada a bolsa de valores. Com a chegada do telégrafo, as informações do mundo chegavam com maior rapidez. Em seguida vieram a eletricidade, a água encanada (por mais que esses três últimos só tenham beneficiado os grandes centros), as construções das fábricas, a vinda dos imigrantes, os bondes, os primeiros carros, as revoltas sociais e, logicamente, a nova bandeira do Brasil com seu enunciado positivista, “Ordem e Progresso”. De certo modo, essa abertura do Brasil ao mundo possibilitou que Lacerda tivesse acesso às várias autoras e autores que menciona em sua obra.

As mudanças na situação socioeconômica, com fazendeiros falidos, pobres sem escolaridade, negros (agora libertos) e imigrantes – estes trabalhando na indústria e aqueles, no comércio – produziram o desenvolvimento da área urbana. A ordem era a reorganização dos espaços públicos, a abertura de largas avenidas e a imitação dos prédios europeus, questão que o governo levou a sério, expulsando várias famílias pobres da área central. “Resultado: a mesma cidade que embelezava era também a que inventava a favela” (DEL PRIORI, 2017, p. 20).

A ordem naquela época era o progresso, e o modelo era a Europa. Era preciso europeizar o Brasil, nos mais variados sentidos – costumes, cultura –, e embranquecer necessariamente o País. Nesse sentido, na mesma época o governo criminalizou as diversas manifestações culturais e religiosas dos negros e negras. Não eram mais escravos – agora eram libertos –, mas sem nenhuma condição ou estrutura para poderem viver de forma digna na sociedade, sobrevivendo de trabalhos precários e morando em situação de miséria.

Existia um sentimento geral de que as políticas públicas voltadas para o “saneamento” da sociedade poderiam colocar o país na rota do sucesso. Ou do progresso. Bastava europeizar-se e adotar métodos científicos nas escolas, cidades, prisões. Nenhuma das intenções reformistas, porém, impediu a violência que ensanguentou o país. Massacres, lutas entre facções políticas, ou por ideais, traziam insistentemente para as ruas estrondos das botas e das armas de fogo. [...]

A República lançou-se ao combate de tradições culturais de origem africana. A capoeira, assim como várias formas de religiosidade, se tornaram, segundo o código penal de 1890, práticas criminosas, enquanto a culinária dos antigos escravos sofria severa condenação médica. O prometido progresso significava, entre outros, branquear o país. (DEL PRIORI, 2017, p. 20-21).

Na questão política, a República Velha destaca-se por dois momentos: o primeiro, denominado República da Espada, tirou o imperador Dom Pedro II do poder, composta por militares (Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, entre 1889 e 1894); o segundo ficou conhecido como República Oligárquica (1894-1930), também conhecida como República do Café com Leite (DEL PRIORI, 2017).

Essa época foi marcada também por muitas revoltas sociais importantes historicamente. São elas: o Cangaço (final do século XIX – 1930); a Guerra dos Canudos (1896 – 1897); a Revolta da Vacina (1904), essa última no governo do presidente Rodrigues Alves, quando o povo se rebelou contra as políticas públicas

de saúde impostas pelo governo para combater a febre amarela, sob as orientações de Oswaldo Cruz; a Revolta da Chibata (1910), movimento dos marinheiros contra os maus-tratos; a Guerra do Contestado (1914), dos sertanejos e camponeses do sudoeste do Paraná e noroeste de Santa Catarina contra o governo, diante da presença da companhia Brazil Railway (construção da linha SP-RS) que os expulsava de suas terras; a Revolta Tenentista (1920-1930), contra a República das Oligarquias, que acabou culminando na Coluna Prestes (1925-1927). Internacionalmente, em 1914, explode a Primeira Guerra Mundial, com o Brasil relativamente alheio à batalha (entretanto, em 1917, o presidente Venceslau Brás decreta Estado de Guerra); a Revolução Russa, em 1917, com a derrubada do Czar e a construção do Estado soviético. O início do século XX foi marcado pelo crescimento de inúmeros pensamentos conservadores e totalitários, como o fascismo, como também os defensores de direitos sociais e libertários, como o socialismo, o comunismo e o próprio anarquismo no Brasil, na América Latina e na Europa.

2.3 A Educação no Brasil

Nesta seção, faremos uma pequena explanação sobre a educação no Brasil, desde a Colônia, passando pelo Império, até o início da República, um pouco antes da Revolução de 1930. Essa época histórica foi escolhida para podermos entender o início da educação formal no Brasil e suas transformações até a época da primeira edição do livro *Renovação*, em 1919.

Na primeira metade do século XVI, a Igreja e o Estado estavam unidos em Portugal. A nobreza e o clero defendiam uma estrutura hierarquizada e de

manutenção de seus privilégios. Desta união podemos dizer que surge o conceito de cristandade.

Segundo Maria Lucia Spedo Hilsdorf⁵⁶, “hoje percebemos a necessidade de considerar duas diacronias: a da colonização, com seu projeto invasor, e a da Igreja, com seu projeto missionário. [...] Os jesuítas eram a ordem religiosa exemplar do século XVI” (2003, p. 4). A mentalidade desses autores era universalista. Os índios, então povos originários dessa terra agora colonizada, tinham que se sujeitar às suas normas. Nesse sentido a:

Colonização acontece quando a “cristandade” é rompida, com o predomínio dos valores econômicos do lucro mercantil sobre os valores político-religiosos da posse, ou seja, quando os cristãos novos que realizavam o tráfico escravo chegam ao poder, controlando a Coroa portuguesa e instalando o escravismo, a ordem social dos senhores e escravos – o mundo moderno, enfim, subvertendo o sentido do povoamento, separando as esferas do religioso e do econômico. O 3º governador-geral, Mem de Sá, é quem promove a expansão dos latifúndios escravistas e monocultores (cana-de-açúcar), como representante da força do capital mercantil obtido com o tráfico negreiro. Então podemos dizer que o Brasil torna-se colônia ao redor de 1570. (HILSDORF, 2003, p. 5).

Os jesuítas iniciaram a educação do Brasil, para os índios e os filhos dos brancos⁵⁷. Podemos dividir sua atuação em dois períodos, o heroico (1549-1570) e

⁵⁶ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1964), Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP (1977) e doutora pela Faculdade de Educação da USP (1987). Atualmente é professora aposentada da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação no oitocentos paulista, Republicanos e educação, Francisco Rangel Pestana, protestantismo e educação, educação feminina (<http://lattes.cnpq.br/6455977212969730>).

⁵⁷ “O modelo agroexportador implementado na Colônia teve como função, oferecer lucro à metrópole, sendo atingido por meio da produção de produtos primários como açúcar, ouro, café e borracha. A economia brasileira estava organizada para produzir e exportar gêneros de expressão econômica no comércio europeu. O objetivo da política portuguesa era alcançar grandes lucros, por meio da produção da Colônia americana. Mas a produção para exportação dependia diretamente das oscilações do mercado externo, comprometendo desastrosamente o desenvolvimento econômico da Colônia. A estrutura social era formada basicamente por

o da consolidação ou expansão (1570-1759). O primeiro refere-se aos primeiros jesuítas, que viviam junto com os índios nas aldeias e os tinham como iguais, embora os tratassem como papel em branco que precisava ser escrito, ou seja, ensinado em um processo de contato e convencimento. Houve resistência por parte dos indígenas e mudança de estratégia pelos padres: primeiro, deveriam eliminar a cultura indígena e, depois, doutrinar. Para tanto, começam a recolher as crianças em instituições.

O plano dos aldeamentos e recolhimento significava um amargo sucesso para os jesuítas, pois, se implicava sedentarização e aceitação de hábitos de trabalho pelos nativos, transformava-os em alvo da disputa dos colonos, que tinham um projeto de preação⁵⁸ e escravização. Para escapar dos jesuítas e dos colonos, tribos inteiras fugiam para o interior, despovoando os recolhimentos e aldeamentos e interrompendo o trabalho catequético. Para os índios, o resultado permanente das práticas de homogeneização da Aldeia foi a perda de sua identidade cultural e o desaparecimento ou marginalização. (HILSDORF, 2003, p. 8).

O período da consolidação se iniciou com a instalação de colégios nas principais vilas da colônia, para educação dos meninos brancos pelos jesuítas, em troca do sustento das ações missionárias pela burguesia mercantil. Os colégios tinham o ensino secundário de humanidades.

Juridicamente os colégios deveriam receber alunos a título de atividade missionária, estando abertos a todos, mas, na prática, assumindo a ruptura da colônia, os jesuítas ficavam apenas com os alunos brancos, recusando os mestiços, mamelucos e índios, com

escravos, incluindo os trabalhadores, os senhores de engenho, os grandes latifundiários e os funcionários da coroa. Obviamente, por meio dessa formação da estrutura social em que é inexistente uma política educacional de caráter estatal, pois a Colônia tinha um sistema educacional de elite, não havia interesse em ampliar a escolarização para atingir a classe subalterna. Por meio dessas reflexões, verifica-se que, desde o início, o sistema educacional é organizado e estruturado de forma excludente e seletiva” (PIANA, 2009, p. 58-59).

⁵⁸ Preaca, s.f. Açoite de tanger animais, feito de couro cru em tiras trançadas; chicote, relho (PREACA, 1981, p. 896).

a justificativa de que seu propósito era formar os padres da Companhia. (HILSDORF, 2003, p. 9).

Quando a Ilustração torna-se a mentalidade dominante com a subida de Pombal⁵⁹ e seu grupo de “estrangeirados” ao poder, em 1750, ocorre a expulsão dos jesuítas e, no âmbito da educação escolar, a reformulação do sistema de ensino da metrópole e das colônias. (HILSDORF, 2003, p. 15).

Com o final da ação jesuíta, a partir da segunda metade do século XVIII, a direção da educação escolar passou da Companhia de Jesus⁶⁰ para o Estado e a história da educação encontra-se, nesse momento, em reforma. Ocorreu, então, o que ficou conhecido como as “reformas pombalinas”⁶¹. Isto mudou substancialmente o entendimento da educação em Portugal e, conseqüentemente, em sua colônia brasileira.

O Marquês de Pombal tinha um pensamento antijesuíta, com ideais iluministas. Ele combatia a autoridade eclesiástica para afirmar o poder real, civil e

⁵⁹ Sebastião José Carvalho e Melo (1699-1782), conde de Oeiras, mais conhecido como Marquês de Pombal. Fez parte do exército e foi membro da Academia Real de História. Começou vida pública em 1738, como delegado de negócios em Londres e em Viena, onde foi influenciado pelas ideias econômicas / culturais e dos princípios de Despotismo Iluminado, respectivamente. Em 1750, foi ministro da Fazenda na monarquia de D. José I e realizou reformas em várias áreas, inclusive na educação.

⁶⁰ “A Companhia de Jesus, ordem religiosa formada por padres (conhecidos como jesuítas), foi fundada por Inácio de Loyola em 1534. Os jesuítas tornaram-se uma poderosa e eficiente congregação religiosa, principalmente em função de seus princípios fundamentais: busca de perfeição humana por intermédio da palavra de Deus e vontade dos homens; obediência absoluta e sem limites aos superiores; disciplina severa e rígida; hierarquia baseada na estrutura militar, valorização da aptidão pessoal de seus membros” (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006, p. 467-468).

⁶¹ O Marquês de Pombal, como ministro da Fazenda, quis transformar Portugal, fortalecer o Estado em detrimento do clero e da nobreza e incentivar o crescimento industrial. No Brasil, determinou a reforma do serviço público e o combate à sonegação de impostos, entre outras ações. Com referência à educação, esta passa a ser responsabilidade da Coroa, não mais dos jesuítas. “As principais medidas implantadas pelo marquês, por intermédio do Alvará de 28 de junho de 1759, foram: total destruição da organização da educação jesuítica e sua metodologia de ensino, tanto no Brasil quanto em Portugal; instituição de aulas de gramática latina, de grego e de retórica; criação do cargo de ‘diretor de estudos’ – pretendia-se que fosse um órgão administrativo de orientação e fiscalização do ensino; introdução das aulas régias – aulas isoladas que substituíram o curso secundário de humanidades criado pelos jesuítas; realização de concurso para escolha de professores para ministrarem as aulas régias; aprovação e instituição das aulas de comércio” (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006, p. 470).

laico. As reformas pombalinas mudaram substancialmente a educação na metrópole e, conseqüentemente, na colônia, no que tange à sua metodologia, aos seus conteúdos e à sua organização.

A ilustração pombalina põe acento também no que é nacional: já vimos que ele quer construir o moderno império português. Daí a ênfase dada ao estudo da gramática e da língua portuguesa, que passa a ser ensinada também nas aulas de latim. Essa medida implicou, para a colônia, a proibição de se falar a língua geral, o tupi. (HILSDORF, 2003, p. 20).

A educação no Brasil avançou com a chegada de D. João VI em 1808. As trocas econômicas, culturais e as ações agora estavam nas mãos do Estado definitivamente, e não mais nas da Igreja. Isto acompanhava as tendências da história nos séculos XVIII e XIX: estatização, pragmatismo, conhecimento científico e profissional no modelo ilustrado. Nesse sentido, em 1816, foi criada no Rio de Janeiro a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Não obstante, com a expulsão dos jesuítas, em 1759, até a transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, a educação na colônia passou por um período de desagregação e de decadência. Mas, com a chegada de D. João VI, modificou-se a política educacional que o governo português adotava em relação ao Brasil. Foram inauguradas diversas instituições educativas e culturais e surgiram os primeiros cursos superiores de Direito, Medicina, Engenharia, mas não universidades. (PIANA, 2009, p. 60).

Na época do império brasileiro, entre 1820 e 1830, o País dividia-se politicamente entre o “Partido Português”⁶², com os absolutistas e restauradores, o

⁶² “Para eles o poder do Soberano está no rei. Sua base social é composta de militares e comerciantes portugueses mercantilistas, que tinham como programa manter a união Brasil-Portugal, com reconversão à situação de colônia” (HILSDORF, 2003, p. 41).

“Partido Radical”⁶³, que pretendia a soberania do povo, e o “partido brasileiro”⁶⁴, ou moderado. A independência do nosso país foi moderada, feita pelo “Partido Brasileiro” o que se reflete muito em nossa educação.

Quando apontamos que a independência foi moderada, queremos dizer que ela modifica, sim, a superestrutura⁶⁵ político-jurídica para um país independente, mas não mexe na infraestrutura econômico-social, o que mantém a antiga colônia de Portugal, agora país independente, ainda com uma economia escravocrata, com uma divisão hierarquizada e de privilégios da população.

...a sociedade brasileira não formava um conjunto, mas uma hierarquia, com camadas diferentes e desiguais, divididas em “coisas” (escravos e índios) e “pessoas”, que compreendiam a “plebe” (a massa dos homens livres e pobres) e o “povo” (a classe senhorial dos proprietários). A preocupação com o povo expressa por eles não significava a preocupação com a plebe [...] por conta das influências filantrópicas propagadas pelos ingleses. Eles não estão convencidos de que a educação popular devesse ser inteiramente estatal, isto é, oferecida apenas pelo governo monárquico, e deixavam muitas iniciativas à sociedade, aos particulares. (PIANA, 2009, p. 43).

⁶³ “É composto dos exaltados ou democratas. Tem o povo como soberano. Sua base social é formada de pequenos comerciantes adeptos do livre comércio, artesãos, funcionários públicos, padres, advogados, jornalistas e letrados. Têm um programa liberal e democrático, com reivindicação de reformas políticas, do tipo político-administrativa, federação das províncias e sufrágio universal, além de reformas sociais, como abolição, trabalho livre e divisão das terras (reforma agrária) com extinção dos latifúndios” (HILSDORF, 2003, p. 41-42).

⁶⁴ “É composto dos grandes proprietários de terras, comerciantes ingleses, portugueses e brasileiros adeptos do comércio livre, a alta administração, jornalistas e outros letrados, cujo programa é liberal-conservador, ou seja, aplica o princípio liberal dos direitos individuais à preservação da propriedade escrava, o que mantém a ordem social escravista. Para eles, o Soberano é a lei, ou seja, a Constituição. Defendem a independência da colônia, a monarquia constitucional e centralizadora, a Igreja oficial (com a manutenção do regalismo) e o sufrágio indireto censitário, de base econômica” (HILSDORF, 2003, p. 42).

⁶⁵ “A metáfora do edifício – base (infraestrutura) e superestrutura – é usada por Marx e Engels para apresentar a ideia de que a estrutura econômica da sociedade (a base ou a infraestrutura) condiciona a existência e as formas do Estado e da consciência social (a superestrutura)” (BOTTOMORE, 2012, p. 38).

Nessa lógica, é possível compreender por que a Assembleia Constituinte, em 1823, em sua Comissão de Instrução, aprovou a criação de apenas duas faculdades (São Paulo e Olinda⁶⁶). A Constituição do Império de 1824 era liberal, mas não democrática, pois falava apenas dos direitos civis dos cidadãos brancos e os direitos políticos daqueles que tinham uma renda mínima de 100 mil réis anuais. A primeira legislatura em que aparece a temática da educação acontece em 1826-1827⁶⁷, quando foi criado um Sistema Nacional de Educação, com a aprovação da manutenção das aulas de primeiras letras no modelo pombalino e uma inovação: as aulas para as meninas.

Em 1831-1834⁶⁸ é aprovado um Ato Adicional à Constituição de 1824, o que permitiu instituir as Assembleias Legislativas nas Províncias por um acordo com os radicais, os quais acabam por ter um movimento conservador que lhes era contrário. Afinal, centralização é poder. Entre 1835 e 1870, esses proprietários de terras mantiveram a hierarquia entre o povo, a plebe e as 'coisas'. Eles aprovaram que as Assembleias Legislativas das Províncias criassem novas escolas elementares, mas o ensino secundário e a formação dos professores ficavam a cargo da Assembleia Legislativa Geral. Esta criou na capital o Colégio Pedro II, em 1837, e este se tornou o padrão ideal do ensino secundário brasileiro. Sendo assim, “a barreira democrática da escola brasileira do Império conservador estava

⁶⁶ As Academias de Direito de São Paulo e Olinda só foram criadas em 1827, com a aprovação da Lei do Sistema Nacional de Educação.

⁶⁷ “A desconsideração com os problemas educacionais foi tão grande que se confirma com a lei de 15 de outubro de 1827 que teve vigência até 1946 como a única lei geral para o ensino elementar” (PIANA, 2009, p. 61).

⁶⁸ “O processo de descentralização na gestão da instrução pública, provocado pelo Ato Adicional de 1834, tem sido interpretado por parte da historiografia da educação como um obstáculo ao desenvolvimento da educação escolar no Brasil imperial, devido às diversidades regionais e à insuficiência de recursos destinados ao ensino nos orçamentos provinciais, ou ainda, em razão do desinteresse das elites políticas provinciais na difusão da instrução primária e secundária. Tal argumentação tem sido enfatizada, alimentando a disputa memorialística sobre a educação escolar brasileira. Em uma vertente da historiografia, de matriz republicana, está presente a culpabilização da descentralização em 1834 pelo fracasso da política de instrução imperial” (SCHUELER; MAGALDI, 2008, p. 39-40).

instalada antes, entre a escola elementar e o colégio secundário” (PIANA, 2009, p. 48).

A partir de 1860, com a influência dos pensamentos de Comte⁶⁹ e Spencer⁷⁰, surgiu um liberalismo reformista que incluía a abolição, o voto universal, a defesa da pequena propriedade, o ensino primário estatal gratuito e a liberdade de ensino privado, que solicitavam inovações pedagógicas nos moldes da Europa e das Américas. Houve, então, um aumento significativo de espaços escolares no movimento de educação da sociedade brasileira.

O período que abarcou os anos 1870 a 1920 foi momento de grandes transformações, tais como o fim da monarquia, a abolição da escravatura, o aumento dos setores de prestação de serviços, a imigração, a migração, a presença do capital estrangeiro, o pensamento positivista e o industrialismo. Temos o início do período republicano.

A Constituição de 1891⁷¹ apresenta um país liberal de base agrícola, comandado pelos exportadores de café do centro-oeste paulista, a política do café-

⁶⁹ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) pesquisou sociologia e ciência política e elaborou uma teoria do Estado, preocupando-se com sua prática, epistemológica e científica, baseada na observação do fenômeno e que fosse uma ciência aplicável a todas as sociedades. A base de todo seu sistema é a lei dos três estados (LACERDA, 2004). Ele desenvolve a filosofia positivista, escrevendo várias obras, entre elas o *Curso de Filosofia Positiva*, em seis volumes (1830-1842). É necessário tentar dizer um pouco o que Comte pensava sobre a mulher: “em virtude da evidente solidariedade que subordina a incorporação social do proletariado à digna isenção da mulher de todo o trabalho exterior. Sem esta emancipação universal, complemento necessário da abolição da servidão, a família proletária não poderá ser realmente constituída, pois a existência feminina fica, assim, habitualmente entregue a uma horrível alternativa entre a miséria e a prostituição” (GIANNOTTI, 1978, p. 293-294).

⁷⁰ Herbert Spencer (1820-1903), nascido no Reino Unido, foi engenheiro ferroviário e filósofo, com uma vasta obra. “Spencer ansiava por tornar a Ética mais científica, elaborando um sistema capaz de construir proposições verdadeiras de ordem racional e não simplesmente empíricas” (BAIARDI, 2008, p. 14), desenvolvendo a Filosofia Sintética, um sistema complexo, com os princípios e leis como da “persistência da força”, a “indestrutibilidade da matéria”, a “continuidade do movimento”, as leis da “instabilidade do homogêneo”, da “multiplicação dos efeitos”, da contínua redistribuição da matéria e do movimento, do equilíbrio, fórmulas da “evolução” e da “dissolução” entre outros conceitos desenvolvidos por este pensador (BAIARDI, 2008).

⁷¹ “A Constituição da República de 1891 consagrou o sistema dual de ensino e oficializou a distância entre a educação da classe dominante (escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e escola profissional)” (BARROS; VESPASIANO, 2017, p. 3).

com-leite desde 1894. Na educação⁷², a escola é a tradução da ordem de uma sociedade branca, com direitos e deveres diferenciados.

[...] por conta de teses liberais e democráticas moderadas, isto é, não abolicionistas, dominantes entre os republicanos desde 1870, colocando a educação como fator de resolução de problemas sociais, e porque havia a necessidade objetiva de integrar e disciplinar sobretudo a população imigrante para o trabalho na grande lavoura cafeeira, projetar e realizar a educação escolarizada torna-se tarefa republicana por excelência. (PIANA, 2009, p. 60-61).

Nessa época do início da República, o Brasil está em um momento de fervor ideológico e a educação não fugia disso. Os republicanos partilhavam certas tendências ao mesmo tempo em que tentavam manter os ideais oligárquicos. A pedagogia moderna, baseada na ciência e divisão de tarefas, era agora o ideal de escola, com um ensino leigo, neutro e apartidário. Nesse cenário,

As mulheres são tão reivindicativas que, ao recolher e analisar inúmeras manifestações de escritoras e jornalistas da segunda metade do século XIX sobre a importância do estudo e mesmo do aprendizado de uma profissão específica para o seu desenvolvimento pessoal e a conquista de uma nova posição social, Maria Thereza Bernardes não hesitou em dar ao seu trabalho o título de *Mulheres de Ontem*, aproximando-as das ativistas do século XX. (PIANA, 2009, p. 61).

A escola republicana acaba sendo dualista, pois quer, sim, proporcionar escola para toda a sociedade, mas não a mesma forma de ensino para todos. É preciso alfabetizar e profissionalizar a maioria; a educação científica fica para uma

⁷² “A expansão do ensino foi lenta e irregular, por falta de uma formulação da política educacional. Mesmo a proclamação da República, em 1889, quase não alterou esse cenário, mas houve somente investimento e expansão no ensino superior, por meio da criação de muitas escolas para a formação de profissionais liberais, em atenção aos interesses de uma classe dominante para a permanência no poder” (PIANA, 2009, p. 62).

pequena camada social, acima dos trabalhadores. Esse era o modelo de educação dos cafeicultores.

Por um lado, algumas representações contribuíram para a produção de uma memória reificadora da ação republicana, na qual a Primeira República foi tomada como marco zero, lugar de origem da escolarização elementar e das políticas de institucionalização, disseminação e democratização da educação escolar no Brasil. Por outro lado, nesta luta de representações, algumas análises contribuíram para a afirmação e atualização de uma memória de desalento e decepção causados pelo suposto fracasso e/ou omissão do regime republicano no âmbito educacional – memória que (re) inventa a idéia de uma República que não foi, que não cumpriu suas promessas de extensão de direitos de cidadania, que não se tornou efetivamente uma república, uma coisa de todos, com um governo para e por todos; aquela que permanece, ainda hoje, inconclusa, inacabada. (SCHUELER; MAGALDI, 2008, p. 33-34).

O homem⁷³ republicano deveria receber uma nova educação, intuitiva, racionalidade científica e divisão de tarefas e não mais a tradicional educação monárquica de memorizar, ouvir e repetir (SCHUELER; MAGALDI, 2008, p. 62). Na corte, Rui Barbosa e outros membros do Partido Liberal defendiam essa pedagogia moderna⁷⁴, em que a escola pública era responsabilidade dos políticos que tinham os princípios dessa escola.

Outra importante personalidade para educação popular foi Rangel Pestana. Ele criou junto com outros republicanos a Escola do Povo, o Liceu de Artes e Ofícios para a educação profissional, do protestantismo americano.

⁷³ Neste parágrafo não usarei “ser humano” e, sim, “homem”. Será mantida a palavra homem para reafirmar a importância dos avanços feministas para a mudança da realidade social das mulheres brasileiras, com todas as possibilidades de desenvolvimento digno na sociedade, que inexistiam para as mulheres dessa época histórica do final da escravidão e início da República, por exemplo o acesso à educação. Seria o início da educação para as mulheres, mas de forma diferenciada.

⁷⁴ Queremos destacar que a pedagogia moderna aqui se refere ao pensamento liberal republicano embasado em uma educação que será efetivada a partir da década de 1920 com a Escola Nova. Não estamos nos referindo à Escola Moderna, fundada primeiramente na Espanha em 1910, com os princípios da educação libertária de Ferrer la Guardia.

Defendia o cientificismo e contribuiu para a Escola da Neutralidade (1884). Interessante lembrar uma questão que Hilsdorf apresenta (p. 64), relevante para história da mulher:

Pestana dedicou especial atenção à questão da educação feminina, considerada uma necessidade imperativa para o projeto de modernização da sociedade brasileira, da qual as mulheres participariam desempenhando a função tradicional de esposas e mães de bons cidadãos, mas com formação científica e moral atualizada. Apoiou as iniciativas que aparecem nesse sentido e fundou, ele próprio, em São Paulo, o Colégio Pestana, de meninas (1876), que oferecia um programa de estudos de nível elementar e secundário de inspiração leiga e positivista, com cursos regulares e seriados de línguas antigas e modernas, artes, ciências humanas, naturais e exatas, filosofia, danças e bordados, que um correligionário avaliou como “os caminhos da cultura para a mulher atingir os polos da existência – o amor e o lar”. HILSDORF, 2003, p. 64).

Algumas dessas ideias são veiculadas a partir de 1889, quando os republicanos chegam ao poder, na Grande Reforma. Mas a atenção que os professores normalistas receberam não foi a mesma das escolas modelos que já existiam. Cesário Motta Jr., cria os grupos escolares, mas mesmo assim:

Os grupos não são ainda escolas de massas: são espaços pensados para a população trabalhadora já urbanizada⁷⁵ e dedicados tanto à alfabetização quanto à doutrinação de suas crianças no culto aos símbolos e valores republicanos. (HILSDORF, 2003, p. 66).

Durante a Primeira República existiram outras propostas de escolas, mas aqui, para os propósitos da nossa reflexão, vamos focar somente em duas delas: o movimento da educação nova, junto aos católicos, e a educação libertária.

⁷⁵ As escolas se abrem para a participação nas populações não urbanas em 1910 (HILSDORF, 2003).

A primeira, por ser a proposta em voga naquele dado momento histórico, e a segunda, por ser a proposta de educação de Maria Lacerda de Moura.

A mulher patricia⁷⁶ não compreendeu ainda qual a missão feminina. É preciso que uma poderosa alavanca eleve-a ao nível a que tem direito. Falta-nos a instrução sólida. Não conhecemos os estudos superiores, não aspiramos senão ao casamento e a espera-lo gastam-se anos inutilmente (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 63).

A Escola Nova (1920-1930) se deu quando ocorreram as modernizações progressistas do ensino. São expressivos deste período a Associação Brasileira de Ensino e suas conferências, o jornal *O Estado de São Paulo* e os ideais liberais de uma sociedade “capitalista-urbana-industrial”, e a assinatura do Manifesto de 1932⁷⁷.

No campo educacional brasileiro surgiram mudanças consideráveis, pois teve início um período em que se desenhou

⁷⁶ A palavra não é usada aqui conforme seu significado no dicionário daquela época. Conseguimos um exemplo, praticamente um manual de bons costumes, em “Às amáveis Patrícias”. As mulheres do interior de Minas Gerais tinham um “*Mentor das Brasileiras* [...] voltado ao público feminino, como destacavam os seus redatores. Esse perfil ensejou pesquisas oriundas do campo da história da educação e dos estudos culturais, entrecruzados transversalmente pelo gênero. Essas abordagens destacaram no *Mentor* a continuidade com relação à maneira de ver a mulher, imersa num dado projeto civilizatório de viés masculino. Paradoxalmente, a novidade que atrai olhares é dissolvida e se torna uma farsa, num movimento que obscurece as tensões políticas e a complexidade da experiência liberal das primeiras décadas do Oitocentos” (SILVA, 2008, p. 109). Outra produção foi encontrada, *O Mentor das Brasileiras*, impresso na antiga vila de São João del-Rei. “Esse periódico, parte integrante da imprensa feminina que iniciava suas atividades no Brasil na segunda década do século XIX, circulou durante três anos, de 1829 a 1832, defendendo a importância da participação das mulheres da ‘boa sociedade’ nos debates sobre a política, a educação, a moral, a vida privada e social que se estabeleciam nesse período” (GOMES, 2010, p. 2).

⁷⁷ Este Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, conhecido como Manifesto de 1932, foi assinado no Governo de Getúlio Vargas. Acompanhava um conjunto de princípios educacionais, incluindo a escola única, gratuita, laica, mista e obrigatória. Dele fizeram parte Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Anísio Teixeira (1900-1971) foi um dos primeiros educadores brasileiros e um dos responsáveis pela entrada do pensamento de John Dewey no Brasil (AGUIAR, 2017). John Dewey (1859-1952) era um filósofo e pedagogo norte-americano, que faz uma crítica ao dualismo kantiano e absorve as ideias pragmatistas de William James (1842-1910). Para ele as ideias só têm importância desde que sirvam como instrumento de resolução de problemas, o que resultou, aqui no Brasil, no conceito do professor reflexivo, em que a prática confirma a ideia do pensamento (DEWEY, 2007).

uma certa democratização no ensino, principalmente, em virtude de alguns fatores, entre eles, a discussão em torno da “escola ativa” de Dewey, tendo como seguidores no Brasil, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Francisco Campos. Todos foram nomes renomados no Brasil e ocuparam cargos governamentais. E, mesmo por meio das influências estrangeiras, foi possível propiciar a discussão dentro dos parâmetros da realidade brasileira (PINTO, 1986, p. 62). Foi por meio das Conferências Nacionais de Educação que surgiu em 1932 o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, contendo uma nova proposta pedagógica e trazendo em seu bojo uma proposta de reconstrução do sistema educacional brasileiro, visando a uma política educacional do Estado. (PIANA, 2009, p. 64).

Já a Escola Moderna não foi institucionalizada dentro da política educacional de qualquer época aqui no Brasil. É também lembrada como escola libertária, a escola do pensamento anarquista que trabalharemos um pouco na próxima seção, coerente com os princípios educacionais que Lacerda defendia.

O grande pensador e militante da Escola Moderna, referência mundial, é o espanhol e catalão Francisco Ferrer la Guardia, já citado anteriormente. Em seu livro, Maria Lacerda de Moura faz um levantamento das iniciativas de escolas com estes princípios no estado de São Paulo. Aqui no Brasil, esses princípios educacionais estavam bastante vinculados aos movimentos populares, de trabalhadores e sindicais do início do século XX.

Lacerda, inclusive, faz um relato histórico (p. 282-287) sobre a Escola Moderna e o autor:

Ferrer não quer o professor neutro ou indiferente: é preciso, é urgente que elle saiba e que pregue a verdade, o respeito á liberdade, não se importando com o ferir dos espíritos conservadores e reacionarios. Cabe á Hespanha o movimento em favor do ensino laico que deu origem à Escola Moderna, cuja divisa é: Educação Scientífica e Racionalista. É preciso subtraír as crianças à influencia dos dogmas e das hypocrisias seculares; pensando assim – Ferrer foi um idealista e collocou o interesse da

humanidade acima de sua própria vida. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 285).

Em alguns momentos, pode-se pensar que a escola libertária poderia ter aproximações com o movimento escolanovista, por inúmeras questões, tanto porque coexistiam numa mesma época, bem como por alguns pensamentos de valorização do desenvolvimento do aluno. Entretanto, isso não é possível, pois a escola racionalista vislumbra a transformação social, que não se daria individualmente, mas pela libertação da sociedade. Essa educação exigia o conhecimento da história dos oprimidos, o contato com as explicações científicas, o respeito ao ritmo de aprendizagem, a avaliação condizente com o princípio de solidariedade e o apoio mútuo (JOMINI, 1990).

[...] as escolas se construiriam em locais onde as pessoas seriam levadas a se exercitarem na autogestão. [...] Todos deveriam se empenhar nesse trabalho, pois só a participação direta (ação direta) de cada um daria à escola uma organização autogerida: independente do Estado e governada por seus próprios membros. A escola, assim como as outras associações ácratas, daria o exemplo do modo como funcionariam os núcleos da sociedade futura.

Uma sociedade cujos membros estariam voltados para a realização do bem-estar social de todos...

Assim, apesar de se utilizar de certos discursos, próximos aos da educação liberal, em suas vertentes tradicional e escolanovista, presentes na Primeira República, o pensamento anarquista não se confundiu com eles. (JOMINI, 1990, p. 52-53).

Este breve resgate histórico evidencia a manutenção de duas formas distintas de educação, uma para elite e outra para a maioria da população brasileira. Na época da Colônia, não era interesse dos dominadores/exploradores que a população tivesse acesso à educação. Na vinda da Coroa portuguesa, foi preciso investir na educação, mas basicamente na da elite. Já na República,

começa-se a pensar na educação escolar, mas principalmente do ensino primário. Com as escolas para a monarquia, a educação superior continuava a ser oferecida a uma minoria.

A República chega com seus ideais iluministas e modernos e algumas mulheres (em espaços diferentes dos homens) começam a ter acesso à educação. A mudança, no entanto, não foi radical e, sim, moderada, pois era necessário nutrir a todos – elite e classe trabalhadora – com a descentralização das escolas primárias, mas sem recursos para sua real implantação e com o ensino superior mantendo-se nas grandes metrópoles. Isso é algo que se mantém até os dias de hoje.

2.4 O anarquismo no Brasil

O anarquista é antes de mais nada um sentimental e um contestador dos privilégios de uns às custas da pobreza e miséria da maioria. É um defensor ardoroso da sociedade autogestionária, de irmãos, que pretende alcançar pela educação e pelo ensino racionalista⁷⁸. (RODRIGUES, 1993, p. 13).

⁷⁸ O livro *Escola Moderna*, escrito pelo anarquista espanhol Francisco Ferrer i Guardia em 1909, fala sobre as questões relacionadas à educação racional, à coeducação, à laicidade, à ciência e sobre a estimulação do livre-pensamento, questões centrais para este educador. “A essa proposta pedagógica, fortemente calcada nas ciências naturais (com profunda influência, pois, na filosofia positivista), mas atenta aos problemas sociais (o que, por sua vez, a afasta daquela ideologia), Ferrer denominou ‘pedagogia racional’”. É um processo educativo que educa pela razão, para que cada ser humano seja capaz de raciocinar por si mesmo, conhecer o mundo e emitir seus próprios juízos de valor, sem seguir nenhum mestre, nenhum guia. Não se pense, porém, que ele defendia um racionalismo extremado. Para ele, o ser humano não é apenas razão, mas um composto de razão, vontade, desejo e afeto, e um processo pedagógico não pode negligenciar nenhum desses aspectos. Aí vemos uma significativa inovação de Ferrer, que a pedagogia moderna ainda não teve coragem necessária para enfrentar, muito menos para incorporar: a afirmação de que aprendemos pelo afeto. Isto é, as crianças só aprendem quando são afetadas por aquilo que será aprendido, quando aquilo desperta nelas a curiosidade, o desejo de aprender. Por isso, ele afirma que embora o aprendizado seja um ato mental, racional, nada se aprende se antes não passar pelo coração, se não mobilizar o desejo (GALLO, 2013, p. 13).

A origem da palavra anarquia vem do grego *an* que quer dizer *não*, mais *arkhos* que significa *governo*. Refere-se a uma sociedade sem governo, onde não existe autoridade constituída, isto é, uma sociedade que tem como base a liberdade. No anarquismo, quem governa é a razão, propondo a substituição da organização obrigatória para a voluntária. É uma filosofia de vida que tem como entendimento as questões principais da educação e a solidariedade humanitária.

No ano de 1890, após a abolição do regime escravocrata e a vinda de europeus para trabalhar no Brasil, chegaram os anarquistas italianos, que foram para diversas regiões e se instalaram no Paraná, São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. No Paraná, fundaram a primeira comuna, a Colônia Cecilia. O italiano Artur Campagnoli veio para São Paulo, onde comprou terras e, junto com outros anarquistas (brasileiros, italianos, espanhóis, franceses e russos), iniciou a Comunidade Acrata⁷⁹, de Guararema⁸⁰.

A maioria dos imigrantes veio para trabalhar na lavoura, na construção civil, nas estradas de ferro, em fábricas e em portos. Os problemas relacionados à condição social e de vida proporcionaram a união e formação dos movimentos operários, anarquistas e jornais com suas ideias de combate e anticlericais.

⁷⁹ Partidário da acracia. Acracia – ausência de governo e de autoridade (ACRACIA, 2010, p. 45).

⁸⁰ Comunidade na qual Maria Lacerda de Moura viveu entre 1928-1935.

Muitos livros de pensadores anarquistas chegaram ao Brasil, como os de Mikhail Bakunin⁸¹, Piotr Kropotkin⁸², Tolstói⁸³, Malatesta⁸⁴, Fracisco Ferrer, Max

⁸¹ Mikhail Bakunin (1814-1876), filósofo, teórico político e revolucionário russo, um dos grandes idealizadores do pensamento anarquista. Na atividade militante, participou de manifestações como a Primavera dos Povos, em 1848, e da Comuna de Paris, em 1871. “Bakunin analisou o desenvolvimento da organização política dos trabalhadores, principalmente apoiado na concepção organizativa do sindicalismo revolucionário em contraposição ao desenvolvimento do sistema interestatal capitalista” (ABRUNHOSA, 2016, p. 44). Para ele, o monopólio econômico organizado (Capital) e o poder político (Estado) determinam-se mutuamente, assim como a política e a economia.

⁸² Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921), geógrafo, escritor, pensador anarco-comunista e ativista político russo. “Kropotkin, como defensor do comunismo-anarquista, influenciou grandes gerações de revolucionários no início do século XX, principalmente nos países latinos. Através de uma escrita elegante, ao mesmo tempo didática, objetiva e extremamente radical, propagou a defesa da plena liberdade, da igualdade, do autogoverno e do anarquismo científico” (REIS, 2015, p. 230). Com efeito, podemos chamá-lo de um “revolucionário poeta da prosa” (MORAES, 2015, p. 67).

⁸³ Liev Nikoláievich Tolstói (1828-1910), escritor russo, conhecido por suas obras e romances como *Guerra e Paz* (1882), *Anna Karenina* (1877), *A morte de Ivan Ilich* (1886), entre outros. É pouco conhecido por seus pensamentos e escritos sobre educação e anarquismo, que somam em torno de 30 obras, dentre as quais, *A escola de Lasnai Poliana* (escola libertária que fundou nas terras de seus ancestrais) e a *A liberdade na escola*. Seu ideal era o de libertar a criança de todos os jugos que a escola e os adultos lhe impõem. É irmão do ideal de libertar os operários dos patrões, os súditos dos Estados, os crentes das Igrejas [...] . Quer a redenção da humanidade (INCONTRI, 1991, p. 105).

⁸⁴ Errico Malatesta (1853-1932), teórico anarquista italiano que, em 1871, torna-se membro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Defensor do anarquismo, com grande influência de Mikhail Bakunin, com intenso trabalho prático, oral e escrito. Dentre suas contribuições como pensador está a distinção no campo da epistemologia entre as categorias ciência e ideologia/doutrina. “Malatesta se dá conta da contradição que existe entre conceber o socialismo e o anarquismo como ciência e, ao mesmo tempo, como aspiração humana” (REIS, 2015, p. 231).

Stirner⁸⁵, Han Ryner, Sébastian Faure⁸⁶, Emma Goldman⁸⁷, Proudhon⁸⁸ e muitos outros que começaram a ser vendidos e lidos por vários brasileiros, como José Oiticica e Maria Lacerda de Moura.

Esse pensamento de que é necessária uma nova moral que sustente a sociedade livre e igual também está muito presente nas ideias das mulheres anarquistas como Emma Goldman (EUA) e Maria Lacerda de Moura (anarquista que militou a maior parte de sua vida em São Paulo). Ambas acreditavam que a sociedade capitalista e a moral burguesa que a sustenta eram as responsáveis pela exploração da mulher e por colocá-la em uma posição de inferioridade; a sociedade anárquica, porém, deveria ser baseada em uma moral totalmente diferente: na liberdade e na igualdade de todos os indivíduos, sem qualquer distinção de gênero ou raça. Liberdade e igualdade que deveriam pautar todas as uniões. (MENDES, 2010, p. 54).

⁸⁵ Johann Caspar Schimidt (1806-1856), filósofo alemão, estudou filologia, teologia e filosofia na Universidade de Berlin, foi um dos discípulos de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831, filósofo alemão). Nos anos 1839 a 1844, foi professor em um estabelecimento privado de instrução para mulheres. Publica artigos na *Gazeta Renana* de Karl Marx (1818-1883) e na Revista Mensal de Ludwig Buhl (1814-1882, escritor alemão, jovem hegeliano). Em 1844, publica sua maior obra *O único e sua propriedade*, onde diz que o homem é hostil a qualquer tipo de submissão e em 1852, dois volumes de *História da reação*. Sua primeira obra é a base para o anarquismo individualista para muitos pensadores anarquistas que vieram depois dele (HANISMAN, 2004, p. 944-948).

⁸⁶ Sébastian Faure (1858-1942). Militante anarquista anticlerical. “Educador, jornalista e escritor, Faure fundou e dirigiu a edição na França do jornal *Le Libertaire* e a escola libertária La Ruche (A Colmeia). Publicou vários livros, dentre os quais se destacam: *A dor universal* (1895) e *Doze provas da inexistência de Deus* (1908)” (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 8).

⁸⁷ Emma Goldman (1869-1940), anarquista lituana, nascida durante o império russo. Em 1886 foi para os Estados Unidos e trabalhou na indústria têxtil, passando por várias adversidades o que a levaram para o movimento anarquista a partir de 1889, sendo presa diversas vezes. Fundou em 1906 a revista *Mother Earth*, que funcionou até 1917, ano em que foi deportada para a Rússia (MARTINS, 2018). Em diferentes frentes de ataque à exploração capitalista, ao imperialismo e à opressão de gênero, ousa discutir assuntos até então pouco enunciados por mulheres, mesmo entre as feministas. O tráfico das “escravas brancas”, a prostituição, o casamento e o amor livre compõem um conjunto desses (RAGO, 2011, p. 263)

⁸⁸ Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), filósofo francês, interessado em teologia e economia política. Seu primeiro texto em 1840, “Que é propriedade?”, marca sua ruptura com o pensamento dominante da época. Foi o inventor do conceito de luta de classes e do primeiro “Banco do Povo”, em 1849. Em 1852, refugiado em Bruxelas, faz uma proposta de filosofia da revolução. “A chave do pensamento proudhoniano, que é pensamento ‘ideorrealista’, deve ser buscada em sua metodologia, a dialética serial. O mundo é concebido como um universo de antinomias cuja resolução, seja na forma de superação-conservação, seja na forma de superação sem conservação, é impossível, pois é da oposição que nascem vida, movimento e liberdade” (HANISMAN, 2004, p. 811).

No Brasil, o anarquismo é bastante confundido com o movimento sindical revolucionário ou anarco-sindicalista⁸⁹, mas o movimento anarquista não é algo restrito ao movimento sindical e seus operários. Muitos dos anarquistas eram também trabalhadores e, assim, o movimento cresceu junto com o movimento operário, contribuindo para o entendimento da diminuição da jornada de trabalho, da segurança no trabalho, do descanso semanal e do pagamento em dia certo. Além da participação em greves e reivindicações, eles criaram centros de cultura social, feiras livres, grupos de teatro social, escolas modernas, comunas, ligas anticlericais e inúmeros periódicos, jornais, revistas, editoras, com importante divulgação e circulação do pensamento libertário no Brasil, Japão, China, Rússia, América do Norte, Inglaterra, França, Itália e outras regiões.

Assim como cresciam os ideais e ações anarquistas, eram reprimidos na mesma medida, pois a velocidade do movimento espantou os industriais e o governo, que aprovou em 1907 a Lei Adolfo Gordo⁹⁰:

Os maiores perseguidores dos anarquistas foram sem dúvida Wenceslau Brás, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luís e seus doutores policiais. São eles os responsáveis pela expulsão de quase um milhar de anarquistas e anarco-sindicalistas, todos elementos de proa do movimento, pelos assaltos às associações operárias, aos centros de cultura social. A violência governamental contra os libertários incluía o confisco, a destruição de seus pertences e a lacragem das portas de suas sedes. (RODRIGUES, 1993, p. 24).

⁸⁹ Corrente sindicalista, assim chamada a partir da cisão provocada no 5º Congresso da AIT (Primeira Internacional de Trabalhadores) em Haia, no ano de 1872, adotado pelos operários do Brasil até a implantação dos sindicatos fascistas pelo Estado Novo de Vargas (RODRIGUES, 1993, p. 21).

⁹⁰ Em 1907, é realizada mais uma ação na tentativa de inibir os movimentos dos trabalhadores: a aprovação de uma lei conhecida como Lei de Expulsão dos estrangeiros II, por meio do Decreto n. 1.641, de 7 de janeiro de 1907, que recebeu a denominação de Adolfo Gordo II. Essa tratava da expulsão de estrangeiros em território nacional (CPDOC, 1973, p. 1). Muitos anarquistas foram expulsos do país e sofreram diversas repressões por parte da classe dominante que se mantinha no poder na época (TRENTINI, 2017, p. 32).

No governo de Getúlio Vargas, a perseguição aos anarquistas aumentou, com o fechamento das ligas anticlericais, as comunas e a perseguição dos anarquistas e livre-pensadores. Entre eles, Maria Lacerda de Moura, que teve que sair da comunidade de Guararema e voltar para sua terra natal. Os anarquistas continuaram a se reunir de forma clandestina e puderam retornar às suas atividades após o fim da ditadura Vargas.

3 A CONDIÇÃO FEMININA E SUAS RELAÇÕES COM OS CONCEITOS DE GÊNERO, PATRIARCADO E EDUCAÇÃO

Objetivando conhecer e discutir a atualidade dos escritos de Lacerda e considerando as questões de gênero e patriarcado, que historicamente têm marcado a subjugação, a condição feminina, quais discussões são recorrentes e fecundas para o debate? Isso é importante para se compreender tanto os retrocessos como as possibilidades de superação, já que a história humana não se faz de modo linear, mas ao longo de embates, tensões e contradições.

Reflexões sobre a construção histórica destes conceitos, bem como suas relações com os temas da *condição feminina* e da *sujeição feminina*⁹¹, são importantes de serem explicitadas. Assim, trazemos nesta seção alguns entendimentos sobre o assunto e suas controvérsias dentro das correntes do pensamento feminista, temas na literatura demasiadamente vastos e que avançam a cada dia. Em um segundo momento, tecemos relações entre esses constructos para problematizá-los como sustentáculos da condição feminina.

Já o conceito de educação é trazido com a intenção de situar o leitor em relação aos pressupostos que guiam nossas próprias concepções, bem como o contexto e as concepções humanistas e libertárias de Lacerda. Entendendo que a autora sempre defendeu uma educação democrática e emancipatória do pensamento crítico, acreditamos que esse conjunto de reflexões formula as bases para a concretização deste ensino, o que buscaremos explicitar.

⁹¹ Nos escritos de Maria Lacerda de Moura, em momento algum ela utiliza as palavras/conceitos *gênero* e *patriarcado*, pois estes não eram discutidos em sua época. Por outro lado, em seus escritos utiliza os termos *condição feminina* e *sujeição feminina*, que são as bases para se discutir os conceitos de *gênero* e *patriarcado*, como explicaremos ao longo do texto.

3.1 O conceito de patriarcado

Segundo o *Dicionário Crítico do Feminismo*, patriarcado é uma palavra antiga que vem mudando seu sentido conforme a evolução das sociedades humanas. Segundo sua história semântica, vem das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando), “o patriarcado é literalmente a autoridade do pai” (DELPHY, 2009, p. 174). Antes do século XIX o patriarcado e os patriarcas designavam os dignitários da Igreja.

No início do século XX, algumas pensadoras já falavam sobre *sujeição das mulheres* ou *condição feminina*, em que existiria um suposto direito materno que teria sido substituído pelo direito paterno. Engels e depois Bebel⁹² remontam a essa questão, trazidas por Morgan⁹³ e Bachofen⁹⁴ (DELPHY, 2009, p. 174). A partir da segunda metade do século XX, mais especificamente nos anos 1970, o conceito de patriarcado se modifica diante de novas contingências históricas, sendo formulado como “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens” (DELPHY, 2009, p. 173). Resumindo, refere-se à *dominação masculina* ou à *opressão das mulheres*.

No sentido contemporâneo, algumas feministas, como a francesa Simone de Beauvoir, não acreditam na existência de um matriarcado original e descrevem o patriarcado como um sistema que domina as mulheres. Ressaltam também uma

⁹² August Bebel (1840-1913) foi um socialista alemão, um dos fundadores do Partido Socialista-Democrata (1869). Em sua obra *A mulher e o socialismo* (1883), ele faz a divulgação do socialismo (BEBEL, 1972, p. 818).

⁹³ Lewis Henry Morgan foi um antropólogo norte-americano (1818-1881). Estudou Direito e foi, durante muitos anos, advogado em Rochester, Nova York naquela época em que ainda existiam resíduos da antiga organização familiar dos índios iroqueses. Estudou esse sistema de relações humanas em *A liga dos iroqueses* (1851). Estendendo os resultados de seus estudos ao campo da antropologia comparada, escreveu *Sistemas de consanguinidade e afinidade da família humana* (1869), tirando suas conclusões em *Sociedade antiga* (1871). Nesta obra fundamental ele desenvolveu a hipótese da evolução da família da promiscuidade à monogamia, acrescentando a hipótese da promiscuidade primitiva à do comunismo primitivo. Desse modo, Morgan forneceu dados antropológicos para os estudos de Engels sobre as origens da família, da propriedade e do Estado (MORGAN, 1972, p. 4635).

⁹⁴ Johann Jacob Bachofen (1815-1887) foi um historiador suíço. Partindo do estudo comparativo do direito romano e de outros sistemas de direito oriental, descobriu o matriarcado primitivo em *O direito matriarcal, um estudo sobre a ginecocracia do mundo antigo e sua natureza religiosa e jurídica* (1861). Essa descoberta foi aceita pela incipiente sociologia (BACHOFEN, 1972, p. 668).

controvérsia na utilização da palavra *pater* como *pai biológico*. Destacam que “a palavra designa a dominação dos homens, quer sejam eles pais biológicos ou não” (DELPHY, 2009, p. 175). Ainda para Delphy, o conceito de patriarcado no pensamento feminista de 1970 caracteriza-se por afirmar que patriarcado é um sistema, e não relações individuais, e por ressaltar a oposição *patriarcado e capitalismo*⁹⁵.

No texto intitulado “Gênero, patriarcado e violência”, a teórica feminista brasileira Heleieth Saffioti (2004) faz uma análise dos conceitos, contextualizando historicamente e pontuando várias referências e discussões. Sobre o patriarcado, diz:

Além de empoderar a categoria mulheres, e não apenas mulheres, o conhecimento de sua história permite a apreensão do caráter histórico do patriarcado. E é imprescindível o reforço permanente da dimensão histórica da dominação masculina para que se compreenda e se dimensione adequadamente o patriarcado. (SAFFIOTI, 2004, p. 104).

Segundo Alda Facio⁹⁶ (1999), patriarcado é um sistema de dominação masculina, de inferiorização da mulher e estabelecimento de poder nos espaços públicos, no interior de um pensamento dicotômico, hierarquizado e sexualizado. Sua conceituação é resultado de algumas vertentes do pensamento feminista que apontam necessidades de enfrentamento do regime patriarcal e rompimento com esse dualismo, questionando o modo antropocêntrico de ver o mundo. Segundo Facio, existem vários feminismos, mas o que eles têm em comum é a compreensão da forma como o patriarcado está enraizado em nossa sociedade.

Com características comuns nas diferentes sociedades, ele surge historicamente, ou seja, não é algo natural, muda e se transforma, mas não no sentido de

⁹⁵ Oposição no sentido de que o patriarcado enquanto “um conjunto de sistema a ser combatido” (DELPHY, 2009, p. 175) de opressão sobre as mulheres, não se reduz ao capitalismo, pois mesmo dentro das organizações políticas anticapitalistas as problemáticas referentes às relações entre homens e mulheres permanecem. Sendo assim, “a subordinação das mulheres não é mais que uma das consequências do capitalismo” (DELPHY, 2009, p. 176).

⁹⁶ Alda Facio, nascida na Costa Rica em 1948, é uma advogada feminista, escritora, professora e especialista na referência de gênero e direitos humanos na América Latina.

superação da condição da mulher. Para a autora, as instituições sociais asseguram a manutenção dessas relações desiguais⁹⁷, seja na família, na educação ou no direito, pelos sentidos ideológicos que evocam. Incluem uma educação androcêntrica⁹⁸, uma história roubada das mulheres e um direito que regula e contribui para a manutenção dessa opressão. A crítica feminista, diz Facio, pode contribuir para trazer um pouco de democracia a esse direito.

3.2 O conceito de gênero

O conceito de gênero é bem mais recente se tomarmos o de patriarcado como referência. O marco feminista sobre as discussões do conceito foi o texto escrito por Gayle Rubin⁹⁹ em 1975 – *O tráfico das mulheres: notas sobre a economia política do sexo* (GAYLE, 1993). Neste texto, Rubin trabalha o sistema sexo/gênero e traz o debate sobre as causas da opressão e subordinação social da mulher. Apresenta as ferramentas conceituais de Levi-Strauss¹⁰⁰ sobre o intercâmbio de mulheres, princípio fundamental de parentesco, explicando a opressão dentro dos sistemas sociais, prevalecendo a ausência

⁹⁷ “A reprodução das injustiças está arraigada no cotidiano e no ambiente político-institucional e tem dimensões materiais e simbólicas. Esse entendimento amplia o leque de problemas abordados na análise crítica dos limites da democracia e das tendências antidemocráticas da ordem liberal. A posição ético-política que orienta normativamente o debate pode ser resumida no postulado de que nenhuma diferença pode ser mobilizada para justificar privilégios” (BIROLI, 2018, p. 208).

⁹⁸ “Androcentrismo: termo cunhado pelo filósofo estadunidense Lester F. Ward em 1903, ao qual faz-se referência não apenas aos privilégios dos homens de uma forma geral na sociedade, mas a uma tentativa de universalização da perspectiva masculina sobre a sociedade” (CRUZ, 2016 p. 30).

⁹⁹ Nascido em 1949, é antropólogo cultural pela Universidade de Michigan, ativista e teórico das políticas de gênero. Seu trabalho sobre o tráfico de mulheres, quando ainda estudante, usou como base a teoria de Levi-Straus e foi um marco nos estudos e discussões sobre o conceito de gênero.

¹⁰⁰ Antropólogo e professor belga, é considerado o fundador da antropologia estruturalista (1908 – 2009). Em seus estudos publica *As estruturas elementares de parentesco*, onde observa o parentesco como uma imposição social, da organização cultural, para além da procriação biológica. Em sua obra, o sujeito humano tem gênero e seu destino pode ser delineado. Levi-Strauss vê na base do sistema de parentesco a troca das mulheres entre os homens e implicitamente constrói uma teoria da opressão sexual (DESCOLA, 2009).

dos direitos das mulheres como seu resultado. Essa análise é o primeiro passo para a construção do conceito e a consequente subordinação das mulheres, produto das relações.

Utilizando, mais uma vez, o *Dicionário crítico do feminismo*, encontramos uma diferenciação biológica e outra social. O sexo seria biológico e o gênero, social. Dentro dessas questões, podemos levantar ainda duas áreas fundamentais: “a divisão sociosexual do trabalho e dos meios de produção [...] e a organização social do trabalho e de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são [...] exacerbadas por diversas intervenções sociais” (TABET, 1985/1998 apud MATHIEU, 2009, p. 223). Dentre essas intervenções sociais estão a diferença na vestimenta, nos comportamentos físicos e psicológicos, na desigualdade de acesso aos recursos materiais e mentais e diferenciações sociais elementares. Mesmo porque,

alguns fenômenos marginais das nossas sociedades modernas mostraram que definições de sexo e gênero, assim como as fronteiras entre sexos e/ou entre gêneros, não são tão claras. (MATHIEU, 2009, p. 223-224).

A citação acima remete ao sistema conceitual binário que vem sendo perseguido desde antes de Aristóteles até os dias atuais. Nesse sentido, existem duas formas de conceber sexo e gênero. Uma está enraizada na ideia normatizada da heterossexualidade, em que sexo necessariamente significa gênero, e a outra é uma maneira de conceber muito mais heterossocial, em que se torna possível a diversificação dos comportamentos. Tomando como base essas duas possibilidades, existem autores importantes que vão discursar sobre a temática, tais como Margaret Mead¹⁰¹, Virgínia Woolf¹⁰² e Simone de Beauvoir. Mesmo assim, “a questão da construção social das diferenças entre os sexos permaneceu e ainda é marginal nas Ciências Humanas, como o

¹⁰¹ Antropóloga nascida em 1901, pioneira ao propor que as características masculinas e femininas eram fruto das influências culturais e sociais, não se limitando às diferenças biológicas.

¹⁰² Escritora londrina nascida em 1882, defensora do voto e da emancipação feminina, ideias registradas em seus livros.

demonstram a invisibilidade e o desprezo que ainda atingem os estudos feministas no mundo acadêmico” (MATHIEU, 2009, p. 225).

Ainda sobre o conceito, no início da segunda onda do movimento feminista, não se falava de gênero e, sim, de mulheres. Nesse sentido, surgiram três correntes de pensamento sobre o conceito, que também poderíamos chamar da categoria de análise *mulher*. Para a primeira corrente do pensamento feminista francês, baseado na psicanálise, homens e mulheres são diferentes, embora não tenha sido permitido pela sociedade que as mulheres exerçam seu pleno desenvolvimento psicológico e social. Já a segunda corrente abrange a diferença sexual como uma elaboração cultural, trazendo possibilidades de construção do gênero, denunciando as desigualdades entre os sexos para, assim, poder reconstruir os dois gêneros de uma forma mais equitativa. A terceira corrente vai se embasar em um entendimento marxista, em que os sexos não são simples categorias bissociais e, sim, de classes, concebidas na relação de poder dos homens sobre as mulheres. Para exemplificar essa questão, podemos citar a célebre frase de Simone de Beauvoir (1980, p. 9) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

O conceito de gênero se desenvolveu no marco dos estudos sobre a “mulher” compartilhando vários pressupostos [...] tentando [...] superar os problemas relacionados à utilização de algumas categorias centrais nos estudos sobre mulheres. (PISCITELLI, 2002, p. 8).

Assim, existem importantes diferenças e diversas vertentes que estão relacionadas a momentos históricos distintos bem como a entendimentos políticos que se cruzam na construção do conceito. Dentro desta polissemia, partimos da ideia de que, historicamente, na organização social, ele tem sido capturado para que se possa justificar a especificidade do corpo da mulher e suas desvantagens em relação ao do homem – a mulher procria e essa é sua principal função. Entretanto, o próprio pensamento feminista possibilita um novo olhar sobre essa realidade, problematizando a utilização do conceito e do pensamento tradicional até então utilizados pelas teorias sociais.

Outro termo que aparece como relevante para contribuir para as discussões e análises do tema é o da subordinação da mulher. Diversas correntes feministas concordam ao dizer sobre seu caráter social, portanto, passível de transformação, e ainda “universal, na medida em que parece ocorrer em todas as partes e em todos os períodos históricos conhecidos” (PISCITELLI, 2002, p. 2).

Nesse sentido, a participação das feministas na academia foi de suma importância para a produção de dados sobre a *condição da mulher* e os seus estudos nas inúmeras áreas, principalmente na antropologia e na história da mulher, trazendo uma sofisticação ao pensamento feminista, contestando concomitantemente os pensamentos que eram utilizados até aquele momento.

Joan Scott¹⁰³ traz o gênero como uma categoria de análise útil para a história. Segundo ela, mais recentemente as feministas têm usado o termo gênero para falar sobre a relação entre os sexos e sua organização social: o “objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionam para manter a ordem social e para mudá-la” (SCOTT, 1989, p. 3). O gênero era um tema para as que defendiam que a pesquisa sobre mulheres mudaria os paradigmas das disciplinas, ampliando os conhecimentos históricos tradicionais, em que essa metodologia poderia trazer uma nova história das mulheres ou, mais além, uma nova história.

3.3 O conceito de educação

O conceito de educação que explicitaremos inicialmente está embasado nos estudos da “pedagogia histórico-crítica, tendo em vista sua unidade filosófica com a psicologia histórico-cultural, isto é, posto que ambas se assentam nos preceitos do

¹⁰³ Historiadora norte-americana nascida em 1941, dedica-se ao estudo da história da mulher a partir da perspectiva de gênero.

materialismo histórico-dialético” (MARTINS, 2013, p. 270), base dos estudos do núcleo de pesquisa do qual fazemos parte no programa de pós-graduação em Educação da Unimep.

É preocupação destes estudos compreender a origem da atividade consciente do ser humano¹⁰⁴, focalizando a atividade educativa mediada pela linguagem. Segundo Luria (1991), a atividade humana tem três fontes formadoras, a primeira é a biológica, a segunda as superiores e/ou intelectuais mais a percepção do meio e a terceira é a “transmissão e assimilação da experiência de toda a humanidade” (LURIA, 1991, p. 75), em que se situa também a educação. Por isso, “as raízes do surgimento da atividade consciente do homem não devem ser procuradas nas peculiaridades da ‘alma’ nem no íntimo do organismo humano, mas nas condições sociais de vida historicamente formadas” (LURIA, 1991, p. 75).

Ao transmitir a informação mais complexa, produzida ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem permite ao homem assimilar essa experiência e por meio dela dominar um ciclo mensurável de conhecimentos e habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente do indivíduo isolado. Isto significa que com o surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico desconhecido dos animais, e que a linguagem é realmente o meio mais importante da consciência. (LURIA, 1991, p. 81).

Segundo a psicologia histórico-cultural e o materialismo histórico-dialético, o ser humano “é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade” (LEONTIEV, 1978, p. 261). E esse conhecimento é transmitido de geração em geração.

¹⁰⁴ É importante, aqui, destacar a utilização das palavras *homem* e *ser humano*. Na maioria dos textos mais antigos e alguns relativamente novos, é corriqueiro verificar a utilização da palavra *homem* referindo-se ao *ser humano*. Não vamos modificar isso nas citações, mas no texto escrito no presente trabalho dessas pesquisadoras utilizaremos a expressão *ser humano* por entendermos que estamos diante de um trabalho que denuncia justamente o apagamento da mulher na história.

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Na história social humana, o trabalho – incluindo o educativo – e a linguagem, são condições primordiais para a formação da atividade consciente dos seres humanos. O trabalho como preparação do instrumento é tido também como a primeira divisão natural do trabalho. Já a linguagem “conserva e transmite informação e assimila a experiência acumulada por gerações inteiras de outras pessoas” (LURIA, 1991, p. 78).

A linguagem é essencial para a formação dos processos psíquicos, em todas as áreas da atividade consciente. Eleva o seu nível, cria leis de percepção, contribui na vivência emocional, na memória, atenção, imaginação, além da “plasticidade e caráter dirigível dos processos de atividade consciente do homem” (LURIA, 1991, p. 84).

Isto se dá pela possibilidade humana de internalizar as experiências da cultura mediadas pelos processos educativos.

Assim, o processo de aquisição das particularidades humanas, isto é, dos comportamentos complexos culturalmente formados, demanda a apropriação do legado objetivado pela prática histórico-social. Os processos de internalização, por sua vez, se interpõem entre os planos das relações interpessoais (interpsíquicas) e das relações intrapessoais (intrapíquicas); o que significa dizer que se instituem a partir do universo de objetivações humanas disponibilizadas para cada indivíduo singular pela mediação de outros indivíduos, ou seja, por meio de processos educativos. (MARTINS, 2013, p. 271).

A partir dessa premissa, a educação se apresenta – no caso a educação escolar – como um ambiente privilegiado de acesso aos conhecimentos necessários para transformação das desigualdades sociais. Como diz Leontiev, “o movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com a educação” (1978, p. 273).

Nesse movimento, o conhecimento da história, dos conhecimentos clássicos¹⁰⁵, isto é, os conhecimentos universais, é crucial para o desenvolvimento crítico e a construção do conhecimento objetivo.

A pedagogia histórico-crítica não privilegia os conhecimentos historicamente sistematizados [...] mas aqueles que visam à conquista das capacidades intelectuais, das operações lógicas do raciocínio, dos sentimentos éticos e estéticos, enfim, de tudo que garanta ao indivíduo a qualidade de ser humano. Em última instância, a pedagogia histórico-crítica assenta-se em conhecimentos clássicos acerca da formação humana, de tal forma que o domínio dos referidos conhecimentos representa a primeira condição para a compreensão de seus postulados. (LEONTIEV, 1978, p. 275).

Esta é essência da educação dentro dos postulados do materialismo histórico-dialético, da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Podemos dizer que é uma corrente contra-hegemônica¹⁰⁶ da educação. A educação para a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica está diretamente relacionada ao desenvolvimento psíquico do ser humano, com uma consciência crítica e condições de refletir sobre a realidade. Isto difere da educação hegemônica posta nas escolas, que comumente privilegia a acumulação de informações, a produção e reprodução de seres humanos como instrumentos para o mercado de trabalho.

Em muitos momentos da obra *Renovação*, Lacerda expõe seu entendimento de que a educação deve ser democrática e emancipatória. Isto seria crucial para o raciocínio, para o pensar. Assim acreditamos que ela deva ser, embora, obviamente, ela o

¹⁰⁵ Maria Lacerda de Moura, já no prefácio de seu livro, assim como em outros momentos, fala sobre a relevância de conhecer os pensadores e, assim, aprender a pensar.

¹⁰⁶ Buscamos o conceito de hegemonia em Antonio Gramsci (1891-1937), filósofo marxista italiano, jornalista e crítico literário, membro fundador e secretário-geral do Partido Comunista da Itália (PCI), importante pensador comunista, preso em 1926, e que escreveu as *Cartas e Cadernos do Cárcere* (ALMEIDA et al., 2018). Hegemonia, para Gramsci, significa supremacia em diferentes aspectos: cultural, político, moral, econômico, literário, religioso, antropológico, psicológico e até linguístico. Pode-se igualar o significado de hegemonia a direção ou domínio, ou a ambos, para ser mais compreensível. O campo de luta pela hegemonia é a sociedade civil (COSPITO, 2017, p. 365-368). Um exemplo que para nós, nesse trabalho, faz-se extremamente importante é a opinião pública, que está diretamente ligada à hegemonia política (COSPITO, 2017).

faça com as lentes de sua época, a saber, no contexto do pensamento humanista e da escola nova. Ela já traz, no entanto, as questões iniciais do anarquismo e da escola moderna, como será explicitado mais adiante.

Além disso, a autora faz críticas ao sistema educacional da época, apontando mazelas – que até hoje não foram superadas no Brasil –, que incluíam programas problemáticos e professores precariamente formados. Este conceito, enquanto categoria de análise, é trazido à seção, pelo fato de ser visível na obra de Maria Lacerda de Moura – na verdade¹⁰⁷ em sua vida – a questão da educação para a libertação não só da mulher, mas da sociedade como um todo.

No final do século XIX e início do século XX, havia uma disputa ideológica entre a Igreja Católica e os liberais. Para a Igreja Católica¹⁰⁸, a educação e a fé não se separavam. Para o idealismo liberal e, conseqüentemente, a Constituição de 1891, o ensino deveria ser laico: “a Igreja Católica instrumentaliza os dogmas para reafirmar a postura negativa da emancipação da mulher” (GOMES, 2014, p. 406).

As mulheres deveriam receber uma educação inferior à do homem, pela simples razão de este dominar as atividades sociais e cívicas dentro da sociedade. Com essa crença eram submetidas ao ensinamento dado pela Igreja Católica como se fosse de fato a vontade divina. Na dificuldade de ocupar o espaço público, num viés paradoxal ao abraçarem os ideais católicos, restaria o lar como divinamente o lugar feminino, por serem portadoras de atributos como generosidade, moralidade, resignação, abnegação e pureza. (GOMES, 2014, p. 406-407).

Enfim, a mulher tinha o *status* de reservada e pura, o que, na verdade, era uma clausura, pois era tida como um instrumento da Igreja e da sociedade oligárquica para a

¹⁰⁷ Segundo Marx e Engels, significa “correspondência com a realidade”, ao passo que o critério para a avaliação das pretensões à verdade é ou envolve a prática humana. Ou seja: Marx e Engels subscrevem um conceito clássico (aristotélico) e um critério praticista da verdade (BOTTOMORE, 2012, p. 594).

¹⁰⁸ A Igreja Católica da época estava embasada em um catolicismo ultramontano, o segmento mais conservador da Igreja Católica, que seguia literalmente as orientações do Papa. O nome ultramontano vem pelo fato de Roma estar no ultramontes, além dos montes (GOMES, 2014).

manutenção da ordem social, não permitindo a ela a participação na sociedade, em seus ideais liberais e participação política.

Por muito tempo, as mulheres foram retratadas, de modo geral, em uma situação de subordinação e dependência do pai e/ou marido, sob a ótica de objeto sexual do homem, colonizador e proprietário. (GOMES, 2014, p. 400).

Na República, a educação passou a ser crucial para o desenvolvimento do País, algo que deveria chegar a todas as camadas sociais. Mas não da mesma forma. Diante desta disputa ideológica entre a Igreja Católica e o liberalismo, qual seria o modelo de escola? A República não veio para superar o modelo aristocrático e rural; apenas modificou a oligarquia em uma nova formação, introduzindo tanto a Igreja quanto a educação. Nesse sentido,

Diante dos diversos conflitos entre a Igreja e a República, à luz de suas ideologias, desenvolveram seus modelos de escolas: o modelo de escola pública para uma nova estrutura de sociedade que estava firmando seus valores para o desenvolvimento e o modelo de escola confessional que atendia aos anseios reformadores da Igreja Católica. (GOMES, 2014, p. 401).

Outra questão que parece relevante explicitar aqui é que Lacerda, assim como Celina Padilha – outra educadora da época –, afirmava a necessidade de uma coeducação¹⁰⁹.

[...] o homem e a mulher, estragando as mais belas amizades, quiçá o intercâmbio intelectual. Faça-se, pois, a coeducação de meninos e meninas, e teremos nas gerações futuras indivíduos mais capazes de apreciar a vida na plenitude de suas manifestações mais belas, mais conscientes na escolha do

¹⁰⁹ Nessa época, as crianças, adolescentes e jovens do sexo feminino e masculino não podiam estudar na mesma escola ou na mesma classe. O próprio currículo era diferenciado. Nesse sentido, havia um movimento de educadoras e outras personalidades importantes a favor da coeducação, em que meninas e meninos poderiam estudar juntos. Lacerda era uma dessas educadoras, como será possível verificar na próxima seção.

companheiro ou companheira, prevenidos contra a simples atração dos sexos, quando não for cimentada por afinidades de sentimento e de inteligências. (PADILHA, 1997, p. 432 apud DIAS; JARA, 2017, p. 239).

Entretanto, as escolas confessionais foram as que mais cresceram nessa época, incumbidas de tratar da educação feminina.

A implantação dos colégios confessionais católicos femininos se voltou de modo direto à educação feminina, na formação de mães e esposas, aptas a contribuir para o desenvolvimento da nação brasileira. O Estado brasileiro, no Império e na República, optou por financiar as escolas católicas com a finalidade de suprir as insuficiências da escola pública. (GOMES, 2014, p. 401).

É nesse contexto político e educacional que a educadora Maria Lacerda de Moura se encontra. Ela descreve a problemática da influência da Igreja na educação da mulher, contribuindo para sua permanência em um espaço político de subjugação e impedindo qualquer possibilidade de emancipação feminina.

Entretanto, concordamos quando Calil de Siqueira Gomes (2014) destaca que as esperanças resistem no pensamento pela possibilidade de rompimento de uma irracionalidade superficial que insiste em alimentar estereótipos e pseudo-paradigmas, possibilitando a construção da verdadeira humanidade. Nesse sentido, para o autor, é preciso ambicionar a participação dos vencidos, dos excluídos e, particularmente, das mulheres, pois a história está em aberto. Este foi um movimento abraçado pelas mulheres ao assumirem discretamente, ao longo dos séculos XIX e XX, ofícios predominantemente masculinos nas fábricas, escritórios e universidades, abrindo novos espaços – mesmo que tenham sido, por longo tempo, relegadas ao espaço privado e afastadas da educação formal.

Importa também destacar o texto de Brabo (2008), que fala do papel do movimento feminista para a educação e para a democracia. A autora resgata o fato de que os anos 1980 no Brasil foram representativos do período de abertura democrática e do

discurso da garantia de direitos sociais e *individuais*. Isto é representado pela Constituição de 1988, a chamada “constituição cidadã”, que contemplou, inclusive, antigas demandas do movimento das mulheres. Este movimento feminista, “organizado em todo território nacional, foi um dos líderes da campanha da constituinte, com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM” (p. 156). Portanto, as mulheres tiveram uma participação ativa no processo de redemocratização do País, conquistando direitos iguais entre homens e mulheres perante a lei.

Embora o acirramento das políticas neoliberais dos anos 1990 tenha inviabilizado muitas pautas afirmativas da Constituição de 1988, como a democratização do ensino de qualidade, a gestão democrática e a formação para a cidadania, houve ganhos para o movimento feminista. Estes são exemplificados pelo fato de a discussão de gênero ter sido contemplada nos parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental, bem como pela criação, em 2003, no governo Lula, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Apesar dos graves recuos e retrocessos presenciados no País nos últimos anos, concordamos também com Brabo (2008) que a garantia dos direitos, educação e formação humana, enquanto práticas históricas e construídas nas relações sociais, “não avançavam naturalmente, mas através de um conjunto de práticas sociais fundamentais, dentre elas, a prática pedagógica e as relações sociais que ocorrem na escola” (p. 161). É importante que esta não permaneça reforçando valores discriminadores de mulheres e raças.

Enfim, buscamos trazer aqui um conjunto de reflexões que explicitam as questões de gênero e patriarcado, bem como autores que enfatizam o papel da educação para a emancipação dos sujeitos e o desvelamento das teias ideológicas que obscurecem o entendimento da realidade e a liberdade dos sujeitos, assim como Lacerda.

4 O LIVRO *RENOVAÇÃO*

Moças do meu País:

Se alguém vos dissér que este livro não pode ser folheado por uma menina – não acrediteis.

É possível que o classifiquem de mil modos segundo o espirito conservador, tradicional ou reaccionario.

O que é certo é que eu o escrevi para vós e nada há aqui indigno da donzella mais ingenua ou da mulher mais casta.

O que há é verdade, e muita gente se empenha em no-la esconder. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 43).

A epígrafe acima está no livro da anarquista antes de seu prefácio, entre outras citações que serão apresentadas a seguir. É relevante colocar este escrito logo no início, pois ele mostra exatamente a questão central da autora e que será explicitada em seu prefácio.

Portanto, esta seção será dedicada à caracterização minuciosa, tanto da obra de 1919 como a de 2015, o que envolverá a descrição dos temas pelas partes da obra/capítulos. O livro *Renovação*, da educadora, escritora, feminista e anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura, foi escrito e editado pela primeira vez em 1919, e só foi reeditado em 2015 pela Universidade Federal do Ceará. A análise de configuração textual do livro será feita por um exemplar desta última edição. Mas, como a própria autora diz: “Cada capítulo desse livro dá margem para um livro inteiro, mas o meu intuito é apenas fazer pensar” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 147).

Para uma melhor contextualização sobre as razões de, após tantos anos, um grupo de pesquisadoras e pesquisadores optar por reeditar o livro, fizemos contato virtual (e-mail) com a Profa. Adelaide Gonçalves da Universidade

Federal do Ceará, perguntando sobre o porquê da escolha deste livro. Ela respondeu da seguinte forma:

O interesse pela obra de Maria Lacerda de Moura decorre de estudos e pesquisas sobre o pensamento libertário¹¹⁰, a imprensa libertária no Brasil e em Portugal.

Publiquei, em coautoria com um amigo, Jorge E. Silva, um artigo sobre Maria Lacerda de Moura, na revista portuguesa *Utopia*, e ali integralmente você encontra um excelente texto da escritora anarquista – Feminismo ou caridade? – originalmente publicado nos anos 1928 em um jornal do Ceará.

A decisão por publicar em fac-símile seu *Renovação*, 1919, assim sumariamente se explica:

Anos atrás, encontrei o livrinho num desses alfarrabistas de rua no RJ e este original autografado se juntaria a outros títulos na biblioteca social que animamos em Fortaleza – Plebeu Gabinete de Leitura.

No Plebeu, temos nos desafiado a algum trabalho editorial e logo que nos foi possível, julgamos relevante dar à estampa esta modesta edição fac-similar, para fazer circular junto a um público mais ampliado o pensamento de Maria Lacerda. Doutra parte, os colegas que assinam o texto introdutório à edição são pesquisadores da nomeada sobre o anarquismo no Brasil, como é o caso de Allyson Bruno. Sigo estudando Maria Lacerda e, inclusive em seus contatos com o pensamento libertário em Portugal e Espanha.

Temos como projeto – não sei para quando – editar outros títulos de Maria Lacerda.

Fico muito contente com seu interesse pelo pensamento de Maria Lacerda. Boa pesquisa e bom estudo!

A equipe do projeto editorial¹¹¹ da reedição do livro optou por manter o livro como um todo, desde a capa até o índice colocado no final, assim como a errata feita pela autora. A única diferença é que a equipe escreveu uma

¹¹⁰ Pensamento libertário é o pensamento anarquista que tem como premissa o direito de usufruir da liberdade, ser contra a opressão, livre de autoridade, seja ela política, de estado, econômica, religiosa e social, leis horizontais e a autogestão.

¹¹¹ Adelaide Gonçalves, professora de História da Universidade Federal do Ceará; Allyson Bruno, professor de História da Universidade Estadual do Ceará e doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará e Camila Queiroz, mestranda em História Social na Universidade Federal do Ceará.

apresentação, falando da autora e da proposta do livro. Além disso, no decorrer do livro é possível perceber que existem duas contagens de páginas diferentes, uma em cima e centralizada, a do livro original da primeira edição em 1919, e outra embaixo, à direita da página, a contagem da reedição de 2015.

A capa do livro da edição de 2015 é branca, com o nome *Renovação* escrito em preto, centralizado em cima da página e os nomes dos pesquisadores do projeto editorial/organizadores, da mesma cor, centralizados na parte de cima da capa (como é possível verificar na Fig. 3).



Figura 3 – Capa do livro *Renovação*, edição de 2015

Na edição (capa) da própria autora, em 1919, o papel é de cor bege, e os escritos são todos em vermelho, com seu nome centralizado na parte de cima. No final vem a editora, com endereço e cidade (como é possível verificar na Fig. 4).

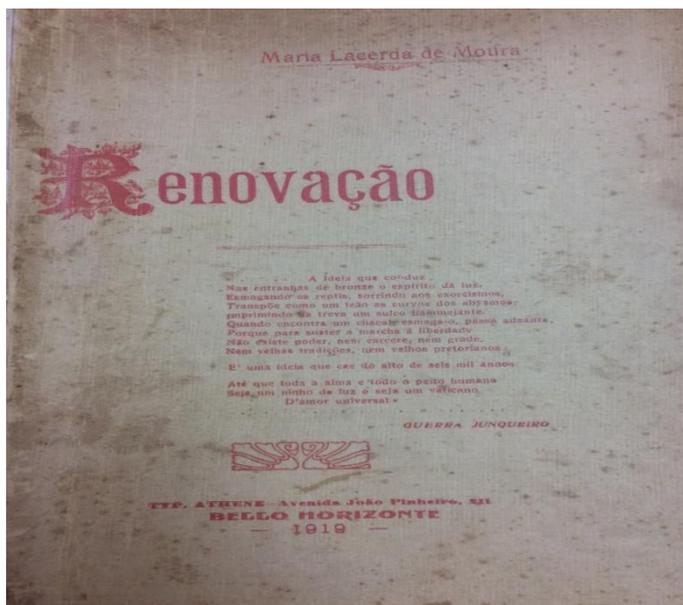


Figura 4 – Capa do livro *Renovação* (1919) – acervo Cedem Unesp

Na parte de baixo do nome do livro está a seguinte citação de Guerra

Junqueiro¹¹²:

[...] A ideia que conduz.
 Nas entranhas de bronze o espírito da luz,
 Esmagando os reptis, sorrindo aos exorcismos.
 Transpõe como um leão as curvas dos abysmos.
 Imprimindo na treva um sulco flammejante.
 Quando encontra um chacal, esmaga-o, passa adiante,
 Porque para suster a marcha à liberdade.
 Não existe poder, nem cárcere, nem grade,
 Nem velhas tradições, nem velhos pretorianos:
 É uma ideia que cae do alto de seis mil anos.
 Até que toda a alma e todo o peito humano
 Seja um ninho de luz e seja um vaticano
 D'amor universal.

¹¹² Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923), poeta, funcionário público, escritor e político português, formou-se em Direito em 1873. Foi eleito deputado pelo Partido Progressista. Integrou o célebre grupo dos Vencidos da Vida (1888), com Eça de Queiroz e António Cândido, mas afastou-se do grupo e desenvolveu uma intensa atividade de propaganda da República. Na República, foi nomeado ministro em Berna. A poesia de Junqueiro algumas vezes é panfletária e revolucionária e outras tantas, bucólica e mística.

O que levou Lacerda a escolher como citação da capa de seu livro uma poesia de Guerra Junqueiro? O que essa citação nos diz? Trazendo um pouco de suas reflexões, essa citação concorda bastante com algumas questões explicitadas pela escritora, especialmente o livre-pensamento de ideias, desnudado de dogmas e concepções pré-formuladas que nos colocam em um cárcere moral e de limitação do pensamento em função da manutenção do poder (GUERRA JUNQUEIRO, 2014). A luz vem das ideias, exorcizando abismos. Liberdade não vem do poder, do cárcere e da grade, vem das ideias e do amor!

A contracapa do livro da edição de 2015 tem o nome do livro escrito em preto e, no verso, os nomes da Presidente da República, ministro da Educação, reitor e vice da Universidade Federal do Ceará e toda a equipe da editora desta universidade. Na página seguinte, os mesmos dizeres da capa e, no verso, os informes de catalogação e referências do livro. Os escritos começam na página cinco, com uma apresentação feita pelos organizadores, intitulada *A anarquista Maria Lacerda de Moura: emancipação e palavra empenhada*. Sobre esta apresentação, discorreremos um pouco após o término da apresentação física deste livro.

Optamos por seguir a ordem da publicação/numeração de páginas de 2015, por dois motivos. Primeiro porque, após a apresentação dos organizadores, o livro manteve-se exatamente igual. Segundo porque tornaria mais fácil a compreensão para os leitores interessados em conhecer a obra desta educadora, até porque, se conseguirem acessar essa obra, provavelmente será da segunda edição de 2015.

Quanto à quantidade de páginas, a edição de 2015 contém 304 páginas, a começar da página 5. Ela traz a apresentação da equipe de reeditores e tem

contagem diferente da do original de 1919. Este começa na página 11, após seis páginas, com escritos, foto, dedicatórias e citação de outro autor expostos por Lacerda, e vai até a página 261. O índice¹¹³ encontra-se no final do livro, assim como uma errata feita pela própria autora.

Na edição de 1919, antes do Prefácio, temos no verso da contracapa o nome de um livro e de uma conferência já escritos por Lacerda: *Em torno da educação* (de 1918) e *Porque vence o porvir* (uma conferência, esgotada, de 1919). São mencionados também outros livros a publicar: *Lições de pedagogia* e *a História da pedagogia feminina*.

Na página seguinte há uma foto da educadora, já exposta aqui na Fig. 2, à página 30 deste trabalho. Logo depois há uma dedicatória escrita para sua mãe:

A minha mãe: Tu que tanto me animaste no decorrer desta obra...
Resignada e bôa, cujos olhos se enchiam de pranto ao ouvir a
leitura destas páginas...
Aceita, ó Mãe, a homenagem maxima do meu amor filial.
É o mais carinhoso beijo que te posso dar.
A Marizinha – 19-11-1919. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 39).

Entre a dedicatória feita à sua mãe e a dedicatória final feita para todas as mulheres brasileiras, encontrada no início do capítulo deste trabalho como epígrafe, temos uma página dedicada a seus filhos adotivos:

A meus filhinhos adotivos – nascidos da maternidade espiritual do
meu ser, da necessidade que sente o coração feminino de
transbordar seu affecto em outros affectos,
à Carminda
para que saiba educar os filhos se os tiver,
ao Jair

¹¹³ Segundo as normas técnicas da ABNT o índice deve estar sempre ao final do texto.

que, como os corredores da lenda, tomará, por sua vez, o facho sagrado e o transporá a uma longa distancia, passando-o a mais alguém que surgir, no futuro – para a RENOVAÇÃO. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 41)

A última página que Lacerda insere na apresentação de seu livro, antes do Prefácio, é uma citação de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), suíço, escritor, teórico político e filósofo iluminista. Este escreveu em 1762, uma de suas grandes obras, intitulada *O contrato social*, em que propõe uma organização da sociedade civil.

No mesmo ano, Rousseau escreveu a obra *Émile*, uma utopia pedagógica, de onde a autora de *Renovação* retira o seguinte escrito:

Que si je prends quelque'ois le ton affirmatif, ce r'est po'nt pour em imposr au lecteur; c'est pour lui parler comme je pense. Pourquoi proposerais-je par forme de doute ce don', quant à moi, je ne doute point? Je dis exactement ce qui se passe dans mon esprit^{114,115}. (ROUSSEAU apud LACERDA, 2015, p. 45)¹¹⁶.

A divisão do livro feita pela autora contém um prefácio, seis capítulos, 32 subtítulos e uma nota ao final. Neste prefácio, Lacerda fala sobre as razões que a levaram a escrever esse livro: o fascínio e a relevância da educação que liberta e faz pensar criticamente. Apresenta o problema fulcral na sociedade de sua época, que nega às mulheres o acesso à educação e sua aproximação com o pensamento

¹¹⁴ “E se por vezes adoto o tom afirmativo, não é para influir no espírito do leitor e sim para-lhe falar como penso. Por que proporia em forma dubitativa aquilo de que pessoalmente não duvido? Digo exatamente o que se passa no meu espírito” (Tradução de Sérgio Milliet).

¹¹⁵ Interessante lembrar que todas as citações de autores estrangeiros mantêm a língua original do autor. Ela não faz sua tradução.

¹¹⁶ *Emílio ou da educação* é a quarta obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau, escrita em 1762. É “um tratado filosófico que apresenta como argumento central a possibilidade de uma educação que segue os caminhos da natureza, preservando o educando ao máximo do contato com o meio social” (AGUIAR, 2019). O Parlamento de Paris condenou sua obra e as edições do livro foram queimadas em praça pública.

libertário. Citando vários pensadores importantes dessa e de outras épocas, ela diz o quanto devemos nos instruir:

Precisamos, antes de tudo, aclarar o nosso entendimento.
Falta-nos a instrução. A mulher continua ignorando. Não temos literatura feminina.
A brasileira não lê.
E é preciso que ella saiba que o homem não a libertará e: “*só a mulher libertada pode libertar o homem*” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 52).

Os títulos dos seis capítulos e subtítulos são:

- Feminismo: As grosserias femininas e as indelicadezas masculinas, Primeiro movimento feminista no Brasil, Brasileiras celebres e O feminismo não desvia a mulher do lar;
- O sufrágio feminino: Razão do voto para a mulher, Ligeiro historico do voto feminino, O voto feminino em Portugal, O voto feminino no Brasil, e o Projeto Mauricio de Lacerda^{117,118};
- A religião: Liga fraternista internacional e O primeiro congresso de religiões no Brasil;
- Solidariedade: A infancia abandonada, Philanthropia, Maternidade, Legislação operaria: O trabalho das mulheres – projeto Mauricio de Lacerda, Policiamento de costumes, Hygiene, Guerra ao alcool, ao fumo,

¹¹⁷ Maurício de Paiva Lacerda (1888-1959), filho de político. Seu pai, Eurico Gonçalves Lacerda, foi deputado, ministro da Indústria e do Supremo Tribunal Federal; seus irmãos Fernando e Paulo Lacerda foram líderes do Partido Comunista Brasileiro. Fez faculdade de Direito (1905-1909), eleito deputado federal por duas vezes, estimulou os movimentos grevistas e operários, participando da fundação da Liga Socialista. Apoiou as revoltas de 1922 e 1924. A partir de 1935, afastou-se do poder, assinando o manifesto da Aliança Nacional Libertadora.

¹¹⁸ Projeto Maurício Lacerda foi uma proposta apresentada ao Congresso Nacional de alteração da Lei nº 3.139, de 2 de agosto de 1916 (prescreve sobre quem pode votar). O deputado federal solicita a inclusão das mulheres maiores de 21 anos, letradas e de todos os trabalhadores, independentemente de comprovação de renda, dizendo que todos têm direito ao voto pela Constituição.

à morfina, à cocaína, a tudo que é vício, a tudo que degrada e avilta e mata, A hereditariedade, Guerra ao jogo e A criança e o cinematographo;

- Seduções: A causa da prostituição voluntaria é a miseria, Protecção masculina, Questões sociaes, A virtude feminina não é mérito porque é devêr, Sentimentalismos... e Suicidio;
- Educação Nova: Maria Montessori¹¹⁹, Melindrosas¹²⁰ e almofadinhas, O ensino das linguas, Le Bon¹²¹ e o socialismo, Ferrer e a escola racionalista.

¹¹⁹ Maria Montessori foi a criadora do sistema de educação que leva seu nome. Nasceu em 1870, na Itália e faleceu em 1952. Descendente de família nobre, o pai foi um militar do Partido Liberal. Ela teve a oportunidade de estudar nas melhores escolas, chegou a ser a única mulher na escola de Medicina (OBREGÓN, 2006). “A proposta educacional desenvolvida por Montessori para o pré-escolar fundava-se sobre a educação dos sentidos. Considerou que a educação dos sentidos tinha enorme importância pedagógica e que seria a base necessária ao pleno desenvolvimento biológico do indivíduo, sobre o qual se edificaria sua adaptação social” (LANCILLOTTI, 2010, p. 168).

¹²⁰ Na passagem do século, a preocupação em definir a condição e o lugar da mulher marcou o debate tanto das feministas e escritoras empenhadas na luta pelos direitos femininos quanto dos médicos e homens cultos das elites dominantes preocupados em ordenar a vida social. Mulheres das camadas médias e da aristocracia cafeeira, como a fundadora *d'A Mensageira*, “revista literária dedicada à mulher brasileira”, ou a conhecida escritora campineira Júlia Lopes de Almeida, de um lado, ou operárias anarquistas, de outro, colocaram em questão o lugar tradicionalmente designado à mulher, reivindicando o direito à educação, ao trabalho e à participação no mundo público em igualdade de condições com os homens. Extremamente críticas do passado, as feministas liberais observavam que, mesmo com o crescimento urbano, a modernização da vida social e a transformação da vida sedentária da grande propriedade rural, as mulheres não passavam a dar mais valor à educação. A grande maioria desconhecia suas potencialidades e era formada de modo a valorizar apenas aspectos supérfluos e exteriores de sua personalidade, como a aparência física, o gosto do luxo e das “frivolidades” e a capacidade de sedução. Na verdade, criticavam o fato de que a sinhá-moça do passado fora substituída pela mulher fútil, envolvida com o mundo do consumo e das mercadorias, a exemplo da “melindrosa” (RAGO, 1996, p. 19-20).

¹²¹ Gustave Le Bon (1841-1931), psicólogo social e sociólogo francês. Autor muito citado por Sigmund Freud, “criou a idéia de uma profunda cisão entre o fenômeno individual e uma psicologia coletiva” (MELLO NETO, 2000, p. 149). “Le Bon fala em ‘duas psicologias’. Contudo, a psicologia das multidões (*foules*) e a do indivíduo, para esse autor, aparecem postas em relação como que por um abismo. O autor não escreve uma obra dedicada ao que hoje conhecemos por Psicologia Social – essa expressão não é utilizada jamais em seu texto – mas propõe e apresenta como imperiosa uma psicologia das multidões. Essa urgência aparece ligada a uma motivação bastante clara: até aqui, diz Le Bon, ‘as civilizações foram criadas e guiadas por uma pequena aristocracia intelectual, jamais pelas multidões. Essas últimas não têm potência senão para destruir’ (1895/1995). De forma que, ‘O conhecimento da psicologia das multidões constitui o recurso do homem de Estado que quer, não as governar – isso se tornou hoje muito difícil – mas ao menos não ser excessivamente governado por elas’” (LE BON apud MELLO NETO, 2000, p. 149).

Olhando para o modo como o livro se estrutura, é interessante notar que a autora sistematiza por capítulo questões centrais e que a levam a pensar a condição feminina: a condição rudimentar da mulher sem instrução e o abuso de poder masculino que se efetiva por tal condição e que restringe ao lar sua posição social, o sufrágio para mulheres letradas bem como os determinantes centrais deste estado de coisas, a religião, a miséria, o abandono, a maternidade (controle do corpo), as seduções... Por último, fechando o livro, há um capítulo sobre a educação como possibilidade de emancipação e libertação. Provavelmente é a consolidação e a síntese da autora, a partir de seus estudos e ideias, de uma rica elaboração que faz sobre os modos de produzir a vida em sociedade e a subjugação de uns sobre os outros, bem como a possibilidade de transformação pelas brechas e contradições do movimento que é próprio de toda organização social. Nada é por acaso na escrita. Tudo está sempre marcado pelo lugar do qual falamos (Lacerda pôde estudar, se instruir, ler muitas obras, conhecer intelectuais que faziam eco às suas ideias, sentir na carne sua condição de mulher), pelo modo como falamos e que efeitos de sentido buscamos provocar.

Sobre esse último aspecto, dos efeitos de sentidos, é interessante notar que o que Lacerda anuncia é recorrente hoje. Movimentos sociais e a mídia mostram a todo momento situações que nos fazem sentir “uma volta ao passado”. Conforme aponta Mortatti (2000), uma das características importantes da análise de configuração textual é a possibilidade de superação e transformação das amarras sociais, pelo desvencilhamento dos resíduos do passado a partir de sua compreensão. Essa é a grande contribuição trazida pela revisitação da obra de Lacerda. Ela permite captar as diferenças e semelhanças, a continuidade e a descontinuidade entre o passado e o presente (as rupturas entre o hegemônico e

o contra-hegemônico), “permitindo a apreensão de uma unidade preta de um sentido particular” (p. 27). É possível reconhecer e interrogar a obra *Renovação*, “saturada de agoras” (MORTATTI, 2000, p. 31). Pode-se “produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses” (MORTATTI, 2000, p. 31).

4.1 A apresentação dos editores

Na edição de 2015, a apresentação do livro foi feita por seus organizadores. Eles discorrem sobre o contexto histórico da vida de Maria Lacerda de Moura, destacando o anarquismo e a educação. Explicam que entre os anos 1920 e 1930, tentou-se apagar da história a participação do pensamento libertário e da ação anarquista junto aos operários, com repressão violenta, expulsões e deportações. Nesse cenário, surge Maria Lacerda de Moura, com críticas ao autoritarismo e à moral burguesa e denúncias da opressão da mulher.

Como professora, critica o ensino vigente motivada pelas leituras da pedagogia libertária de Francisco Ferrer i Guardia, Paul Robin¹²² e Sébastian Faure, defendendo uma “educação racional, universal e independente do Estado e da Igreja” (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 8). Em seus escritos, sua linguagem é reconhecida pela retórica, insubmissão e denúncia, características dos anarquistas brasileiros. Em 1918, escreve *Em torno da educação* e, em 1919,

¹²² Paul Robin (1837-1912), pedagogo anarquista francês, difusor do neomalthusianismo. Participou ativamente da Associação Internacional dos Trabalhadores, na década de 1860, tendo se aliado a Bakunin contra Marx. Colaborou com o L’Egalité, da AIT, até 1870, quando foram expulsos os partidários de Bakunin pelo conselho geral dominado por Marx. Suas ideias sobre a educação influenciaram Francisco Ferrer y Guardia e Sébastian Faure (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 7).

Renovação, em que critica o capitalismo, reverencia a autoemancipação feminina e a revolução mundial.

Neste texto, os organizadores desta edição literalmente apresentam o livro *Renovação* desde seu início, quando Lacerda explica a razão do livro. Dizem eles que essa é a maneira de a escritora escrever um prefácio, quando ela fala do prazer e da importância de se ler, do culto ao amor e da solidariedade para com os desvalidos.

Enquanto trazem várias citações do próprio livro, eles dizem ser evidente a influência de Charles Albert¹²³ na temática do amor livre. Nesse momento, além das questões das normas sociais, ela questiona o estigma da prostituição e afirma a educação nova como a ferramenta para a renovação, revelando o possível sentido que justifique a escolha do nome do livro.

A partir da página 13 da apresentação até à página 34 (incluindo a bibliografia), os organizadores desta segunda edição continuam falando sobre a vida dessa mulher revolucionária após a primeira edição do livro, em 1919.

Com a sua ida para São Paulo, Lacerda participou ativamente das discussões e ideias do movimento anarquista na imprensa, no teatro social, em recitais de poesia e muitas leituras, por meio das quais fortaleceu sua luta pela emancipação feminina. Ela começou a fazer conferências em vários espaços, centros culturais, associações de operários, sindicatos, sobre seus escritos e leituras, por meio dos quais os trabalhadores haviam criado locais de conhecimento dos valores de uma sociedade livre do controle do Estado, objetivando a emancipação social.

¹²³ Pseudônimo de Carles Daudet (1869-1957), anarquista e maçom francês. Seu livro *L'amour libre* (1899) alcançou larga divulgação na França e em outros países (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 12).

Em 1923, realizou uma conferência na União dos Trabalhadores Graphics sobre “A mulher hodierna¹²⁴ e o seu papel na sociedade actual e na formação da civilização”. No mesmo ano, editou a revista *Renascença* e, em 1924, fez uma conferência sobre o livro *A mulher é uma degenerada*, em que rebate os argumentos preconceituosos da médica Gina Lombroso¹²⁵.

Nessa época, aproximou-se de Isabel Cerruti, Maria Antonia, Maria Angelina Soares, Matilde Magrassi, Tibi, Josefina Stefani, todas anarquistas ativas na imprensa brasileira¹²⁶. Além disso, participou da Federação Internacional Feminina.

São quatro os livros de Lacerda em que ela critica *a moral sexual e a condição feminina na sociedade burguesa* (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 20): *A mulher é uma degenerada* (1924), *A religião do amor e da beleza* (1926), *Amai... e não vos multipliqueis* (1932) e *Han Ryner e o amor plural* (1933).

Seu ponto de vista libertário e individualista, compreendido como o respeito ao indivíduo, levou Lacerda a palestrar na Argentina (1929), a ter edições suas em revistas neste país (1930 / 1935) e na Espanha (1936).

¹²⁴ Hodierna – Relativo ao dia de hoje, moderno, recente (HODIERNA, 1981, p. 573).

¹²⁵ Gina Elena Zefora Lombroso (1872-1944), graduada em Letras e Medicina, ajudante do pai Cesare Lombroso (1835-1919), criminologista italiano, o qual tentou relacionar características físicas à psicopatologia criminal. “É interessante [...] observar que esse mesmo ‘modelo de mulher’ latina, proposto por Gina, correspondia exatamente àquele almejado para a mulher portuguesa. [...] Em um contexto no qual 75% da população portuguesa era analfabeta, acreditava que tal intelectualidade proporcionaria maior engajamento da mulher lusitana como cerne da família, como educadora e como zeladora da boa moral e dos bons costumes” (MULLER, 2010, p. 235).

¹²⁶ No Brasil, já se tornou bastante conhecido o nome de Maria Lacerda de Moura, militante feminista e anarquista, autora de inúmeros livros, ao lado de muitas militantes anarquistas menos famosas, como Matilde Magrassi, colaboradora dos jornais *Terra Livre* e *O Amigo do Povo*; Isabel Cerruti, colaboradora de *A Plebe*, Josefina Stefani, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Maria de Oliveira, Tibi, ativas militantes do meio operário (RAGO, 1997, p. 284).

Lacerda questionou o saber médico sobre a subordinação da mulher, (como o de Miguel Bombarda¹²⁷) e apresentou seu pensamento neomalthusiano¹²⁸ ao falar da greve dos ventres, “que fazia dos filhos das mulheres proletárias futuros escravos da civilização industrial” (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 21).

Para ela, a falta de educação, instrução e coeducação é que levava as mulheres à subordinação. Ela criticava o conservadorismo na educação e os papéis tradicionais (mãe, esposa e dona de casa) da sociedade. Diferenciava o feminismo de conquista de espaços e leis do verdadeiro feminismo, o da mudança de costumes, afirmando que o sufrágio feminino era um grande engodo.

As assimetrias na relação masculino / feminino são analisadas por Maria Lacerda de Moura como desdobramentos da exploração capitalista, abrindo espaço para se pensar a emancipação feminina no sentido relacional, numa abordagem da dimensão de gênero próxima a que hoje se adota. A libertária recusava pensar a liberdade da mulher contra o homem. A busca pela felicidade de homens e mulheres levaria à construção de uma sociedade em que a valorização da liberdade individual seria a marca. (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 24).

Afirmava um feminismo anarquista, em que a emancipação feminina seria a emancipação de mulheres e homens, com uma nova moral, advinda da coeducação. Discutia também “temas da maternidade consciente, do conhecimento do corpo, da livre escolha amorosa, da crítica ao casamento

¹²⁷ Miguel Augusto Bombarda (1851-1910), médico neurologista, alienista da teoria da degenerescência mental, ideólogo do Partido Republicano, positivista, ateu, assassinado em 1910 por um doente mental do Hospital de Rilhafoles, primeiro hospital psiquiátrico de Portugal, onde foi diretor. “Considerava os religiosos, religiosas e outras mulheres piedosas e os jesuítas de forma peculiar, afectados de doença mental, degenerados e seres perigosos no viver social” (GAMEIRO, 2011, p. 113).

¹²⁸ Os neomalthusianos “defendiam a estabilidade populacional não pelo aumento das taxas de mortalidade, mas, sim, pela redução das taxas de fecundidade. Consideravam que a redução do ritmo de crescimento da população seria essencial para o *take off* (decolagem) do desenvolvimento, pois não poderia haver incremento da renda *per capita* sem a redução do ritmo de crescimento do denominador da equação e sem a diminuição do ônus da razão de dependência dos jovens (ALVES, 2014, p. 221).

enquanto contrato econômico, dos padrões da família burguesa” (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 25).

Lacerda declarou a luta contra o fascismo, com as palavras *individualismo* e *pacifismo* e denunciou seu crescimento na Itália e no Brasil. Nesse período, publicou vários livros que tratavam dessa temática: *Civilização – tronco de escravos* (1931), *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!* (1933), *Clero e fascismo – horda de embrutecedores* e *Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital* (1934).

Sua concepção anarquista individualista fez com que participasse da comunidade anarquista individualista em Guararema (SP), junto com outros *objetores de consciência*¹²⁹ italianos, franceses e portugueses, comunidade que, em 1937, foi invadida pela polícia do Estado Novo. Muitos de seus membros foram presos e outros, deportados. Lacerda voltou para a família em Barbacena, mas depois foi para Rio de Janeiro, onde se dedicou a estudar astrologia. Em 1944, fez sua última conferência e morreu em 1945, aos 58 anos.

4.2 Prefácio – Maria Lacerda de Moura

Ao término da apresentação da segunda edição do livro *Renovação*, em 2015, inicia-se o texto da primeira edição da própria autora, em 1919. Antes de começar o próprio livro com suas temáticas (algumas de suas páginas já foram aqui apresentadas), seguem-se: a capa com a citação de Guerra Junqueiro, algumas

¹²⁹ A objeção de consciência diz respeito à recusa, motivada por razões ético-morais, em obedecer à lei ou alguma obrigatoriedade que o indivíduo considere iníqua. No âmbito do antimilitarismo e do pacifismo, a objeção de consciência geralmente se expressa na recusa ao serviço militar obrigatório. A noção, entretanto, pode ser empregada de maneira mais ampla, inspirada no posicionamento do indivíduo livre diante de estruturas opressivas de qualquer espécie (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ, 2015, p. 30).

páginas com nomes de livros da autora, uma foto sua, uma dedicatória à sua mãe, a seus filhos adotivos, às moças em geral, uma referência à coeducação (razão principal do livro) e uma citação de Rousseau. A partir daí começa seu prefácio, escrito em outubro de 1918, data que ela mesma coloca ao final do texto.

Nossa autora fala do quanto a educação é importante para a autoemancipação da mulher. Inicia, então, contando um pouco sobre sua própria história e do quanto, a cada leitura, conhecia melhor o mundo e entendia melhor as coisas. Diz que um livro levava a outro e ela se maravilhava e pensava nas outras mulheres que não sabiam ler ou que, por algum motivo, não tinham acesso a tais leituras. Sentiu a necessidade, então, de compartilhar isso com todas as mulheres de seu País. Por isso escreveu esse livro.

Cita, então, os autores que já tinha lido: Rousseau, Platão¹³⁰, Spencer, Guerra Junqueiro, Tolstoi, Kropotkine, Goethe¹³¹, Sócrates¹³², Marco Aurelio¹³³ e

¹³⁰ Platão de Colito (427 a 347 a.n.e.; utilizo *antes da nossa era* no lugar de *antes de Cristo*, por uma questão de congruência para com a autora, que era anticlerical) era um cidadão ateniense e foi discípulo de Sócrates. Escreveu inúmeras cartas e diálogos. Algumas de suas obras mais conhecidas são: *A República*, *Apologia a Sócrates*, *O Banquete*, *Parmênides*, *Sofistas*, *Políticos* e *A alegoria da caverna*, uma metáfora da condição humana (SOUZA NETTO, 1982).

¹³¹ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), escritor, poeta alemão, cursou Direito, mas também se interessou pelas investigações científicas, tanto da anatomia humana como da natureza, assim como por estudos alquímicos e herméticos. Para ele, “nem a arte nem a natureza têm finalidade, um objetivo; os produtos da arte e da natureza são e existem independentes da finalidade que os homens impõem a eles” (KESTLER, 2006, p. 46). A obra de Goethe é vasta. Destacaremos algumas. No gênero dramático, *Fausto I e II*; entre os romances e novelas, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*; entre as épicas, *Hermann e Doroteia*; entre os poemas, *O aprendiz de feiticeiro*; entre os escritos científicos, a “*Teoria das Cores*”. Há também prosas autobiográficas.

¹³² Sócrates (470-399 a.n.e.), “filósofo grego nascido em Atenas. Foi um dos primeiros filósofos a preconizar uma escala de valores baseada na razão e a colocar a virtude como uma das metas da vida do homem. Nada escreveu; tudo que sabemos dele está nos textos de Platão, Xenofonte (soldado e escritor ateniense 428-354 a.n.e.) e Aristófanes (poeta ateniense 384-322 a.n.e.)” (RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 236)

¹³³ Marcus Aurelius (121-180), imperador romano; sua obra gira ao redor dos valores morais estoicos; utilizou a filosofia da fonte para seu governo. “A razão seria com toda certeza mais importante do que o corpo e a respiração. Ela não poderia ser entregue ao desdém, deveria ser cuidada, não deveria ser escrava do egoísmo e nem temerosa perante os acontecimentos do futuro [...] Segundo ele, as pessoas deveriam se apressar na busca do conhecimento e pela reflexão” (ONESKO; VENTURINI, 2015, p. 7).

Pestalozzi¹³⁴ (esta citação pode ser encontrada na íntegra no Capítulo 4 destes escritos). Fala sobre as críticas positivas em relação a seu primeiro trabalho *Em torno da Educação* e sua aproximação aos anarquistas, observando os pontos vulneráveis. Sobre as possíveis críticas negativas e contradições, diz que responde como Vitor Hugo¹³⁵: *j'ai grandi!*¹³⁶ (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 49).

Destaca o fato de que todos os seres evoluem. Os pássaros trocam de penas, as células se substituem, as árvores perdem suas folhas e renascem:

Os grandes da intelligencia, os sabios, os philosophos, os moralistas cultivam a arvore do saber.
 E ella cresce por seu influxo e após, enfeitam-na, alargam a sua copa e que facilita sombra aos cultivadores de letras.
 Outros, – os artistas, os poetas – cobrem-na de flores.
 Os realistas, os práticos da intelligencia, os philanthropos, os bons, os uteis – fazem multiplicar os fructos.
 Em todas as estações alguem ajunta àquelle quadro – uma folha, um rebento, um fructo ou uma flôr.
 E há tambem quem lhe tente cortar os galhos...
 E apparecem monstruosidades, flores prematuras, fructos temporões e até mesmo os histriões, as imitações ou o mimismo dos sabios.
 E a obra cresce à medida que novas florescencias e novos rebentos nascem dos velhos.
 Tudo se vae transformando, augmentando até que, de muito gasta e cançada, a velha arvore secca, dando um resto de seiva para nutrir uma raiz da qual, mais adeante vae surgir nova arvore que, em pouco, torna-se-á frondosa, cheia de viço, frescura, mocidade e vigor.

¹³⁴ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), educador suíço, fundou vários institutos educacionais sempre primando pela justiça social; por meio de seu trabalho e de seus escritos, veio a criar o método educacional que hoje leva seu nome. “Por acreditar que a educação é a única maneira de despertar e aperfeiçoar o homem, Pestalozzi pregava que, sem ela, não seria possível libertar o povo da miséria e das condições sociais precárias. Assim, um povo não instruído não teria condições de participar numa democracia e, por isso, a democracia jamais existiria, já que nela o povo é sempre soberano” (SIQUEIRA, 2012, p. 88-89).

¹³⁵ Vitor Hugo, francês nascido em Besançon (França) no ano de 1802, morreu em Paris (França) em 1885. “Além de poeta, romancista, dramaturgo e teorizador do Romantismo, participou dos grandes debates políticos de seu século, tornando-se, no final da vida, o poeta oficial da República. É um autor popular, não só por suas ideias sociais, mas também pelos grandes sentimentos humanos que exprimiu ao longo de sua obra” (JORGE, 2002, p. 61). Algumas de suas obras: *Notre Dame* (1831), *Lucrecia Borgia* (1833), *Os miseráveis* (1862), *O homem que ri* (1869) e muitas outras.

¹³⁶ *J'ai grandi*, do francês, quer dizer “Eu cresci”.

Assim a vida, assim a arte, a sciencia, a philosophia... (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 50).

Nesta citação é possível perceber de forma poética sua reverência ao saber e às transformações que ele faz em cada um dos seres humanos e na sociedade. Ao mesmo tempo, rebate as críticas feitas a ela por suas contradições, que para ela são mudanças naturais da evolução do pensamento. Ressalta, igualmente, o que significa estar alijado do saber, quando “aparecem monstruosidades, flores prematuras, fructos temporões e até mesmo os histriões, as imitações ou o mimismo dos sábios”.

Ela continua seu o texto falando sobre a vontade do saber, da inteligência, o primado de Kant¹³⁷. Depois menciona Shopenhauer¹³⁸ e diz “que o intellecto fornece a musica, porém é a vontade que faz a dança” (LACERDA DE

¹³⁷ Immanuel Kant (1724-1804), filósofo prussiano, considerado um dos principais nomes da filosofia moderna (epistemologia e racionalismo). Segundo ele, na consciência de si, o homem se “vê cindido entre razão e sensibilidade. O homem fica diante de uma encruzilhada quando sua vontade tem de decidir se se determina conforme as exigências da razão ou se se deixa conduzir pelas solicitações da sensibilidade. [...] Uma ação moral depende de que a lei constitua o fundamento determinante da vontade, e isso requer que a vontade se determine exclusivamente pela razão e produza uma ação totalmente desprovida de interesse empírico, como, por exemplo, a satisfação dos desejos sensíveis. [...] o caminho para a moralidade implica renúncia aos prazeres sensíveis e a toda ação que possa ser motivada pela sensibilidade. A escolha pela lei na determinação da vontade requer a coerção pela razão dos impulsos sensíveis, e as ações efetuadas por essa vontade, para que possam ter valor moral, têm de ser realizadas exclusivamente por dever. O dever pode ser definido como a obrigação de todo ente racional de agir conforme a lei moral, isto é, conforme a representação pura e simples da lei. O homem tem por obrigação seguir a lei” (SOUZA, Hélio José dos Santos, 2009, p. 132-133).

¹³⁸ Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão. “Para Schopenhauer, não há como as ciências prosperarem sem a filosofia, ainda mais em um tema como o da morte e do amor, que possui implicações que vão além do campo dos fenômenos. Por outro lado, a filosofia necessita das ciências porque estas esclarecem as relações entre os fenômenos, dando clareza empírica. [...] Frisa que a ciência, com suas explicações mecanicistas sobre as relações de causa e efeito, não consegue explicar as forças primeiras e está sempre presa ao princípio de razão, portanto não consegue alcançar a essência do mundo. Todavia, para o filósofo era necessário não se recuar frente a isto, mas sim absorver os resultados das ciências naturais” (BREDA, 2012, p. 80).

MOURA, 2015, p. 50). A seguir, menciona o super-homem de Nietzsche¹³⁹, de onde Farias Brito¹⁴⁰ deduz seu pessimismo e registra o imperialismo de Seilliere¹⁴¹.

Ela se contrapõe a estes autores com Du Bois¹⁴², recordando que sem “clarividência da moral” a vontade é inconsciente. Coloca “a *faculdade de compreensão* acima da vontade dizendo que, sendo a vontade *um poder cego*, faz-nos agir segundo as ordens do entendimento” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 51). Destaca também Sollier¹⁴³, que acha o primado da vontade um absurdo.

¹³⁹ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), filósofo prussiano. Escreveu diversas obras, dentre elas *O super-homem*: “As almas humanas dividiam-se, para Nietzsche, em duas espécies, as almas senhoriais e as almas servis. As almas senhoriais possuem o poder da vontade e sabem afirmar-se com pujança. Sabem o que querem e sabem querer. Aliam plenamente as duas forças, a moral e a intelectual. Com esses atributos estão aptas a vencer. Os super-homens só podem sair de entre as almas senhoriais. Já as almas servis apresentam uma outra mentalidade” (MUNIZ, 2015, p. 150).

¹⁴⁰ Raimundo de Farias Brito (1862-1917), escritor e filósofo brasileiro. “As ideias dominantes da obra de Farias Brito articulam-se em torno de três temas fundamentais: a) a concepção da natureza da filosofia e suas relações com a Ciência. É um problema epistemológico, na linha do criticismo e da moderna filosofia das ciências; b) a intuição do tecido mesmo da realidade, com a revelação do absoluto por dois aspectos complementares – a luz, na ordem objetiva, e a consciência, no domínio subjetivo. É o núcleo propriamente ontológico de suas reflexões; c) a tentativa de fundar em novas bases o comportamento do homem no seio do universo, fazendo-o decorrer do princípio da verdade, para comandar o aperfeiçoamento individual e social. É a parte ética e mesmo religiosa desse esforço tocante de um obscuro brasileiro, que escolheu a via da contemplação metafísica para realizar o seu destino na passagem pelo mundo” (BARRETO FILHO, 2006, p. 18).

¹⁴¹ Ernest Seilliere (1866-1955), escritor, jornalista e crítico francês. Este autor tem vários escritos e críticas, principalmente referentes a Jean-Jacques Rousseau e é considerado um contrarrevolucionário: “defende a ordem e a hierarquia, porque para ele, o homem é ruim”. Lembra que “o cristianismo racional atribui a uma tentação antissocial a responsabilidade de impulsos apaixonados”. O homem tem sido governado, desde suas origens, por “uma vontade de poder, bárbaro, furioso, inimigo da sociedade humana. Ele castiga o otimismo político que afirma a bondade original do homem” (PELLERIN, 2015, p. 142).

¹⁴² William Edward Burghardt Du Bois foi um sociólogo, historiador, ativista, autor e editor estadunidense. “O racismo foi sempre o alvo principal das críticas de Du Bois, sendo que ele sempre denunciava os linchamentos de negros, as leis de Jim Crow e a discriminação na educação e no emprego em seus escritos. [...] Ele escreveu o primeiro tratado científico no campo da sociologia e publicou três autobiografias, cada uma contendo ensaios perspicazes sobre sociologia, política e história” (W. E. B. DU BOIS, 2009). A Lei dos Direitos Civis, que incorporava muitas das reformas que Du Bois defendeu em toda sua vida, foi promulgada um ano após sua morte.

¹⁴³ Paul Sollier (1861-1933) foi psiquiatra, discípulo de Jean-Martin Charcot (1825-1893), fundador da neurologia moderna. Sollier é considerado o criador da ergonomia. “Em 1925, Paul Sollier cria em Bruxelas a Ecole d’Ergologie ligada ao Institut des Hautes Etudes de Belgique. Em 1931, o termo Ergologia aparece pela primeira vez no jornal *Bulletin Ergologique du Comité National Belge de l’Organisation du Travail*” (CAMPOS, 2016, p. 76).

Lacerda traz os pensadores que leu e discute com eles sobre a essência da vontade, dizendo que a razão deve guiar a vontade e que a vontade pode e deve ser educada. Nesse sentido, ela diz:

É efeito e não causa.

Sem duvida a vontade precisa agir, sem duvida devemos desenvolver em nós a acção, a energia, o esforço, o desejo de progresso, a individualidade ou personalidade emfim.

Nada disso se consegue conscientemente ou não seremos senão voluntariosos, autoritarios enquanto não tivermos clarividencia moral.

É necessario agir, é preciso querer, porém, que é que devemos querer pergunta o nosso entendimento ou a nossa consciencia, na accepção empregada por Binet.

A razão deve guiar a vontade e a razão está no entendimento e não na propria acção. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 51-52).

Ao final desse texto a autora fala, diante do exposto acima, sobre a importância de a mulher entender e ocupar seu lugar na sociedade e junto aos homens, não só nas dores, nos sacrifícios e no altruísmo, mas também nos direitos e nas alegrias. A mulher deve se libertar, pois o homem, que por si só também não tem liberdade, não se lembrará de libertar a mulher.

4.3 O feminismo em Maria Lacerda de Moura

O primeiro título do livro *Renovação é Feminismo*. Ele se inicia com uma epígrafe do já citado anarco-comunista Kropotkine, que diz:

Emancipar a mulher não é abrir-lhe as portas da universidade, do fôro e do parlamento, que afinal é sempre para uma outra mulher que a mulher emancipada allija os serviços domesticos.

Emancipar a mulher é subtrai-la ao trabalho embrutecedor da cozinha e da lavanderia; é estabelecer uma organização que lhe

permitta alimentar e educar os filhos, como lhe parecer, dispondo de tempo suficiente para colaborar na vida social (KROPOTKINE apud LACERDA, 2015, p. 57).

É interessante tentar imaginar por que Lacerda escolheu esta epígrafe para o início do primeiro título de seu livro. Durante a leitura podemos verificar o quanto ela tem coerência com o pensamento da autora, quando diz que não basta o feminismo de votos e de direitos enquanto não se mudarem os costumes, os quais se perpetuam provocando as bandeiras de luta ainda levantadas nos dias de hoje.

Outro exercício seria tentar descobrir em quais dos livros deste intelectual revolucionário estão essas palavras; infelizmente, isso não foi possível diante do tempo que tínhamos para estudo. Em uma rápida tentativa de encontrar este suposto livro, deparamo-nos com o trabalho de Wallace dos Santos de Moraes, professor do Departamento de Ciência Política da UFRJ sobre a teoria política de Kropotkine. Encontramos duas menções que ele faz à mulher, uma no livro *Palavras de um revoltado*¹⁴⁴, uma série de artigos publicados no período de 1879 a 1882 e publicados no Brasil em 2005, e outra em *A conquista do pão*¹⁴⁵, também uma junção de artigos de 1842 a 1921, com uma edição brasileira datada de 1953. Os dois livros podem ser encontrados em PDF na internet.

Maria Lacerda de Moura inicia seu capítulo sobre o feminismo explicando que é uma palavra para designar as reivindicações dos direitos das mulheres, mas que para a sociedade da época (e, digamos, para muitos da sociedade de hoje), o feminismo é visto como inimigo do homem, do casamento,

¹⁴⁴ <http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2014/03/Palavras-de-um-Revoltado-de-Piotr-Kropotkin.pdf>.

¹⁴⁵ http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/conquestPort.pdf.

da moral e dos bons costumes, ou seja, o feminismo é o inimigo da sociedade¹⁴⁶.
Vejam os por quê.

Um das primeiras questões que ela traz é o fato de que, por meio do feminismo, da emancipação da mulher e de sua conseqüente instrução, a ela se tornará conhecedora de seus direitos. Então os homens não poderão mais impor suas exigências autoritárias. Nesse momento, ela comenta que “cada homem tem uma partícula de Augusto Comte” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 58).

Os homens têm receio das esposas feministas: esquecem-se de que nem todos os homens instruídos são jornalistas, nem todos fazem versos, nem todos sentem a necessidade de publicar livro. O mesmo dar-se-á com as mulheres.

Esquecem-se também de que a mulher, como o homem, da adolescência até a idade madura cresce, transforma-se em corpo, em inteligência, em aspirações (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 58).

A forma da escrita de Lacerda é como um diálogo franco e elucidativo com o leitor – no caso do objetivo do livro, a leitora. Ela discorre sobre as imposições relativas ao casamento e a falta de instrução feminina ao mesmo tempo que denuncia uma sociedade moralista e hipócrita que não aceita mudanças, uma sociedade imoral e corrompida. Para exemplificar, conta o caso de uma amiga que, quando não estava com vontade das carícias do marido, exigia em troca presentes e dinheiro. Assim, ela questiona a falta de educação e princípios racionais que transformam mulheres em cortesãs¹⁴⁷. Conta também sobre outra amiga a quem marido chama abertamente de infiel, e a chama de indigna por assim o aceitar.

¹⁴⁶ Durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil, muitas notícias falsas apareceram na internet, dentre elas a mencionada no *link* abaixo, que procurou esclarecer a questão. <https://www.boatos.org/politica/feministas-igreja-defecam-sexo-protesto.html>.

¹⁴⁷ Cortesã – mulher dissoluta, que vive luxuosamente (CORTESÃ, 1981, p. 305).

O feminismo é uma insurreição das mulheres contra o egoísmo dos homens.

É a esforra que irrompe de um somno lethargico secular.

Virá o dia do equilíbrio, e então, os homens dirão com Faguet¹⁴⁸: – Quero uma mulher que não tenha precisão de mim, que me aceite pelo que em mim lhe agrada e que tenha com uma cabeça bem organizada o carácter bastante para me deixar se eu fôr mau.

É um homem que assim pensa, minhas leitoras. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 60).

Ela fala sobre a infidelidade unilateral dos homens sobre as mulheres e da dignidade destas diante da situação que lhes é imposta pela sociedade; se a mulher fosse menos sentimental e trabalhasse, não precisaria ouvir estes insultos diante da infidelidade masculina. As mulheres, diz a autora, questionam-se sobre como ficariam os filhos e seu nome. Com relação a isto, ela diz que são apenas preconceitos e que as mulheres precisam dar-se as mãos para romper o preconceito social e a violência. Segundo ela, muitos homens dizem que as mulheres os amam mais quando são maltratadas. No entanto, diz ela, são esses homens e maridos que têm medo do feminismo.

São maridos dessa ordem que têm medo do feminismo, ou então os commodistas, os egoístas que passeiam, viajam, divertem-se, enganam e voltam amáveis para encontrar o lar em festa, a mesa succulenta e a esposa toda nova, à espera, cheia de saudades.

E dizem que a astúcia é arma do nosso sexo... (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 61).

A cada vez que lemos seu livro, as palavras inteligência e ironia nos vêm à mente para descrever sua revolta com a lógica imposta:

¹⁴⁸ Auguste Émile Faguet (1847-1916), escritor e crítico literário francês, membro da Academia Francesa de Letras.

E a lenda conta que foi Eva a primeira a comer o fructo colhido na arvore da sciencia...

Tenham paciencia! Eu, faço melhor conceito de minha mãe Eva! Ah! Se ella provasse em primeiro lugar...

Minhas leitoras: as lagrimas seccam as aspirações e os pensamentos embotam.

Raciocinar é uma necessidade tambem feminina; depende disso o futuro das nossas filhas. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 62).

Assertivamente ela avisa às outras mulheres que não se enganem, que foram, sim, educadas para a subserviência, e para tanto cita Montaigne¹⁴⁹: “nós preparamo-las desde a infância para os enredos do amôr; as suas graças, a sua garradice, a sua sciencia, a sua palavra, toda a sua instrucção não visa outro fim” (MONTAIGNE apud LACERDA, 2015, p. 62).

Essa é a educação reservada às mulheres do início do século XX. Elas deveriam desenvolver a aceitação, de preferência sorrindo, da beleza física e almejar somente um bom casamento e serem mães. Deveriam desenvolver dedicação exclusiva à humanidade, pois esta, segundo a sociedade, nos é inata. É o que nos reservam. Mas em nossa sociedade capitalista, com o crescimento do industrialismo, o homem já não consegue ser ele o único provedor. Mesmo assim, ele quer o salário ou o dote da mulher, ficando ela em situação de sujeição. Mas nossa educadora alerta: “o feminismo irrompe de todos os lados. Força alguma será capaz de conte-lo. É tempo” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 63).

Aqui ela se mostra visionária e revolucionária. Diz que a revolução é uma questão de tempo, e que assim serão as mudanças de costumes, ou seja, será o

¹⁴⁹ Michel Eyquem de Montaigne (1583-1592) “grande pensador do século XVI, talvez mesmo o único no âmbito do pensamento filosófico, que refletiu sobre a descoberta do Novo Mundo e seu impacto no mundo europeu de sua época” (MARCONDES, 2012, p. 423-424). “No geral, a visão feminina apresentada por ele no texto tende a ser bastante misógina e conservadora, seguindo a tradição renascentista, ao afirmar a inadequação da mulher, por exemplo, para os estudos, assim como seu lugar de submissão junto ao marido. Esta visão e o apagamento da mulher é de tal forma comum em seu tempo, que elas apenas são mencionadas em textos (sejam eles sobre política, biologia ou filosofia) referentes ao casamento” (FRANÇA, 2012, p. 450).

advento do entendimento de que a mulher também pode, a mulher também quer. Mas não sem luta, como a própria autora diz e a história o confirma.

A autora inclusive cita Montesquieu¹⁵⁰, quando este fala da importância de um governo conhecer as suas mulheres. Ela emenda dizendo que no Brasil as mulheres estão totalmente alheias às questões políticas. Ela traz sua preocupação pelo fato de não sabermos muitas vezes reclamar nossos direitos porque não os conhecermos.

A feminista conta que muitos homens naquela época lutavam pela emancipação da mulher, nas questões de salários e direitos iguais. Mas essa voz não chegava à maioria das mulheres, pois estamos fechadas em preconceitos, subjugadas pelos dogmas. Nesse sentido, mais uma vez ela fala sobre a falta de acesso da mulher à educação nas universidades, bem como sua ocupação dos espaços de decisão, e pergunta: onde estão as Ruy Barbosa¹⁵¹, as Rodrigues

¹⁵⁰ Charles-Louis de Secondat (1689-1755), Barão de La Brède e de Montesquieu, na França. Conhecido como aquele que, na ciência política, desenvolveu a teoria dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário), estrutura utilizada até os dias de hoje. Contribuiu para o entendimento do conceito da lei científica nas ciências humanas em sua obra *O Espírito das leis* (ALBUQUERQUE, 2011).

¹⁵¹ Ruy Barbosa de Oliveira (1849-1923) fez Direito, participou do partido liberal, onde contribuiu com vários jornais, maçom, abolicionista, promotor, diretor-chefe do Jornal *Diário da Bahia*, combateu o absolutismo da igreja a favor de um Estado livre (laico), preocupado com a educação e uma pedagogia integral (cultura, filosofia, social, político e técnico) e defendeu a criação de um liceu feminino. Foi deputado (1878), participou em 1880 de Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados, da Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior, redigiu o projeto de Reforma Eleitoral, foi primeiro-ministro da primeira República e presidente do Banco do Brasil. No ano de 1893, opõe-se ao governo de Floriano Peixoto, utilizando o Jornal do Brasil como instrumento e acaba tendo que se exilar fora do país, mas continuou sua produção intelectual sobre política e educação (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015).

Alves¹⁵², as Azeredo¹⁵³, as Salles¹⁵⁴, as Penna¹⁵⁵, as Wencesláu Braz¹⁵⁶, as Prado¹⁵⁷, as Luis Guimarães Filho¹⁵⁸, as Andrades, as Lafayette¹⁵⁹, as Sá¹⁶⁰, as Coelho Netto¹⁶¹, as Julia Lopes¹⁶², Clovis Bevilacqua¹⁶³ e tantas e tantos outros?

¹⁵² Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919) fez Direito, foi redator-chefe do jornal *Imprensa Acadêmica*, órgão dos conservadores, maçom, promotor, deputado da província de São Paulo em dois mandatos. No primeiro, defendeu o ensino obrigatório, e no segundo, foi contra o imposto provincial sobre os escravos. No ano de 1885, foi deputado geral e, em 1887, presidente da província de São Paulo. Votou favoravelmente à Lei Áurea, foi conselheiro do Império e colaborador do jornal *O Debate*. Foi ministro da Fazenda no governo de Floriano Peixoto e Prudente de Moraes, sendo Presidente da República em 1902 (RODRIGUES ALVES, 2015).

¹⁵³ A família Azeredo é muito grande e antiga. Seria muito interessante uma pesquisa sobre ela, principalmente em três estados brasileiros (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro). Os Azeredos foram e são muito influentes na política brasileira, tendo representantes dessa família no poder até os dias de hoje no Brasil. Fazendo uma pequena busca, priorizando o período entre 1840 a 1920 (data dos outros políticos e escritores citados), por estado, priorizando Minas Gerais e Rio de Janeiro (estado de maior circulação política de Lacerda), encontramos a possibilidade de que seria um médico do Rio de Janeiro, José Pinto de Azeredo (1766-1810), o qual foi cirurgião-mor do 1º Regimento do Rio de Janeiro e físico-mor em Luanda. Um de seus estudos mais importantes foi sobre a gota (PINTO et al., 2005).

¹⁵⁴ Manuel Ferraz de Campos Sales (1841-1913) foi o quarto presidente da República (1898-1902). “Com Campos Sales a República, além de se rotinizar, impõe algumas inovações bizarras: já não se exigem repúblicas e, muito menos, cidades. Mais vale um deserto oligárquico do que a energia cívica da plebe carioca. Estão criadas, portanto, as bases normativas e as condições políticas do antiurbanismo oligárquico, assim como de sua faina de embelezar e retificar cidades” (LESSA, 2003, p. 95).

¹⁵⁵ Afonso Augusto Moreira Pena (1847-1909), advogado, fundou junto com Rodrigues Alves o periódico *Imprensa Acadêmica*. Como positivista, advogava a separação entre Estado e Igreja. Advogou em defesa dos escravos em Barbacena (MG), concepção que abandonou no futuro, preocupado com o impacto dessas mudanças. Ingressou no Partido Liberal (1874), foi deputado durante três mandatos e ministro em quatro diferentes pastas: Guerra, Agricultura, Comércio e Obras Públicas e Interior e Justiça. Nesta última, pode fazer a reforma do sistema policial e penitenciário. Assumiu o Senado Estadual, a Vice-Presidência e a Presidência da República (VISCARDI, 1988).

¹⁵⁶ Wenceslau Braz Pereira Gomes (1868-1966), advogado, foi presidente do Brasil entre 1914-1918.

¹⁵⁷ Antônio da Silva Prado (1840-1929), político brasileiro, bacharel em Direito, foi deputado geral e senador. “Tornou-se uma das principais figuras do Partido Conservador. Atuou na imprensa e foi proprietário do *Correio Paulistano*” (SILVA PRADO, 1972, p. 5509).

¹⁵⁸ Luís Caetano Pereira Guimarães Filho (1876-1940), filósofo, poeta, Academia de Letras, diplomata representando o Brasil em Tóquio, Pequim, Havana, Berna, Caracas e Madri. De volta ao Brasil em 1917, foi colocado à disposição do Ministério das Relações Exteriores, representando o País em diversas conferências e conselhos internacionais. Membro da Academia de Ciências de Lisboa, Real Academia Espanhola e redator do jornal carioca *Gazeta de Notícias* (LUÍS CAETANO PEREIRA..., [s.d.]).

¹⁵⁹ Lafayette Rodrigues Pereira (1834 – 1917) foi jurista, proprietário rural, advogado, jornalista e político brasileiro (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 25).

¹⁶⁰ “Mem de Sá (1500-1572), administrador colonial português, terceiro governador-geral do Brasil, onde chegou em 1558. Nos primeiros tempos de sua administração, procurou aplacar os conflitos entre colonos e jesuítas provocados pela questão da escravização dos índios. Com o auxílio dos padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, tratou de pacificar os indígenas revoltados em diversas capitâneas. No entanto, seu empreendimento mais importante foi a expulsão dos franceses” (SÁ, 1977, p. 1106).

¹⁶¹ Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), escritor, professor, político, membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu, *Contos pátrios* (1904) e *Pátria brasileira* (1911), junto

E a alma da mulher brasileira está faminta de um ideal e quer fazer jorrar os thesouros imensos de abnegação que o seu grande amor faz renascer de si mesmo em effluvios de esperança e cânticos de harmonia, mas... ignora e espera (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 64).

Fala sobre a conclusão da justiça científica: se a mulher contribuiu tanto para a perpetuação da espécie ela não deveria pelo menos ter uma posição igual na sociedade? Chama as mulheres para a luta, clamando à destruição dos preconceitos e à construção de “uma civilização de justiça e equidade” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 65). Faz também a denúncia da tirania do lar e seus intermináveis trabalhos domésticos, por causa dos quais a mulher fica sem tempo para si e para se apropriar das instruções necessárias. Recorda também a chamada da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade – e questiona a bandeira brasileira, perguntando retoricamente como pode a mulher amar a bandeira de um país que não a representa.

Que ordem é essa que, para ser estabelecida não tentou arrancar a mulher da opressão, dos preconceitos da sociedade tola e da tyrannia do serviço domestico obrigatório para o nosso sexo?
Que progresso é esse que quer collocar a mulher sempre na dependencia do homem e lhe não pode restituir o papel de igual e companheira e, sim, lhe distribue o de subalterna? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 65).

com Olavo Bilac (SANTOS, Márcio Breia, 2004). Escreveu muitas outras obras entre os anos 1891 e 1929, como o romance *A Conquista* (1899) e os contos *A Cidade maravilhosa* (1928).

¹⁶² Júlia Lopes de Almeida, “uma das mais expoentes prosadoras da ‘belle époque tropical’”, cujo nome veio a ser cogitado para figurar na lista de membros fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897). “Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) não chegou a fruir das benesses da ‘imortalidade’ e, mais do que isso, sua ausência de tal panteão literário parece ter renunciado o que sucederia com a escritora durante as décadas subsequentes: a parca frequência com que seu nome apareceria naquele repertório composto pelas predileções temáticas de estudiosos e críticos da literatura. Foi apenas a partir dos anos 1980 que o interesse pela produção literária de Júlia Lopes se fez notar” (FANINI, 2013, p. 161).

¹⁶³ Clóvis Beviláqua (1859-1944), professor de Legislação Comparada na Faculdade de Direito do Recife, escreveu o projeto de Código Civil aprovado em 1900. Esse projeto era literalmente a codificação liberal do século XIX (NEVES, 2015, p. 13).

Questiona o positivismo ortodoxo que pinta os pensamentos de harmonia e amor, segundo os quais a mulher não poderia querer mais do que se dedicar e ser nutrida pelo homem. “Augusto Comte, mais theorico que pratico, não contava com o capital, com a industria, com o salariato, e não contou com os proprios homens” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 66).

Critica a escravidão doméstica e se pergunta se à mulher cabe como lugar na sociedade o de casar, ter filhos e cuidar da casa. O que acontece com as mulheres que não se casam? Elenca as diversas razões pelas quais, naquela época, a mulher não se casava, incluindo entre elas as condições das mulheres que foram cuidar dos soldados na guerra e das viúvas destes. Nesse momento, denuncia a hipocrisia da moral social de forma firme e irônica.

É sabido: as moças que ficam solteiras, na sua maior parte não encontraram casamento. A sociedade da qual tem tanto mêdo a mulher, quer que a moça seja recatada, reservada, pura, meiga, e se deixe colher como um flôr, – quando encontra quem a colha. Em compensação ridicularisa a solteirona que foi recatada, pura, que esperou pacientemente a sua vez de ser colhida, porém, esperou em vão. E quer que essa desgraçada morra de fome, porque tambem condemna a mulher que se deixa colher sem as formalidades da lei e da egreja. E, não deve procurar meios de subsistencia fóra do lar! Infelizes sombras de gente! Que fazer em tal caso? Não têm altar, não encontram quem, aos pés da lei, quizesse viver para outrem, não podem procura-los fóra da lei, não devem sair para os mistéres publicos...! “Que cuidem do lar, que fiquem em casa, que eduquem os filhos”. Mas, se não ha lar, nem filhos e a casa é alugada, e ha estomago, há a vida, instinctos, sonhos, ideaes! Que sociedade! E as viuvas? Ricas, deverão deixar-se esfolar pelos pseudo-protectores? Pobres, entregar-se-ão á fome e ao vicio?

Que vae fazer a sociedade do sem numero de mulheres belgas, francêsas, mães sem terem sido esposas, desvirginadas pelos allemães e austriacos nas avalanches rubras das conquistas a ferro e a fogo? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 67).

Para a educadora, a prostituição vem da miséria. A sociedade joga a mulher na miséria e depois aplaude. Os salários dos homens são maiores que os das mulheres nas mesmas condições de trabalho, mas o preço das mercadorias continua o mesmo. A sociedade julga e, ao mesmo tempo, não ajuda a mulher que não tem um marido:

A sociedade dos homens aplaude, procura, auxilia a moça que se deprava em costumes e aumenta o seu prazer; ri, escarnece, deixa na miséria ou faz cair na miséria aquela que se faz respeitar, que procura viver do trabalho honesto. Desde a classe mais pobre até a mais bafejada, é sempre a mesma cousa. “A nossa sociedade está tão ajuizadamente organizada que deixa toda a acção e toda a influencia á mulher de maus costumes e nenhuma á mulher honesta. Se uma mulher apparece num palco, se desmoralisa, se deprava, terá a ovação do publico, mas se apparecer numa tribuna para fallar sobre a moral e sobre a virtude, não alcançará senão troças”, já o disse Marie Deraismes¹⁶⁴. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 68-69).

Uma das justificativas que a autora de *Renovação* se propõe a discutir é o fato de que as leis foram feitas pelos homens. A mulher fica à mercê dessa sociedade, que ri da desgraça daquela que não se casou e é desprezada: “segue o caminho ás vezes com uma filhinha a mais, para perpetuar essa horrivel chaga social. Miseravel sociedade que ajuda o forte a descarregar o pulso sobre o mais fraco” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 69-70).

Questiona a moral e o amor ao próximo, essa sociedade que discrimina os mais fracos e depois faz caridade para tentar *arejar* o preconceito de classe e manter sua posição social. Fala sobre a importância da educação moral e pergunta:

¹⁶⁴ Marie Adelaide Deraismes (1828-1894), francesa de família com recursos que lhe proporcionaram acesso à educação particular. Feminista e livre-pensadora, publicou artigos em defesa dos direitos das mulheres (TARRAFA, 2015). Em 1878, no Primeiro Congresso Internacional dos Direitos das Mulheres, fundou com outras feministas “O direito das mulheres: o jornal político” (SCHLINDWEIN, 2015).

“Por acaso a honra da operaria vale menos que a honra da burgueza ou da dama-alta-sociedade?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 70). Então, “porque o chefe da família ou seus filhos¹⁶⁵ se veem no direito de *violar* elas?” E depois ainda são jogadas à sorte pelas donas dessas casas, suas supostas irmãs, no sentido da subjugação que se encontram dentro da sociedade como mulheres. Nesse sentido, afirma que a moral se encontra abalada, pois seus fundamentos não podem se basear na riqueza de alguém. “Leis, instituições, sociedade, tudo conspira contra os pobres – tudo em favor da posição e do dinheiro – tudo em favor dos homens” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 71).

E mais uma vez pergunta: “Onde estão as mulheres? As senhoras dos presidentes da república ou do estado, estamos nos descuidando de nós mesmas, por falta de instrução, não sabemos o que está acontecendo em nosso país, nem mesmo fora dele”. Chama todas as mulheres, nossas irmãs, para a emancipação feminista. Levanta a importância da educação para que as mulheres possam ter sua própria vida sem depender de um homem¹⁶⁶.

Só alcançaremos os nossos direitos se cuidarmos das nossas necessidades espirituais, emancipando-nos para conseguirmos a instrução e a emancipação de todas as mulheres.

Só assim conhecerão as nossas aspirações feministas. Só assim caminharemos.

¹⁶⁵ Em outro momento, Lacerda apresenta as diferenças na forma de amar do homem e da mulher que foram colocadas na sociedade. “Sem um gemido, sem uma queixa, uma declaração, ellas passam da vida ao ignoto com a resignação de victimas. Que diferença entre o amor feminino e o masculino! O homem egoista, ciumento, mata e só depois pensa em morrer. A mulher, sozinha, percorre a Via-Sacra de sua dôr e vae, calma e dôce, procurar o lenitivo no esquecimento. Será mesmo o nada, aniquilamento, a morte?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 252).

¹⁶⁶ Remonta ao fato de que em vários países da Europa (Alemanha, França e Inglaterra), um pouco por causa da guerra e até antes desta, a quantidade de mulheres excedia a quantidade de homens, principalmente na Inglaterra, onde foi formada a “Liga para casamento dos heróis inválidos”, que conseguiu apoio da Cruz Vermelha Inglesa (Lady Limerick, Lady Mackenzie e Lady Townsend), as quais, felizmente, resistiram a isso (Lady Shert Crown), destacando o seu absurdo. Outra suposta solução proposta pela Alemanha seria o da poligamia legal segundo Oscar Correia (A Noite, 1917), tese defendida por Harl Hermann Torges.

Sejamos feministas não só de ideias como de acções e procuremos esclarecer as nossas consciências adormecidas para ampararmos com o coração e com a razão a Humanidade que se debate numa grande crise.

Somos uma poderosa energia que se esvâe, que se perde, que inutiliza muitas energias.

Unamo-nos numa formidável corrente para o que é bom, para o que é justo, para o que é digno e verdadeiro. Caminhemos.

É a Renovação. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 72).

Após o levantamento dessas questões – para poder contextualizar em que sociedade está inserida essa mulher do final do século XIX e início do século XX –, nas próximas dez páginas a autora faz um inventário do movimento feminista e do movimento de mulheres em vários países, trazendo as discussões mais pertinentes e suas representantes.

Gostaríamos de poder pegar nome por nome e saber a relação de países que estão envolvidos, as temáticas, quem são essas mulheres que fizeram a diferença e contribuíram para discussão do feminismo e a emancipação das mulheres. Infelizmente, o tempo que temos para uma dissertação é pouco para pesquisarmos sobre todas essas mulheres.

O que tentamos aqui foi trazer alguns relatos, feitos e escritos de algumas mulheres mais fortemente destacados por Lacerda. É interessante deixar registrado que a autora conta sobre essas mulheres, dividindo seu livro por continentes/países.

Começamos com a Europa, especificamente com Mlle. Scudéry¹⁶⁷, a quem ela identifica como uma das precursoras do movimento feminista (século

¹⁶⁷ Madeleine de Scudéry (1607-1701), órfã aos seis anos, foi criada por um tio eclesiástico, e teve acesso a uma vasta literatura. Depois foi apresentada por seu irmão a um dramaturgo em Paris em um salão com autores renomados da época. A partir de 1642, inicia o lançamento de seus livros de romance histórico. A partir de 1648, começa a adquirir fama com um de seus romances, tido como um dos mais longos do mundo e, em 1653, inicia a condução de um salão. Esse círculo literário discutia as questões relacionadas à natureza do amor. Entre 1654-1661, escreve *Clélie*, um mapa do amor. Obteve muitos opositores que questionaram seu valor literário e intelectual,

XVII), romancista e educadora. Ela escreveu o romance *Clélie*, com ideias emancipadoras, e foi chamada pela sociedade da época de feia, pedante e solteirona.

É arma antiga dos homens e até das mulheres o chamar de feia aquelas que pregam principios de educação solida, aquelas que se encaminham para o aperfeiçoamento dos costumes, que cuidam de leituras sérias. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 76).

Na citação fica visível a questão de como a sociedade tende a menosprezar as mulheres que pensam de forma diferente da norma social, ou seja, que vai contra o pensamento hegemônico de sua época. Mme. de Staël¹⁶⁸ que ela também destaca, foi uma escritora influente na política na França. Foi exilada por Bonaparte¹⁶⁹ e seu livro *Corina*, segundo Lacerda, “é um monumento, uma obra-prima da literatura feminina” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 77).

En présence du soleil et des, esphères étoilées, on n’a besoin que de s’aimer et de se sentir dignes l’un de l’autre. Mais la société! la

com pedantaria e redundante libertinagem. Essa imagem se manteve por tempos e fechou seus livros para as gerações futuras (SCUDÉRY, 2016).

¹⁶⁸ Anne Louise Germaine Necker (1766-1817), a Baronesa de Staël, “conhecida como Madame de Staël, [...] levantava questões que se tornariam eixos da teoria literária a partir do século XX”, como “importância do leitor em relação ao autor [...] a valorização dos efeitos de leitura mais do que os fatos escritos [...] e a necessidade de liberdade de ação das personagens” (STAËL, 2012, p. 65), questões trabalhadas por importantes autores no futuro. Ela defendia a literatura engajada, pois para ela não era só arte, mas também um instrumento de análise e transmissão do Século das Luzes. Entendia a literatura como o estudo do ser humano, de seus costumes [...] de sua história, de sua filosofia e de suas instituições sociais [...] era convicta de que a literatura era a expressão da sociedade” (TORRES, 2015, p. 78-79). Sua bibliografia é extensa, entre romances, ensaios, cartas, peças de teatro e textos de crítica literária (PIUCCO, 2014, p. 24). A obra *Corine* fala “sobre o tema da mulher superior, à qual um homem indeciso prefere uma mulher comum. Em seguida, ela viaja para a Itália, país que admira por sua arte, cultura e literatura” (PIUCCO, 2014, p. 35).

¹⁶⁹ Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador francês de 1804 a 1814. “Em 1804, sem hesitar, foi proclamado Imperador dos franceses. A paz, a ordem e a retomada dos negócios foram fontes de acumulação e de legitimação do poder por Bonaparte. Neste esforço, Napoleão buscou fundir a soberania monárquica e a soberania nacional na figura de Carlos Magno, evocando sua lembrança como unificador do antigo império romano e fundador do novo império franco. Apresentando-se como sucessor daquele, apegou-se aos símbolos políticos do Antigo Regime, como o cetro, a coroa e a espada” (LENTZ, 2008, p. 316).

société! comme elle rend le coeur dur et l'esprit frivole! comme elle fait vivre pour ce que l'on dira de vous!

Si les hommes se recontraient un jour, dégagés chacun de l'influence de tous, quel air pur entrerait dans l'âme! que d'idées nouvelles, que de sentiments vrais la rafraichiraient¹⁷⁰. (STAËL apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 77).

Ela apresenta Mary Wollstonecraft¹⁷¹ e Olympia de Gouges¹⁷², dois nomes que na Revolução Francesa escreveram sobre os direitos da mulher, questionando os iluministas, porque suas revolucionárias leis não incluíam a mulher. Concorda com suas antepassadas e complementa:

[...] a mulher tem que ter o direito de subir ao cadafalso, que tem o direito de ir á cadeia, de pagar impostos, de respeitar as leis e os governos, de educar, de dar cidadãos á Patria, deve igualmente ter o direito de exigir os seus direitos na camara, no senado, no municipio, porque as leis são feitas pelos homens, para os homens e ella se submete, paga os tributos, respeita sem que tenha o direito de reservar para si cousa alguma. Si não está na altura de fazer leis, de governar devia estar fóra das leis, dos governos. A mulher não pode ser jurado, não sabe julgar, entretanto pode e é julgada pelas mesmas leis que julgam os crimes dos homens. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 79).

Ela elogia o movimento feminista da Inglaterra, onde as mulheres já ocupavam as mais diversas áreas de trabalho. As aristocratas apoiavam as operárias nas reivindicações trabalhistas, tinham personalidade jurídica e não

¹⁷⁰ Tradução: Na presença do sol e das esferas estreladas, é preciso apenas amar a si mesmo e sentir-se digno um do outro. Mas a sociedade! A sociedade! Como faz o espírito frívolo! Como ela faz viver o que dizemos sobre você! Se os homens se reconcilhassem um dia, cada um livre da influência de todos, que ar puro entraria na alma! Que novas ideias, que sentimentos verdadeiros a refrescariam.

¹⁷¹ Mary Wollstonecraft, uma inglesa estudiosa de Rousseau, rebate suas ideias no livro *Defesa dos direitos da mulher*, em 1792. Jean-Jacques Rousseau, um dos principais ideólogos da Revolução, dizia que a educação da mulher deveria estar relacionada ao homem, que a natureza do homem é o mundo externo e da mulher, o mundo interno.

¹⁷² Olympe de Gouge, escritora francesa, que em 1791, decepcionada com o fato de que os ideais da Revolução Francesa não incluíam questões relativas à situação da mulher, escreveu um texto com o nome *Os direitos da mulher e da cidadã*. Seu discurso não vai contra o liberalismo e seus princípios. Pelo contrário, só fala da importância da inclusão da mulher na vida política e civil em condições de igualdade. Foi guilhotinada em 1793, acusada de ter desejado ser homem.

precisavam de um homem para se apresentarem em juízo, diferentemente do Brasil, onde o marido precisava aprovar o trabalho da mulher. Na França, destaca também Clémence Royer¹⁷³, que disputou com Prudhon¹⁷⁴ o prêmio de economia política; cita Mme. Curie¹⁷⁵, que recebeu o Prêmio Nobel e outras tantas mulheres.

Nos Estados Unidos, a mulher já podia ser pastora protestante e trabalhar em diversas áreas, como taquigrafia, professora universitária, advogada, médica etc. Em 1912, as mulheres foram às ruas em Nova York por melhores salários e sempre se uniam para obter seus direitos. Organizavam bibliotecas domiciliares, faziam jornais e revistas, inventavam formas de cada vez mais facilitar a vida doméstica e aumentar o tempo para a vida social.

Na Rússia, Catharina II¹⁷⁶ trabalhou incansavelmente pelo direito da mulher à instrução, sob a influência de Voltaire¹⁷⁷. Em 1857 é fundado o primeiro

¹⁷³ Clémence Royer (1830-1902), pesquisadora, traduziu a *Origem das Espécies* de Darwin para o francês e foi a primeira mulher a receber a Legião de Honra para o trabalho científico (CORREA, 2008), além de haver escrito sobre o feminismo.

¹⁷⁴ Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi filósofo francês, interessado em teologia e economia política. Seu primeiro texto, em 1840, *Que é propriedade?*, marca sua ruptura com o pensamento dominante. Foi o inventor do conceito de luta de classes e do primeiro Banco do Povo, em 1849. Em 1852, refugiado em Bruxelas, faz uma proposta de Filosofia da Revolução. “A chave do pensamento proudhoniano, que é o pensamento ‘ideorrealista’, deve ser buscada em sua metodologia, a dialética serial. O mundo é concebido como um universo de antinomias cuja resolução, seja na forma de superação-conservação, seja na forma de superação sem conservação, é impossível, pois é da oposição que nascem vida, movimento e liberdade” (PROUDHON, 2004, p. 810-813).

¹⁷⁵ Marie Sklodowska-Curie (1867-1934), física nascida na Polônia (naturalizada francesa) e professora da Sorbone, notabilizou-se por seus trabalhos sobre radioatividade, da qual foi uma das primeiras investigadoras. Junto a seu marido, Pierre, descobriu (1898) os elementos radioativos polônio e rádio no mineral uraninita, o que lhes valeu o Prêmio Nobel de Física em 1903. Em 1911, recebeu o Prêmio Nobel de Química pelas aplicações do rádio na medicina, ao isolar o metal puro (CURIE, 1977, p. 399).

¹⁷⁶ Catarina II, a Grande (1729-1796), imperatriz da Rússia (1762-1796). Embora de origem estrangeira, afirmou-se como soberana nacional e herdeira espiritual de Pedro o Grande. Era uma autocrata, mas ostentava certo liberalismo teórico, capaz de aproximá-la da nobreza reformista. Em 1764, propôs uma reforma no regime da sociedade em um sentido liberal (CATARINA II, 1972, p. 1447).

¹⁷⁷ François Marie Arquet (Voltaire) (1694-1778), escritor francês, foi preso na Bastilha (1717-1718). Na prisão começou a escrever sua tragédia “Édipo” (1718), com estilo clássico e críticas aos tiranos e sacerdotes. Celebrou a liberdade na tragédia política *Brutos* (1730). Criticou a guerra em *História de Carlos XII* (1731), atacou os dogmas cristãos em *Epístola Urânia* (1733) e os literatos em *O templo do gosto* (1733), além de inúmeras outras obras que criticavam a realidade de sua época (ARQUET, 1972, p. 7074).

liceu para mulheres. Outro grande nome para o movimento feminista russo foi o de Helena Pavlovna¹⁷⁸ que, segundo a autora “deu asas á mulher russa e fe-la voar tão alto que o governo sentiu necessidade de reprimir-lhe os arroubos. Era tarde” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 83).

Na Finlândia, as mulheres estavam nas universidades e na política. Na Suécia, Frederika Bremer¹⁷⁹ iniciou o movimento feminista em 1856, juntamente com outras mulheres. Em Portugal, ela destaca Virgínia de Castro e Almeida¹⁸⁰, a qual dizia que enquanto a dominação da Igreja não fosse vencida, a mulher continuaria sendo subjugada. Além dela, destaca Anna Castro Osório¹⁸¹, com quem Lacerda trocava correspondências, a qual, junto com Maria Amélia Vaz de Carvalho¹⁸², lutou pela emancipação da mulher.

Na Suíça, as mulheres, trabalhavam também em todas as áreas, destacando-se como um dos países com maior igualdade entre mulheres e homens no âmbito do trabalho, com todos os seus direitos assegurados. Para exemplificar,

¹⁷⁸ Helena Pavlovna Romanov (1784-1803), filha do czar russo.

¹⁷⁹ Fredrika Bremer (1801-1865), romancista que defendeu com ardor as ideias pacifistas e feministas (BREMER, 1972, p. 1092).

¹⁸⁰ Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945), escritora e tradutora portuguesa. “Com mais de vinte títulos que incluem livros infantis, críticas (muitas vezes de natureza pedagógica e natureza doutrinária), relatos de viagens, romances e roteiros cinematográficos, foi, segundo alguns críticos, uma autora da idade de ouro da literatura infantil, e junto com outros escritores portugueses, uma figura literária dirigida por ideais políticos que coincidiam com os da Revolução Republicana” (REIS DA SILVA, 2010, p. 2).

¹⁸¹ Ana de Castro Osório, nascida em 1872, fez parte da geração que podemos qualificar como de “primeira vaga” do feminismo em Portugal. É uma geração em que a luta pela difusão dos ideais feministas e pelos direitos políticos das mulheres se alia ao republicanismo e à sua propaganda, em especial na última década do regime monárquico. Colaborou, desde as suas obras iniciais, publicadas ainda em finais do século XIX, com temas destinados à infância e às mães portuguesas no período da Ditadura Militar e transição para o Estado Novo. Início-se na Maçonaria e na atividade organizacional (Grupo Português de Estudos Feministas, na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, na Associação de Propaganda Feminista, na Cruzada das Mulheres Portuguesas) (ESTEVES, 2014, p. 208).

¹⁸² Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), escritora portuguesa. “Para Maria Amália, os ‘novos tempos’ demandam a ação firme e consequente das mulheres, que precisariam de uma cultura eminentemente prática e aberta/sensível à contribuição da cultura dos demais segmentos. Deste modo, a mulher jovem ou madura, rica ou empobrecida, burguesa, aristocrática ou plebeia precisaria investir na preparação intelectual, trabalhar e superar as limitações pessoais e/ou sociais – esta seria uma exigência da época” (GUSMÃO, 2012, p. 279).

Lacerda apresenta uma tabela (na página seguinte) formulada por Virgínia de Castro e Almeida em seu livro *A mulher*, dizendo que este dispensa comentários, pois fala por si.

Fala com orgulho da Dra. Dorothea Christiana Erxleben¹⁸³, que já era médica respeitada em 1754, em Zurique, e publicou um opúsculo sobre as razões que desviavam as mulheres das conquistas intelectuais, e da professora Sra. Fouriaux de Reims¹⁸⁴, que recebeu a cavaleira da Legião de Honra como enfermeira durante a guerra. Essas são apenas algumas entre tantas outras, o que leva Lacerda a dizer ser impossível mencionar em apenas um livro.

¹⁸³ “Em 1754, para assombro de toda a Europa, uma alemã, de nome Dorothea Cristiane Erxleben, conseguiu o título de doutora em medicina na Universidade de Halle, tendo sido a primeira mulher a receber oficialmente o diploma de médica” (REZENDE, 2009, p. 131).

¹⁸⁴ Marie-Clémence Fouriaux (1857-1932), professora e enfermeira da cidade de Reims na França. Durante a Primeira Guerra Mundial, trabalhou na gestão de um hospital militar e, antes da chegada das tropas alemãs, conseguiu evacuar todas as crianças e feridos da cidade (GONZALEZ, 2017).

RECENSEAMENTO FEDERAL DE 1 DE DEZEMBRO DE 1900		
	HOMENS	MULHERES
Exploração de minas e outros productos brutos do solo	7:702	4:621
Agricultura, criação de gado, jardinagem.	566:682	501:223
Silvicultura, caça, pesca.	12:194	8:488
Industrias da alimentação	68:791	61:006
Industrias do vestuário.	63:658	145:099
Construcção e mobiliário.	259:967	166:434
Industrias textis	95:243	174:871
Industrias do papel, do coiro e da borracha.	7:226	6:519
Outras industrias de productos chimicos não alimentares.	13:965	11:960
Metallurgia, fabricação de machinas e de utensilios.	150:261	125:631
Artes graphicas, encadernação, carttonagem	17:865	15:170
Commercio.	119:440	166:046
Vias de communicacão, transportes.	90:712	76:566
Administração publica, sciencias, bellas artes.	73:565	96:768
Administração publica geral.	23:151	21:875
Fôro, notariado, gerencias	4:733	5:326
Hygiene e medicina.	10:421	19:977
Instrucção e educação.	20:632	33:395
Cultos.	6:433	8:889
Outras profissões liberaes.	2:060	2:100
Bellas artes	6:135	5:206
Serviços pessoaes e outras profissões mal determinadas.	5:884	14:776

Figura 5 - Livro *Renovação*, Maria Lacerda de Moura, página 88¹⁸⁵.

Um livro não bastaria para um hynno magnifico á mulher moderna, precursôra da grande Renovação.

Não é nos estreitos limites de um capitulo que se canta um poema a tão excelsas representantes do nosso sexo. E eu não tenho expressões, nem talento, nem erudição, coisa alguma capaz de me fazer esboçar um tal poema. Sinto-o apenas. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 85-86).

Depois desse minucioso trabalho sobre a condição da mulher e o movimento feminista no início do século XX, a educadora, ainda dentro da temática do capítulo sobre o feminismo, escreve o seguinte subtítulo: “As grosserias

¹⁸⁵ “A mulher suissa pode ser medica, inspectora de ensino, advogada, funcionaria, dedica-se ao commercio, á industria, frequenta as universidades masculinas. É igual ao homem, é companheira, trabalha em todos os ramos da actividade masculina... A instrucção está nas suas mãos... Vejamos a divisão do trabalho, entre os dois sexos, no seguinte quadro copiado do livro – A mulher, de Virginia de Castro e Almeida” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 87).

femininas e as indelicadezas masculinas”. O que parece tê-la motivado a iniciar esta temática foi um artigo que recebeu de um correspondente brasileiro na França, do jornal *A Noite*, falando sobre as “grosserias” das condutoras de bondes na França. Explicita a preocupação dos economistas sobre o que seria das mulheres quando os homens voltassem da guerra?

A mulherzinha insignificante que deixou as panellas do lar para occupar um cargo publico suppõe que os destinos da França estão em suas mãos.

O diabo é que a França não sabe o que vae fazer das donas dessas mãos quando tiver de colocar cada macaco no seu galho! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 96).

Então a autora, em um artigo publicado no jornal *O Dia*, em 1918, ironiza o fato de que foi justamente de Paris, a cidade da gentileza e do “merci, pardon”, que veio tamanha indelicadeza referente às mulheres, colocando todas sob o mesmo conceito, perguntando sobre o que fazer da mulher, como se pergunta o que se fazer dos canhões em tempos sem guerra. Ao colocar a mulher como objeto, esquece-se o autor de que quando as coloca no mesmo patamar está falando também de sua mãe, irmã ou mulher. Nesse momento, ela rebate os argumentos do brasileiro na França, falando das diferentes mulheres, em diferentes países, trabalhando nos hospitais, na agricultura, nos laboratórios, nas indústrias e asilos. Termina, então, *concordando com ele*: “O problema é sério, é bem digno da revolução social” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 99).

As mulheres não aspiram senão ao lugar a que têm direito: desejam apenas que lhes restituam o que lhes tomaram pela força.

É o que acontece aos operarios.

Porque é que a mulher suissa pede menos?

É que, ahi, o homem compreendeu que ao seu lado tem uma companheira e não uma subalterna – e deu-lhe quanto desejou.

Se as outras insistem é porque impõem-lhes deveres desproporcionais aos direitos. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 99).

A autora faz uma crítica aos jornalistas e aos protestos da sociedade do entre e pós-guerra. Enquanto os homens estavam em guerra destruindo as coisas, como ela mesma escreve, as mulheres foram para o mercado de trabalho, fabricando de pães a balas de canhão. Quando não mais precisavam de seus serviços, mandaram-nas para o lar, como o único lugar digno para o sexo feminino.

Ela, então, termina o capítulo sobre o feminismo utilizando vinte páginas para trazer algumas das diversas mulheres brasileiras e seus feitos para a construção da emancipação feminina de sua época.

4.4 O sufrágio feminino

O segundo capítulo do livro é “O sufrágio feminino” (da página 123 até a página 148, na contagem referente à segunda edição publicada em 2015). Aqui, a feminista apresenta-se preocupada com a emancipação da mulher, mas não apenas a da classe média ou alta, e, sim, de todas as classes sociais. Faz sua crítica aos políticos que governam para si mesmos e não pensam nas questões das mulheres.

Que as brasileiras iniciem a campanha regeneradôra.

Que levantem, que protestem, que exijam.

Na Inglaterra, na America do Norte trabalham muito e muito soffreram até que obtivessem uma parcela minima do resultado desejado.

Os homens nada lhes offereceram. É a regra.

Não é demais repetir sempre: “A liberdade não se pede conquista-se”. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 124).

Ela apresenta, mesmo que não diretamente, suas influências anarquistas, quando diz que os políticos e o voto serão desnecessários quando homens e mulheres governarem a si próprios.

Até que vivamos noutra sociedade na qual cada homem fará seu governo próprio, até que sejamos substituídos por um povo forte em moral e instrução – temos que nos sujeitar ao sufrágio universal (universal não sei por que!) uma burla, e, principalmente que a mulher trabalhe para ter representantes nas Camaras assegurando os nossos direitos. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 124).

Faz uma relação de alguns avanços na América do Norte¹⁸⁶ e na Europa (França e Inglaterra) referentes ao sufrágio feminino, trazendo nomes de alguns homens¹⁸⁷ – que de certa forma até contribuíram e defenderam o direito da mulher – e de algumas mulheres que lutaram¹⁸⁸ por ele, inclusive para a ocupação de cargos públicos, mencionando algumas que já estavam nesses cargos¹⁸⁹. Os estados da Virgínia e Nova Jersey foram os primeiros do mundo a conceder direito de voto¹⁹⁰ à mulher.

Segundo a autora, as sufragistas inglesas, em 1913, ao não conseguirem a aprovação do direito de voto, quebraram vitrines, foram presas¹⁹¹ e fizeram greve de fome. Após conseguirem o direito, lançaram um manifesto às

¹⁸⁶ No anexo, transcrevo carta do presidente dos Estados Unidos da América, Woodrow Wilson, às associações feministas da América do Norte, França, Inglaterra, Bélgica, Itália e Portugal.

¹⁸⁷ Nicolas de Condorcet (1741-1794), “defensor dos direitos femininos no movimento feminista [...] Stuart Mill, inglês, defensor dos direitos políticos da mulher, em 1867 [...] apenas concedido às mulheres proprietárias e às solteiras que pagassem impostos” (LACERDA DE MOURA, 2015).

¹⁸⁸ “Mrs. Adam exigiu do marido, presidente dos Estados Unidos, a admissão das mulheres nas escolas e o direito de um representante feminino na constituição” (LACERDA DE MOURA, 2015).

¹⁸⁹ Mrs. Jolivon Croahe, primeira mulher a ocupar um assento na Câmara dos Deputados em Washington e Mrs. A. J. Peavy, no Colorado, eleita ministra da Instrução Pública do estado (CROAHE, 1972, p. 129).

¹⁹⁰ Na Irlanda, em 1881, a mulher obtém o direito de voto (LACERDA DE MOURA, 2015).

¹⁹¹ Mrs. Pankhurst assumiu todas as responsabilidades pelos atentados e foi condenada a três anos de trabalhos forçados (LACERDA DE MOURA, 2015).

mulheres das nações aliadas. Lacerda dedica as próximas sete páginas a contextualizar a situação do sufrágio feminino em alguns países e depois no Brasil.

A autora questiona enfaticamente as concepções masculinas de sua época sobre por que as mulheres não estariam em condições de votar ou, quem sabe, de governar. Se as leis podem incidir sobre elas como leis de juízo, por que não poderiam participar de sua construção e votação? Nesse sentido, ela vai à história e resgata o nome de algumas mulheres religiosas que, nos espaços que lhes foram permitidos, mostraram sua desenvoltura em questões administrativas e de direção¹⁹². Menciona também outras mulheres influentes na sociedade¹⁹³ e na política, que fizeram história. A quantidade de mulheres relacionadas no livro é enorme, e, com certeza, seriam uma ótima fonte para futuras pesquisas sobre a história da mulher.

Dizem alguns homens que o voto à mulher, vae trazer horríveis desordens, vai ser uma calamidade. Repito, como li, a opinião de um socialista allemão, Bebel: En esto caso como en otros muchos, harán milagros el habito y la education. Si no me arrojó al agua, no aprenderé nunca á nadar; si no estudio una lengua extranjera y no la pratico, no lo comprenderé nunca; todo el mundo encuentra esto natural y lógico; pero no acierta á ápticarlo igualmente á las condiciones del Estado y de la sociedad? Son acaso nuestras mujéres más incapaces que los negros, á quienes se ha reconocido en la America del Norte la completa igualdad de derechos politicos? Millares de mujeres inteligentes és justo que gocem de menos derechos que el hombre más grosero y bárbaro, que el destajista ignorante del centro de Pomerania, ó que algùn campesino untramontano de Polonia, y todo porque la naturaliza dió a estos, al

¹⁹² As abadessas de Fontevrault, que dirigiram toda a corporação religiosa; Sta. Thereza, que fundou e remodelou o mosteiro na Espanha; a abadessa Théophegnie, que recusou, em 1349, que os religiosos fossem julgados; Maria Bretanha, que em 1500 escreveu novos estatutos da ordem religiosa, entre outras (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 142).

¹⁹³ Mme. de Tallien, marquesa de Fontenay, com seu prestígio evitou o massacre de Bordeaux e arrancou Paris do regime de Terror. Escreveu eloquente carta sobre o direito das mulheres no segundo ano da República. Resgatando mais ainda nossa história, cita: Semiramis, Artemisia, as Aspásias, File, esta era consultada por seu pai sobre o governo da Macedônia, Agripina – mãe de Atalarico, Catarina de Medicis, Izabel da Inglaterra, e a relação continua (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 142-143).

formarse en el vientre de su madre, organos masculinos para la reproduccion? Debe poseer mais derechos el hijo que la madre de la cual recibió sus mejores cualidades, educación, guia y luz? Esto es absurdo!¹⁹⁴ (BEBEL apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 145-146).

¹⁹⁴ Neste caso, como em muitos outros, os hábitos e a educação funcionarão como milagres. Se eu não me jogar na água, nunca aprenderei a nadar; se eu não estudar uma língua estrangeira e não a praticar, nunca a entenderei; todos acham isso natural e lógico; mas as condições do Estado e da sociedade não as corrigem igualmente? Talvez nossas mulheres sejam mais incapazes do que os negros, que foram reconhecidos na América do Norte com total igualdade de direitos políticos? Milhares de mulheres inteligentes são as que justamente gozam de menos direitos que o homem mais rude e bárbaro, que o descendente ignorante do centro de Pomerânia, ou que algum camponês ultramontano da Polônia, e tudo porque a natureza lhes deu, ao se formarem na barriga de sua mãe, órgãos masculinos para reprodução? Deve o filho possuir mais direitos que a mãe, de quem ele recebeu suas melhores qualidades, educação, orientação e luz? Isso é um absurdo!

4.5 A religião¹⁹⁵

Nas próximas páginas (151 a 164), a autora fala sobre a temática da religião. Inicia o capítulo com uma epígrafe de Lavater¹⁹⁶: “Do amor muito nascerà a luz, da luz sairà a verdade, da verdade a união dos póvos, da união dos póvos a liberdade, da liberdade a eterna felicidade” (LAVATER apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 151).

Logo no primeiro parágrafo, ela faz uma crítica ao fanatismo religioso, colocando a religião como o maior obstáculo ao progresso da mulher, conservando sua ignorância, tirando suas aspirações e fazendo-as instrumentos passivos da Igreja. Ironiza, perguntando para que teríamos, então, um encéfalo, visto que a Igreja condena grande parte das obras literárias e científicas. Mas por quê? Na sua concepção, “É que ellas nos ensinam a raciocinar, a seguir apenas os ditames da nossa consciencia esclarecida” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 152).

¹⁹⁵ É importante aqui registrar, historicamente falando, o contexto religioso em que se encontrava o Brasil entre o final do Império e o início da República (final do século XIX, início do século XX). “O cenário religioso do século XIX no Brasil foi o confronto nem sempre pacífico entre o catolicismo romano e o protestantismo, embora surgissem nele outras manifestações religiosas. [...] É conhecida, por exemplo, a relevância do positivismo no desenvolvimento das ideias republicanas. [...] Nesse ponto, o fascínio das ideias pelo fervor religioso do positivismo. Como religião, o positivismo permanece até hoje no Brasil. Fundado em 1881 por Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Este, companheiro de confiança de Miguel Lemos, orador e escritor incansável, veio a ser o maior propagandista da Religião da Humanidade no Brasil. O culto positivista da Humanidade substitui a crença na existência objetiva de seres e fenômenos sobrenaturais pela adoração e entendimento da Trindade composta pela Humanidade, Terra e Espaço, seus três seres supremos. Os traços fortemente morais do positivismo como religião desembocam na fórmula sagrada *o amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim*, que, em parte, acabou sendo dístico da bandeira da República [...] o positivismo no Brasil, que sempre é lembrado por ter sido lugar [...] que floresceu como religião, não deixou de ocupar espaço [...] no campo das ideias, criando um substrato de pensamento [...] que se caracteriza por não admitir outra realidade além dos fatos, desprezando toda metafísica e valorizando, acima de tudo, as ciências empíricas, o que influenciou bastante nos projetos de educação” (MENDONÇA, 2003, p. 146).

¹⁹⁶ Johann Kaspar Lavater (1741-1801), teólogo e filósofo suíço. “Pastor em sua cidade natal (Zurique), contrário à Revolução Francesa e ao racionalismo, influenciado pelo pietismo e outras correntes místico-sentimentalistas. É considerado o fundador da fisionomia e foi precursor do romantismo alemão. Obra: *Fragmentos fisionômicos*” (LAVATER, 1972, p. 3.935).

Questiona, então, o paradoxo entre teoria e prática no que se refere às religiões. Tanto as mulheres como os homens que criticam as religiões, alguns até que se dizem ateus, praticam, muitas vezes sem questionar, alguns de seus dogmas. Diz então que “essas concessões da consciencia resguardam a secular mentira” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 153). Ainda complementa fazendo uma crítica aos diretores espirituais:

Não posso concordar também com o diretor espiritual.
Cada qual deve ser o diretor espiritual de si mesmo: para isso todos nós temos raciocínio, conformação cerebral necessária para a consciencia da responsabilidade dos nossos actos.
Só precisam tutela os imbecis, os caducos e os loucos (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 153-154).

Sua grande crítica refere-se às “pessôas que só acalentam o sonho autoritario” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 154). Mas respeita todos os ideais e cultos religiosos:

Não tenho a pretensão de condenar essa ou aquella religião.
Respeito todos os ideaes, todos os cultos ou igrejas: o que penso é que a mulher não pode ficar céga deante de um homem igual aos outros, de uma opinião que póde ser erronea ou apaixonada ou ignorante, deante de livros que podem conter falsos raciocinios.
(LACERDA DE MOURA, 2015, p. 154).

“As religiões se assentam sobre principios de moral, mas, a moral é independente das religiões” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 156). Na concepção de Lacerda, é preciso ensinar mais do que o que contam a Bíblia e as tábuas das leis de Moisés, para que possam descobrir que existem coisas no mundo que são naturais, como os micróbios, os cogumelos e a fermentação do levedo; nem tudo é milagre e superstição.

A verdade está dentro de nós mesmos, e, se algumas vezes nos enganamos é que “a verdade é como o Sol: deixa-se encobrir pela nuvem para reaparecer depois, mais brilhante”.

Não haverá mais mérito no individuo que pratica o bem e se rege por principios de moral elevada sem esperar recompensas numa outra vida?

Sem duvida que sim.

Guerra Junqueiro e Tolstoi considerados – inimigos da religião – são mais christãos, são mais religiosos que o papa e os bispos catholicos os quaes não tiveram a coragem bastante para desprender dos bens materiaes – palacios, joias, criados, glorias mundanas, e acumulam fortunas consideraveis. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 155).

No item acima, ela explicita seu olhar sobre a importância de pensarmos por nós mesmos e entendermos que a verdade está dentro de nós, que podemos nessa vida ser solidários, e critica a hipocrisia da Igreja Católica, que mantém fortunas seculares em nome de Deus.

Cita, então, o livro de Max Nordau¹⁹⁷: “As mentiras convencionaes da nossa civilização” provam até aonde vae o preconceito secular, a mentira religiosa da nossa epoca e vale a pena transportar-se o leitor áquellas paginas” (NORDAU apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 157). A autora termina essa questão da religião expressando seu questionamento sobre a incoerência das práticas religiosas. Exemplifica isso com a guerra, em que todos os exércitos, de ambos os lados, pedem proteção para suas armas: “Mas que juizo fazem desse Deus?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 157).

Que incoerencia!

¹⁹⁷ Max Südfeld (Nordau) (1849-1923), escritor judeu de origem húngara. Radicado desde 1880 em Paris, publicou em alemão ensaios sobre a decadência do pensamento e da arte na Europa (Degenerescência – 1893/1894). A partir de 1895, foi um dos promotores do pensamento sionista (SÜDFELD, 1972, p. 4833).

Parodiando Max Nordau poderíamos dizer: Isso “bastaria por si só para caracterizar a civilização actual como absolutamente mentirosa e as formas políticas e sociais como absolutamente impossíveis de manterem-se”.

Respeito a religião, palavra que não significa – clero nem sectarismo. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 157).

4.5.1 *Liga fraternista internacional*¹⁹⁸

Este item tem apenas quatro páginas (p. 161 a 164). Apresentamos essa questão pela palavra da própria autora, com pedaços das páginas 162 e 163, permitindo-nos perceber sua desenvoltura ao falar sobre o assunto, embasada em diversos pensadores, mostrando-nos, assim, o quanto é libertador o acesso à educação como um todo. Ao mesmo tempo, ela já mostra o início de sua crítica ao entendimento do pensamento e religião hegemônicos.

[...] “Liga Fraternista Internacional”.

Tudo para o progresso moral e material dos povos, pela acção de todos no labirinto entranhado das diversas modalidades de impulso á civilização nova. Depois, dos escombros agonisantes da sociedade que se desmorona fulgirá a Renascença da Igualdade.

Os Estados Unidos fundaram o “Comité de Reconstrucção Social” para que as relações entre os povos e os individuos se equilibrem na lei do amôr que deve unir os homens do futuro.

A “Liga Fraternista” responde ao apello dos irmãos do Nórte e quem sabe se enquanto escrevo, outras nações se apresentam para responder ao nosso?

Sonho?

Utopia?

¹⁹⁸ Os itens 4.5, 4.5.1 e 2, aqui são colocados como subtítulos, por entendermos que a temática pode ter referência com a da religião, mas em seu livro, Lacerda coloca esses subtítulos como títulos, dando-lhes destaque, assim como aos outros títulos apresentados.

Foram os sonhos autoritários, as aspirações dos Nietzsche¹⁹⁹ e dos Hegel²⁰⁰ que fizeram transformar em ondas de sangue, os pensamentos que voavam sob o céu da Kultur²⁰¹...

Foi do sonho mystico-ambicioso de Loyola²⁰² que cresceu, por entre brumas rubras, o pico maximo da barbaridade, na Inquisição.

¹⁹⁹ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão, que por uma doença (paralisia progressiva), passou grande parte de sua vida em manicômios. Foi adepto do pessimismo de Schopenhauer, exaltou a arte como única justificativa do sofrimento da vida, opondo-se ao sofrimento pela moral cristã. Escreveu diversas obras de crítica moral como: *Humano, demasiado humano* (1879), *A gaia ciência* (1882), *Assim falou Zaratustra* (1883-1885), *Além do bem e do mal* (1886), entre outros (NIETZSCHE, 1972, p. 4801).

²⁰⁰ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo alemão, com uma publicação extensa, como *Fenomenologia do espírito* (1807). Influenciou muitos pensadores como os próprios Marx e Engels. “O pensamento filosófico de Hegel é um sistema complexo de unidades no qual a mesma estrutura processa-se em áreas diferentes do conhecimento. Hegel, como um grande filósofo sistemático, aplica as mesmas categorias aos mais variados problemas. Sua dialética triade domina sua forma de apresentar e superar os mesmos. Pensa sempre no sentido de que o pensamento deve percorrer caminhos cíclicos, ou seja, sempre se realizando em si mesmo, na saturação de um conceito que impõe a busca de um outro, necessariamente mais completo, não por decorrência, mas como superação das contradições. E tais contradições são superadas logicamente pelas sínteses promovidas na tensão dos opostos, gerando novas oposições” (TROTTA, 2009, p. 13-14).

²⁰¹ *Kultur Der Zurückhaltung*: “A expressão *Kultur der Zurückhaltung* é por vezes traduzida por *cultura da relutância*. Na realidade, *Zurückhaltung* é traduzido de forma mais correta por *discrição* ou *moderação*. A expressão *Kultur der Zurückhaltung* foi primeiramente desenvolvida por políticos alemães, que não iriam optar por falarem numa relutância alemã quanto ao uso da força em intervenções militares internacionais. Na prática, contudo, o que os atores políticos intitulam de *cultura de discrição* é vista criticamente como uma relutância em recorrer à força militar” (DAEHNHARDT, 2013, p. 155).

²⁰² Inácio de Loyola (1491-1556). Fundador da Companhia de Jesus, uma das grandes personalidades da Igreja Católica Apostólica Romana no movimento contra-reforma. Nobre militar espanhol, de origem basca, converteu-se ao cristianismo em 1521, quando convalescia de um ferimento grave. Em 1522/23, escreveu *Exercícios espirituais*. Junto a São Francisco Xavier e outros companheiros, fundou em Paris a ordem dos Jesuítas (1534), reconhecida pela Igreja em 1540. Foi o primeiro superior-geral da Companhia de Jesus e o autor de suas Constituições (1547/50) (LOYOLA, 1977, p. 695).

E Guttenberg²⁰³, e Rogerio Bacon²⁰⁴, e G. Bruno²⁰⁵, Galileu²⁰⁶, Joanna D'Arc²⁰⁷, Pedro Ramus²⁰⁸, Vanini²⁰⁹, Campanella²¹⁰,

-
- ²⁰³ Johannes Gutenberg (1400-1468), impressor alemão, considerado inventor dos tipos móveis. Por volta de 1450, possuía uma gráfica em Mainz (GUTENBERG, 1977, p. 642).
- ²⁰⁴ Roger Bacon (1214-1294), filósofo e sábio inglês, cognominado o Doutor Admirável. Residiu em Paris de 1236 a 1251. Da Ordem do Franciscanos, comentou obras de Aristóteles, dedicando-se aos estudos científicos. Seu protetor, feito Papa em 1265 com o nome Clemente IV, pediu-lhe o resumo de seus estudos, *Obra maior*. Teve suas obras condenadas, foi preso em 1277 a 1292. Um dos maiores representantes da ciência experimental da Idade Média, foi o primeiro a perceber a inexatidão do calendário juliano. Descreveu várias invenções mecânicas: barcos, veículos e máquinas volantes. Um dos primeiros a libertar-se da escolástica, preconizou a ciência experimental (BACON, 1972, p. 670).
- ²⁰⁵ Giordano Bruno (1548-1600), pensador e escritor italiano. Vestiu o hábito dominicano em Nápoles. Acusado de heresia, teve de refugiar-se em Genebra e outras cidades. Por todos os lugares por onde difundia suas ideias, não tardava a ser incomodado e tinha de fugir precipitadamente. Entregue ao Santo Ofício, foi preso e levado para Roma. Recusou-se a renunciar a suas ideias e morreu na fogueira. Antidogmático, racionalista, criador da teoria dos inúmeros mundos e do infinito (BRUNO, 1972, p. 1120).
- ²⁰⁶ Galileu Galilei (1564-1642), físico e matemático italiano, responsável pela criação da mecânica. Foi o primeiro a utilizar o recém-inventado telescópio para estudar os corpos celestes, sendo o pioneiro na observação das manchas solares e das fases de Vênus. Contribuiu para a popularização do moderno espírito da pesquisa científica. Foi submetido à inquisição, pois defendia a concepção heliocêntrica do sistema solar (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO, 1977, p. 576).
- ²⁰⁷ Joana D'Arc (1412-1431), heroína francesa da guerra dos cem anos (1339-1453). Comandou uma tropa vitoriosa na região de Orléans (1429). Capturada em 1430, foi julgada como herege e queimada na fogueira (D'ARC, 1977, p. 739).
- ²⁰⁸ Petrus Ramus (1515-1572), humanista, matemático e filósofo francês. Sua filosofia é um meio-termo entre o ceticismo e o empirismo. Importante na história da lógica moderna. A ele se deve a racionalização do emprego das letras i e j, e u e v, até então intercambiáveis nas grafias românicas, razão pela qual o j e o v são conhecidos com letras ramistas (RAMUS, 1972, p. 5677).
- ²⁰⁹ Lucilio Vanini (1585-1619), filósofo italiano, ordenado padre, publicou uma obra em que negava a imortalidade da alma. Como monge, foi expulso de sua ordem. Foi para Paris onde se tornou capelão. Seus diálogos *Dos admiráveis segredos da rainha natureza e dos mortais* foram censurados pela Sorbone. Partiu para Toulouse onde foi acusado de ateísmo e práticas de astrologia e magia. Foi condenado a ser queimado vivo (VANINI, 1972, p. 6924).
- ²¹⁰ Tommaso Campanella (1568-1639), pensador e escritor italiano. Dominicano, hostil ao aristotelismo escolástico, muito cedo foi molestado pela Inquisição. Em 1598, pregou a insurreição da Calábria e reivindicou a partilha das terras feudais. Preso, deveu a salvação a uma loucura simulada, mas permaneceu 27 anos preso. Sua obra *A cidade do Sol* ataca o sistema feudal e concebe o estado segundo os princípios da propriedade coletiva. Um dos precursores da moderna teoria política e da filosofia da história (CAMPANELLA, 1972, p. 1248).

Palissy²¹¹, Miguel Servet²¹², Diniz Papin²¹³, Lavoisier²¹⁴, e tantos outros experimentaram a agonia viva na mudez infinita da *dôr physica e moral*.

O pensamento precede á acção.

A arte nasceu antes que a sciencia.

O sonho veio do desejo.

O desejo anseia á realidade.

A arte paira nas nuvens.

É precursôra.

Dos sonhos de agora, irradiar-se-ão, as epopeias mysticas que transformarão as civilizações.

Entre Caliban²¹⁵ e Ariel²¹⁶ a diferença é profunda. Sonhemos com Ariel: voemos ás nuvens e das nuvens descerão todas as inspirações sacrossantas de ideais canóros²¹⁷.

O sol nasce para toda gente, o ar espalha-se pelo espaço ao alcance de todos: ninguem pensa em reservar maior porção.

Haverá epoca em que, como o sol, como o ar, os mares, as terras, o mundo será de todos e assim o amor.

E nóvos ideais mais bellos se estenderão serpenteando pelos corações.

E não mais haverá oprimidos, nem desgraçados.

Lugar para todos (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 162-163).

²¹¹ Bernard Palissy (1510-1590), ceramista esmaltador, protegido de Catarina de Médicis. Em 1580, publicou seu *Discurso admirável sobre a arte da terra, sua utilidade, sobre os esmaltes e o fogo*. Sua obra comporta peças decoradas com plantas, frutas, animais, cerâmicas e encontra-se na transição do estilo renascentista para o maneirismo (PALISSY, 1972, p. 5061).

²¹² Michel Servet ou Miguel de Villanueva (1511-1553), médico e teólogo espanhol, escandalizou os protestantes com seu tratado *Acerca dos erros sobre a Trindade* (1531), em que negou o dogma ortodoxo da Trindade. Foi o descobridor da circulação do sangue. Em 1533, em sua obra *Restabelecimento do cristianismo*, quis voltar à fé dos tempos primitivos, eliminando a metafísica dos escolásticos. Atacou as *Instituições* de Calvino. De passagem por Genebra, foi preso, condenado e queimado (SERVET, 1972, p. 6278).

²¹³ Denis Papin (1647-1714), inventor francês do *digestor* ou *marmita de papin*, espécie de autoclave, para a qual inventou a válvula de segurança. Criou uma máquina a vapor de pistão, cujo princípio descreveu (1687). Em 1707, construiu um barco a vapor entre outras invenções (PAPIN, 1972, p. 5089-5090).

²¹⁴ Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794), químico e político francês, publicou o *Relatório sobre o melhor sistema de iluminação de Paris*, em 1790. Como deputado, membro da comissão para estabelecimento do novo sistema de pesos e medidas em 1794, foi preso, condenado e guilhotinado. Importante cientista, introduziu o sistema da balança, as leis da conservação da massa e dos elementos químicos, criador da química como ciência (LAVOISIER, 1972, p. 3936-3937).

²¹⁵ Caliban, personagem de *A tempestade*, comédia de Shakespeare. Esse monstruoso gnomo obedece, contra a sua vontade, a uma potência superior simbolizada por Ariel, espírito dos ares (CALIBAN, 1972, p. 1214).

²¹⁶ Ariel, da literatura, ensaio de José Enrique Rodó, com grande influência na juventude americana. Apareceu em 1900. Ariel é o espírito do ar, a representação do lado mais nobre do nosso ser, e Caliban, dos estímulos baixos da animalidade (ARIEL, 1967, p. 459)

²¹⁷ Canoro, adj. Que canta harmoniosamente; harmonioso; suave (CANORO, 1981, p. 223).

É bonito ler nas entrelinhas destes escritos que Lacerda nos oferece, a presença de tantas personalidades fundamentais à produção de conhecimento e progresso da consciência humana na história, ao mesmo tempo incompreendidos e injustiçados. Quantas afinidades podemos tecer entre eles e Lacerda. Por isso, pensamos ser coerente estarem presentes nesse tópico do livro, a *Liga Fraternalista Internacional*.

4.5.2 O primeiro congresso de religiões no Brasil

Quando se porfia em cousas impossiveis, cêdo ou tarde se conseguem cousas possiveis que de outro modo nunca se teriam alcançado. (SAINTE-BEUVE²¹⁸ apud LACERDA, 2015, p. 167).

A comemoração naquele ano do Dia da Fraternidade Universal (1º de janeiro) aproximou as ideias da Liga Fraternalista Internacional com o Brasil.

Sem duvida, em breve teremos o prazer de ver reunidas para o mesmo fim todas as religiões afim de que sejam lançadas as bases para a harmonia de uma só religião – o amôr, um só culto – a verdade, um só principio – a justiça. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 167-168).

Ela apresenta os diversos entendimentos de representantes de várias religiões que discursam pelo respeito à liberdade de pensamento. No Primeiro Congresso foi exposto um suposto acordo:

Posso acrescentar que, no projecto a realizar-se no 1º Congresso, em vez de discussões, os congressistas apresentarão, em theses, os pontos nos quaes as religiões estão mais ou menos de accordo:

²¹⁸ Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), escritor e crítico literário francês. Introduziu na crítica literária o método psicológico, segundo o qual a análise das obras literárias presta sobretudo para revelar a personalidade do autor. Publicou *Retratos de mulheres* (1844), *Retratos literários* (1844/52) e *Retratos contemporâneos* (1846). Mas sua obra principal é *Port-Royal* (1840/59), rico painel da vida política, religiosa e literária do reinado de Luís XIV (SAINTE-BEUVE, 1977, p. 1110).

'a unidade de Deus, a existencia de hierarchia de seres espirituaes, a existencia de 3 planos para campo da evolução humana, reencarnação, alei de causa e effeito, a lei da Fraternidade, a immanencia de Deus e do Kosmos.

Nada mais consolador que esse bello movimento em favor de uma religião unica.

Ha tantos mil annos os homens se degladiam em nome de um mesmo Deus! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 168-169).

Questiona, a seguir, a quantidade de crimes contra a humanidade que já foram executados em nome de um Deus ou de uma religião e pergunta ao leitor se não seria mais lógico o ensino de todas as religiões, pensamentos filosóficos, para a “completa emancipação dos homens na conquista de um ideal” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 169). Propõe uma possível troca de pensadores de Isaías²¹⁹ por Confúcius²²⁰, no lugar de dizer “fóra da minha igreja não ha salvação” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 169).

Os Védas²²¹ com os seus deuses e as suas allegorias – Agni²²², Soma²²³, Indra²²⁴, Rudra²²⁵, etc.; os poemas epicos de Mahabharata²²⁶, Budha²²⁷ e o nirvana tão mal compreendido pelos

²¹⁹ Appropinqua-se a mim este povo com a sua bocca, e com os beijos me honra: mas seu coração está longe de mim (ISAIAS apud LACERDA, 2015, p. 169).

²²⁰ A minha doutrina consiste apenas em ser honesto e em amar o próximo como a mim mesmo (CONFUCIUS apud LACERDA, 2015, p. 169).

²²¹ Vedas – população indígena do Ceilão, de baixa estatura, vivendo da caça e da colheita. Os mais antigos datam de 1500 antes da nossa era (VEDAS, 1972, p. 6949).

²²² Agni, deus do fogo, na mitologia védica. No céu, é o relâmpago e o sol; na terra, o deus do lar. O termo representa, ao mesmo tempo, o fenômeno e a divindade pessoal do fogo. Um deus de sete línguas, com que lambe a gordura dos sacrifícios. É dos mais louvados deuses dos hinos védicos (AGNI, 1972, p. 136).

²²³ Soma, personificação e divinização de soma (a planta que veio do céu). É louvado nos hinos Rig-Veda como companheiro inspirador dos deuses, particularmente de Indra (SOMA, 1972, p. 6396).

²²⁴ Indra, divindade principal do panteão védico. Para os hindus modernos, constitui o guardião do quadrante oriental da rosa-dos-ventos (INDRA, 1977, p. 703).

²²⁵ Rudra, deus da tempestade e dos trovões na mitologia hindu.

²²⁶ Mahabharata, “a grande batalha do Bárata”, a maior obra da literatura sânscrita e uma das mais importantes da literatura universal. Essa epopeia, da qual a Bhagavad-Gita é a parte mais conhecida e famosa, continha mais de 200 mil versos duplos de dezenove sílabas, em sânscrito, de que só se conhecem 100 mil. Não é, certamente, obra de um só autor. O tema é a luta entre dois grupos rivais de primos, os Pândavas e os Kauravas. É um monumento literário cheio de interesse religioso, filosófico e social (MAHABHARATA, 1972, p. 4190).

²²⁷ “Buda, palavra que significa, em páli e sânscrito, ‘Iluminado’ ou ‘Desperto’, foi segundo todas as probabilidades, uma personagem histórica. Contudo, em suas Vidas ou jâtakas, dados

poetas modernos como sendo o aniquilamento; a poesia indiana; o Genesis, a Bíblia com o seu Cantico dos Canticos – poesia dramatica; o Talmud²²⁸ ou a civilização dos hebreus; todos os poemas evangelicos, todos os poemas lyricos, epicos da litteratura antiga não deveriam ser ensinados, sem preconceitos, sem critica *a priori*? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 170).

A beleza das religiões, sua estética e filosofia, pode conduzir à contemplação do ideal de perfeição. Na contemplação da natureza o homem idealizou um mundo e formulou o culto ao amor, independente da religião.

Todas as concepções religiosas sob o ponto de vista artistico-philosophico desenvolveriam a intelligencia humana preparando os individuos á analyse racional dos factos segundo as épocas o meio, etc.

mitológicos predominam a ponto de transformá-lo em protótipo do ‘homem divino’, segundo a tradição indiana – que pertence também a um sistema encontrado em outras áreas geográficas. Esse sistema apresenta elementos comuns com os *theioi andres* dos gregos e com as biografias míticas mais tardias de outros fundadores de religiões, como Jesus, Mani, etc. Embora seja impossível discernir os elementos históricos, devem ser levadas em conta várias informações, segundo as quais o futuro Buda teria sido filho de um régulo do clã Sākya, no noroeste da Índia. As cronologias de seu nascimento variam de 624 a 448 antes da nossa era” (BUDA, 2009, p. 67-68).

²²⁸ Talmud ou Talmude (pal. Hebr., “estudo”), grande coleção de literatura religiosa judaica, que compreende textos que vão do século III a.C. até o fim do século V d.C. Representa a expressão da lei oral, complemento da Torá, ou lei escrita (TALMUD, 1972, p. 6529).

E Moisés, Buddha, Lau-Tseu²²⁹, Christo, Mahomet²³⁰, Zoroastro²³¹, Lutero²³², Calvino²³³, Confucius²³⁴, Arius²³⁵, Eutycho²³⁶, S. Maron²³⁷, Nestorio²³⁸, Anna Lee – a fundadora do culto Shakers²³⁹

- ²²⁹ Lao-tse ou Lao-tcheu, filósofo chinês do século VI ou V a.C. Os taoístas pretendem que sua doutrina tenha dado origem ao budismo (LAO TSE, 1972, p. 3908).
- ²³⁰ “Maomé nasceu em uma família de mercadores de Meca (família dos Hashimitas, tribo dos Curaixitas) em cerca de 570 [...] Por volta de 610, durante uma das meditações solitárias que ele fazia periodicamente nas grutas das proximidades de Meca, começou a ter visões e revelações auditivas. Segundo a tradição, o arcanjo Gabriel apareceu-lhe e mostrou-lhe um livro, convidando-o a ler. Maomé desculpou-se várias vezes por não saber ler, mas o anjo insistiu e o profeta ou apóstolo de Deus conseguiu ler sem dificuldade. Deus revelou-lhe, como aos profetas de Israel, a incomparável grandeza divina e a pequenez dos mortais em geral e dos habitantes de Meca em particular. Durante um certo tempo, Maomé só falou sobre suas revelações e sobre as missões proféticas às pessoas de sua intimidade, mas os círculos de fiéis foram ficando cada vez maiores [...] Começou a pregar publicamente sua mensagem monoteísta [...] e teve outras revelações. Várias delas iriam construir a teologia do Corão” (MAOMÉ, 2009, p. 192).
- ²³¹ Zaratustra, também tido como Zoroastro no Ocidente, reformador religioso iraniano (600 / 700 a.C.). Sua vida é em grande parte lendária. Teve aparições e pôs-se a pregar uma doutrina religiosa que o opôs ao clero. Mas recebeu o apoio do príncipe bactriano Vishtâpa e pôde propagar seus ensinamentos em todo Irã. Estes, conservados pelos gâthâs do Avesta, retomam o tradicional dualismo iraniano do bem e do mal, mas encorajam o homem a se desviar das potências do mal, a fim de se manter na luz eterna (ZARATUSTRA, 1972, p. 7159).
- ²³² Martinho Lutero (1483-1546), teólogo reformador alemão. Monge estudioso, austero, buscou os motivos de sua salvação no estudo das epístolas de Paulo. Foi condenado pela Igreja Católica por suas ideias reformistas, que se opunham à hierarquia romana, pela supressão do celibato, pelo fim dos privilégios do clero e a liberdade de interpretar as Escrituras. Estas se tornaram o ponto essencial de sua doutrina (LUTERO, 1972, p. 4132).
- ²³³ João Calvino ou Jean Calvin (1509-1564), adepto das ideias reformistas, publica em 1536 *A instituição de religião cristã*, que é a base de sua doutrina da justificação pela graça, resultado da predestinação de alguns eleitos; repele os sacramentos, exceto a comunhão. Sua doutrina alastrou-se por toda a Europa, principalmente entre os comerciantes, sendo a mentalidade calvinista considerada o espírito do capitalismo (CALVINO, 1972, p. 1223).
- ²³⁴ “Confúcio é o nome latinizado de K’ong Fut-se (Mesre K’ong), fundador do confucionismo. Seu nome verdadeiro seria K’ung Ch’iu e teria nascido em meados do século VI”, antes da nossa era, “na província de Chan-Tung, onde seu pai pertencia à aristocracia militar inferior.” Dedicou-se “ao ensino de um grupo restrito de discípulos de poucas posses, que ele tentava transformar em jens, seres humanos perfeitos. O modelo que se poderia utilizar para dar uma ideia do jen não é o cavaleiro medieval, mas o *gentleman* que sai pela correção formal em todas as circunstâncias da vida” [...] “A moral confuciana, que se torna a base do Império Chinês até 1911, não era aristocrática, mas burguesa. Não consolidava os privilégios do nascimento, mas os da educação e do comportamento formal” (CONFÚCIO, 2009, p. 95-96).
- ²³⁵ “Arianismo. Doutrina de Ário, famoso heresiarca de Alexandria (280-336), segundo a qual era Cristo uma criatura de natureza intermediária entre a divindade e a humanidade” (ARIANISMO, 2010, p. 198).
- ²³⁶ Eutíquio, em grego *Eutykhes*, heresiarca bizantino (378-454). Monge de Constantinopla, combateu o nestorianismo, mas caiu na heresia oposta, afirmando que em Jesus Cristo só há natureza divina. Foi condenado pelo concílio de Calcedônia (451) e exilado pelo imperador Marciano (EUTÍQUIO, 1972, p. 2623).
- ²³⁷ São Maron ou Maroun (monge sírio cristão do século V), nome do patriarca fundador da comunidade ou seita cristã original, os maronitas (SÃO MARON, 2010, p. 1346).
- ²³⁸ Nestório (380-451), heresiarca, patriarca de Constantinopla de 428 a 431 d.C. Foi adversário dos arianos. Sua doutrina cristológica levou-o à condenação e ao exílio pelo concílio de Éfeso. Nestório pregava que havia duas pessoas em Jesus Cristo e que a união dessas duas naturezas não se verifica de modo substancial e hipostático (NESTÓRIO, 1972, p. 4775).
- ²³⁹ Shakers: Movimento chamado Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo. Mãe Ann Lee Stanley costuma ser considerada a fundadora do movimento. O ano de 1787, quando, em consequência de revelação, os primeiros shakers se estabeleceram em Nova York, é, de acordo com eles, o início do reino milenar de Cristo. Mãe Ann Lee ensinava que Deus é

– protestante. Emmanuel²⁴⁰, Swedemborg²⁴¹, Allan Kardec²⁴², Augusto Comte e outros, assim como os fundadores de religiões e seitas extintas: Carpócrato²⁴³, Donato²⁴⁴, Epicuro²⁴⁵, Valentim²⁴⁶, o iniciador dos gnósticos, Cornelius Jansenius²⁴⁷, Orígenes²⁴⁸, Pelágio²⁴⁹, Zwingli²⁵⁰ e muitos e muitos outros cientistas, philosophos, artistas e nevropathas seriam estudados como grandes precursôres ou como responsáveis pelas barbaridades commettidas em nome da ignorancia e das paixões ou como idealistas ou como casos pathologicos no dominio scientifico. E desapareceria a superstição (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 170-171).

masculino e feminino. O princípio feminino de Cristo teria se manifestado e se cumprido em Mãe Ann Lee; também a promessa da segunda vinda. O movimento pregava a separação do mundo, a propriedade comum e o celibato. Vestiam-se todos da mesma forma e diziam ter o dom de curar (SHAKERS, 2002, p. 424).

- ²⁴⁰ “Emanuel, ou Emmanuel, ou Immanuel, palavra em hebraico que significa Deus conosco, e pela qual Isaías designa o Messias por vir” (EMANUEL, 1972, p. 2384).
- ²⁴¹ Emanuel Swedenborg (1688-1772), cientista e filósofo sueco. Fundador da primeira revista científica sueca. Interessou-se por geologia e biologia, escreveu *Obras filosóficas e de mineralogia*. Depois de crise psicopática, começou a estudar os fenômenos psíquicos e sobrenaturais e escreveu livros sobre sua comunicação com os espíritos. Dele se derivou uma seita difundida nos países anglo-saxônicos (SWEDENBORG, 1972, p. 6505).
- ²⁴² Allan Kardec (1804-1869), pseudônimo de Léon Hippolyte Denizard Rivail, pensador francês e sistematizador do espiritismo moderno (KARDEC, 1977, p. 753).
- ²⁴³ Carpócrates, fundador de uma seita gnóstica em Alexandria, no século II, misto de platonismo e cristianismo. Afirmava a preexistência e a transmigração das almas, a capacidade de os espíritos superiores relembrares suas vidas anteriores, a união do homem religioso com o divino e a falta de importância em todas as coisas materiais (CARPÓCRATES, 1972, p. 1381).
- ²⁴⁴ Donato, bispo de Catargo, no século IV, fundou uma seita religiosa que ficou conhecida como donatismo (DONATO, 2010, p. 739).
- ²⁴⁵ Epicuro, filósofo grego. Sua filosofia deriva da de Demócrito. Considera a natureza um conjunto de átomos materiais cujos movimentos não são regidos por um determinismo rigoroso, mas pelo acaso absoluto. Sua moral tem por objeto a felicidade do homem, colocando-a na cultura do espírito e na prática da virtude. Trata-se de encontrar o refúgio em si mesmo (EPICURO, 1972, p. 2439).
- ²⁴⁶ Valentim, gnóstico de origem egípcia. Instalado em Alexandria, dirigiu-se depois a Roma, onde ensinou uma doutrina panteísta, que contribuiu para difusão da gnose (VALENTIM, 1972, p. 6909).
- ²⁴⁷ Cornelius Otto Jansen (1585-1638), reformador católico fundador do jansenismo, movimento que parte da doutrina de Santo Agostinho sobre a redenção da graça divina, para concluir que o homem é predestinado ou para o bem ou para o mal (JANSEN, 1977, p. 732).
- ²⁴⁸ Orígenes (183-252), teólogo alexandrino e exegeta cristão, criou um sistema no qual cristianismo e platonismo estão profundamente amalgamados. Algumas ideias hauridas de seus escritos foram condenadas no Concílio de Constantinopla (553), sob o nome de origenismo (ORÍGINES, 1972, p. 4971-4972).
- ²⁴⁹ Pelágio (360-422), monge, fixado em Roma, expôs opiniões pessoais sobre a graça, que se opunham às de Santo Agostinho e que foram condenadas (PELÁGIO, 1972, p. 5212).
- ²⁵⁰ Zwingli (1484-1531), reformador suíço, estudou teologia; humanista erudito, rebelou-se contra práticas supersticiosas, criticou o papa, a cúria e a doutrina cristã em seu livro *Comentário sobre a verdadeira e a falsa religião* (1525). Sua doutrina combina o humanismo erudito e radicalismo religioso, fornecendo a base para o calvinismo (ZWINGLI, 1972, p. 7178).

A autora responsabiliza a disputa entre as religiões como responsáveis por acabar com a paz entre os homens. Um dos exemplos que traz é o da crueldade no tribunal da inquisição. Ensinam ao povo que devem se resignar para poderem dominar.

As religiões em vez de serem instrumentos de perfeição e felicidade, têm sido alavancas de destruição e odio. Têm sido instrumento dos fortes contra os fracos, instrumento politico, commercial, impulsionador de castas e autocracias servindo mais aos ricos, aos poderosos, aos potentados. Ao povo ensina-se a humildade, a resignação, a tolerancia para que obedeça ao poder, ao mando, ao governo dos despotas fortes e ambiciosos (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 171).

Ela procura demonstrar, por meio de seus escritos e críticas, que o que há em comum nas religiões são os preceitos de moral que muitas vezes são inatos nos seres humanos não religiosos. “Estes principios basicos da felicidade, melhor se desenvolviam se todos soubessem ser tolerantes e deixassem voar, livre, o pensamento humano” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 171-172).

Infelizmente, porém, as religiões baseiam-se em preconceitos, quando deveriam reger-se pela fraternidade, igualdade e solidariedade. Aqui vemos estancadas as palavras de ordem da Revolução Francesa. O Deus é o mesmo, então não precisamos nos odiar. A autora sonha com um amanhã em que não haja mais igrejas, “nem odios, nem vinganças porque o Deus que todos adoram é um só” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 172).

Os homens verão desdobrar-se o pavilhão do amôr de Buddha e Confucius, Lau-Tseu e Christo que pregaram com as mesmas palavras.

A “Liga Fraternalista Internacional” fundada pelo Representante da Ordem da Estrela do Oriente – senhor Giovanni Leoni²⁵¹ – traça um programma bellissimo entrelaçando os cultos em um só culto – o Amôr.

O Congresso das Religiões que o Brasil em breve reunirá deverá ser uma das victorias da grande renovação que se vai preparando entre os póvos.

Daqui por deante não mais a inquisição do pensamento. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 172).

Ela era uma militante do livre-pensamento, da solidariedade e da mútua

ajuda:

Ter livre a consciencia é o meio de voar mais alto.

Galileu teria sido tres vezes Galileu se lhe não amordaçassem a palavra contemplativa do Ideal.

A tolerancia e o respeito constituem a virtude do verdadeiro espirito religioso.

Supremo ideal de Paz e Amôr! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 172-173).

4.6 Solidariedade, a infancia abandonada e a philantropia

[...] E na família? Pois não vemos nós a mulher, depois de ter servido aos filhos, guardar para o homem “que trabalha e tem necessidade de reparar as forças” a parte da carne melhor e o copo de vinho quando o ha? Se ha velhos todos procuram pôr-lhes no prato aquilo de que mais gostam.

E quando em casa falta pão, o pae e a mãe reduzem a sua parte, já tão insufficiente, para aumentar a dos filhos, menos aptos a sofrer privações.

Em lugar de termos uma sociedade em que os individuos são forçados a tratar-se como inimigos, façam com que ella seja apenas uma grande familia – e o que se produz na pequena familia de hoje, produzir-se-a nessa grande familia de amanhã. (GRAVES²⁵² apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 177).

²⁵¹ Giovanni Leoni, maçom da Ordem da Estrela do Oriente, ordem internacional, contribuiu, em 1920, para a unificação deles, fundando a Lojas Teosófica Unidade no Ceará, filiada à seção brasileira da Sociedade Teosófica Mundial (SILVA, 2015).

²⁵² Robert von Ranke Graves (1895), poeta e romancista inglês, conhecido por seus romances ambientados na Roma imperial (GRAVES, 1977, p. 619).

Nossa autora fala da solidariedade entre irmãos, independentemente da consanguinidade. A epígrafe acima diz muito sobre o conteúdo deste capítulo, ao qual intitulou “Solidariedade” – para com a família de sangue, mas, em destaque, a “família mundo”, ou, melhor dizendo, para com a humanidade, para com a criança abandonada, a mulher e o homem, trazendo a importância do cuidado para com todas e todos.

Especificamente sobre a criança abandonada, em primeiro lugar ela expõe o projeto de assistência e proteção à infância de Alcindo Guanabara²⁵³, mas diz que o difícil não é apresentá-lo e, sim, colocá-lo em prática. Cita nomes de outros políticos que também *batalham*, como ela mesma diz, pelo direito da criança. São eles Evaristo de Moraes²⁵⁴, Ataulpho de Paiva²⁵⁵ e Balthazar da Silveira²⁵⁶. Explica, então, que acabar com as problemáticas sociais não é interesse dos governantes, pois isso significa

fechar os hospícios, as casas de saúde, as cadeias, é incrementar o trabalho productivo, fazer multiplicar as culturas. Como, porém isso não beneficiaria imediatamente as ambições pessoas – decretam-se medidas econômicas. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 178).

²⁵³ Alcindo Guanabara (1865-1918), jornalista brasileiro, redator da Gazeta da Tarde. Foi deputado federal (1890, 1894, 1903 e 1912), participou da Constituinte (1891) e foi um dos homens da imprensa mais influentes de sua época (GUANABARA, 1977, 626).

²⁵⁴ Antônio Evaristo de Moraes (1871-1939), advogado brasileiro, defensor dos fracos e dos pobres, na justiça e na imprensa. Um dos fundadores da Associação Brasileira de Imprensa, do Partido Operário (1890) e do Partido Socialista (1920), participou da campanha civilista de Rui Barbosa (1909). Foi preso por motivos políticos (1924). Escreveu várias obras, principalmente sobre a questão das crianças e a abolição dos escravos (MORAES, 1972, p. 4620).

²⁵⁵ Ataulfo Nápoles de Paiva (1865-1955), magistrado brasileiro, advogado, juiz, ministro do Supremo Tribunal Federal (1905-1934), presidente do Conselho Nacional do Trabalho, Serviço Social e da Liga Brasileira contra a Tuberculose (hoje Fundação Ataulfo de Paiva), com grande atividade também na literatura (PAIVA, 1972, p. 5046).

²⁵⁶ Carlos Baltasar da Silveira (1843-1913), almirante brasileiro, combateu em várias revoltas (Paraguai, Armada), foi Ministro da Marinha (1898/99) no governo Campos Sales e escreveu um livro sobre a Campanha do Paraguai (1900) (SILVEIRA, 1972, p. 6326).

Ironiza o governo que recebe com aplausos os novos projetos, mas nada faz em favor das classes desprotegidas. Elogia o projeto de Alcindo Guanabara, uma bela tentativa, mas um atentado aos princípios da liberdade, pois impunha a obrigatoriedade do ensino religioso nos espaços de acolhida dessas crianças. Denuncia nossa responsabilidade pelo que há de acontecer no futuro com essas crianças, por nossas ambições e medidas econômicas, isto é, a desigualdade social e, conseqüentemente, a luta de classes.

Os nossos antecessores são responsáveis por esses criminosos que enchem as prisões de hoje, pelos criminosos que andam, em maior numero, soltos pelas ruas. [...]

Nós, responderemos pelos crimes de amanhã. Assim, minhas leitoras, tende pena dessas crianças que andam ao léu, pensai que, amanhã, revoltar-se-ão contra vossos filhos que não trabalharam e desfrutam a vida em palácios e carruagens e festa quando lhes deveriam estender as mãos, mitigar-lhes os sofrimentos. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 179).

Nesse momento em que denuncia nossa responsabilidade pelas revoltas que podem se acumular, chama a nós, mulheres, para a enorme possibilidade de mudanças e para a contribuição que podemos e devemos dar para a transformação da realidade social.

A mulher poderia influir muitíssimo para as condições do proletariado se modificassem, para que a criança fosse protegida pelas leis, para que os meios higienicos robustecessem-lhe o corpo e a intelligencia, e uma instrução solida lhe fosse ministrada a fim de fazer desaparecer, o mais rapidamente possível, essa desigualdade social.

Mas, que fazemos nós, mulheres, no nosso país?

Solidariedade não é promover um chá-tango que rende alguns mil reis – quantia sempre insufficiente para debellar o mal.

Solidariedade é cooperar na grande obra de emancipação dos oprimidos, é trabalhar para a extinção da miseria universal. Utopia? Alguns países já a realizaram em parte, porque – pobreza nunca foi miseria. E aos poucos tudo caminhará. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 180).

Por tais questões, ela insere o subtítulo *Philantropia* dentro do título *Solidariedade*. Este nos remeteu, nos momentos de leitura, a um termo muito utilizado nos dias de hoje dentro do movimento feminista: *sororidade*²⁵⁷.

Toda mulher deve fazer de sua vida um sacerdocio, sacerdocio do amôr e da dedicação pela causa dos fracos.
Convém, entretando, que ella se instrúa para que a razão não fique coberta pelo véo espêso do sentimentalismo na pratica da caridade mal compreendida.
Deve procurar amparar a outra mulher, sobretudo voltar as vistas para a mulher proletaria, auxilia-la, lembrar-se das crianças que podem vir ao mundo em meio de uma promiscuidade revoltante, sem conforto, sem hygiene, sem saúde, crianças que nos primeiros dias da triste juventude devem ter desejos de nunca haver existido!
(LACERDA DE MOURA, 2015, p. 180-181).

²⁵⁷ Este termo é bastante utilizado dentro do movimento feminista até os dias de hoje. Na prática, alguns de nós estamos tentando ampliar a questão de solidariedade entre “irmãs/mulheres, abrangendo, ouvindo, respeitando e lutando por todas as mulheres, incluindo as questões de raça e classe. Mas se torna extremamente importante a crítica da teoria política feminista que tem eco dentro do próprio movimento [...] Os feminismos, em algum momento de sua história, criaram e propagaram, como expressão de sua identidade, a noção de ‘sororidade’ ou da irmandade, a idéia é força de unificação das mulheres, admitidas como iguais em sua biologia, aglutinadora de energias numa luta comum contra a desigualdade em relação aos homens. Afirmada no poder social das mulheres, visível nos ‘maternalismos’, lugares das lutas feministas por direitos sociais. Essa forma de pensar a identidade biológica ganha revisões a partir dos anos 80, do século XX. Na noção de ‘sororidade’, conformam-se a homogeneização e a ocultação das diferenças e desigualdades entre as mulheres. Essas revisões decorrem da crescente tomada de consciência das diferenças e desigualdades no que concerne ao enquadramento político; à posição de classe; às circunstâncias raciais/étnicas; às distâncias de geração e ideológicas. No Brasil, esse debate, restrito a alguns círculos, mantém-se lacunar no que tange à avaliação de impasses dos feminismos, organizações sempre imaginadas como de defesa de doutrinas igualitárias. Ações referenciadas, abstratamente, ao homem e à mulher, entidades universais e essenciais, deixam de levar em conta muitos dos processos sociais que tecem essas mesmas desigualdades e se distanciam das questões cruciais da vida contemporânea. A busca da fina sintonia dos feminismos com os sofrimentos a sua volta, traduz uma forma de repensar pautas de lutas contra as desigualdades humanas, a partir das relações próximas, como sinaliza a ‘Marcha das Mulheres’” (COSTA, 2004, p. 25). Pensamos que o entendimento do que é sororidade pode, sim, ser ampliado no movimento feminista e nos estudos da teoria política feminista, refletindo-se sobre sua conceituação.

4.6.1 Maternidade

Essa temática ela a dedica para explicar sua ideia sobre a importância de proteger as crianças, desde a mais tenra idade, tirá-las das fábricas e colocá-las nas escolas. Mais uma vez, fala da solidariedade entre as mulheres e da responsabilidade da sociedade:

Que culpa tem essa pobre criança de ter vindo ao mundo em meio de seres que se dizem humanos e fazem leis de ferro para os fracos?

Que a mulher estenda os braços á mulher, que feche os olhos ás paixões da natureza humana para acariciar a mãe e prevêr o futuro de um ente que é nosso irmão, seja elle de qualquer condição.

No dia em que a sociedade estender as mãos a essas tristes mães para alivia-las, não mais veremos infanticídios e as rodas²⁵⁸ desaparecerão.

Façamos multiplicar a Liga Pro-Mater, instituamos, por toda parte, o caldo ás lactantes, as “gottas de leite”, a assistencia á infancia, que a mulher brasileira trabalhe para converter em lei um projecto de legislação operaria que satisfaça as condições de hygiene da mulher.

Que qualquer officio ou trabalho não prejudique aos filhos. Mais ainda: tiremos a criança da fabrica conduzindo-a á escola. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 181).

Lacerda destaca a importância de uma lei que proteja não só a mulher, mas também sua maternidade. Para tanto, apresenta o projeto de lei (p. 182-186) proposto por Maurício de Lacerda, em 1917, na Câmara dos Deputados, sobre o

²⁵⁸ “A lógica do abandono passa pelo rigor do termo e sua contextualização. No Brasil, desde a Colônia até a crise do Império, no final do século XIX, as crianças abandonadas eram tratadas com os termos *expostos* e *enjeitados*. Esses termos correspondiam ao tipo de abandono mais comum para o período, o de recém-nascidos, e se consubstanciavam nas práticas de enjeitar as crianças, expondo-as em locais onde seriam, muito provavelmente, recolhidas. Os locais mais comuns eram as igrejas e conventos e, mais tarde, as ‘rodas dos expostos’” (TRINDADE, 1998, p. 44).

trabalho das mulheres. A autora transcreve o projeto de lei em seu texto²⁵⁹. Este apresenta alguns avanços nos direitos trabalhistas das mulheres, como licença maternidade, horário e salário iguais entre homens e mulheres, mas ainda mantém alguns atrasos, como o fato de a mulher casada ter que apresentar autorização do marido para poder trabalhar.

A autora diz foi um grande mérito Mauricio de Lacerda ter apresentado essa lei antes da Revolução Comunista. Fala da importância do Decreto nº 3.724, que regula as questões referentes ao acidente de trabalho, mas diz:

[...] cuidaram da questão social, do operariado, depois que os operarios exigiram.

E agora, quer queiram quer não, todos hão de tratar da solução economica social. Os trabalhadores já sabem que “a liberdade não se pede, conquista-se”. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 187).

Para encerrar o subtítulo, agora mais especificamente sobre a legislação trabalhista, Lacerda apresenta um panorama sobre os avanços e conquistas, assim como os retrocessos do operariado feminino em alguns países, principalmente a Suíça, Alemanha e França, e finaliza fazendo sua crítica ao Brasil.

Leis, e mais leis. Ha muito a desejar; não é facil burlar essas leis que dão margem favoravel ao patrão?

Quem vencerá mais facilmente? E o dinheiro para pagar advogados e procuradores, emfim, para comprar a lei?

O proprio sr. Ruy Barbosa, no seu discurso sobre a questão social, Ruy Barbosa – candidato á presidência (!) pergunta: “Estará de accordo com o promettimento da taboleta a mercadoria exposta?”

E censura e disséca a lei que omitta alguns operarios e o trabalho agricola.

Ruy Barbosa no seu ultimo discurso, trata superficialmente da “A sorte do operario”, “trabalho dos menores”, “casas de operario”,

²⁵⁹ O projeto de lei sobre o trabalho das mulheres apresentado por Maurício de Lacerda para Câmara dos Deputados em 1917 está aqui neste trabalho para quem tiver curiosidade, no Anexo II.

“trabalho e escravidão”, “o seguro operario”, “Lei manca”, “trabalho nocturno”, “trabalho em domicilio”, “gravidez e parto”, “armazens de venda aos operarios”, “trabalho e sexo”, “trabalho eedades”, “duração do trabalho”, etc. etc. de todos esses assumptos relativos ao operario e que encontramos vastamente elucidados em qualquer livro socialista. Disse verdades.

Tudo por fazer. Ideias não faltam, os criticos se multiplicam, leis se amontoam e, no campo pratico – nada, absolutamente nada. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 188-189).

4.6.2 Policiamento de costumes

Urge que todas as senhoras de responsabilidade protestem contra a educação de hoje, contra esses costumes que affetam o pudôr do nosso sexo (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 189).

Neste tema sobre o policiamento dos costumes, fica muito nítido, como podemos ver na epígrafe, o policiamento²⁶⁰ no sentido de as mulheres se instruírem para não serem usadas como mercadoria ou objeto de sedução e descarte.

Iniciemos, portanto, essa conversa para tentarmos perceber essas questões. Em um primeiro momento, a autora parabeniza o gesto de algumas mulheres que protestam contra a criação de um *cabaret*, ao mesmo tempo em que ridiculariza os homens, fazendo-lhes críticas.

Dizem que todos os que-adoram a pureza.

Ou eu não cômpreendo o que querem dizer com isso ou não sei bem o que seja pureza.

Se tivessem o respeito que apregôam (por palavras) ao que é nobre, digno e puro, não ridicularizariam as solteironas. Se tivessem esse acatamento pela virgindade não levariam aos lupanares as ingenuas criaturas que se lhes entregam confiantes, generosas, cheias de ilusões e ideais. E, quantas vezes fazem uma moça honesta resvalar na miseria afim de que a fome e a nudez lhe apontem um unico recurso salvador – a sua venda.

²⁶⁰ Mantivemos a palavra policiamento por ser um termo utilizado pela autora, e não necessariamente pelo fato de concordamos com a aplicação deste termo junto a esta temática.

Logo depois é desprezada e á miseria adiciona-se a vergonha, a humilhação. Para os outros homens aquella moça vale pela metade. Que ideal de pureza é esse? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 190-191).

Diante das colocações desta educadora, é perfeitamente possível ver sua denúncia da hipocrisia moral da sociedade no início do século XX. A mulher não pode ter seu próprio sustento e a *boa* mulher deve ter um *bom* casamento para ser *bem* vista na sociedade. O que acontece, então, com as mulheres que não conseguem um bom casamento? Ou aquelas que, na luta para terem um bom casamento, acabam se entregando às seduções? Aqui, mais uma vez, a autora apresenta a necessidade da coeducação como educação para a vida, para que a mulher possa, se não se libertar, pelo menos se precaver de prejuízos ainda maiores dentro de sua realidade.

A autora fala dos perigos da sedução, mas deixaremos essa temática para as próximas páginas, onde será apresentado um título específico sobre essa problemática. Conta, então, um pouco sobre as associações femininas na América do Norte e a importância de olharmos para essa questão sexual. Mais uma vez, chama as mulheres brasileiras a se unirem.

União, leitoras minhas, façamos um grande blóco em torno da nossa fragilidade. Fortifiquemo-nos em nobres aspirações e proclamemos bem alto o nosso santo ideal de perfeição.

Mme Selda Potocka²⁶¹ ao voltar da Europa pretende com o concurso de Mlle Gilberta Lutz²⁶² fundar uma associação das

²⁶¹ Selda Potocka, na imprensa carioca, inclusive no *Correio da Manhã*, a partir de 1916, expunha algumas das ligações possíveis entre trabalho feminino e classe, além de apontar diferentes usos dos jornais diários por parte de leitoras e colaboradoras. Buscando conciliar interesses comerciais e políticos, Selda Potocka colaborou em diferentes periódicos, aconselhando sobre beleza e assuntos de foro íntimo e compartilhando reflexões sobre a articulação de um clube de senhoras, cujo principal objetivo seria o de mediar o acesso de mulheres necessitadas a empregos honestos (GARZONI, 2012, p. 209).

²⁶² É importante ressaltar que aqui Lacerda apresenta sua futura parceira de escritos e lutas feministas, Bertha Lutz, já apresentada em nota no capítulo 1 deste trabalho. Em 1918/1919,

mulheres brasileiras. Que cada cidade desse imenso Brasil defralde o seu estandarte e as mãos femininas se apertem num formoso sonho de união e solidariedade para a grande obra da emancipação. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 192).

4.6.3 *Hygiene, a criança e o cinematographo*

No livro original, os três temas estão em subtítulos diferentes, um após o outro, mas, como de algum modo se correlacionam, foram aqui colocados num mesmo subtítulo. São momentos em que Maria Lacerda descreve a realidade brasileira, destacando, entre os aspectos sociais vividos, os problemas da educação e da saúde.

Os problemas de saúde, que poderiam ser resolvidos com recursos e informação, na prática mostram as misérias relacionadas à moradia, à saúde e o não acesso à educação. Estas contribuem para um cenário que Lacerda denuncia, destacando a alimentação imprópria, as doenças e os vícios. Fala, então, da responsabilidade de as mulheres ajudarem-se umas às outras sem deixar de apresentar a preocupação com a saúde das crianças.

O cinematógrafo é um instrumento inegavelmente relevante, no sentido de inovação tecnológica, mas a autora demonstra sua preocupação em relação à saúde, principalmente das crianças, diante da exposição a algo desconhecido, afirmando a necessidade de pesquisas sobre o assunto.

A ignorância do nosso povo é a causa de muita miseria, de molestias e da mortalidade infantil tão intensa em nosso país. As molestias do aparelho digestivo dão um coeficiente extraordinario de mortalidade entre as crianças de peito. A ignorância das mães em assumptos de alimentação, a superstição

Lacerda se referia a ideais da autora sobre a emancipação feminina e as desigualdades de gênero.

e a indolencia dos Géca Tatù²⁶³ de ambos os sexos – é a causa de tamanha perda. Depois a religião ensina que é bom morrer criança...

Em matéria de eugenia²⁶⁴, hygiene, puericultura²⁶⁵, pedologia²⁶⁶, etc. a mesma ignorância em todas as classes. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 193).

Ao ler o conteúdo deste título, perguntamo-nos se ele não poderia, nos dias de hoje, ser chamado de “Saúde Pública”, por verificarmos todo o detalhamento e preocupação que a autora apresenta com a realidade da saúde da mulher e da criança naqueles dias. Depois ela foca na condição da mulher referente a esta situação. Nesse caso específico, acreditamos que esteja falando da mulher burguesa que tem conhecimento de línguas, música, literatura, dança, mas desconhece a essência da condição da saúde das mulheres e de suas crianças. Aquelas que se casam, ficam sob a dependência das tradições e não se instruem sobre assuntos referentes à saúde pública²⁶⁷.

Toda a mulher que deseja prestar algum serviço á causa commum não cumprirá mais que um devêr se se interessar pela propaganda hygienica nas escolas, nas officinas, nas cadeias, nos centro

²⁶³ “Prolongamento das campanhas sanitárias, as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz, no início do século 20, permitiram um maior conhecimento das moléstias que assolavam o país e possibilitaram a ocupação e a integração do interior brasileiro. O Brasil é um país doente [...] O retrato sem retoques da miséria, da desnutrição e das moléstias de nosso povo vinha jogar por terra o idealismo romântico de nossos intelectuais, influenciando o movimento realista que surgia [...] levaram o criador de Emília (Monteiro Lobato) a alterar completamente a concepção de um de seus famosos personagens, o Jeca Tatu (sinônimo de caipira, homem do interior) e engajar-se numa campanha pelo saneamento do país” (PALMA, 2006).

²⁶⁴ Eugenia – estudo das causas e condições que, acredita-se, podem melhorar a raça, as gerações (EUGENIA, 1981, p. 464).

²⁶⁵ Pueri – elemento que compõe outras palavras com o sentido de criança: puericultura (PUERI, 1981, p. 923).

²⁶⁶ Pedologia – estudo natural e integral da criança sob os aspectos biológico, antropológico e psicológico (PEDOLOGIA, 1981, p. 841).

²⁶⁷ Os temas que a autora apresenta são: mortalidade infantil, doenças sexualmente transmissíveis (sífilis), doenças infecciosas (tuberculose), alimentação imprópria, verminose, assim como as questões sociais referentes à miséria (falta de ar e luz nos casebres) e complementa: “De 2 em 2 horas morre um individuo de tuberculose no Rio!” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 194). “De janeiro a junho de 1917 falleceram no districto federal 1.588 crianças até os 5 annos, victimadas de infecção intestinal [...] No segundo semestre, segundo estatísticas, 1.226 crianças nasceram mortas: total.- 2.814 em 6 mēses e 5.628 em um anno” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 195).

operarios contribuindo, de qualquer maneira, para que os pobres possam ter asseio e alimentação. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 194).

Faz uma denúncia sobre o tema com dados empíricos e as supostas causas, incluindo desde doenças até a alimentação imprópria pela falta de informação. Nesse sentido, relembra às mulheres: “É indispensavel que as mulheres instruidas se interessem pelas ignorantes: é um devêr. Não é virtude nem caridade” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 195).

Entretanto, como o movimento da vida não é linear nem harmônico, apesar de concordarmos com a autora em muitos aspectos ao longo das leituras, surgiram questionamentos.

A escritora fala sobre o cigarro/tabaco, seus inúmeros malefícios para o sistema vascular e, de modo geral, ao organismo do ser humano. Da mesma forma, comenta o quanto o álcool e outras drogas (como a morfina e a cocaína) podem fazer mal à pessoa que os usa, bem como às suas futuras gerações. Nesse mesmo patamar, em relação aos vícios, coloca o jogo e fala da responsabilidade dos pais e da educação escolar nesse quesito.

Entendemos e concordamos sobre os malefícios dos vícios de forma geral, mas problematizamos se caberia aos pais e à escola, exclusivamente, a busca de soluções. Ou se, por outro lado, é preciso pressionar o Estado para que promova políticas públicas para a consolidação e a conquista de vidas dignas, ao mesmo tempo em que invista em apoios concretos por intermédio de programas psicológicos na saúde pública.

No mesmo tom de alerta sobre os problemas da sociedade, ela traz a questão do cinematógrafo. Lacerda vive na época do cinema mudo e concorda que é uma ferramenta maravilhosa para o entretenimento cultural, intelectual,

instrumento informativo, inclusive educacional, mas demonstra preocupação com o excesso de exposição à luz para o sistema nervoso central e supõe questões relacionadas à formação das neuroses, principalmente nas crianças.

Tenho observado e nóto muito maior intensidade nervosa na criança que vem de uma sessão cinematographica do que na que chega de um longo passeio no campo...

Não será tempo de estudar esse grande problema educativo para a formação de um typo menos neurotico?

Quaes serão as causas de tal irritabilidade nervosa.

Será effeito das luzes na retina, serão as mudanças bruscas obrigando a vista a esforços de accomodação e convergencia, será a attenção prolongada, será effeito das emoções sensiveis que, de continuo, são transmittidas pelos nervos opticos ao centro do systema nervoso? [...]

As emoções sensiveis que nos affectam a vista, no cinematographo, são tambem de natureza a nos affectar os neurones. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 211).

Lacerda demonstra preocupação com o avanço da tecnologia e o excesso de exposição, consequentemente de estímulo neuronal, principalmente nas crianças: “Será o cinematographo uma das causas da ‘surmenage’²⁶⁸ accentuada da geração?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 212).

²⁶⁸ *Surmenage* – palavra francesa que deve ser substituída por estafa; sobernal, esgotamento; ergastenia por excesso de trabalho (SURMENAGE, 1981, p. 1088).

Não será necessário estudar a fadiga que provém do cinematografo como Mlle. Yoteiko²⁶⁹, Sikorski²⁷⁰, Thorndike²⁷¹, Binet²⁷², Burgerstein²⁷³ e tantos, tantos cientistas estudaram e estudam a fadiga escolar? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 212).

Mostra sua preocupação com a geração futura, sobre o que pode acarretar o excesso de exposição à “luz, côres, mudanças bruscas de tonalidades de movimentos [...] todas essas emoções affectam o encephalo mediante os raios visuaes. [...] Quem sabe o prejuizo que poderá causar a cinematographia na geração vindoura?” (LACERDA DE MOURA, 2015, 212-213).

Não apenas alerta para aos malefícios ao sistema nervoso central, mas também faz uma crítica à mídia e à sociedade da ostentação em detrimento da realidade social de sua população.

O habito de ver, desde os 5 ou 6 annos, consecutivamente-adulteros, fugas com seductores, “toilettes” e “cocottes” reuniões de jogatinas nas quaes tomam parte mulheres lindas, acariciadas, beijadas, aduladas, ostentando joias, fumando, etc.; o habito de ver casas, quartos, aposentos reservados, onde não podemos entrar

²⁶⁹ Mme. J. Yoteiko. Não foi possível encontrar nada sobre ela na Enciclopédia Delta Larousse. No Dicionário Enciclopédico, as únicas citações que encontramos na internet foram de três publicações: *Pesquisa algébrica* (1903); *Contribuições para o estudo experimental da dor* (1904); *Psicofisiologia da dor* (1909) (ZON, 2007, p. 196) e na lista de adeptos no documento da Segunda Conferência de Orientação Profissional na Catalunha, em 1922, como “Diretora do Laboratório de Psicologia do Instituto Pedagógico do Estado, Varsóvia” (p. 33).

²⁷⁰ Igor Ivan Sikorsky (1889), inventor e fabricante russo, em 1909 desenhou e fabricou um primeiro helicóptero, sem sucesso. Em 1919, já havia construído na Rússia, com êxito, cinco modelos de aviões convencionais. Construiu e experimentou vários aparelhos e, em 1939, nos Estados Unidos, construiu o primeiro aparelho capaz de decolagem vertical (SIKORSKI, 1972, p. 6308).

²⁷¹ Edward Lee Thorndike (1879-1949), psicólogo norte-americano. Seu trabalho influenciou a pedagogia e o neobehaviorismo. Fundador da psicologia animal em bases experimentais, escreveu sobre a lei do efeito e o princípio do reforço (THORNDIKE, 1977, p. 1220).

²⁷² Alfred Binet (1857-1911), psicólogo e fisiologista francês. Doutor em medicina e colaborador de Charcot, tornou-se diretor do laboratório de psicologia fisiológica da Sorbone. Deixou numerosas obras de psicologia experimental. Autor, junto com Theodore Simon, do teste de inteligência Binet-Simon (BINET, 1977, p. 906).

²⁷³ Leo Burgerstein (1853-1928), professor do ensino médio e médico austríaco. Escreveu sobre higiene e saúde escolar em seu livro de 1906, intitulado *Higiene escolar*, no qual “escreveu que um edifício escolar deve atender antes de tudo ao necessário. A adequação e a racionalidade projetual e construtiva, que resultam em economia, já se constituía um princípio arquitetônico no início do século XX e até antes disso, no racionalismo ilustrado do século XVIII ou ainda na conveniência (solidez, salubridade e comodidade) e na economia (simetria, regularidade e simplicidade)” (CASTRO, 2010, p. 88).

mas onde penetramos agora, sem cerimonia, pelo “écran²⁷⁴”: esse habito se inocula inconscientemente no subjectivo, e as meninas se adaptam perfeitamente á idèia de tal existencia, e na adolescencia, os sonhos do instincto explodem numa ecclosão de vida e gozo e os idéaes são levantados sobre esse aspecto. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 213).

Accresce o seguinte: na idade da juventude quem troca a fascinação das grandes cidades, dos “moços bonitos”, dos parques, dos lagos, joias, palacios, carruagens e lacaios, amor e honrarias, prazeres e luxo pela vida triste, chorosa e pobre de uma modesta costureirinha honesta, que lucta pela vida, que chora perante tantas dificuldades e vive sósinha, trabalhando noite e dia para comer mal e vestir-se pobremente? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 214).

A preocupação com a educação das crianças, tanto física quanto emocional, e sobre o que será dessa futura geração com as influências da modernidade, impele a autora a buscar leituras que a façam compreender melhor essas questões. Ao ler suas indagações, fica um questionamento para possíveis apreciações e aproximações sobre seu pensamento: até que ponto suas colocações são um cuidado com a educação da criança e da juventude e até que ponto podem ser consideradas censura? É algo que pode trazer uma discussão futura sobre possíveis contradições no pensamento dessa anarquista.

4.7 Seducções e a proteção masculina

É evidente que a sociedade ha de transformar-se no sentido do altruismo, da harmonia e da liberdade, isto é, no sentido da natureza feminina (ALBERT apud LACERDA, 2015, p. 219).

²⁷⁴ Quadro branco onde se projeta a imagem de um objeto. Tela de cinema. Chapa de vidro diversamente colorida, que se usa para seleccionar os raios luminosos da fotografia colorida (ÉCRAN, 2010, p. 752).

É cada vez mais intrigante a influência da leitura de Charles Albert nos escritos de Lacerda. Seria muito interessante ler mais e entender melhor esse anarquista. A epígrafe acima está no início de seu texto sobre as *Seduções* e, pelo conteúdo, podemos perceber que ele se encontra nesse início como uma forma de dizer que a necessária transformação da sociedade está na mudança em relação à condição da mulher.

Ela começa seus próprios escritos contando um caso ocorrido em Barbacena, envolvendo um bebê recém-nascido deixado na porta de um presbitério²⁷⁵. Sobre essa questão, que é um problema social até os dias de hoje, ela fala sobre as regalias e privilégios masculinos e sobre a opressão à mulher.

Pobre e desnaturada mãe!
 O seu crime?
 Não sabia que o homem é protegido pelas leis e pelos preconceitos?
 A Natureza, mãe piedosa, deu á mulher um ventre fecundo e um coração sensível e disse: Ama!
 Os homens que deveriam exaltar-lhe o valôr moral dos predicados acharam que a Natureza foi por demais generosa coroando-lhe a frente com anseios da gestação e as dôres da maternidade e fizeram leis que a oprimem e degradam na propria carne.
 É que “*tout dégènere entre les mains de l’homme*”²⁷⁶
 (ROUSSEAU²⁷⁷ apud LACERDA, 2015, p. 220).

Ela deplora preconceitos e dogmas que fazem com que as mulheres abandonem seus filhos e, nesse sentido, também questiona a instituição do casamento e sua legalidade nas diferentes religiões, assim como o fato de que alguns homens, historicamente, abandonam as mulheres grávidas e não assumem

²⁷⁵ Residência paroquial; capela-mor; igreja da paróquia; corporação dos presbíteros na Igreja Protestante (PRESBITÁRIO, 1981, p. 902).

²⁷⁶ Tradução: “Tudo degenera nas mãos do homem”.

²⁷⁷ Uma questão de defesa do presente trabalho foi a colocação do Prof. Dr. Thiago Borges Aguiar, um estudioso de Rousseau, apontando a suposta ironia de Maria Lacerda de Moura, pois o mesmo homem que escreveu *Émile* abandonou todos os filhos na *roda dos expostos*.

seus filhos. Na temática sobre o policiamento dos costumes, a autora já anunciava essa hipocrisia moral da sociedade.

A sociedade vê as avéssas: a impureza está é nela, nas suas leis idiotas feitas em benefício do sexo forte, nos seus preconceitos, nos corações desses homens sem dignidade, covardes, nesses costumes, nessa moral que vae desaparecer.

A mulher não é coisa, objeto de posse que se compra, vende, possúe e despreza.

Que cada mulher abra os ólhos ás mulheres mostrando-lhes o papel que lhes confia o momento, no despontar de forças nóvas para a grande Renovação.

E sobretudo, é necessario protecção consciente, activa, energica á criadinha, á costureira, ás meninas pobres, á proletaria emfim, evitando-lhe a primeira queda, ensinando-lhe o que é a vida, mostrando-lhe o que é o homem. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 191).

Assim, nossa educadora revela todas as mazelas que se perpetuam sobre a condição da mulher, uma sociedade de privilégios para os homens e de opressão para as mulheres. Nesse sentido, fala sobre a importância de as mulheres se unirem para que possam libertar-se e garantir uma vida digna e saudável.

Apresenta, então, o acordo que as americanas (5 milhões de assinaturas) e as francesas fizeram para que as mulheres maltratadas ou, melhor dizendo, abusadas fossem consideradas como feridas de guerra. E, assim, propõe que façamos o mesmo por nossas mulheres. Sobre a realidade da mulher, ela diz que o salário a escraviza. Citando, mais uma vez, Charles Albert, diz: “Se para o homem é difícil viver de seu trabalho, para a mulher é quase impossível” (p. 224). Transcreve para exemplificar alguns dados dos estudos de M. Charles Benoist, que apresenta a realidade da mulher trabalhadora (costureira) em Paris. Falando sobre a condição da mulher na realidade brasileira, a autora diz:

Não ha ninguem que não conheça mulheres exploradas desta ou de qualquer outra forma. Sobre cada um dos officios em que a mulher trabalha para ganhar a vida podia escrever-se um livro como o de M. Benoist²⁷⁸. Só assim a prostituição ficaria perfeitamente explicada.

O dinheiro envenena todas as existências e, enquanto houver propriedade haverá preconceito de classe, a escravidão da maioria, a escravidão da mulher. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 226).

No primeiro parágrafo, fica evidente a questão da desigualdade de gênero, o que o segundo parágrafo reafirma com um entendimento na linha socialista de que, enquanto existir a questão da propriedade²⁷⁹, haverá a dominação do homem sobre a mulher, e que enquanto for essa a condição apresentada para a mulher, o ser humano como um todo não terá liberdade. Suas colocações aproximam-se das colocações do pensador socialista August Bebel em seu livro *A mulher sob o socialismo* de 1879, afirmando que quando o poder de uma classe sobre a outra terminar, também terminara o poder do homem sobre a mulher. “Os homens com as suas leis degradam-nos” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 227).

Não me revolto contra o meu sexo e, sim, contra a organização social que não nos respeita em nossa natureza, em os nossos sentimentos.

Somos humilhadas quando deveríamos ser exaltadas.

O homem e a mulher completam-se, portanto, um não pode ser autoritario e o outro subalterno.

E que a união ou casamento é esse que faz dois entes designaes – um maior outro menor, um forte contra o fraco?

É para vêr essas cousas que a mulher deve instruir-se. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 228).

²⁷⁸ Charles Benoist (1861-1936), jornalista e político francês (BENOIST, 1972, p. 854).

²⁷⁹ Enquanto houver salario-capital, enquanto houver propriedade-posse, seremos escravos de nós mesmos e pesará sobre os hombros mais frageis a sobrecarga do trabalho, aviltará o nosso sexo a miséria [...] (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 230).

Sobre o tema *proteção masculina*, julgamos que um dos pontos mais irônicos de toda a sua crítica à condição da mulher é a suposta proteção anunciada pela sociedade patriarcal e que se perpetua nos dias de hoje nas mídias: a proteção da qual as mulheres estavam abdicando ao lutar por seus direitos.

Seu texto baseia-se em artigo escrito por ela em 17 de junho de 1919, em resposta a uma reportagem veiculada no jornal *Correio*, no dia anterior. Primeiro, cita o nome de Augusto Vinhaes²⁸⁰, o qual se dizia favorável ao feminismo. Mas a escritora se debruça realmente na resposta ao artigo de A. Leão Velloso²⁸¹.

Inicia dizendo que a revolução social é uma questão de tempo, e que nossos *pseudoprotetores* não precisam ter medo, pois as mulheres já sofrem e trabalham o suficiente, mesmo com sua proteção. Exemplifica quando fala sobre as operárias, as que se vendem por misérias e as que são oprimidas. E complementa: “Muita bondade! [...] Nós nos arranjaríamos talvez melhor que agora” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 232). E então inicia seus questionamentos que em parte apresentamos aqui:

Quem não sabe que o jury, todos os dias, absolve assassinos de mulheres e condena aquelas que matam, por amor, uma ou outra vez?

Proteção é então matar (e não ser punido) quando a vítima se não entrega ou por nojo, ou por antipathia ou revolta?

Proteção é fazer da mulher – coisa a se vender por alimento ou vestidos ao companheiro que a quer para criada ou para satisfação de instintos? [...]

²⁸⁰ José Augusto Vinhaes (1858-1941), militar, jornalista, líder operário e político brasileiro. “1º tenente da Marinha, eleito deputado constituinte, declarado e autodeclarado ‘chefe do partido operário’ foi um personagem histórico polêmico. Houve acirrada disputa entre ele e o grupo que se organizou em torno de Luiz da França e Silva e outro em torno de Gustavo de Lacerda para a formação do partido de classe do proletariado no Rio de Janeiro, logo meses após a Proclamação da República. Essas disputas envolveram toda sorte de acusações, legítimas e, outras, provavelmente exageradas, conquanto não criminosas. A historiografia e nossas pesquisas têm discutido a atuação polêmica como dirigente partidário do Centro do Partido Operário, organização que girou em torno de sua liderança” (ARAUJO NETO, 2018, p. 1).

²⁸¹ Possivelmente Pedro Leão Velloso, político baiano. Exerceu funções em várias províncias como advogado e jornalista. Com a República, retirou-se da política (VELOSO, 1972, p. 6959).

É atirar á esposa palavras injuriosas, ser exigente e mal criado?
 Proteção é matar a mulher se erra – esquecendo-se o homem da polygamia habitual em que vive sob o pretexto de que tem mais necessidades? [...]

Proteção é desvia-la do unico e immenso gôso – a intellectualidade, sob o pretexto de que os nossos destinos são diversos, como se ella não tivesse o direito de desenvolver todas as suas faculdades para a expansão completa de seu sêr, para a conquista da felicidade intima? [...]

Proteção é exigir da mulher trabalho igual ao homem e lhe pagar menos? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 233-234).

Apresenta uma crítica feroz a essa suposta proteção e às diferenças de classe, pois o tal articulista discorre que a mulher, se continuar desse jeito, ganhará rugas de preocupação e ansiedade, assim como o homem. A autora, então, pergunta se hoje não é assim, afirmando que alguns homens desconhecem as problemáticas da vida feminina, quando muitas já sustentam a casa e seus filhos. E pergunta-se, onde estão os homens?

4.7.1 Questões sociaes

A nossa imaginação sonhadora alcança muito além através de periodos seculares.

O ideal de emancipação feminina visa uma epoca longinqua.

Agora é a lethargia.

Caminhamos para a metamorphose.

Uma ou outra tenta despertar-se mas tonteia.

A luz é intensa.

A mulher quer emancipar-se mas condemna aquella que vê mais longe num grande surto.

Quer libertar-se porém censura a que vôa mais alto desprezando preconceitos.

Quer ser livre mas foge da que se não submete a preceitos sociaes.

A mulher continúa sendo a primeira inimiga da mulher. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 237-238).

No tema sobre as questões sociais, conhecemos a feminista, aquela que se filiou ao Partido Comunista Feminino e optou por falar da operária brasileira, que entende as condições em que se encontram as mais diversas mulheres brasileiras, que a luta é grande e árdua, e que nós, mulheres, permanecemos julgando umas às outras. Precisamos nos ouvir. Somos diferentes em várias questões, inclusive em como sofremos nossas opressões (raça e classe). Mas temos questões em comum e devemos nos compreender e nos unir. Afirma, então:

Hontem, hoje, amanhã, em todos os tempos, com ou sem leis, com ou sem governos – a virtude feminina existiu...
E á medida que a mulher se emancipa intellectualmente melhor irá compreendendo que a virtude feminina não é merito porque é um devêr. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 239).

Outra questão social muito cara a essa feminista é a do *mercado da carne*, que para ela está diretamente relacionada à miséria e à condição da mulher de subjugada.

Á proporção que as necessidades forem sendo satisfeitas, o espirito esclarecido na ansia da perfeição – a miseria da prostituição, o tôrpe mercado da carne moça das mulheres, irá desaparecendo e outra linguagem falará a humanidade (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 239).

Para ampliar a discussão, discorre sobre sua concepção de amor livre, explicando que sua posição em relação a esta temática é a de que as pessoas podem unir-se em matrimônio ou não, mas que o façam por amor, afeto, afinidade, e não por interesses familiares ou financeiros. Justifica essa questão perguntando aos leitores se, por acaso, os casais e os filhos desse matrimônio são felizes. Pergunta e ironiza: se a moça que não casa e fica para solteirona é ridicularizada,

as casadas têm que aguentar o adultério de seus maridos, ou, melhor dizendo, seus “donos”? Qual a diferença entre essa forma de casamento e a prostituição? As exigências da sociedade para com a mulher são desumanas²⁸².

Sobre nós, mulheres – duas escravidões se acastelam: a do salário e a do amôr.

Não temos o direito de escolha: somos escolhidas.

O amôr nos colloca em lugar de cousa, numero, algarismo, submettido ao homem.

A nossa situação não faz inveja apesar de nos perguntarem sempre: “- que mais querem se são as rainhas do mundo?”

– Triste realeza!

E aquellas desgraçadas cujos “orgãos convertem-se em simples ferramentas do officio que cada uma é obrigada a exercer para viver?”

É horrível pensar: a sociedade hoje exige a prostituição de muitas mulheres para resguardar a virtude de outras!

E porque não sonhar com um meio de elevar todas as mulheres, fazer anjos, esposas e mães modelares, dar um golpe final na venda dos corpos femininos venda de lupanares e de casamentos? Protesta a sociedade moralista si se tenta fechar o mercado da prostituição!

E quem melhor do que a mulher pôde e deve gritar o brado de alarma em pról da mulher que se vende por miseria? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 243).

Nesse momento, a mulher feminista, autora desse livro, imagina, mesmo diante da realidade desta condição feminina, um futuro em que “o coração feminino ha de pulsar livre numa sociedade livre” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 244). No nosso entendimento, a prostituição é mais um dos resultados do capitalismo. Nesse momento, lembramos do quanto a autora fala da importância da ajuda mútua entre

²⁸² “Hoje terna, amanhã exigente, depois de meiga – explosiva, adivinhando e esquecendo, mandando e solicitando, simples e as vezes espectacularosa, reunindo em si modalidades antagonicas – a mulher para guardar a sua conquista precisa ser artista, ser humana e divina, anjo e demonio. Eis que querem os homens inalteraveis no seu sensualismo grosseiro, egoista, voluvel. Todos fingem esquecer de que a mulher evoluiu pela mesma escala zoologica [...] Homem nenhum seria capaz de levar a vida casta de uma solteirona e. [...] ridicularizam-na. Que querem, então?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 242).

as mulheres. Sua escrita nos remeteu a um poema de uma poetisa brasileira que escreveu sobre as prostitutas. Achamos por bem destacar parte desse poema:

[...] Na fragilidade de sua carne maculada esbarra a exigência impiedosa do macho.

Sem cobertura de leis e sem proteção legal, ela atravessa a vida ultrajada e imprescindível, pisoteada, explorada, nem a sociedade a dispensa nem lhe reconhece direitos nem lhe dá proteção.

E quem já alcançou o ideal dessa mulher, que um homem tome pela mão, a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida,

Minha irmã. (CORALINA, 1965)²⁸³.

Para finalizar essa parte, a autora retorna à temática das mulheres solteiras que não têm lugar dentro desta instituição social da forma como está posta, sem condições de subsistência. As que tentam alguma alternativa fora de um casamento ou da proteção do pai, acabam resvalando na prostituição. Ela critica o que está posto na sociedade como certo, pois o certo está errado, no sentido de que é mentiroso e faz sofrer metade da população²⁸⁴. Como não poderia deixar de lado, traz sempre a questão da educação para a emancipação da mulher. Para terminar esta parte, um alerta.

Cuidado, caras brasileirinhas, com as *cantigas* dos homens-quaesquer que sejam.

Sempre que puderem explorar a nossa credulidade generosa – falo-ão de qualquer modo.

A sociedade os auxilia.

²⁸³ Cora Coralina (Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas) (1889-1985), escritora e poeta goianense.

²⁸⁴ “Na França, as mulheres revolucionárias vão até às Assembleias e pedem a revogação das leis que colocam a mulher sob o domínio do homem, o que é contraditório com a Revolução Francesa. Em 1789 apresentam o seguinte documento para a Assembleia Nacional: destruístes os preconceitos do passado, mas permitistes que se mantivessem os mais antigos, que excluí dos cargos, das dignidades das honrarias e, sobretudo, de sentar-se entre vós, a metade dos habitantes do reino [...]. Destruístes o cetro do despotismo [...] e todos os dias permitis que treze milhões de escravas suportem as cadeias de treze milhões de déspotas” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 33).

As leis, por ora, apesar de tudo, nos servem de salvaguarda...
 E a hypocrisia quasi sempre vem com apparencias de sinceridade.
 Hoje a escravidão, porque o espirito não está emancipado.
 Trabalhar pela instrucção racional da mulher – deve ser nossa
 divisa.
 Amanhã...
 O futuro nos dirá. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 246-247).

4.7.2 *Sentimentalismos e o suicídio*

Estes são os últimos temas de Lacerda dentro da temática das seduções. Aqui ela fala sobre os sentimentalismos, mas, na verdade, é uma crítica a eles. Pela segunda vez, ela recebeu de algumas mulheres da sociedade uma corrente de mútua ajuda, para que pudesse contribuir e compartilhar com outras mulheres, em relação às crianças francesas, diante da guerra que estava acontecendo. Aquilo a incomodou muito, pois pensava que nós, mulheres, deveríamos nos preocupar com as questões brasileiras, com nossas crianças, primeiramente, antes de nos preocuparmos com as crianças francesas.

Qual a brasileira que se lembrou de iniciar uma forte corrente angariadora de meios para auxiliar o Dr. Moncorvo²⁸⁵ e outros, ou para encaminhar um plano como o das caminhas brancas em França?

Surge agora a gigantesca obra delineada nos programmas da “Liga Pró-Saneamento do Brasil”: alguém teve a coragem de dizer que o nosso País é “um immenso hospital”. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 249).

²⁸⁵ Carlos Augusto Moncorvo de Figueiredo Filho (1846-1901) “o higienista Dr. Arthur Moncorvo Filho. Durante sua longa carreira como médico, que teve início na década de 1880 quando a pediatria era ainda uma ciência nova e em expansão, ele publicou quase 400 obras em defesa da infância que lhe valeram reconhecimento internacional. Moncorvo Filho, um defensor aguerrido da organização de serviços públicos nesta área, criticou o descaso do governo em relação à pobreza no setor urbano, chegando mesmo a calcular o impacto negativo que esta falta de atenção teria acarretado para as crianças do país. Seu objetivo era evidenciar a negligência do governo em relação às crianças e sublinhar o quanto tal postura comprometia o futuro da nação” (WADSWORTH, 1999, p. 2).

Para finalizar essa questão, a autora faz uma crítica severa à mulher brasileira, sobre o que esta deveria fazer por suas irmãs. Essa crítica nos levou diretamente a um dizer do movimento feminista utilizado nos dias de hoje: *Enquanto uma mulher estiver em sofrimento, nenhuma mulher é livre.*

Que tem feito a brasileira pelas suas irmãs?

Nada, absolutamente nada.

Refiro-me às senhoras dos presidentes, ministros, diplomatas, senadores e deputados, essas que têm nome, prestígio, posição social e riquezas, essas que seriam obedecidas ao primeiro gesto, e instruídas de certo, têm o dever de pensar nas suas irmãs que sofrem, nas crianças brasileiras cheias de escrophulas²⁸⁶, malária, tuberculose e miséria fisiológica. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 249-250).

Ela disserta sobre as mulheres russas que estão unindo as operárias por sua emancipação; as finlandesas, pela luta contra o alcoolismo; as inglesas, pelo direito de ter representantes no Parlamento; as francesas, quase conseguindo o direito ao voto; as portuguesas, pela literatura, as argentinas pelas crianças etc. E as mulheres brasileiras, pergunta, onde estão? É tempo! O Brasil encontra-se como um verdadeiro hospital a céu aberto.

Cuidemos dos nossos ao abandono.

Espalhemos o amor em volta de nós.

Cooperemos para a união da mulher brasileira, fundando um centro de propaganda feminina, uma associação em que as nossas energias dispersas se congreguem com o fito de uma protecção consciente á mulher e á criança.

As francêsas sabem tanto amar á França, que lhe conquistam o amor das brasileiras. E que papel fazemos aos seus proprios olhos?

²⁸⁶ Escrófula – tumor ganglionar, de natureza tuberculosa, geralmente localizado na região cervical, com tendência à fistulização. O nome lhe adveio pelo fato de conferir o aspecto de cabeça de porco. (Do lat. Scrofula, dimin. de scrofa, porca) (ESCRÓFULA, 1981, p. 437).

Nós também temos uma Patria, também temos irmãos que sofrem, que se sacrificam, a quem cabe direito de se queixar da nossa indiferença.

Aprendamos a ser brasileiras. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 251)²⁸⁷.

Com a temática do *suicídio*, Lacerda desenvolve seu entendimento sobre a questão entre as mulheres, principalmente as humildes e pobres, às quais o amor se apresenta como a única forma de felicidade, e se destroem quando são traídas. Ela pontua a diferença entre o amor da mulher e do homem, este que mata por ciúmes, denunciando, assim, o que mais tarde chamamos de feminicídio e sua naturalização na mídia brasileira. “Esses tristes epílogos que terminam na Assistência e no Necroterio e dos quaes os jornaes dizem com maxima naturalidade – mais uma” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 252).

Então escreve com uma desenvoltura quase poética a condição dessas mulheres e denuncia a violência patriarcal.

Pobres mulheres²⁸⁸!
 As que succumbem são fracas e em numero limitado ainda.
 Se todas as mulheres traídas se lembrassem de morrer, que horror meu Deus!...
 O homem autoritario e *superior* resolveu criar o preconceito de que elle não póde ser abandonado – é uma grande vergonha, e – a honra lava-se com sangue!
 E á mulher cumpre perdoar sempre.
 Que linda e commoda philosophia!
 “Oh! candidas²⁸⁹ gentes!” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 252).

²⁸⁷ Estes escritos, intitulados “Sentimentalismos [...]” foram publicados no dia 24 de novembro de 1918, no jornal *O Dia*.

²⁸⁸ Cada mulher que se suicida revive em nós a impressão de que não compreendemos ainda a nobilitante missão que nos trouxe á Terra. Não nascemos para gosar. E não é gôso senão a consciencia da utilidade que nossa vida póde semear (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 253-254).

²⁸⁹ Cândida – candura, brancura.

Fala, então, o que pensa sobre o suicídio. Em sua concepção, a maioria é de mulheres pobres, pois o único sonho que elas podem ter é o das carícias do amor ante o trabalho intenso. Ao serem seduzidas e enganadas, sucumbem. Nesse sentido, ela chama as mulheres para a luta, afirmando que enquanto uma de nós estiver sofrendo, não haverá descanso. Traz mais uma vez sua crítica às mulheres com melhores condições de vida que não ajudam suas *irmãs*.

Pois bem, senhoras minhas, minhas irmãs: – a humanidade é nossa filha dilecta e, enquanto não crescer em força e beleza não podemos nós dormir o sonno do descanso...

Mulheres de meu País: acordai para a grande obra de emancipação feminina.

Meditae na responsabilidade que nos pesa aos hombros.

Não tendes remorso de uma vida ociosa ao entregardes uns miseraveis mil reis á vossa lavadeira, enquanto num dos dedos trazeis contos de reis?

As ricas, as burguêsas raramente, mui raramente se suicidam.

A' mulher repugna a violencia sob todos os aspectos.

Mas a pobre, a operaria, aquella para quem a vida se resume no trabalho intenso, põe no amôr todas as suas caricias, todos os seus sonhos e entrega-se de corpo e alma ás seducções desse amôr. E desanima, e succumbe.

Os homens sabem disso...E gósam...

Nós, patricias minhas, que papel representamos? ... (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 254-255).

4.8 A educação nóva

A “Educação Nóva” apresenta-se como último capítulo de seu livro. Aqui nossa educadora fala, primeiramente, sobre a educação infantil, apresenta alguns educadores de sua época e faz uma crítica ao sistema educacional, como a importância dada a certas matérias, em especial no que se refere à educação feminina, e fala da importância da educação para a revolução. Ela inicia esse

capítulo com a seguinte epígrafe, retirada do Dr. Paul Dubois²⁹⁰ em *L'éducation de soi-même*²⁹¹:

Il y a, au Musée Carnavalet²⁹² à Paris, un autographe d' Alexandre Dumas²⁹³ fils qui vant un traité de philosophie; on y lit: "Comment se fait-il que les enfants étant si intelligents, la plupart des hommes soient si bêtes" Et le spirituel écrivain ajoute: "Cela doit tenir à l'éducation"²⁹⁴ (DUBOIS apud LACERDA, 2015, p. 259).

A epígrafe traz com nitidez a discussão de Lacerda, que é justamente sobre o quanto a educação pode contribuir para, como ela mesma diz no início do livro, a clarividência moral e, conseqüentemente, a libertação da mente da população. E isto não só para a emancipação feminina, mas também para a não exploração do proletariado. Após a epígrafe, ela complementa:

A criança é um problema científico-moral.

Do laboratório escolar-social saem, fatalmente: ou a indiferença, o comodismo, o cynismo, ou a instrução moral para o benefício colectivo, ou a ignorância para a actividade perigosa. Não ha termos medios.

As mães²⁹⁵ e os educadores precisam investir-se da dignidade de um verdadeiro sacerdote do bello, absorvido na ansia especulativa do cientista.

²⁹⁰ Paul Charles Dubois (1848-1918), neuropsiquiatra suíço, inventou um método de tratamento que levou o seu nome, que consistia em explicar ao efêmero (doente) o que ele tinha para conseguir sua contribuição (DUBOIS, 1972, p. 2287).

²⁹¹ *L'éducation de soi-même* [A educação de si mesmo].

²⁹² "A criação do primeiro museu de caráter municipal ocorreu em 1882, com a abertura do Musée Carnavalet em Paris. Uma instituição formada por um museu e uma biblioteca histórica extremamente importante para a configuração de outros centros, como o Museu de Londres, o Museu de Roma e o Museu Municipal de Madri. No Carnavalet foram estabelecidas pela primeira vez as funções básicas do modelo museológico: salvaguardar o patrimônio local e ilustrar a história da cidade (GILBERT, 2011, p. 241).

²⁹³ Alexandre Dumas (1802-1870), romancista francês, escreveu muitos artigos para revistas e peças de teatro, ficando famoso por algumas delas como *Henrique III*, *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*.

²⁹⁴ Tradução: No Museu Carnavalet, em Paris, há um original de Alexandre Dumas filho, que elogia a filosofia; lê-se, "Como é que as crianças, sendo tão inteligentes, os homens são tão estúpidos?" E o escritor espiritual acrescenta: "Isto deve ser educação".

²⁹⁵ Algo interessante de ser problematizado em algum outro momento, em outra pesquisa, porque, afinal, mesmo com todo discurso libertário e de quebra de paradigmas, ainda se continua colocando na mãe, especificamente, a problemática da educação.

Mysticismo? – Não? – Sonho de perfeição! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 259).

Neste momento, apresenta a educadora Maria Montessori, explicando que ela se baseou em Itard²⁹⁶ e Séguin²⁹⁷ para desenvolver seu processo educativo. Lacerda apresenta três princípios destacados por Montessori²⁹⁸: 1º) é preciso respeitar a individualidade da criança e dar-lhe a máxima independência; 2º) mais ampla concepção da liberdade do aluno; 3º) há uma importância capital na educação sistemática dos sentidos (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 260).

O sistema de Montessori é uma grande referência para a educação infantil. Ela criou a *Casa dei Bambini*, onde seus princípios e seu sistema eram praticados, acreditando que as crianças poderiam ter a possibilidade de se desenvolver com liberdade e terem suas habilidades utilizadas para o despertar da inteligência.

Depois faz uma crítica ao sistema educacional e ao governo como um todo.

Os nossos collégios, as escolas normaes com um programma defeituosissimo sob todos os aspectos, os professores ignorantes dos processos e estudos e aptidões didacticas, indifferentes ás questões de ensino – formarão *director*as capazes do ardôr Montessoriano? De onde devem partir as reformas? Reformar a escola primaria, imprimir programmas e estatutos e regimentos, decretar leis, – de que vale tudo isso se não temos educadores?

²⁹⁶ Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838), médico francês, “foi considerado o fundador dessa disciplina e pai da educação especial por causa de seus relatos sobre um ‘garoto selvagem de Aveyron’ considerado surdo-mudo [...] O médico tentou estimular o menino – a quem deu o nome de Victor – a ter uma vida social e ensiná-lo a falar e a realizar atividades básicas, como usar pratos e talheres” (BENTES; HAYASHI, 2016, p. 885-886).

²⁹⁷ Édouard Séguin (1812-1880), médico e educador francês. “O sistema de ensino para crianças com deficiência intelectual elaborado por Edouard Séguin mostra a necessidade de adaptar estratégias de ensino às peculiaridades de cada criança, com ou sem deficiência. A análise dessas peculiaridades e de suas transformações é a base para uma metodologia de ensino especial para pessoas com deficiência intelectual” (ROSA, 2012, p. 126).

²⁹⁸ No texto, Lacerda faz um resumo sobre o sistema de Maria Montessori, que se encontra no Anexo III para conhecimento e curiosidade sobre a leitura desta educadora.

E os governos que se empenham em dar lugares de directores de escolas e grupos escolares a bachareis e professoras incompetentes, gente incapaz de encarar de frente o complexo problema da educação? E os taes programmas forjados nas secretarias pelos amanuenses²⁹⁹ sob a direcção de um só homem que deve presidir ás questões de alcance social?

O nosso regimen de incompetentes e mediocres não poderá de modo algum solucionar os problemas da educação ou quaesquer outros.

Enquanto o Estado chamar a si a iniciativa de regulamentar e dirigir o ensino primario – as reformas serão feitas com o intuito de dar a ganhar a figurões mediocres, com o fim de fazer barulho em torno dos governos. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 263).

Poderíamos dizer que Lacerda faz uma crítica da sociedade de sua época, descrevendo-a de forma irônica e referindo-se aos que têm condições de estudar e nada fazem para mudar a realidade da sociedade em que vivem, pois não visam a um bem comum. Ela os chama almofadinhas³⁰⁰ e melindrosas³⁰¹, que falam francês, leem romances, deixam seus filhos (bibelôs³⁰² para serem admirados) com as *nurses*³⁰³ e vão aos chás e aos tangos.

Discorre, então, de forma detalhada, por meio de autores e pensadores da educação, a importância do jogo para a iniciação da vida no desenvolvimento intelectual, do sistema nervoso central e do desenvolvimento sensorial. “Aliás, são bem conhecidas as experiencias de Berger³⁰⁴ e Flechsig³⁰⁵ provando a

²⁹⁹ Amanuense – escrevente, funcionário (AMANUENSE, 1981, p. 84).

³⁰⁰ Almofadinha – s.f. Almofada pequena; s.m. rapaz que se traja com apuro exagerado (ALMOFADINHA, 1981, p. 78).

³⁰¹ Melindrosa – s.f. Mocinha afetada, exagerada nas maneiras e no vestir (MELINDROSA, 1981, p. 716).

³⁰² Bibelô – s.m. Pequeno objeto de luxo colocado sobre a mesa, ou quaisquer outros móveis (BIBELÔ, 1981, p. 180).

³⁰³ Tradução: enfermeiras. (Creio que aqui ela se refere a “amas”, e não enfermeiras; a palavra é a mesma).

³⁰⁴ Philippe Berger (1846-1912), erudito e político francês, é autor de *A escrita e as inscrições semíticas* (1880) e *História da escrita na antiguidade* (1891) (BERGER, 1972, p. 862).

³⁰⁵ Paul Emil Flechsig (1847-1929), neuroanatomista, psiquiatra e neuropatologista alemão. Foi diretor de uma clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, considerado um dos grandes nomes da psiquiatria alemã.

necessidade e importancia da educação dos sentidos” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 265).

“O jogo é o aspecto mais saliente da vida infantil”, no dizer de Sikorski. Nunca souberam que o jogo para a criança é uma theoria discutida e analysada pelos cientistas, uma theoria que tem preoccupado grandes pensadores – Schaller³⁰⁶, Guts Muths³⁰⁷, Spencer, Schiller³⁰⁸, Ruysen³⁰⁹, Wallaschek³¹⁰, Wundt³¹¹,

³⁰⁶ Max Scheller (1874-1928), filósofo alemão. Partindo da fenomenologia, dedicou-se a diversos campos, principalmente à teoria dos valores, à sociologia do conhecimento, à filosofia da religião, à teoria da cultura, importante axiologia que considera os valores como objeto de intuição intelectual, procurando superar as limitações do relativismo ético (SCHILLER, 1977, p. 1131).

³⁰⁷ Johann Christoph Friedrich Guts Muths (1759-1839), professor e educador alemão, “autor daquele que seria considerado o primeiro manual de ginástica publicado na Alemanha: *Gymnastik für die Jugend (Ginástica para a juventude)*” (QUITZAU, 2012, p. 3).

³⁰⁸ Johann Cristoph Friedrich von Schiller (1759-1805), dramaturgo, poeta e ensaísta alemão, participou do movimento pré-romântico alemão Sturm Und Drang (princípios anarquistas). Escreveu diversas obras como: *Os bandoleiros* (1781), expressão da rebeldia de sua geração; *Intriga e amor* (1784), que antecipa o drama burguês do século XIX; *Cartas sobre a educação estética da humanidade* (1795), entre outros. Abandona os princípios anarquistas e adere ao Neoclassicismo (bom, belo e verdadeiro) (SCHILLER, 1977, p. 1132).

³⁰⁹ Théodore Eugène César Ruysen (1868-1967), historiador, filósofo e pacifista francês, um dos líderes do movimento pacifista jurista, ou seja, pelas leis (FABRE, 1993).

³¹⁰ Richard Wallaschek (1860-1917), psicólogo e musicólogo austríaco, “é mais amplamente conhecido por suas contribuições à musicologia comparativa; no entanto, ele também fez contribuições significativas para o campo da psicologia musical. De 1890 a 1895, Wallaschek buscou estudos interdisciplinares no Museu Britânico em Londres. Durante este tempo, Wallaschek tem teorias propostas sobre a percepção e produção da música. Segundo Wallaschek, a percepção da música ocorre através de dois tipos de representação mental: *Tonvorstellung* (representação de tom), que se refere à percepção de elementos musicais individuais e *Musikvorstellung* (representação musical), que se referiu à percepção superior ou da estrutura de música” (GRAZIANO; JOHSON, 2006, p. 293).

³¹¹ Wilhelm Wundt (1832-1920), psicólogo e fisiologista alemão. Criou em Zurique o Instituto de Psicologia Experimental (1875). Seu sistema filosófico pretende explicar todos os fenômenos como reflexos psicológicos (WUNDT, 1972, p. 7127).

Stanley³¹², Hall³¹³, Groos³¹⁴, Carr³¹⁵, Lange³¹⁶, Perez³¹⁷, Melinand³¹⁸, Pecault³¹⁹, e tantos outros. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 264-265).

Explica e pontua que quando esses educadores estão falando do brinquedo e do jogo, não estão falando dos carros e de luxo, mas, sim, dos que fazem pensar, os que fazem as crianças se movimentar, os que trazem ação e aguçam a curiosidade.

Mme. de Saussure³²⁰ observa, com toda razão, que os brinquedos mais agradáveis às crianças são aqueles que elas inventam. A imaginação representativa é a que dirige a 1^o infância. Constrói e destrói. A criança anima os seus bonecos, os brinquedos, inventa utilidades, dá nomes e dá vida ao que lhe cerca. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 265).

-
- ³¹² David Michael Stanley (1914), teólogo católico norte-americano. Pertenceu à Sociedade de Jesus, foi professor no Canadá e escreveu *A Igreja Apostólica no Novo Testamento* (STANLEY, 1972, p. 6433).
- ³¹³ Marshal Hall (1790-1857), fisiologista inglês que formulou a teoria das ações reflexas. Principais obras: *Diagnose* (1817); *Ensaio experimental sobre a circulação sanguínea dos vasos capilares* (1831); *Sobre a função reflexa da medula espinal e do bulbo* (1837) (MARSHAL, 1977, p. 645).
- ³¹⁴ Antoine Jean Gros (1771-1835), pintor francês, classicista com tendências do romantismo. Participou da campanha napoleônica na Itália, pintou a cúpula do Panteon e um dos tetos do Louvre (GROS, 1977, p. 625).
- ³¹⁵ Edward Hallett Carr (1892-1982), historiador e jornalista londrino. Escreveu *Vinte anos de crise*, obra de extrema relevância para as relações internacionais. “*Vinte anos de crise* é mais do que uma interpretação do cenário internacional do entre-guerras fundamentada nos pressupostos do realismo. Constituiu-se numa obra que evidencia como a sucessão de eventos, decisões e crenças evoluem para um conflito inevitável entre as grandes potências. É impossível a sua leitura sem o sentimento angustiante parecido com aquele de que somos tomados quando assistimos no teatro a uma tragédia grega clássica” (SATO, 2001, p. 14).
- ³¹⁶ Max Lange (1832-1889), teórico alemão e jogador da época do xadrez romântico, tem uma jogada com o seu nome. Entre seus escritos em 1856 publicou *Compêndio do jogo de xadrez* (LANGE, 1972, p. 3901).
- ³¹⁷ José David Perez (1883-1970), educador e filólogo brasileiro, lecionou no Colégio Pedro II, sócio-fundador da Academia Brasileira de Filologia (PEREZ, 1972, p. 5249).
- ³¹⁸ Camille Mélinand (1865-1951), filósofo francês e professor de filosofia, escreveu algumas obras, entre as quais os livros *O homem e seus desejos* (1932) e *Noções de psicologia aplicada à educação* (1937).
- ³¹⁹ Felix Pecault (1828-1898), teólogo protestante e pedagogo francês, dedicou-se à defesa do liberalismo religioso e fixou em seus escritos o ideal da escola laica (PECAULT, 1972, p. 5190).
- ³²⁰ Albertine Adrienne Necker de Saussure (1766-1841), escritora, educadora e defensora da educação das mulheres em Genebra e na Suíça (SAUSSURE, [s.d.]).

Diante disso, a autora pontua o fato de que fazem exatamente o contrário do que os pensadores da educação dizem; querem ensinar línguas as crianças, quando, como diz Marcel Prévost³²¹, “falar duas línguas para criança é um crime contra o espírito” (PRÉVOST apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 266). Nesse sentido, Lacerda faz sua crítica: “O que se deve censurar e modificar é o abuso das línguas estrangeiras em detrimento da nossa. Que necessidade há de se falar francês ou inglês nas nossas reuniões?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 266). Complementa fazendo essa mesma crítica em relação à educação feminina, “que se julga útil ensinar às meninas ricas a falar umas poucas de línguas, sem as habituar a pensar em nenhuma” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 266).

A evolução social exige, no momento, completa transformação tendente a nivelar as classes – elevando o trabalhador ao nível dos mais favorecidos e eliminando as chamadas classes elevadas.

A ascensão não pode prescindir da educação – de cima para baixo e de baixo para cima.

A revolução social é um facto: que seja abafada hoje, amanhã irromperá mais forte.

Nada será capaz de impedir a avalanche. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 267).

Nesta citação, a autora declara com todas as letras a relevância da educação para a transformação social e a luta de classes. A revolução social perpassa pela educação de seu povo, pelo ser e saber pensar, ou como ela própria diz, pela “clarividência moral”. É nítido perceber o quanto essa pensadora se coloca, se posiciona, mesmo sabendo das possíveis contradições e críticas. Isso é algo que ela mesma diz:

³²¹ Marcel Prévost (1862-1941), escritor francês, publicou romances: *A queda de uma mulher* (1893); *As meio-virgens* (1894) e outros (PREVOST, 1972, p. 5539).

É possível que eu tenha contradições (como todos têm), que eu erre (nem sou infalível como ninguém é), que eu seja sensível de mais e que a razão me governe menos que o coração, e, posso dizer ainda: todos são governados pelo sentimento. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 268).

Ela se coloca como uma humanitária e se declara anarquista, dizendo, mais uma vez, que “O tempo de duração do socialismo ou melhor da anarchia ninguém pode prevêr, mas, sem duvida – a humanidade caminhará sempre” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 269). É interessante observar que ao mesmo tempo em que apresenta seus ideais de mudança e justiça social, ajuda mútua, solidariedade, amor, também mostra os outros olhares, os críticos do pensamento socialista, como Le Bon, que considera como um ideal religioso, no livro oferecido “A l'éminent économiste Paul Delombre³²², ancien Ministre du Commerce et de l'Industrie³²³” (LE BON apud LACERDA, 2015, p. 268):

Déclassés, incompris, avocats sans cause, écrivains sans lecteurs, pharmaciens et médecins sans clientes, professeurs mal payés, diplômés sans foctions, employés que leur insuffisance fait dédaigner de leurs patrons, etc., sont les adeptes naturels du socialisme.³²⁴ (LE BON apud LACERDA, 2015, p. 268).

Seria interessante estudar mais Le Bon, pois é evidente que ele faz uma crítica muito forte ao socialismo, como um perigo, como se fosse uma religião, e seus indivíduos criminosos, porque devemos combater o regime socialista. Assim, ficamos nos perguntando por que a autora dedicou quase três páginas de sua obra

³²² Paul Delombre (1848-1933), advogado e político francês.

³²³ Tradução: Para o eminente economista Paul Delombre, ex-ministro do Comércio e Indústria.

³²⁴ Tradução: Desclassificados, incompreendidos, advogados sem escritores de causas sem leitores, farmacêuticos e médicos sem clientes, professores mal pagos, graduados sem emprego, funcionários cuja inadequação faz desdenhar seus chefes etc., são os seguidores naturais do socialismo.

ao desenvolvimento dos escritos desse pensador? Isso seria algo bem interessante para se pesquisar; infelizmente aqui não foi possível.

Junto a este pensador, a autora contrapõe os questionamentos de Le Bon aos de M. Léon Say³²⁵, que fala sobre a “espantosa mediocridade das obras destinadas a combater o socialismo, apesar da importancia das recompensas oferecidas” (SAY apud LACERDA, 2015, p. 269). Com relação à essência do pensamento de Say, Lacerda questiona as lógicas dessas crenças. Conclui dizendo que não existe lógica na crença desde que o mundo é mundo:

O irracional que se perpetua torna-se racional, e o homem acaba sempre para se acomodar com elle.

As sociedades se fundam sobre desejos, as crenças, as necessidades, isto é, sobre os sentimentos e jamais sobre as razões, nem sobre verossimilhanças. Os sentimentos evoluem, sem duvida, seguindo uma logica secreta, porém, desta logica, nenhum pensador jamais conheceu as leis. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 269-270).

Ao mesmo tempo, Le Bon fala sobre a importância da educação para a não violência. Lembremo-nos de que estamos falando de uma época em plena guerra. Então a autora, na verdade, apresenta uma contradição entre este e outros pensadores, no sentido de que todos supostamente almejam o fim da violência, mas, ao mesmo tempo, entendem suas razões de formas diferentes. Para pensadores como Le Bon, a suposta culpa é dos socialistas e comunistas. Nesse momento, Lacerda se posiciona, lembrando, de forma diversa e profunda, vários pensadores, os quais colocaremos aqui na íntegra para que o leitor possa entender

³²⁵ Jean Baptiste Léon Say (1826-1896), estadista e economista francês, “Suas cuidadosas investigações na condição de indústria em Paris ganhou para ele um assento na Academia de ciências políticas e morais, 1857 [...] seus princípios de livre comércio, ele acreditava que a maneira mais certa de enriquecer o país e, portanto, o Tesouro, era remover todas as restrições ao comércio interno” (SAY, [s.d.]), combateu fortemente o socialismo.

e sentir, como ela mesma diz, sua lógica de pensamento, o ecletismo de suas leituras e a *expertise* de seus escritos:

As ideias comunistas são antigas, o ideal de felicidade futura tremúla em todas as paginas dos pensadores de todos os tempos. Não me consta que Plínio fosse comunista e disse: “Que innocente, que bemventurada e que deliciosa seria a vida dos homens, se elles se contentassem com o que nasce da terra! Oxalá³²⁶ se pudesse desterrar de todo o mundo o ouro descoberto para a destruição da vida e se trocassem os tempos e usos presentes por aquella idade felicissima em que as cousas se commutavam umas por outras”.

Frederico II³²⁷ referindo-se á guerra teve esta phrase: “Se os meus soldados reflectissem, nenhum batería”.

Diderot³²⁸ ensinava: “Procurar a felicidade praticando o bem, exercitando-se no conhecimento da verdade, tendo sempre em vista que ha só uma virtude: – justiça; e um só dever: – procurar felicidade”.

Buchner³²⁹ tambem prega: “A sociedade deve estar organizada por forma que a felicidade de uns não proceda da ruina dos outros, mas que cada individuo encontre o seu bem na colectividade, e que o bem da colectividade resulte unicamente do individuo”.

Quem não conhece o pensamento de Pascal³³⁰: “Pode haver cousa mais curiosa que um homem ter o direito de me matar porque vive do outro lado do Oceano e o chefe de seu Estado teve uma questão com o meu, sem que entre mim e esse homem nada tenha havido?”

³²⁶ Oxalá ou Obatalá ou, ainda, Orixalá, o maior dos Orixás do Candomblé. Entidade andrógina, simboliza as energias produtivas da natureza (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO, 1977, p. 952).

³²⁷ “Frederico II tornou-se conhecido como Frederico, o Grande. Iniciou seu reinado em 1740 invadindo a Silésia, uma das principais províncias de Maria Teresa da Áustria. Isso deu origem à Guerra de Sucessão Austríaca e à Guerra dos Sete Anos, na qual Frederico conseguiu brilhantemente evitar um confronto com os exércitos unidos da Áustria, França e Rússia [...] Tomou conta da Silésia e expandiu a Prússia quando, junto com a Áustria e a Rússia, participou da partilha da Polônia. Frederico erigiu um governo forte e um exército eficiente. Encorajou a indústria e a agricultura. Fez também da Prússia uma rival da Áustria no controle dos outros alemães” (FREDERICO II, 1982, p. 3536).

³²⁸ Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor francês, um dos mais destacados representantes do iluminismo. Diferentemente do materialismo de sua época, ele interpreta a natureza como um sistema orgânico e filológico. Algumas obras: *Pensamentos sobre a interpretação da natureza* (1754); *O sonho de D’Alembert* (1769) e *Jacques, o fatalista* (1773) (DIDEROT, 1977, p. 426).

³²⁹ Georg Buchner (1813-1837), dramaturgo alemão, envolvido com as conspirações contra o absolutismo monárquico teve que fugir para a França. Formou-se em Biologia, mas cedo faleceu. Era um gênio precoce. Defendeu as ideias socialistas junto aos camponeses editando uma revista rural (1834). Escreveu *A morte de Dalton*, considerada uma das maiores tragédias sobre a Revolução Francesa (BUCHNER, 1972, p. 1125).

³³⁰ Blaise Pascal (1623-1662), matemático francês, físico, filósofo, escritor e religioso jansenista. Inventou uma máquina de calcular e resolveu o problema do cicloide. Escreveu várias obras, dentre elas: *Prefácio para um tratado do vácuo* (1646) e *Cartas provinciais* (1657), nas quais ataca a Companhia de Jesus (PASCAL, 1972, p. 5153).

Laboulaye³³¹ foi mais longe: “No dia em que os povos se emanciparem dos charlatães ruinosos a que chama diplomatas e grandes políticos, viverão como irmãos: terão a paz e a vida barata”. Helvetius³³² também diz: “Qual é o objetivo da ciência da moral? Não pode ser senão a felicidade geral. Desde que se exigem virtudes individuais, é porque as virtudes dos membros formam a felicidade do todo”.

Lamennais³³³ assim se exprime: “Não consiste a liberdade em não dominar este, mas sim aquele: a liberdade consiste em que nenhum domine”. E Amicis³³⁴, Renan³³⁵, Faguet, Alexandre Herculano³³⁶, Eça de Queiroz³³⁷, Ramalho Ortigão³³⁸, Max Nordau, não fallando em Rousseau, Spencer, etc., etc., – encontrei pensamentos identicos.

E Lamartine³³⁹ também pregou: “Je suis un homme avant d’être français, anglais ou russe!”

-
- ³³¹ Jean de La Bruyère (1645-1696), moralista francês, autor de *Os caracteres* (1688), uma das obras-primas da literatura francesa. Nessa obra, traduzindo Teofrasto, enriqueceu o original com comentários satíricos sobre pessoas e costumes de sua própria época (BRUYÈRE, 1977, p. 766).
- ³³² Claude Adrien Helvétius (1715-1771), filósofo francês. Seguidor das ideias de John Locke, considerava que toda atividade intelectual assenta-se sobre as sensações. Segundo ele, todos os homens nascem com idênticas aptidões. A educação é que faz com que se diferenciem (HELVÉTIUS, 1977, p. 654).
- ³³³ Félicité Robert de La Mennais (1782-1854), escritor francês, decidido a libertar a Igreja do poder temporal, ficou famoso quando escreveu o *Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião* (1817/23). Seu tratado *A religião considerada em suas relações com a ordem política e social* (1825) deu motivo a perseguições. Em 1823, rompeu com a Igreja e adotou o socialismo humanitário (MENNAIS, 1972, p. 3888).
- ³³⁴ Giovanni Battista Amici (1786-1863), astrônomo e ótico italiano, inventou o espectroscópio de prima, instrumentos de nivelamento e a objetiva do microscópio de inversão (AMICI, 1972, p. 323).
- ³³⁵ Ernest Renan (1823-1892), historiador e filólogo francês, com formação religiosa. Escreveu *O futuro da ciência* (1890), como profissão de fé na redenção da humanidade pela ciência crítica e inúmeras outras obras, como *A reforma intelectual e moral* (1870) (RENAN, 1972, p. 5751).
- ³³⁶ Alexandre Herculano de Carvalho Araújo (1810-1877), escritor português, representante do romantismo, partidário do liberalismo, lançou *A Voz do Profeta* (1836), livro de prosa político-poética, entre outras obras. Dedicou-se à investigação histórica, com uma posição crítica científica perante as lendas de fundo religioso (ARAÚJO, 1977, p. 657).
- ³³⁷ José Maria Eça de Queiroz (1845-1900), escritor português, formou-se em Direito. Participou de manifestações literárias, dirigiu jornal e entrou no serviço diplomático. Escreveu vários romances de renome, como: *O crime do padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888) (QUEIROZ, 1972, p. 5617).
- ³³⁸ José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), escritor e jornalista português, empenhado em fazer a crítica dos erros e dos vícios da sociedade portuguesa revelando-se um liberal positivista. Obras principais: *Pela terra alheia* (1878/1880) e *O culto da arte em Portugal* (1896) (ORTIGÃO, 1972, p. 4982).
- ³³⁹ Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869), poeta e político francês. Escreveu diversas obras, entre as quais *Meditações poéticas* (1820), *A morte de Sócrates* (1823), *As harmonias poéticas e religiosas* (1830) e a coletânea *Curso familiar de literatura* (1856-1869) (LAMARTINE, 1972, p. 3885).

Et, s'il y avait opposition entre l'interêt du nationalisme et l'immense interêt du genre humain, je dirais comme Barnave: – Pérísse ma nation, pourvu que l'humanité triomphe!"³⁴⁰.

Seria ocioso continuar as citações.

Na *Republica* de Platão encontramos ideias colectivistas.

Entre os romanos, os Grachos fizeram executar medidas socialistas agrarias.

Jesus, entre os judeus, pregou o socialismo.

Em qualquer escriptor contemporaneo encontramos phrases libertarias. Tem-nas Manuel de Arriaga³⁴¹, Theophilo Braga³⁴², Paul Bourget³⁴³, Malheiro Dias³⁴⁴, Medeiros e Albuquerque³⁴⁵, Assis Chateaubriand³⁴⁶, até Clemenceau³⁴⁷ e Wilson³⁴⁸.

³⁴⁰ Tradução: Eu sou um homem antes de ser francês, inglês ou russo! E se houvesse oposição entre o interesse do nacionalismo e o imenso interesse da raça humana, eu diria, como Barnave, "pereça minha nação, desde que a humanidade triunfe!"

³⁴¹ Manoel de Arriaga Brum da Silveira (1842-1917), político, primeiro presidente da República de Portugal, enfrentou o descontentamento do clero diante das mudanças relativas ao divórcio e à separação da Igreja e do Estado (SILVEIRA, 1972, p. 514).

³⁴² Joaquim Fernandes Teófilo Braga (1843-1924), historiador da literatura portuguesa, poeta, professor e estadista português. Fez faculdade de Direito em Coimbra. Publicou inúmeras obras com influências em Vitor Hugo e o germanismo. Renunciou ao catolicismo e repudiou o lirismo egocêntrico das poesias portuguesas. Foi um livre-pensador de cunho socialista (BRAGA, 1972, p. 1016).

³⁴³ Paul Bourget (1852-1935), escritor francês. Crítico, publicou em 1883 e 1886 *Ensaio e Novos ensaios de psicologia contemporânea*. Célebre como promotor do romance psicológico, seu êxito deveu-se em parte à reação provocada por certos excessos do romance naturalista. Suas obras tendem a defender os valores representados pela tradição: *Cruel enigma* (1885), *André Cornélio* (1887), *O discípulo* (1889), entre outros (BOURGET, 1972, p. 1007).

³⁴⁴ Carlos Malheiro Dias (1875-1941), romancista e historiador português. Frequentou a Faculdade de Direito em Coimbra e o Curso Superior de Letras em Lisboa, mas abandonou os estudos, ingressando na política. Várias vezes eleito deputado, exilou-se no Brasil quando da proclamação da República portuguesa. No Rio de Janeiro, continuou sua carreira de escritor, iniciada com sucesso em seu país com a publicação de *Cenários* (1895). Sob sua direção e iniciativa foi realizada, no Rio de Janeiro, a obra *História da colonização portuguesa no Brasil* (3 vols., 1921 a 1924), entre outras obras (DIAS, 1972, p. 2175).

³⁴⁵ José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), escritor, professor e político brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos precursores do movimento simbolista no Brasil. Participou das campanhas abolicionista e republicana, foi deputado, senador e autor do projeto de lei de direitos autorais e de acidentes do trabalho (MEDEIROS, 1972, p. 186).

³⁴⁶ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1891-1968), jornalista, político e empresário brasileiro, pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Foi dono de uma rede de jornais, senador e embaixador do Brasil na Inglaterra (MELO, 1977, p. 142).

³⁴⁷ Georges Clemenceau (1841-1929), doutor em Medicina e político francês, chefe da esquerda radical que atacou a política colonial, foi prefeito, deputado, senador e ministro do interior. Fundou o jornal *O homem livre* (1913). Escreveu obras de polêmica política ou materialista: *O véu da felicidade* (1901); *Demóstenes* (1925) e *Na noite do pensamento* (1926) (CLEMENCEAU, 1972, p. 1718).

³⁴⁸ Thomas Woodrow Wilson (1856-1924), político e acadêmico americano, foi presidente dos Estados Unidos (1913-1921). "Ao final da Grande Guerra, o 'equilíbrio de poder' tornara-se uma expressão odiosa. O presidente dos EUA, Woodrow Wilson, chegou à Conferência de Paz de Paris, em 1919, com seu projeto de uma nova ordem mundial, baseada na transposição dos valores e princípios do liberalismo político para o sistema internacional. Com a Liga das Nações, o direito deveria prevalecer sobre o poder, e os processos democráticos sobre os aristocráticos na condução das relações internacionais. O 'equilíbrio de poder' seria substituído por uma 'comunidade de poder'. O estabelecimento da Liga das Nações ocasionou a coexistência do

Insensivelmente caminhamos todos para um nóvo ideal pregando, idealizando a sociedade futura mais sã e mais feliz, mais livre e mais socializada.

É a esperança...

São as ilusões, – as criadôras dos mundos nóvos...

O maximalismo³⁴⁹ é o clarim anunciador da nova aurora. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 272-274).

Esta nova aurora a que se refere é após a revolução social. Ela questiona que tipo de paz querem os governantes destas nações, com ameaças e discórdias: “consequencia do orgulho, da ambição e do reinado de poucos, guerra de hegemonia e de comercialismo?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 275). A autora não concorda com a violência, não se alegra pelo presente trágico, mas pensa que haverá uma trégua e que esta será a redenção da humanidade para a alegria, o trabalho e a felicidade.

Nesse momento, a autora se posiciona como feminista, exigindo respeito a ela e a suas irmãs. Revolta-se contra a opressão das mulheres. Defende que se deve tentar pela educação que os homens respeitem as mulheres, mas se questiona sobre as medidas da lei referente ao assédio sexual no trabalho³⁵⁰, que favorecem os ricos. Menciona que quando os trabalhadores e trabalhadoras se levantam, a sociedade fica com medo da revolução.

A autora, então, faz praticamente um manifesto aos homens trabalhadores e explorados, para que se juntem, se unam e sejam solidários às mulheres. Afirma que a libertação de uns é a libertação de todos e assim

velho e do novo na política internacional. Por um lado, os EUA, nova grande potência do sistema internacional, traziam o idealismo dos valores liberais que fundavam sua política doméstica para o campo internacional; por outro, permaneciam em cena as potências europeias tradicionais, como a Inglaterra, a França e a Alemanha, habituadas às práticas da política do poder, desconfiadas dos novos ideais, ciosas de seus interesses vitais. Como a política internacional do período, a política externa brasileira estava igualmente dividida entre o velho e o novo” (BARACUHY, 2006, p. 356).

³⁴⁹ Maximalismo (ss), s.m. Bolchevismo; comunismo (MAXIMALISMO, 1981, p. 710).

³⁵⁰ A autora não usa as palavras assédio sexual no trabalho, mas fala das seduções dos patrões às jovens operárias de suas fábricas.

chegaremos à civilização da igualdade. Sabe que naquele tempo histórico a paz talvez não fosse possível, mas que a história futura diria que os trabalhadores brasileiros souberam desejar e lutar pela paz. Faz, assim, um chamado à ação emancipatória de todos, homens e mulheres.

Aponta novamente para a importância da educação e da coeducação, para livrar a todos do desconhecido e do proibido. Muito do que acontece com as mulheres, em sua visão, vem da ignorância e o do desconhecimento das mulheres sobre as questões sexuais, incluindo a violência doméstica. Diz que “É inútil trancar a mulher a sete chaves; é inútil, não; é prejudicial á mulher e ao proprio homem” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 278).

“Tudo depende da mulher, e a pedra de toque é a educação feminina” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 280). Mas a educação das moças que são preparadas para serem *bibelots*, fúteis, cheias de adornos, vícios, essa educação, em sua concepção, não contribui para a emancipação da mulher. Esse é um grande problema cuja discussão, segundo a autora, não cabe em apenas um capítulo.

Estamos a prestar-nos a um papel ridiculo além de tudo. Tolas, levianas, nada gosamos com esta situação e ainda mais facilitamos os motivos de prazer material ao sexo forte – quando deveríamos procurar requintar o seu espirito em contemplações mais altas. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 280).

Eis uma citação pequena e que diz muito sobre a sociedade patriarcal em que vivemos inclusive nos dias de hoje, e que, segundo a qual, a mulher deve se comportar, se vestir e ser bonita, ter o corpo perfeito para satisfazer o homem. É uma denúncia sobre o quanto a mulher tem sido colocada como objeto sexual na sociedade capitalista de consumo.

Então, qual seria a educação feminina de que necessitamos? Da renovação? Segundo a autora, essa educação está para além dos livros e do deleite dos versos de Racine³⁵¹, Corneille³⁵², Goethe³⁵³ ou Lamartine:

A instrução deve abrir os nossos olhos a ver os milhões de mulheres ultrajadas, miseráveis, o mundo de mães abandonadas, o infinito de crianças orphãs – tendo pae e mãe, a immensidade de soffrimentos, de infelicidades, de fome e de nudez. Essas desventuradas criaturas também têm direito á vida e nos olham tão longe que nem forças têm para nos odiar. E o Municipal se enche, o Assyrio regorgita, o Carnaval pompeia fantasias de contos de reis e os collos ostentam perolas carissimas, enquanto algumas miseráveis se perdem para alimentar os proprios filhos! O nosso parasitismo é revoltante e degrada-nos aos nossos proprios olhos. Porque não ser feminista trabalhando pela extincção da miseria universal? (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 281).

Lacerda fala sobre as diferenças de classes e a condição da mulher e sobre nossa a responsabilidade em nos ampararmos umas às outras por um bem maior. Como diz uma feminista nigeriana da atualidade, “Sejamos todas feministas!” Complementa buscando dar-nos a entender qual é um dos objetivos da educação: “Tirar o individuo do proprio individuo, desenvolver-lhe as aptidões naturaes, dirigir-lhe as aspirações para a utilidade collectiva num ideal consciente – eis o objectivo da educação” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 281-282).

³⁵¹ Jean Baptiste Racine (1639-1699), poeta dramático francês. Em suas peças, pintou a paixão como força demoníaca que destrói os apaixonados, levando-os ao crime e à morte. Realizou à perfeição o ideal da tragédia por meio de seus personagens. Entre suas obras estão *Alexandre* (1665), *Andrômaca* (1667), *Berenice* (1670) e sua obra-prima *Phaedra* (1677) (RACINE, 1972, p. 5647).

³⁵² Família de poetas dramáticos franceses. Pierre Corneille (1606-1684) escreveu várias comédias e tragicomédias, como *A viúva* (1631), *A acompanhante* (1632), *Medeia* (1635), a primeira tragédia delas, e *A morte de Pompeu* (1642), dentre muitas outras. Seu irmão, Thomas Corneille (1625-1709), escreveu 43 peças para teatro de comédia e tragédia, dentre as quais, *A Adivinha* (1679) e *O conde d'Essex* (1678) (CORNEILLE, 1972, p. 1903).

³⁵³ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), escritor e pensador alemão, um dos maiores representantes do romantismo. Sua produção abrange poemas, romances, peças teatrais e 14 volumes de estudos científicos. Entre suas obras mais famosas estão *Fausto* (1808/33); *Soffrimentos do jovem Werther* (1774) e as peças *Efigênia em Táurida* (1787) e *Egmont* (1788) (GOETHE, 1977, p. 602).

Desenvolve, então, a ideia de uma educação racionalista, primeiro falando da importância de Rousseau, e delinea as bases da educação racional, retirando as tradições da má educação. “Depois, Robin funda a escola de Campius, Tolstoi funda a de Yasnaia Poliana, Edmond Demolins³⁵⁴ a de Roches, Montessori a Case dei Bambini e Ferrer a Escola Moderna” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 282)³⁵⁵.

Finalmente, a autora apresenta o educador anarquista Francisco Ferrer i Guardia, a grande influência que teve durante toda a sua vida, seus pensamentos e obras posteriores. Ferrer foi o fundador da Escola Moderna, à qual também podemos chamar Escola Racionalista, Libertária ou Anarquista.

O ensino racionalista combate a superstição e o dogma, faz brotar nas consciências o livre exame, excita a curiosidade, alimenta a dúvida que disséca e ensina. É educação pela liberdade e para a liberdade, apontando o interesse que há em manter na ignorância e na fé a maioria comodista e pobre de meios para enxergar mais longe. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 282).

Na página 183, menciona vários professores, pensadores e escritores, os quais escreveram livros de várias matérias (história natural, espanhola e universal, origem do cristianismo, filologia, antropologia, língua, evolução, geografia, física e mineralogia). Para a Escola Moderna, o que mais nos chamou atenção foi o livro *Evolução super-orgânica*, de Lluria.

Esta escola, para ela, deve ser contrária à educação religiosa, pois sabe que “A escola é uma poderosa arma a serviço das religiões!” (LACERDA DE

³⁵⁴ Edmond Demolins (1852-1907), historiador e sociólogo francês, fundador da escola de Les Roches (1899) (DEMOLINS, 1972, p. 2113).

³⁵⁵ A questão da educação racionalista e das experiências vividas nas mais diversas escolas racionalistas no Brasil e no mundo é algo muito relevante a ser analisado pelo olhar de Maria Lacerda de Moura.

MOURA, 2015, p. 283). Este é um tema que ela retoma em vários de seus livros posteriores, referindo-se a quanto a religião e o fascismo/integralismo interferem na educação. “A escola racionalista não pode ocultar a verdade aos alumnos e nem se torna indiferente ante os problemas sociais e religiosos” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 283).

A primeira Escola Moderna³⁵⁶ da Espanha, criada por Ferrer, teve como diretora, em 1901, Mme. Clemence Jacquet³⁵⁷. Seu criador havia convidado a professora Mlle. Henriette Meyer³⁵⁸, mas ela não aceitou, pois iria a Paris lutar contra a pena de morte. Achamos interessante transcrever aqui a resposta dada por Ferrer a Meyer e que Lacerda colocou em seu livro:

Para transformar a maneira de ser da humanidade não compreendo que haja coisa mais urgente que o estabelecimento dum systema de educação, tal como concebemos, o qual dando frutos facilitará o progresso e tornará a conquista de toda a ideia generosa muito mais facil. Eis porque me parece que trabalhar agora pela abolição da pena de morte e para a *Greve Geral*, sem saber como havemos de educar os nossos filhos é começar pelo fim e perder tempo. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 284 – 285).

³⁵⁶ “A Escola Moderna foi fundada em Barcelona em 1901 – Maio. Em fevereiro de 1908 havia 50 escolas racionalistas em alguns países da Europa, entre elles Suíça e Holanda. Só em Barcelona havia dez. O professor Samuel Torner, enquanto Ferrer era prisioneiro, fundou a escola de Valencia, uma das mais importantes, a *Nueva Humanidad*” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 286).

³⁵⁷ Clemence Jacquet, professora francesa, foi diretora da Escola Moderna em Barcelona desde sua fundação, em 1901, até 1904. Foi ela quem escreveu um dos primeiros estudos para a Escola, intitulado *Compêndio de história universal*, em três volumes, em uma perspectiva anarquista (SILVA, 2013).

³⁵⁸ Meyer, família de livreiros alemães, cujo membro mais conhecido é Joseph (1796-1856). Em 1826, fundou uma editora que se tornou conhecida por ter publicado a *Enciclopédia Meyer* (1840-1852) (MEYER, 1972, p. 4483). Não encontramos seu nome nas referências desta enciclopédia. Lacerda a apresenta assim: “A professora Henriette Meyer foi a devotadíssima secretária de Ferrer na sua obra” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 284).

Ferrer e a Escola Moderna tiveram vários colaboradores, além dos já aqui colocados, como a Mmle. Meunier³⁵⁹, o professor Hackel³⁶⁰, Pedro Kropotkine, o professor Sergi³⁶¹, Alfredo Naquet³⁶², Reclus³⁶³ e o criminalista Lombroso³⁶⁴. O professor da Escola Moderna não pode ser neutro. Liberdade, verdade, respeito e ensino laico são seus princípios. “É preciso subtraír as crianças á influencia dos dogmas e das hypocrisias seculares” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 285).

A escola racionalista quer o preceito de Fourier³⁶⁵:

Educação universal e não excepcional.

³⁵⁹ Marie Meunier, médica farmacêutica. “O trabalho de Mademoiselle Meunier é muito interessante e muito novo, já que tal tipo de estudo nunca havia sido realizado antes. Ela selecionou alguns anos que estudou metodicamente e nos fornece informações até agora desconhecidas ou muito pouco conhecidas. Depois dela, outros estudantes, em medicina, farmácia, história ou ciências sociais puderam pegar a idéia e se envolver em estudos exaustivos ou especializados. Ela fez, sem dúvida, uma excelente tese de história da farmácia como parte de seu diploma estadual de médica de farmácia” (LABRUDE, 2008, p. 247).

³⁶⁰ Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919) foi um proeminente anatomista comparativo e palestrante ativo no final do século XIX e início do século XX. Ele é mais conhecido por suas descrições de árvores filogenéticas, estudos de radiolários e ilustrações de embriões de vertebrados para apoiar sua lei biogenética e o trabalho de Darwin com a evolução. Haeckel argumentou agressivamente que o desenvolvimento de um embrião repete ou recapitula os estágios progressivos das formas de vida inferiores e que, estudando o desenvolvimento embrionário, pode-se estudar a história evolutiva da vida na Terra (WELLNER, [s.d.]).

³⁶¹ Giuseppe Sergi (1841-1936), antropólogo e psicólogo italiano “irá propor a renovação dos métodos da educação e da instrução como medidas de regeneração humana. A lógica disso é que não podia o Estado confiar a sorte de seus cidadãos e de suas relações econômicas, políticas e sociais apenas aos caprichos da seleção natural, uma vez que isso daria oportunidade de sobrevivência apenas aos mais fortes [...] havia sugerido que se recolhessem nas escolas os dados elementares que poderiam servir de base à pedagogia científica, por meio de observações a serem registradas em um prontuário, ao qual deu o nome de folha biográfica” (SOUZA; SANTOS, 2012, p. 33-34).

³⁶² Alfredo Joseph Naquet (1834-1916), político francês, foi deputado, senador e fez votar a lei que restabelecia o divórcio (1884) (NAQUET, 1972, p. 4729).

³⁶³ Jean-Jacques Elisée Reclus (1830-1905), geógrafo francês. No exílio a que foi condenado, por sua participação na Comuna de Paris, escreveu sua obra monumental *Geografia Universal* (1875-1894), onde já aparece a preocupação de relacionar os aspectos físicos e os recursos naturais à bases geológicas e às condições de clima (RECLUS, 1972, p. 5703).

³⁶⁴ Cesare Lombroso (1835-1909), criminologista italiano, foi o primeiro a chamar a atenção para a importância das ciências médicas no domínio da criminologia, pesquisando as causas da criminalidade na aparência física do homem e esforçando-se para descobrir, segundo o método experimental, os estigmas característicos do delinquente. Pode-se considerá-lo como o fundador da antropologia criminal, criada a partir de seu livro *O homem criminoso* (1874) (LOMBROSO, 1972, 4081).

³⁶⁵ François Marie Charles Fourier (1772-1837), utopista francês, consagrou sua atividade a criticar o sistema econômico vigente. Quis substituir a ordem social, estabelecida sobre o dever que mutila os homens, por uma nova ordem modelada nas “paixões”, que permitiria reencontrar a harmonia natural. A fim de restaurar a harmonia e o amor pelo trabalho, imaginou sociedades cooperativas de consumo e produção (FOURIER, 1972, p. 2859).

Conforme as vocações e não arbitrária.
 Convergente e não divergente.
 Activa e não passiva.
 Composta e não simples.
 Integral e não parcial.
 De desenvolvimento e não de constrangimento. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 286).

No Brasil, pelo que a autora escreve, a partir de 1909, na capital da cidade de São Paulo e em algumas cidades no interior, foram fundadas algumas Escolas Modernas. A primeira foi a do socialista italiano Grossoni, no bairro da Água Branca; em 1912, João Penteado fundou a Escola Livre; José Alves, em São Caetano; Adelino de Pinho fundou uma escola no Braz e outra na cidade de Campinas; Angelo Bandoni, na cidade de Cândido Rodrigues; José Jubert, na cidade de Bauru. Todas mantidas com muita dificuldade. “Não sei se em outros estados do Brasil há movimento em favor do ensino racionalista delineado na obra de Ferrer” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 287). Algo muito interessante a ser estudado³⁶⁶.

Gostaríamos de finalizar essa descrição do livro de Maria Lacerda de Moura com suas próprias palavras:

Que o meu grito de fé seja uma saudação á campanha feminista de *Iracema* (Revista da Semana)³⁶⁷ – brilhante encarnação da mulher que sabe sentir, sonhar, pregar e convencer.
 Que as minhas manifestações de entusiasmo sejam applausos á penna magnifica de Anna Rita Malheiros³⁶⁸ – a querida

³⁶⁶ Já existem trabalhos e pesquisas realizados sobre a educação anarquista no Brasil.

³⁶⁷ A *Revista da Semana*, fundada em 1900, a partir de 1914 teve uma coluna intitulada “Carta da mulher”, cujo nome era *Iracema*. Esse espaço era aberto a todos que quisessem expor suas opiniões independente do sexo (SAVELLI, 2003).

³⁶⁸ “Em Janeiro de 1915, foi apresentada ao Brasil, pelo jornal *A Luta Moderna*, uma professora de ideias fortes, que oscilava entre a vanguarda e o conservadorismo de seu tempo. Que defendia a liberdade das mulheres em diversos planos sociais, mas que acima de tudo acreditava que a missão feminina era ser mãe e esposa. Vencedora de um concurso promovido pelo jornal, no mês que este se tornara a *Revista Feminina* e que seria publicada até 1936, Anna Rita Malheiros trouxe à luz debates polêmicos para sua época, como o homicídio marital em nome da honra e

reivindicadôra dos nossos direitos – na Revista Feminina de S. Paulo.

Os meus votos de solidariedade à obra encetada em *Rio Femina* pela bondade excelsa de Mme Selda Potocka, pelo espirito pratico de Mlle. Bertha Lutz, pela clarividencia moral de ambas.

Que todos os nossos esforços sejam congregados para o mesmo fim: a protecção consciente da mulher e da criança...

Post tenebras...luces.

Vincit omnia veritas³⁶⁹ (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 296 – 297).

Encerrando seu livro, nas páginas 299-304 temos seu índice e mais duas erratas redigidas pela própria autora.

o voto para as mulheres. Contudo, Anna Rita era mais uma ficção do teatrólogo Cláudio de Souza, que utilizava a personagem como pseudônimo para escrever em uma revista feita e direcionada para as mulheres” (BARROS, 2014, p. 2).

³⁶⁹ Tradução: “Das trevas para a luz. A verdade vence tudo”.

5 REFLEXÃO SOBRE AS CATEGORIAS DE GÊNERO, PATRIARCADO E EDUCAÇÃO NA OBRA DE LACERDA, SEU POTENCIAL LIBERTÁRIO E TRANSFORMADOR PARA A ATUALIDADE

O' liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome! (MME. ROLAND³⁷⁰ apud LACERDA DE MOURA, 2015, p. 78).

Nesta seção, mostraremos como foi o exercício de desenvolver a análise de configuração textual do livro *Renovação*, de Maria Lacerda de Moura. As respostas das perguntas da análise podem ser encontradas em todas as seções deste trabalho, mas aqui, especificamente, buscaremos refletir sobre o modo como se deu este exercício árduo, mas ao mesmo tempo revelador, desta obra que precisa ser lida por todos, homens e mulheres.

A epígrafe escolhida dentro dos escritos de Lacerda diz muito sobre seus pensamentos, bem como sobre o que nós, pesquisadoras, pensamos sobre os limites da busca pela liberdade. Ela apresenta a frase em seu livro dentro da temática de discussão sobre o feminismo, quando argumenta como Rousseau foi paradoxal³⁷¹ quando apontou para um tipo doméstico de educação para as mulheres.

³⁷⁰ Marie-Jeanne ou Manon-Philipon Roland de La Platière (1754-1793), casada com Jean-Marie Roland de La Platière, ministro do interior do rei Luís XVI, foi presa e guilhotinada na Revolução Francesa. A frase colocada como epígrafe desta seção foi dita por ela pouco antes de ser guilhotinada (LUDOVICO; CARVALHO, 2004).

³⁷¹ "Rousseau representa um dos grandes contratualistas modernos que utiliza o contrato social como ficção política para explicar como se deve constituir uma sociedade política legítima. Esse autor busca fundamentar uma ordem em que os indivíduos entregam seus direitos a uma coletividade da qual são parte. Cada indivíduo continua com liberdade na medida em que, como se mencionou, faz parte da coletividade e, portanto, não obedece senão a si mesmo. Dessa forma, os seres humanos permanecem com autonomia, formando um pacto de associação e não de sujeição. Para a maioria dos contratualistas modernos, entretanto, as mulheres e os homens não teriam iguais oportunidades de participação política mediante o pacto social. Ao contrário

Tal como vimos na seção anterior, a emancipação da mulher, sua dominação pelo homem e pelo próprio sistema capitalista, a preocupação com a regulação sexual e procriadora da mulher, as formas de trabalho doméstico, as repercussões do trabalho assalariado feminino e a conscientização da mulher, a renovação pela instrução livre de dogmas, são os temas tratados por ela (LACERDA) e que possivelmente participaram das preocupações do pensamento feminista muito depois, mesmo porque, até hoje estão em pauta.

Fazendo uma breve reflexão sobre a contribuição da autora para essas temáticas e sobre qual seria seu livro mais importante, arriscamos mencionar a obra *A mulher é uma degenerada*, em que Lacerda rebate item por item os escritos médicos que tentavam diminuir a imagem da mulher, colocando-a como frágil, com pouca inteligência e desequilibrada. Outra possibilidade são seus livros sobre a influência do fascismo na educação brasileira pela ação da Igreja que estava vinculada ao movimento integralista da época. Mas a escolha pelo livro *Renovação* foi motivada porque é onde a autora fala pela primeira vez da condição da mulher e da crucialidade de se educar para sair da condição de subjugada.

Nesse livro, Lacerda fala sobre a “condição feminina” e a “sujeição feminina”, temas esses que só começaram a ser discutidos pelos pensadores ou pensadoras feministas da segunda metade do século XX, ao fazer um levantamento histórico das lutas das mulheres por seus direitos sociais (público),

dos homens, elas não desfrutariam da almejada autonomia, liberdade e igualdade, já que permaneceriam sujeitas ao poder masculino. Na verdade, as mulheres, na teoria de Rousseau, seriam totalmente excluídas da possibilidade de participação política. Rousseau realiza uma clara distinção entre o espaço público e o privado (doméstico). Aquele é destinado aos homens e este, às mulheres. Trata-se da divisão sexual do trabalho que se iniciou, de acordo com esse filósofo, no momento em que surgiu a família” (SOUZA, 2015, p. 149).

ao mesmo tempo em que fala sobre sua opressão cotidiana (privado)³⁷². Sobre as intenções da escrita, a autora nos diz:

A razão deste livro é simples:
 Estudei sozinha. Eu mesma me indicava os autores que devia lêr.
 Conheci-os, uns através dos outros.
 E lia tudo: livros de filosofia, logica, pedagogia, moral, etc, etc, –
 procurando interpretar.
 Que somma de prazeres intensos!
 Paginas e paginas eu devorava avidamente.
 E minh'alma se extasiava ante tantas maravilhas e sentia
 turbamentos, arroubos indescritíveis.
 Quando julgava interpretar uma pagina ardentes de Rousseau, um
 pensamento excelso de Platão, uma theoria de Spencer, quando
 sentia a filosofia de Guerra Junqueiro, o amôr de Tolstoi ou de
 Kropotkine, a poesia de Goethe, – as lagrimas quase me banhavam
 o rosto e, proseguia enlevada.
 Conheci a fascinação deslumbradora das primeiras leituras.
 Extasiada deante de um Socrates, arrebatada pela figura de Marco
 Aurelio, com a alma de joelhos ante a vida augusta de Pestalozzi,
 eu percorria as folhas da historia e vivi mergulhada em todas as
 epocas.
 Sonhei muito. E meditei.
 Meu pensamento voava contemplando, maravilhado, extactico,
 gerações inteiras.
 Acordei na Persia, no Egypto, na Grecia, em Roma...
 A historia da civilização, as conquistas da intelligencia, as páginas
 dos grandes educadores assombraram-me.
 Lia e sonhava.
 Quizéra desprender-me de mim mesma...
 Uma sêde intensa de saber apoderou-se inteiramente de mim.
 Quanto mais lia mais me sentia pequenina porém com maiores
 forças para a grande conquista.
 Compreendi a grande necessidade de educar o meu espirito,
 aprendi a lêr, a armazenar os conhecimentos adquiridos, a arrostar
 com as difficuldades que me appareciam a cada momento.
 Finalmente senti que renascia de mim mesma.
 E tive pena das mulheres que não lêem.
 Um grande amôr, um immenso amôr foi crescendo em meu peito e
 tive desejos de me expandir.
 Uma necessidade imperiosa do meu sêr mandava que eu
 mostrasse á mulher patricia que, aqui mesmo onde vivemos, ha um

³⁷² “Eles dizem, querem, fazem e nós aceitamos, sorrindo, as imposições masculinas porque não vemos em nós senão beleza physica, não vemos na vida senão o casamento” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 62).

mundo nôvo, desconhecido de nós mulheres, um mundo de felicidades estranhas, indefinidas, delicadas, – o mundo dos livros bons que nos ensinam a viver *vida intensa*, a ser útil, a derramar a *flux*- idéas nóvas, desejos de uma existencia de trabalho proficuo, attraente.

E sommei as horas que as moças levam a bordar lenços, a fazer camisas custosas, a confeccionar blusas complicadas, exclusivamente para se darem ao luxo de perder tempo!

Vi como estamos longe de compreender a razão da vida.

E o trabalho intellectual é a maior fonte de prazeres intensos, duradouros, honestos.

Tive pena ao pensar no descuido que os homens mostram pela educação do povo.

Um pesar profundo apoderou-se de mim quando via a mulher – tão ingenua – acreditando na felicidade que o homem lhe ofereceu. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 47-48).

Expressa, então, de forma áspera, a situação social em que a mulher se encontra e a emergência da superação desta condição em busca de uma renovação. Por isso, suas colocações e provocações proporcionam uma base para se refletir sobre as categorias de patriarcado, gênero e educação.

É preciso, sobretudo, que ella se instrúa e que divulgue as leituras fórtes e uteis fazendo compreender que somos uma poderosa e formidavel energia no grande contingente das energias sociaes... A nossa ignorancia é cultivada calculadamente. Quando, por si, a mulher desvendar o grande mysterio, toda a humanidade será emancipada. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 53).

Qual seria, então, a proposta desta educadora apresentada às mulheres no livro *Renovação*? Essa resposta parece estar bem representada nos primeiros capítulos de seu livro (Prefácio, Feminismo e o O Suffragio Feminino).

Que o voto disvirtúa a mulher é irrisorio. E porque não se desvirtúa ella ao pregar na escola os deveres dos cidadãos como eleitores? Os homens não exigem dellas, nos programmas de ensino, o conhecimento das leis e dos codigos para transmitir ás crianças lições de civismo?

E como não fica desvirtuada ao falar em cousas que desvirtuam? Não è claro que tendo a mulher um direito, melhor o fará compreender?

Si as professoras dão todas essas noções civicas com calôr, com entusiasmo às vezes, é que a mulher está habituada a vibrar *tradicionalmente, sentimentalmente*, sem raciocinar, sem comprehender a razão do que lhe pedem e do que faz *inconscientemente*: ninguem lhe ensinou a observar, a analysar, a criticar. Nós temos sido instrumentos nas mãos dos homens, a seu favor, voltados contra nós mesmas.

Continuemos a impulsónar ao bem, a servir a collectividade, mas, lembremo-nos de influir também em beneficio da mulher.

Si as professoras e as mães pregassem aos filhos, desde o berço, o dever de pugnar pelos interesses femininos, claro está que não haveria tanta e amarga ironia em torno das nossas aspirações tão justas. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 146-147).

Com uma desenvoltura impressionante, ela apresenta possibilidades, descobertas por meio da leitura e da educação; faz um resgate histórico sobre a condição da mulher na sociedade daquela época. Apresenta, ainda, em que situação se encontra a luta das mulheres no mundo, considerando o processo educativo como possibilidade de democratização da sociedade e emancipação feminina. Então anuncia: “Cada capitulo deste livro dá margem para um livro inteiro, mas, o meu intuito é apenas – fazer pensar” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 147).

Que ella tome o seu posto de igual ante os direitos, de companheira nas alegrias: tem sido superior nas dores, nos sacrificios, no altruismo.

Que ella o saiba, que o sinta, que o pregue, que o faça pregar. Se o não fizer será eterna escrava que se accorrenta pelas próprias mãos – o homem não se lembrará que a sua companheira antevê um futuro melhor numa sociedade mais pura porquanto elle mesmo não sentiu, por enquanto, a possibilidade dessa grande Renovação. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 52).

A autora denuncia a incongruência de uma sociedade que fala de uma liberdade que não é usufruída por todos de forma minimamente igualitária ou justa.

Neste cenário, quais são suas demandas, motivos e propósitos? Visa a quais leitores ou leitoras? Quem ou o que Lacerda quer alcançar?

Os preconceitos, as tradições, a educação transmitida pelas gerações sucessivas – cegam-nos.

O homem não é um ser emancipado e ao seu egoísmo não convem a emancipação feminina.

É indispensável que a mulher trabalhe pela mulher. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 52).

Não escrevo para as poucas mulheres que lêem, que conhecem autores diversos e, sim, para as muitas que não puderam receber uma instrução sólida, para as que não podem ter bibliotecas, as que não tiveram professores, as que não foram habituadas a pensar. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 147).

Nossa pensadora deixa bem evidente a importância da educação, não como a única solução para os problemas da opressão feminina e sua consequente emancipação, mas, sim, porque a educação, a instrução, o acesso à informação são os meios pelos quais a mulher pode pensar por si, ter uma reflexão crítica sobre sua condição dentro da sociedade e, assim, junto a outras mulheres e homens também, lutar contra a subjugação.

Numa sociedade organizada de modo a deixar a mulher sujeita á tyrannia dos exaustivos trabalhos domesticos, occupada todo o dia nos arranjos da casa e dos filhos, sem tempo para ler o jornal, para conhecer os livros, como acontece ás burguesas do interior do Brasil, numa sociedade onde á metade do sexo fraco (porém fórte para o trabalho) são entregues os serviços domesticos a que não dão valor e occupam vidas inteiras, nessa sociedade ninguem tem o direito de encher os seus codigos com as bellas e retumbantes palavras: – Liberdade, Igualdade, Fraternidade³⁷³! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 65).

³⁷³ “O povo francês, a partir de 1789, inspirado pelos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade, iniciou um movimento de sublevação nacional que remodelaria sua sociedade e lançaria o país e o mundo em um novo período. E no esteio dessa sublevação, outra ainda eclodiria na França algumas décadas à frente, em 1830 e em 1848, na chamada Primavera dos Povos, eventos que tiveram como início a Revolução Francesa e que confirmam a assertiva de

Conforme argumentamos, a autora falava, em meados de 1920, sobre a *sujeição das mulheres e a condição feminina*, denunciando o quanto a mulher era escrava dos dogmas e das concepções da sociedade da época. A partir de 1970, o movimento feminista fala do patriarcado como uma formação social em que os homens detêm o poder, ou seja, de *dominação masculina* ou *opressão das mulheres*. “À mulher se assignalaram todos os mais pesados deveres; o homem guardou para si os direitos” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 101), incluindo o não acesso à educação, e, quando tiveram, foi uma educação cheia e dogmas e conformações.

Os termos e aprofundamentos conceituais não são os mesmos, mas mostram o olhar de Lacerda sobre a sujeição da mulher e a subordinação feminina (PISCITELLI, 2002). Segundo Leite (1984), uma das singularidades dos escritos de Lacerda, respeitando o período histórico em que foram produzidos e evitando os riscos de anacronismos, era sua preocupação com o problema da emancipação feminina e dos indivíduos como um todo no capitalismo industrial.

É preciso que a mulher se emancipe e só queira servir á Justiça, só trabalhe para o futuro, só vise um interesse: – o interesse colectivo, só tenha uma ambição, só reconheça na carreira politica um partido: o partido dos escravos modernos, dos oprimidos, dos fracos e indefesos, o partido que clama implorando simplesmente o direito de igualdade.

Foi com mulheres dessa têmpera moral que se acendeu a lucta grandiosa do feminismo moderno. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 127).

que a mesma é de fato um importante marco na história da humanidade” (SANTOS, 2016, p. 30).

Em citações como essa, a autora fala da luta feminista e demonstra uma consciência crítica sobre a realidade social não apenas da mulher, mas de toda uma maioria que compõe uma sociedade de privilégios para poucos, uma sociedade desigual, em que a mulher precisa e deve se posicionar; ela precisa ser a voz de uma sociedade oprimida, que as mulheres vêm tentando denunciar há séculos ou muito mais³⁷⁴ do que isso.

Collocámo-nos numa posição de animaezinhos domesticos.
Hoje, o nosso commodismo amimado nos faz esquecer de que temos encephalo, razão, vontade, nobreza de character.
O homem não arredará para dar lugar á mulher, mas “a liberdade não se pede, conquista-se”. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 62).

A historiadora Joan Scott (1989) argumenta sobre a subordinação das mulheres e a necessidade de dominação do homem sobre elas, pois a “a fonte da libertação das mulheres se encontra numa compreensão adequada do processo de reprodução” (1989, p. 9). Nesse sentido, Lacerda fala sobre a necessidade de as mulheres resistirem ao papel de procriadoras e da importância de uma maternidade consciente (LEITE, 1984).

Lacerda enfatiza a questão da solidariedade entre as mulheres, principalmente no que se refere aos inúmeros motivos pelos quais se veem

³⁷⁴ “O que ainda não foi reconhecido é que a caça às bruxas constitui um dos acontecimentos mais importantes do desenvolvimento da sociedade capitalista e da formação do proletariado moderno. Isso porque o desencadeamento de uma campanha de terror contra as mulheres, não igualada por nenhuma outra perseguição, debilitou a capacidade de resistência do campesinato europeu frente ao ataque lançado pela aristocracia latifundiária e o Estado, em uma época na qual a comunidade camponesa já começava a se desintegrar sob o impacto combinado da privatização da terra, do aumento dos impostos e da extensão do controle estatal sobre todos os aspectos da vida social. A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social. Nesse sentido, de um modo similar ao ataque contemporâneo à ‘cultura popular’ e o ‘grande internamento’ e pobres e vagabundos em hospícios em worhouses, a caça às bruxas foi um elemento essencial da acumulação primitiva e da transição ao capitalismo” (FEDERICI, 2004, p. 297-298).

sozinhas na criação de seus filhos ou por causa do preconceito social contra aquelas que acabam abandonando seus filhos nas “rodas dos expostos”. As questões referentes à consciência maternal começam a ser amadurecidas em seus escritos a partir de 1924, particularmente em seu livro *A mulher é uma degenerada*.

Um homem subjuga uma pobre moça pela força ou pela seducção e ella se lhe entrega e vem o primeiro filho. O rapaz se despede e a rapariga enjeita o fructo d’aquelle amôr para que a sociedade a não repudie. Então lhe não bastou a anciedade de tantos menses? A quem maior responsabilidade no acto praticado pelos dois? E as leis protegem o rapaz, que gargalha sobre os destroços de uma vida! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 220-221).

E por que não se estender a mão á mulher que caíu e se levantou com um filho?

Porque não no unirmos todas para ajudá-la a criar e a educar aquelle filho?

Os homens não estendem os braços ao seductor applaudindo as suas façanhas, protegendo aquelle que demais foi protegido pela Natureza?

Maldita sociedade que se escarnece da fragilidade do nosso sexo – atirando-nos ao rosto insultos soezes!³⁷⁵ (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 222).

A jurista feminista Alda Facio (1999) fala da inferiorização da mulher no sistema patriarcal e Lacerda, sobre a legitimação dessa inferiorização pela sociedade, em vários momentos. Para exemplificar, trazemos uma citação do capítulo que contextualiza a situação do sufrágio feminino de sua época, quando os políticos discutiam e muitos se recusavam a aprovar o direito da mulher ao voto.

Não seremos piores deputados que os nossos deputados! Isso Nunca... Não faremos mais torpe politicagem.

Dir-se-á que têm receio da concorrência... Não ha mais quem afirme *sériamente* a nossa inferioridade e não ha quem *sériamente* discuta o perigo que corre a familia quando a mulher for chamada

³⁷⁵ Soez, adj. 2 gên. Vil; torpe; reles (SOEZ, 1981, p. 1067).

a ocupar o seu lugar, muito seu e que lhe foi usurpado, covardemente, pelo homem esgoista e vaidoso.

Demais, não temo ainda esse direito, não votamos por enquanto e nem por isso, pelo menos no Rio, a família anda lá muito bem...

Quando o voto chegar até nós talvez já as cousas estejam bem difíceis de ser amparadas. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 140).

Os escritos nos provocam a pensar sobre todas as opressões que as mulheres já sofreram e as que ainda se mantêm, pelo fato de continuarmos vivendo em uma sociedade patriarcal, em que ainda estamos em condições de desigualdade diante do sexo oposto³⁷⁶.

A legislação e as políticas públicas são produzidas em um ambiente amplamente masculino e branco. As mulheres são, também nesse sentido, posicionadas como objetos – seus corpos são regulados, e suas necessidades ganham sentido político na fala e nas ações de quem está em posição distinta delas, em relações que implicam vantagens e desvantagens, vulnerabilidade, recursos para o exercício do poder cotidiano. (BIROLI, 2018, p. 209).

Portanto, as questões de gênero e patriarcado são *panos de fundo* da condição histórica da mulher na sociedade e, por isso, a educação feminina é tratada por Lacerda como a grande alavanca de superação dessa condição.

Tentamos evidenciar a *singularidade* do(s) texto(s), isto é, o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual de que fala Mortatti, em Lacerda e nas pesquisadoras.

Pela voz de Lacerda:

³⁷⁶ No intuito de dar apenas um exemplo deste fato, segundo dados da agência IBGE de notícias de 2018, “As mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinando trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens” (IBGE, 2018).

Se toda seduzida pela primeira queda lançasse um manifesto a nós, mulheres, e, se volvessemos toda a energia feminina para a fundação de uma grande associação protectora das mães sem terem sido esposas legaes, associação que não permitisse a segunda queda, – que formidável corrente de solidariedade e força criariamos em torno da nossa fragildade!

E os homens tratariam de modificar a leis...

Eia, mulheres brasileiras, fundemos essa associação e os enjeitados de hoje serão, depois, as melhores columnas a amparar o nosso templo e solidariedade e amôr.

Moças de minha terra – cuidado com as seducções. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 223).

É interessante apontar o modo como a autora entrelaça em seus argumentos, como arma de luta, a atenção da mulher e a sedução masculina. Ela desvela o jogo de forças entre a fragilidade que a sedução engendra e a força que têm a união e o controle deste corpo por elas próprias. Numa análise sobre o papel da ciência médica no domínio e fragilização do corpo da mulher, Ana Paula Vosne Martins (2004, p. 7) destaca que ‘a mulher’ foi aprisionada em seu próprio corpo para ser controlada e oprimida, resguardando o lugar de submissão e procriação. Por outro lado, quem ou o que determina o que pode ou não o corpo da mulher? A ferrenha luta travada na sociedade atual sobre a descriminalização do aborto fala por si³⁷⁷:

O direito ao aborto é um eixo central da autonomia das mulheres. Sem o direito a controlar a sua capacidade reprodutiva, a autonomia na definição de sua trajetória de vida fica fundamentalmente comprometida. A participação em outros âmbitos da vida tem estado atrelada à capacidade efetiva de planejamento de sua vida reprodutiva, ao modo como as tarefas de cuidado são divididas na esfera privada e, sobretudo, ao apoio público existente para o cuidado com as crianças e para a proteção no mundo do trabalho das mulheres gestantes e mães. Por isso, a

³⁷⁷ Vídeo da pesquisadora Débora Diniz defende a descriminalização do aborto em audiência no Supremo Tribunal Federal. (PESQUISADORA DÉBORA DINIZ..., 2018).

denúncia da maternidade compulsória esteve relacionada desde o início às lutas pela igualdade de gênero. (BIROLI, 2018, p. 135).

O movimento das mulheres iniciado no princípio do século XX tem se desdobrado. Hoje a mulher obteve avanços nas questões relacionadas às garantias de leis trabalhistas, ao acesso à educação, à saúde, à assistência social etc. No Brasil, temos o Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres³⁷⁸ e a Lei Maria da Penha³⁷⁹. Mas, ao mesmo tempo, a mulher negra³⁸⁰, que é a maioria da população, vive em situação de pobreza. A cada cinco minutos uma mulher é morta em nosso país, e os índices de violência e assédio sexual são estarrecedores³⁸¹.

O cinismo dos privilegiados ancora-se na invisibilidade da opressão. Os embates tornaram-se mais agudos justamente porque os feminismos se tornaram mais visíveis e efetivos, o que pode ser tomado como um efeito político de ações e agendas radicais de transformação, mas também como resultado de um processo em que a ordem neoliberal incorporou e transformou, em vez de recusar, as pautas de gênero. (BIROLI, 2018, p. 206).

Além dessas questões da violência e negação de direitos das mulheres, que perpassam décadas e décadas da nossa história, existem as inúmeras

³⁷⁸ Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres (BRASIL, 2005).

³⁷⁹ Lei Maria da Penha; perguntas e respostas em favor da vida e pelo fim da impunidade. (BRASIL, 2017a)

³⁸⁰ “[...] informações demonstram que 53,6% das famílias chefiadas por mulheres no país são lideradas por mulheres negras (IPEA, 2013). Dessas, 63,4% das mulheres negras estão ocupadas no trabalho doméstico (IPEA, 2012), recebendo 86% dos rendimentos das mulheres brancas com a mesma ocupação. As mulheres negras são o principal grupo atuante no mercado informal: 26,5% das mulheres negras trabalhadoras atuavam no mercado informal em 2012, chegando a 46,7% nas seis maiores Regiões Metropolitanas do país (IBGE, PME, agosto de 2012). Em relação ao desemprego, as mulheres negras apresentam as maiores taxas ao longo dos anos e das diferentes situações econômicas do País” (A SITUAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS..., 2016).

³⁸¹ Pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado indica que em 2015 18% das mulheres entrevistadas afirmaram já terem sido vítimas de algum tipo de violência doméstica, seja ela física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial. E, de acordo com o Mapa da Violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil, a taxa de homicídios de mulheres no país entre os anos 2006 e 2013 aumentou em 12,5%, chegando a 4,8 vítimas de homicídio em cada 100 mil mulheres. Somente em 2013 foram registrados 4.762 homicídios de mulheres no ano, ou 13 assassinatos por dia, em média (BRASIL, 2017b, p. 4).

delimitações do patriarcado em um nível simbólico³⁸². Diariamente as mulheres sofrem e são julgadas nos mais diversos locais, tanto no espaço público³⁸³ quanto no espaço privado³⁸⁴, quando a todo momento precisam *provar* seu valor por meio de sua intelectualidade, e não por sua estética ou pela forma como estão vestidas. Elas ainda têm que trabalhar horas a mais,³⁸⁵ com salários menores, quando não fazendo a dupla jornada de trabalho, pois os serviços domésticos ainda são confundidos como serviço da mulher³⁸⁶.

³⁸² “O patriarcado é entendido como pertencendo ao extrato simbólico e, em linguagem psicanalítica, como a estrutura inconsciente que conduz os afetos e distribui valores entre os personagens do cenário social. A posição do patriarca é, portanto, uma posição no campo simbólico, que se transpõe em significantes variáveis nas distintas interações sociais. Por esta razão, o patriarcado é, ao mesmo tempo, norma e projeto de auto-reprodução, o que o leva a censurar e controlar a fluidez, as circulações, as ambivalências e as formas de vivência de gênero que resistem a ser enquadradas na sua matriz heterossexual hegemônica” (ALMEIDA, 2004, p. 238).

³⁸³ O patriarcado é um sistema contínuo de dominação masculina. Ele continua nas estruturas estatais, mantendo intactas as formas de divisão sexual do trabalho, perpetuando a violência cotidiana sobre as mulheres (MATOS; PARADIS, 2014). “As parlamentares têm como certo o fato de ser esta uma jornada sem volta em favor do empoderamento político e decidiram reforçar ainda mais a campanha. As 65 parlamentares atualmente em exercício do mandato foram anfitriãs em outubro do Encontro de Entes Federados – Pacto Federativo das Mulheres – em defesa da igualdade na representação política da metade feminina da população” (GRAZZIOTIN, 2015, p. 22).

³⁸⁴ “Ao destacar que é no campo do privado onde se encontram os aspectos que limitam as possibilidades de conquista da autonomia das mulheres e onde ocorre uma ‘naturalização da opressão feminina relacionada à ideia da maternidade como o lugar central para as mulheres’ [...], Nalu Faria problematiza a separação entre esfera pública e esfera privada ao explicitar o controle exercido por diversas instituições, destacadamente o Estado, sobre os corpos, a sexualidade e o poder de decisão das mulheres, ressaltando a questão do aborto como tema urgente que se refere tanto a sua saúde e segurança como a sua autonomia” (GONZALEZ, 2014).

³⁸⁵ As mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens por semana. Em 2015, a jornada total média das mulheres era de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas. Em relação às atividades não remuneradas, mais de 90% das mulheres declararam realizar atividades domésticas – proporção que se manteve quase inalterada ao longo de 20 anos, assim como a dos homens (em torno de 50%). Esses são alguns dos dados destacados no estudo *Retrato das desigualdades de gênero e raça* com base em séries históricas de 1995 a 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE (BRASIL, 2017c).

³⁸⁶ “[...] tem-se que os dois polos opostos de inserção das mulheres no mercado de trabalho são, na verdade, complementares. As mulheres mais escolarizadas se lançam ao mercado de trabalho, na verdade, porque podem delegar as atividades que lhes são atribuídas no âmbito das famílias a outras mulheres. Muitas destas, por sua vez, delegam a outras mulheres, em regime remunerado, ou de favores. Com isto, forma-se um verdadeiro encadeamento de mulheres na sociedade brasileira, que se ligam por meio da atribuição pelas atividades domésticas” (BRASIL, 2010).

Uma das formas de compreendermos o que há de ficcional na dualidade entre a esfera pública e a esfera privada é observarmos como várias questões de grande significado e impacto para a vida das pessoas são isoladas e definidas como dilemas íntimos e problemas de cada um ou “de cada família” e os indivíduos, em diferentes arranjos cotidianos, fazem suas escolhas imersos em dilemas que a lógica de mercado esvazia de seu sentido político e compartilhado. (BIROLI, 2018, p. 208).

No âmbito do simbólico, a sociedade vigia o tempo todo o corpo, as atitudes, quando não a mente da mulher, justificando ainda, como o faz desde tempos históricos, a violência física, psicológica ou simbólica contra ela por sua própria condição. Qualquer mulher que se afaste dos moldes que a sociedade impõe como o que dela é esperado sofre preconceito, discriminação, calúnia, difamação e isolamento social³⁸⁷. Essa questão nos remete ao que Lacerda falava sobre as mulheres que não se ajustam às *normas* da sociedade e são tidas como prostitutas.

Nas palavras de Lacerda,

Estamos na categoria dos cretinos, imbecís, loucos e senís: eternamente tuteladas!

Collocam-se como intermediarios entre nós e a sociedade, e, nos supõem cortesãs que se não entregam por medo, só por medo! (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 228).

O trabalho e o sacrificio da maioria feminina não póde ultrapassar o de agora: que o digam os milhões de operarias que repartem a vida entre o trabalho e a dôr. Que o digam as representantes da burguêsia pobre – carregadas de filhos, de sacrificios e abnegação. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 232).

³⁸⁷ “Muitos homens e a sociedade de modo geral (aqui se inclui a própria mulher) ainda ditam à mulher afazeres ou papéis sociais, criticam e proíbem o uso de certas roupas, oferecem uma falsa liberdade e a privam do exercício de uma profissão. Muitas mulheres são submetidas diariamente ao assédio moral e sexual, por meio de ofensas na rua e nos locais de trabalho, possuem insegurança ao saírem sozinhas, são obrigadas a atravessar a rua quando veem um homem, por medo do que ele possa dizer ou fazer-lhes, e muitas são mortas, apenas por terem nascido mulher” (FANTIN; D’AGOSTINI; DE MARCO, 2018, p. 7).

Vejamos o significado de *cortesã*. Pode-se dizer que *favorita do rei* e de *vida geralmente luxuosa* seriam definições coerentes para o período histórico vivido por Lacerda, hoje ultrapassado. Entretanto, o que permanece? Num artigo intitulado “Desafios da equidade de gênero no século XXI”, Alves (2016) discute as limitações e os avanços nas relações de gênero ocorridas no Brasil e no mundo nos últimos 70 anos. Apesar de destacar importantes conquistas das mulheres nas últimas décadas, ele fala da existência de uma *revolução incompleta* expressa pela manutenção da divisão sexual entre trabalho produtivo e reprodutivo, limitando a autonomia e o lugar das mulheres na família e na sociedade. Para o autor:

Em geral as mulheres são sobrecarregadas com os afazeres da reprodução (trabalho não remunerado), enquanto os homens possuem maior disponibilidade para as atividades da produção (trabalho remunerado). A questão que se coloca, em termos de políticas públicas, é como liberar as mulheres para o exercício de seu direito ao emprego remunerado, como comprometer os homens com a economia do cuidado, e como o Estado pode implementar políticas que favoreçam a conciliação entre trabalho e família. (ALVES, 2016, p. 634).

Menciona ainda que, no modelo capitalista de produção, não está em questão a inclusão econômica e a justiça social e que por isso o livre mercado não é neutro em relação às questões de gênero, raça/cor, geração etc. Destaca que entre as esferas em que é preciso atuar para a transformação da condição da mulher está também “a luta contra os estereótipos, os estigmas e a violência” (p. 631), portanto, avanços sociais na perspectiva de gênero. “Estamos lidando com o aprofundamento de uma racionalidade política econômica – o neoliberalismo – que dilui os laços de solidariedade e torna a vida mais precária” (BIROLI, 2018, p. 205).

Outra ideia importante a destacar em Alves (2016) é a questão do *ecofeminismo*³⁸⁸. Este movimento denuncia o modo de se considerar a existência de uma convergência entre a forma como o pensamento patriarcal vê as mulheres e a natureza. Aqui a dominação das mulheres e a exploração da natureza são *dois lados da mesma moeda*, ou seja, a utilização de *recursos naturais sem custos* (grifos do autor) para a acumulação de capital e manutenção dos privilégios de todos os tipos e de todas as ordens. Para o autor, isto convoca ao progresso civilizatório, de despatriarcalização³⁸⁹ da sociedade!

Ainda sobre esta temática da divisão sexual do trabalho, em seu livro recém-lançado *Gêneros e desigualdades: limites da democracia no Brasil*, sobre teoria política, feminista e brasileira, Flávia Biroli diz:

A divisão sexual do trabalho, pelo modo como é configurada, colabora para a reprodução do entendimento de que as mulheres e homens têm competências diferenciadas, situando as diferenças assim pressupostas numa escala valorativa em que as características femininas são associadas ao mundo doméstico. Entendo que essa escala de valores é um fundamento cotidiano das desigualdades na participação política. E é, também, um problema em si, constituindo uma trama de barreiras para a autonomia e permitindo que, mesmo com os avanços da participação das mulheres na vida pública, estas tenham menor acesso a recursos capazes de reduzir sua vulnerabilidade relativa.

³⁸⁸ “O ecofeminismo, termo derivado da combinação das palavras ecologia e feminismo, estabelece intrínseca conexão entre ambos, visando expressar os valores e propostas dos sujeitos em questão. O movimento ecofeminista traz a relação estreita existente entre a exploração e a submissão da natureza, das mulheres e dos povos estrangeiros pelo poder patriarcal [...] identifica o pensamento hierárquico bem como os valores patriarcais como os principais responsáveis da propagação da dominação tanto das mulheres quanto da natureza” (SILVA; ALMEIDA, 2012, p. 3).

³⁸⁹ A despatriarcalização pode ser considerada como a dinâmica de participação e representação nos poderes, como, no Estado, a participação no Executivo e Legislativo, junto com a descolonização da sociedade e do Estado, os eixos centrais de análise das opressões de origem patriarcal, segundo a doutora em sociologia Marlise Matos e a mestre em ciências políticas Clarisse Goulart Pararis. No texto *Desafios da despatriarcalização do Estado Brasileiro* (2014), elas debatem sobre estruturas, valores e o pensamento social brasileiro ainda patriarcal e neocolonial, no qual as instituições estatais continuam sendo moldadas pelo patriarcado, garantindo uma inserção subordinada das mulheres na esfera pública.

Nesse domínio, gênero, classe e raça definem conjuntamente os padrões de exploração e as oportunidades. (BIROLI, 2018, p. 209).

Nesse sentido é que os escritos de Lacerda exercem um fascínio. É justamente sobre estereótipos, estigmas e violência que a autora fala, demonstrando a subjugação do corpo para o trabalho reprodutivo. No entanto, quando a mulher se coloca de modo mais livre, a sociedade vê nisso a ideia de cortesã. “Collocam-se como intermediarios entre nós e a sociedade, e nos supõem cortesãs que não se entregaram por medo, só por medo!” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 228).

Lacerda expõe no excerto abaixo o regime patriarcal que mantém ideologicamente a mulher nessa condição, como um objeto para atender a seus interesses, expressando a ideia de que lutar contra ele seria a derrocada feminina. Sobre isso a autora ironiza:

Perde a mulher “a mais preciosa das regalias: que é a de ser protegida e alimentada pelo homem”.

Vejamos por parte:

Em que consiste a protecção do homem de hoje para a mulher?

Reza, o Manú: “A mulher durante a sua infancia depende do pai; durante a mocidade, do marido; em morrendo o marido, de seus filhos; se não tem filhos dos parentes proximos de seu marido, porque uma mulher nunca deve governar-se á sua vontade”.

Entre os gregos, entre os romanos – a mesma cantiga.

Lemos essas historias com um sorriso nos labios em ar de superioridade como se estivessemos muito longe desses costumes. Puro engano.

Se o direito romano dos antigos, nesse ponto, não está em vigor pela força da lei – está pelo habito, pelos costumes. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 232-233).

Pode-se dizer que se mantém em vigor nos hábitos e costumes sustentados pelas questões de gênero e do patriarcado. Entretanto, quais as

brechas percebidas no discurso de Lacerda, para além de sua emblemática retirada do movimento sufragista, quando se posiciona fortemente sobre a importância de a mulher ser dona do próprio corpo? Pensar as categorias eleitas a partir de seus escritos mostra-se fecundo: “Protecção é apenas encher a casa de viveres e atirar a besta de carga á luta – no fogão, na lavanderia, nas costuras – sem tempo sequer para cuidar de si e sentir que tem cérebro e ideias?” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 233).

Estes questionamentos de Lacerda são compreendidos aqui como modos de resistência, mas, para além disso, são meios de problematizar a condição da mulher tutelada pelo homem, permitindo perceber que o poder patriarcal, pelo modo como define a mulher, estabelece sua ocupação primordial na organização social, ou seja, a casa e os filhos. E pelo gênero a vê como um objeto procriador, pelas especificidades de seu corpo. Nesse sentido, como pensar a condição feminina e modos de transformação, pela resignificação destas mesmas categorias no interior das lutas? Lacerda novamente ajuda:

Estamos fartas de ser protegidas!...

Adeus ócios gentis!...

O ferro de engommar, a agulha e o dedal, a vaisoura, o fogão, os desgostos, as lagrimas e os filhinhos rachiticos. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 236).

Na seção do livro sobre as “Questões sociaes” (p. 201-211), Lacerda responde às críticas referentes aos panfletos do Partido Comunista Feminista, filia-se a ele e assume-se feminista. Faz reflexões sobre a real condição da mulher operária, sobre as visionárias, a hipocrisia da nossa sociedade e também sobre ações filantrópicas. Um de seus temas é a importância de as mulheres se unirem,

se entenderem e se instruírem. Explica também a verdadeira concepção do amor livre.

Eduquem a mulher, despertem a sua consciencia, illuminem a sua clarividencia moral e ella reformará o mundo, fará da humanidade em luta a alavanca formidavel em caminho de um mundo nôvo. E veremos a cooperação de todas as forças para a felicidade collectiva.

O amor livre pregado pelos grandes idealistas não é a immoralidade, a dissolução da família e do lar, o mercado da prostituição, a libertinagem que sem o amôr livre campeia desenfreada nesse triste seculo parecendo querer reviver degradação de tempos immemoriaes.

O casamento ou a união livre pôde ser formalizada por uma cerimonia qualquer – religiosa ou não, á escolha dos conjuges.

O que se quer é o amôr verdadeiro, sèrio, apoiado no puro affecto, na affinidade de dous seres que se attraem não por conveniencia de classe, posição ou dinheiro. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 240-241).

As categorias de gênero, patriarcado e educação se entrelaçam fortemente no discurso da autora: as duas primeiras como amarras da emancipação feminina e a última, como possibilidade de se obter a base necessária para lutar pela transformação e superação da condição subjugada da mulher na sociedade.

É a hipocrisia que a autora denuncia a todo momento, com fina e genial ironia, encontrando um caminho de superação na libertação do corpo e do intelecto da mulher. Lacerda avisa e proclama: não precisamos de tutela, somos donas do nosso corpo e da nossa mente. Tão óbvio, mas tão importante e ainda penoso de ser conquistado nos dias de hoje, em que as bandeiras da luta feminina ainda precisam ser ecoadas.

Sobre isso é possível problematizar a importância de as lutas serem concomitantes, tanto no sentido do concreto quanto no do simbólico.

Importa continuar o combate à violência doméstica e lutar pelo direito ao aborto, assim como entender a sofisticação na compreensão das categorias de gênero e patriarcado que sustentam historicamente a condição da mulher, a fim de entender as amarras ideológicas que inviabilizam conquistas no interior dessas lutas, inclusive o acesso ao ensino, trabalho e independência financeira³⁹⁰. Mesmo porque, diz Lacerda: “esquecem-se de que as leis são impotentes se se não reformam os costumes” (p. 263).

[...] o corpo feminino é regulado por regras e políticas produzidas por homens. Mas a privatização das relações familiares e de cuidado é o outro lado da moeda. O controle seletivo estabelece-se com o foco na sexualidade e na reprodução, enquanto Estado e coletividade podem esquivar-se da responsabilidade pela vida e pelo bem-estar. Os corpos sobre os quais incidem os controles são definidos, diferencialmente, também no tempo de trabalho que lhes é imposto, nas garantias para que recebam cuidado quando dele necessitam, na proteção a sua integridade física e psíquica. (BIROLI, 2018, p. 209-210).

Continuaremos lutando pelos direitos das mulheres e ao mesmo tempo compreendendo melhor as concepções que nos sujeitam para que possamos combatê-las de forma mais concisa e profunda. Não podemos ficar desatentas às formas de consolidação do poder do homem sobre a mulher localizando sua função social principalmente pelas especificidades de seu corpo. Lacerda diz: “Revolto-me contra essa desigualdade que o berço inconsciente espalha e creio na redempção da humanidade pela própria humanidade” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 277).

³⁹⁰ Reportagem do Banco Mundial sobre como a legislação de diferentes países dificulta a ascensão da mulher, são 104 países e o Brasil está incluso nessa lista. Em 59 países não existem leis contra o assédio sexual no ambiente de trabalho, 39 países impedem que mulheres sejam herdeiras, em 18 países os maridos ainda podem proibir a mulher de trabalhar e em 3 países elas precisam de autorização do marido para trabalhar, um total de 2,7 bilhões de mulheres que enfrentam restrições legais única e exclusivamente por serem mulheres (GRISOTTO, 2018).

Ou seja, é preciso desenvolver o humano do humano por um conhecimento que supere a alienação³⁹¹, pela consciência do coletivo, da solidariedade e o combate à injustiça. A desigualdade não vigora necessariamente das consequências mais aparentes das ações entre os homens (violência, aborto), mas, antes, da força da persuasão ideológica e da alienação, mantendo a mulher numa condição de *proteção*, pela *dádiva e beleza da função materna* (outro empecilho para a legalização do aborto que absolutamente não questiono aqui), que ela própria não questiona e alimenta, inclusive comumente veiculadas por campanhas publicitárias no Dia Internacional da Mulher³⁹². Entretanto, como diz Lacerda no excerto acima, se a vida que nos produz é reflexo do que nós mesmos produzimos, a redenção virá pela própria humanidade³⁹³.

Afinal, “a revolução social é um facto: que seja abafada hoje, amanhã irromperá mais forte” (p. 267). Entretanto, que conhecimentos produziremos nessa empreitada? Que lutas precisarão ser travadas?

As lutas que podem e devem ser enredadas são inúmeras, pois a dominação patriarcal é um sistema engendrado nas engrenagens das estruturas

³⁹¹ “No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [...] a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é alienação do homem [...] em relação a si mesmo” (BOTTOMORE, 2012, p. 6).

³⁹² “A decisão tomada na Segunda Conferência Internacional de Mulheres Socialistas não ficou no papel. Decidiu-se organizar o primeiro Dia Internacional das Mulheres em 19 de março de 1911. Essa data não foi escolhida por acaso. Nossas camaradas alemãs escolheram o dia por sua importância histórica para o proletariado alemão. Em 19 de março, no ano da Revolução de 1848, o rei da Prússia reconheceu pela primeira vez a força do povo armado e cedeu diante da ameaça de uma insurreição do proletariado. Entre as várias promessas que ele fez, que posteriormente não cumpriu, estava a introdução do direito de voto para as mulheres [...] O primeiro Dia Internacional da Mulher aconteceu em 1911. Seu sucesso ultrapassou todas as expectativas” (GONZALEZ, 2010, p. 194).

³⁹³ “A sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens. Isto equivale a dizer que o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira” (SAFIOTTI, 1987, p. 16).

sociais como um todo, seja no público ou no privado. Aliás, como dizemos no movimento feminista a partir de sua segunda onda é: “o privado é público”.

Maria Lacerda de Moura nos mostra possibilidades de pensar diferente do que está colocado hegemonicamente pela sociedade capitalista e patriarcal nos anos em que viveu no Brasil. Em um contexto histórico em que nosso país estava em plena interferência ideológica da luz, do desenvolvimento, da organização, vem essa escritora dizer que devemos pensar até que ponto realmente estamos evoluindo, se metade da população não conquista possibilidades de desenvolvimento digno nesta mesma proposta de sociedade evoluída e moderna.

Somos gratas à autora pela possibilidade de questionar a todo momento o que está posto e, assim, poder pensar por nós mesmos o que é justo dentro do coletivo em que estamos a viver. Precisamos reconhecer as sutilezas das diferenças de tratamento e acesso aos direitos e deveres sociais nas mais diversas áreas: emprego, moradia, educação, saúde, lazer etc.

Violência cotidiana e violência política interligam-se em práticas que pressionam as mulheres para permanecer naquele que seria “seu lugar” – ou a ela retornar –, isto é, os espaços domésticos-familiares, a aceitação de formas menos ou mais diretas de tutela masculina. Os obstáculos no acesso a recursos e a coerção mais direta, que a violência política põe em ato, não se misturam apenas aos estereótipos depreciativos. A qualificação do feminino como docilidade e domesticidade, que se intensifica nos estereótipos maternos e no “familismo”, situa as mulheres no mundo de um modo que torna natural sua ausência dos espaços decisórios. É algo que pode ser reproduzido nos meios de comunicação, que espelham e ao mesmo tempo colaboram para reproduzir essas relações. (BIROLI, 2018, p. 2010-211).

Estudar, aprender, ensinar e trocar informações, leituras, dados, ideias e reflexões, tudo isso nos alimenta e nos fortalece, para superar, no nível da ideia,

toda essa opressão, nos conduzir a uma ação reflexiva com possibilidades de transformação da realidade social imposta.

O interesse explora, subjuga a mulher, paga-lhe menos que ao homem, exige della maiores esforços e deveres, cerceia-lhe os direitos, quer que seja bella e futil para conquistar, ridiculariza-a si não achou casamento, desmoraliza-a si procurou, quem sustentasse no lar fóra de lei, protesta si ella péde trabalho reservado ao homem, si quer prover a sua subsistencia fazendo cuncurrencia ao elemento masculino.

Que fique no lar! É o grito partido de toda parte. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 244).

Enfim, finalizamos essa seção com essa citação da autora que explica de forma explícita as consequências para as mulheres de uma sociedade patriarcal. Mesmo guardadas as devidas diferenças de contexto histórico, social, político, econômico e cultural, ainda é possível vislumbrar e registrar a violência que subjuga a condição da mulher.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E INCONCLUSÕES

A humanidade sairá de sua pré-história somente quando deixar para trás a estrutura simbólica patriarcal. (ALMEIDA, 2004, p. 243).

Pelas vozes das mulheres trazidas ao texto, com destaque para Lacerda, buscamos compreender as questões colocadas neste trabalho desvelando as estruturas de poder que organizam posições sociais na sociedade, ou seja, as estruturas patriarcais e de gênero e a condição social da mulher. As razões da escolha desta última epígrafe são inúmeras. Entretanto, a principal foi poder resumir o quanto um modelo específico de dominação instituído em nossa sociedade ocidental desde a Antiga Roma ainda está presente e se manifesta de forma concreta nas negações de direitos e leis discriminatórias, nas inúmeras áreas da convivência entre os gêneros, tanto no âmbito privado como no público. Isso nos alerta para a força das questões ideológicas que normatizam e naturalizam desigualdades e para o quanto são elas internalizadas pelas mulheres, provocando culpa, pouco entendimento de seus direitos e até mesmo falta de questionamento sobre por que estes mesmos direitos lhes são negados.

Pode-se dizer que a dominação sobre a mulher é histórica (PISCITELLI, 2002), mesmo porque,

o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas aos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “sujeição”, das mulheres, ou ainda “condição feminina”. (DELPHY, 2009, p. 173).

Deste modo, enquanto as relações entre homens e mulheres permanecerem sob a égide do modelo patriarcal reforçado pelas especificidades do corpo feminino, é preciso continuar os estudos que desvelem tais ideários, impulsionando a expansão de pesquisas no âmbito acadêmico e contribuindo com a produção de conhecimento em diversos campos, dentre eles o da educação. Concordamos com Lacerda quando diz que a emancipação feminina irá se concretizar pelo próprio acesso à educação, pelo “saber pensar”.

Nesse sentido, as categorias de gênero, patriarcado e educação mostraram-se promissoras. Elas possibilitam pensar a trama engendrada para o controle do corpo da mulher, para que assim se possa trazer à tona a participação das mulheres na história da humanidade, dar-lhes voz, ou até, construir uma nova história (SCOTT, 1989).

Tentamos delinear como foi o processo de análise, um exercício de olhar para além daquilo que estava escrito pela autora, resgatando seu contexto histórico, trazendo-o para o hoje, buscando outras pensadoras, revendo os dados da opressão sobre as mulheres e o que pensam algumas das nossas teóricas feministas que trazem a análise desse contexto histórico posto para nós, mulheres.

Da crítica feminista, em seus vários matizes, emergem contestações radicais às concepções convencionais de família, que expõem ao mesmo tempo os efeitos da divisão sexual do trabalho e da heteronormatividade, da violência e da falta de solidariedade social. Trata-se de uma crítica que confronta simultaneamente o individualismo e o conservadorismo moral. O horizonte de transformações radicais que se estabelece nas lutas e nas teorias feministas não encontra guarida na lógica competitiva nem nas ilusões comunitaristas, que apontam para o passado ao confrontar problemas do presente... a superação da dominação de gênero aparece conectada à abolição de todos os privilégios. Se a promoção de mais espaço para as mulheres não for feita em conjunto com a crítica à mercantilização, para muitas restará uma vida precarizada. (BIROLI, 2018, p. 211-212).

Inúmeras leituras e releituras do texto *Renovação* possibilitaram avanços no sentido de entender a história de vida da autora e o que tem a nos dizer, o contexto histórico ao qual ela estava inserida, além da história da educação e do anarquismo no Brasil. Por isso, uma colcha de retalhos de citações de seus escritos permeou todo o trabalho, numa tentativa de compreender a autora e seus escritos, olhando para o ontem e o hoje, apreendendo nas idas e vindas o quanto a dominação é histórica, surpreendendo-nos com o quanto ela está na estrutura de todo um sistema social.

Esse foi o exercício para que pudéssemos entender a profundidade da problemática da dominação de uma sociedade composta por um sistema patriarcal, em que as relações de gênero não são harmônicas, pelo fato de que existe um grupo social com privilégios na manutenção da subjugação em uma sociedade capitalista.

Nesse cenário foi possível trazer as contribuições do pensamento da anarquista Maria Lacerda de Moura, pelos elementos presentes em seus escritos, compreendendo os meandros da *condição feminina*.

Olympia de Gouges, regenerada por um ideal alevantado, deixa que ouçam a sua voz limpida, eloquente, viril, protestando: “A mulher que tem o direito de subir ao cadafalso³⁹⁴, deve igualmente ter o direito de subir á tribuna.” Eu diria entretando: a mulher que tem o direito de subir ao cadafalso, que tem o direito ir á cadeia, de pagar impostos, de respeitar as leis e os governos, de educar, de dar cidadãos á Patria, deve igualmente ter o direito de exigir os seus direitos na camara, no senado, no municipio, porque as leis são feitas pelos homens, para os homens e ella se submete, paga os tributos, respeita sem que tenha o direito de reservar para si cousa

³⁹⁴ Cadafalso, s.m. Estrado alto onde se executavam os condenados à morte; patíbulo, essa. O mesmo que cadafalco (CADAFALSO, 1981, p. 210).

alguma. Si não está na altura de fazer leis, de governar, devia estar fóra das leis, dos governos. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 79).

Não basta eleger – é preciso que a mulher seja eleita³⁹⁵. É, sim, necessário, diante das questões acima colocadas pela autora, que a mulher ocupe seu espaço na história da sociedade em todos os âmbitos, e isso inclui a política. As leis não foram feitas para elas, não contribuem para salvaguardar sua dignidade humana. Então as mulheres devem, sim, estar nos espaços de decisão. Precisamos votar e ser votadas, mas também desenvolver uma consciência crítica sobre em que mulher estamos votando. Afinal, nem todas as mulheres querem a harmonia justa e humana; outras nem têm consciência do quanto não sabem, ou revelam formas distorcidas de entendimento de sua condição e da diversidade de mulheres e seus direitos.

Eu só daria o meu voto a outra mulher...

Se a mulher brasileira puder ser eleita enquanto eu viver, se a candidata fôr uma fanática, ou principalmente se fôr uma exaltada religiosa ou defensora de tradicionalismos opressivos, – continuarei a guardar o meu insignificante voto para a ocasião mais oportuna. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 126).

É preciso analisar criticamente quem são os nossos representantes, pois, como ela mesmo disse em outra citação, tanto as mulheres como os homens são passíveis de entendimento enviesado sobre a realidade social e suas possíveis mudanças.

Isso nos transporta, infelizmente, para os dias de hoje, em 2019, quase cem anos depois, quando um presidente considerado de extrema direita ganha as

³⁹⁵ Na Grã-Bretanha, em 1870, as mulheres podiam votar e serem eleitas nas comissões escolares. Em 1894, podiam ser juízas de paz.

eleições brasileiras, empenha-se em liberar a posse de armas no Brasil³⁹⁶ e acredita que a ditadura de 1964 foi, na verdade, uma revolução, homenageando um torturador, colocando-se ainda contrário à reparação de uma dívida histórica para com a população negra³⁹⁷.

No Brasil e, mais amplamente, na América Latina, a “defesa da família” tem sido palavra de ordem nas primeiras décadas do século XXI, em esforços que têm como objetivo retroceder nas exceções existentes à criminalização do aborto e que procuram anular decisões favoráveis à união entre pessoas do mesmo sexo, firmando o entendimento de que família, sexo e parentalidade são da ordem da natureza, não fatos sociais. (BIROLI, 2018, p. 134)

Esse mesmo presidente, convoca uma pastora evangélica para cuidar da pasta do Ministério dos Direitos Humanos, Igualdade Racial e Mulheres, cuidando das questões das mulheres, dos negros e dos índios. Esta senhora vem dizendo que: o lugar da mulher é em casa³⁹⁸; que a igreja evangélica perdeu espaço para ciência; o grande problema foi ter deixado a teoria da evolução entrar nas

³⁹⁶ Isso nos remete à taxa do crime de feminicídio no Brasil, com uma lei que reafirma a opressão sobre a mulher (Lei nº 13.104, 2015 – contra a mulher por razões da condição de sexo feminino), em suas características principais, que em uma porcentagem significativa acontece no ambiente doméstico. Mesmo assim, o atual governo discute o afrouxamento da lei sobre porte de arma. O cidadão poderia ter uma arma dentro de casa, apenas para sua segurança. Diante desses dados da realidade e os investimentos políticos de transformação social, foi inevitável não nos questionarmos do quanto isso incidirá de forma negativa na realidade da mulher brasileira. “O discurso de que é necessário armar os ‘homens da família’ para que se tornem defensores das mulheres ignora que o ambiente doméstico é um dos mais perigosos para esse grupo. Nele ocorreram duas a cada três das agressões contra as mulheres e três a cada 10 das mortes violentas (40% delas, com armas de fogo) em 2016, segundo o Datasus. O mesmo levantamento mostra que metade das agressões em casa foram praticadas por pais, padrastos ou parceiros, e que a presença da arma escala as agressões, tornando-as rapidamente letais – 60% das violências contra mulheres praticadas com armas de fogo terminaram com morte” (PEKNY; POLLACHI, 2019).

³⁹⁷ É possível confirmar essas informações na entrevista decampaña cedida ao atual presidente para o Programa Roda Viva do dia 30 de julho de 2018, com um total de 9.334,445 visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>>.

³⁹⁸ “Damares Alves acredita que as mulheres nasceram para serem mães e que num modelo ideal de sociedade elas ficariam em casa, enquanto os homens ralariam no trabalho” (COTADA PARA MINISTRA..., 2018)

escolas³⁹⁹; que os índios devem ser evangelizados⁴⁰⁰; que o aborto é uma aberração e inclusive propõe uma “bolsa estupro” para as vítimas de violência sexual; entre outras barbaridades. “A política cega e a ambição faz esquecer a justiça” (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 126).

Realmente concordamos com Lacerda, ao dizer que deveríamos deixar o voto para outra oportunidade e não para uma fanática religiosa. Mas infelizmente isto não foi possível e a população brasileira elegeu um presidente que vende uma ideia ilusória de liberdade e segurança individual. O que este governo atual apresenta como solução para os problemas do País parece-nos contrário ao que nossa pensadora falava há exatos 100 anos.

Quando as mulheres derem-se as mãos, num gesto amigo, quando arrancarem de si certas pieguices que só servem de impecilio á felicidade dos lares, quando desenvolverem em su'alma o sentimentalismo consciente, racional se é possível o termo, – far-se-ão mais respeitadas e não haverá mêdo do escândalo.

A primeira a romper o cordão sanitario que a sociedade criou em torno da mulher para que ella não possa dar um passo sem o seu consentimento – será seguida de outras e o escandalo desaparecerá. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 61).

Apresentamos essa citação para mostrar o quanto os escritos de Lacerda contribuem para pensar nossa sociedade que ainda reproduz os discursos hegemônicos do patriarcado. No primeiro parágrafo de seu livro, podemos trazer o

³⁹⁹ “A igreja evangélica perdeu espaço na história. Nós perdemos o espaço na ciência quando nós deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas, quando nós não questionamos, quando nós não fomos ocupar a ciência. A igreja evangélica deixou a ciência para lá e aí cientistas tomaram conta dessa área”, afirma a ministra no vídeo. (EM VÍDEO, DAMARES..., 2019)

⁴⁰⁰ “Damares Alves, pastora fundamentalista que fundou uma missão evangélica acusada de sequestrar crianças indígenas e fomentar o racismo contra os povos indígenas, é quem vai mandar na Funai, uma vez que a agência indigenista, como quer o presidente eleito, seja transferida do Ministério da Justiça para o Ministério das Mulheres, da Família e dos Direitos Humanos. Essa mudança não é simplesmente um jogo de alianças, mas um giro retrógrado profundo no caminho que a história do Brasil estava sendo construída com os povos indígenas. Um retrocesso civilizacional inimaginável até poucos anos atrás, em direção ao abismo do genocídio” (MILANEZ, 2019).

que o movimento feminista pensa hoje como “sororidade”, tal como Lacerda, para deixarmos de pieguices, ou seja, de achar que a mulher é sua inimiga, de concorrências sem motivos e “darmos as mãos”, pois como mulheres, dentro desta sociedade, estamos todas em situação subalterna e de subjugação.

Já o segundo parágrafo evoca um exemplo vivo em nossa mente⁴⁰¹, o caso do médium João de Deus e as denúncias de abuso sexual que estão sendo feitas. Foi necessário que uma mulher, fora do Brasil, *rompesse o cordão*, para que muitas outras a seguissem, sentindo-se fortalecidas o suficiente para também poderem fazer a denúncia.

No dia em que as mulheres forem solidárias, quando compreenderem a sua missão, nesse dia a humanidade poderá exultar porquanto estará redimida para uma outra *Renovação* que o nosso espírito não apreendeu por ora mas que surgirá sem duvida.

E novos idéas substituirão os de agora. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 119).

Até o exato momento, mais de trezentas mulheres denunciaram abusos sexuais praticados pelo médium, incluindo sua própria filha. E a sociedade continua a se perguntar: mas será? Ou seja, é mais “fácil” para a nossa sociedade acreditar em um único homem do que em trezentas mulheres. E as pessoas ainda se perguntam se vivemos em uma sociedade machista, ou, melhor dizendo, se ainda vivemos sob a predominância de um sistema patriarcal. “E enquanto houver uma

⁴⁰¹ Com referência às acusações de crime de abuso sexual do médium João de Deus, a *Folha de São Paulo*, de dezembro de 2018, traz a seguinte informação: os crimes teriam sido praticados durante atendimentos individualizados e em locais restritos na Casa Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia, cerca de 90 quilômetros de Goiânia. Apesar disso, promotores do Ministério Público de Goiás dizem que 255 dos 596 relatos recebidos por e-mail são considerados possíveis casos a serem apurados. Quarenta e quatro por cento desse número, porém, já poderiam ser considerados prescritos. A idade das supostas vítimas vai de 9 a 67 anos.

mulher sacrificada as outras não têm o direito de cruzar os braços indiferentes”⁴⁰² (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 119).

Algumas questões apresentadas enquanto caminhávamos pelos escritos de Lacerda, no que se refere especificamente à questão da religião, evidenciam a denúncia da autora acerca de como os seres humanos, por questão de riqueza e poder, se equivocam no entendimento e na prática religiosa. Este foi um momento que pensamos deve ter sido tenso se levamos em consideração o contexto histórico no qual a autora se encontrava quando a religião tolhia o pensamento dos livres-pensadores. Mas não é assim até hoje? Teríamos que investigar com profundidade, discutir e nos embasar teoricamente para responder a essa pergunta, mas Lacerda, em seu tempo, se arriscou e sabia disso. Era um risco necessário para o objetivo de sua obra, que era contribuir para a emancipação da mulher.

Avalio em toda a sua extensão o perigo que corre o meu pobre livro.
Sinto os odios que me vão acompanhar nas suas paginas dictadas
pelo meu coração sensível, pelo meu character sincero e franco.
Lamento do fundo d'alma.
Meu espirito é tolerante e sou incapaz de uma offensa pessoal a
quem quer que seja, antes, retraio-me, muitas vezes, diante de uma
grosseria.
Pelos meus principios não reajo.
Revolto-me no intimo.
Não terei, certamente, calorosos applausos.
Que fazer?
Não escrevo só pelo prazer de agradar: isso é galante mas não é
serio.

⁴⁰² “Eu não serei livre enquanto houver mulheres que não o são, mesmo que suas algemas sejam muito diferentes das minhas” (Audre Lorde). Audre Lorde (nascida Audrey Geraldine Lorde, 18/02/1934-7/11/1992) foi uma escritora caribenha estadunidense, poeta e ativista. Descrevia a si mesma como negra, lésbica, feminista, também *guerreira* e *mãe*. Escreveu diversos ensaios com questões sobre o racismo, feminismo, sexualidade (DIFUSÃO HERÉTICA LESBOFEMINISTA INDEPENDENTE, 2016, p. 3).

E se eu quisesse viver de galanteios não perderia horas a estudar, cuidaria de não envelhecer – meditando em assumptos sociaes, e, certo me não faltariam adoradores...

A vida – não é isso.

A felicidade não pode andar ao lado da futilidade, mesmo porque é cousa por demais complexa para ser compreendida pelo leviano.

Que é goso? Em que consiste?

É tão vária a sua concepção.

Satisfazer exigencias?

Quanto a mim, só exijo de mim mesma uma coisa:

Quero ser útil. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 173-174).

Creemos que a questão da religião seria uma categoria bem pertinente na obra dessa autora como um todo, pois dos treze livros que escreveu, alguns tratavam direta ou indiretamente desta temática, discorrendo sobre o quanto a Igreja estava vinculada ao movimento integralista e interferia de forma incisiva na educação. Seria um interessante exercício reflexivo relacionar esses escritos com as ações atuais da bancada evangélica⁴⁰³ no Congresso, tentando barrar os avanços da educação em relação às questões relacionadas a gênero⁴⁰⁴, sem deixar de falar que a reforma educacional⁴⁰⁵ quer extinguir temáticas como filosofia, sociologia, história e geografia do ensino fundamental.

⁴⁰³ “Horas antes de o MEC (Ministério da Educação) divulgar documento que subtrai as expressões ‘identidade de gênero’ e ‘orientação sexual’ da base nacional curricular, o presidente Michel Temer recebeu deputados da Frente Parlamentar no Palácio do Planalto [...] Representantes dos direitos humanos discordam da Frente Parlamentar Evangélica. Segundo Maria Rehder, coordenadora de projetos da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, garantir questões de gênero e sexualidade nos planos e políticas públicas já é recomendação da ONU ao Brasil desde 2015” (ALMEIDA; BEZERRA, 2019).

⁴⁰⁴ Existe um grupo de parlamentares contrários a se trabalhar as questões de gênero na educação brasileira. Vale lembrar que trabalhar questões de gênero significa educar nossas crianças, adolescentes e jovens no sentido do respeito ao outro como humano, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, mas significa também que meninos e meninas vão ter maior possibilidades de se desenvolverem livremente. Já existem pesquisas nessa linha, um campo bem rico de produção de conhecimento e leitura da realidade. “À guisa de uma moral dita ‘cristã’, as mulheres feministas e as pessoas LGBT se transformaram, na visão de quem prega contra a ‘ideologia de gênero’, em uma força do mal, no inimigo, a ser combatido a qualquer custo (REIS; EGGERT, 2017, p. 19).

⁴⁰⁵ Uma temática possível de ser estudada seriam as reformas do ensino no Brasil, assim, poder refletir sobre as transformações no âmbito do ensino e da educação. Uma expressiva contribuição seria poder contextualizar historicamente as políticas educacionais e assim compreender os relatos. No texto apresentado, a reforma que está sendo referida é a última que foi apresentada para o país: Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da

Também importa aqui uma digressão para destacar outras formas de opressão existentes dentro da sociedade capitalista em que viveu Maria Lacerda de Moura: as problemáticas relacionadas a raça e classe⁴⁰⁶, a opressão e as desigualdades⁴⁰⁷ relacionadas ao racismo⁴⁰⁸ e a histórica criminalização dos pobres⁴⁰⁹. Nossa autora não menciona as mulheres negras especificamente, mas

Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio. “A reforma do ensino médio proposta pelo governo surpreendeu a todos, pois foi por meio da Medida Provisória 746, publicada em 22 de setembro de 2016, que a sociedade brasileira tomou conhecimento das mudanças que estavam sendo pensadas para essa etapa da EB. O fato de a proposta ter sido por meio de MP evidenciou a postura antidemocrática do governo, pois não foi dada oportunidade de diálogo e discussão, uma vez que a Medida Provisória tem efeito imediato, precisando ser aprovada pelo Congresso Nacional em até 120 dias” (GONÇALVES, 2017, p. 134).

⁴⁰⁶ ⁴⁰⁶ As questões relacionadas a raça e gênero devem ser incluídas nas reflexões trazidas pela teoria política feminista. O feminismo negro acertadamente questionou o movimento de mulheres que até então as duas primeiras ondas do movimento feminista não haviam trazido como pauta prioritária. Trata-se de uma pauta importante para uma sociedade recentemente escravocrata, pois a mulher negra sofre a opressão por ser mulher e por ser negra. Muitas mulheres negras discutem de forma histórica e concisa esta problemática, entre as quais Ângela Davis, em seu livro *Mulheres, raça e classe* e a feminista feminista Bell Hooks. Há também escritoras brasileiras, como Suely Carneiro e Djamila Ribeiro. Diz Djamila: “A questão do silêncio também pode ser estendida a um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio, em relação à realidade das mulheres negras, não as coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, fez com que nos últimos dez anos o número de assassinatos de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o de mulheres brancas caiu em 10%, segundo o Mapa da Violência 2015. Falta um olhar étnico-racial para as políticas de enfrentamento da violência contra a mulher. A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não negue identidades em detrimento de outras” (RIBEIRO, 2018, p. 125).

⁴⁰⁷ “As desigualdades sociais, econômicas e culturais são determinantes do processo de saúde-doença das populações e de cada pessoa em particular. Populações expostas a precárias condições de vida são mais vulneráveis e vivem menos. O Relatório sobre a Situação da População Mundial (2002) demonstra que o número de mulheres pobres é superior ao de homens, que a carga horária de trabalho das mulheres é maior e que, pelo menos, metade de seu tempo é gasto em atividades não remuneradas, o que reduz o acesso aos bens sociais, inclusive aos serviços de saúde. A discriminação de gênero, raça e de etnia acentua desigualdades e contribui para a configuração de padrões distintos de sofrimento, adoecimento e morte” (PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2015, p. 25)

⁴⁰⁸ A questão do racismo no Brasil é estrutural e várias pesquisas e dados podem comprovar isso. “A população brasileira com diploma universitário é majoritariamente branca, o que evidencia a enorme exclusão sofrida pela população negra. O percentual de negros e negras entre os ocupados com curso superior concluído é de 17%, muito aquém de sua participação na população brasileira (cerca de 47%, segundo a PNAD 2003)” (BRASIL, 2015, p. 52). “As desigualdades de gênero e raça são eixos estruturantes da matriz da desigualdade social no Brasil que, por sua vez, está na raiz da permanência e reprodução das situações de pobreza e exclusão social. Por isso, enfrentar essas desigualdades significa tratar de uma característica estrutural da sociedade brasileira, cuja transformação é imprescindível para a superação dos déficits de trabalho decente atualmente existentes” (ABRAMO, 2006, p. 40).

⁴⁰⁹ “A característica periférica [...] de sociedades como a brasileira não reside [...] em nenhum ‘jeitinho’, em nenhum ‘emotividade’ pré-moderna, nem em qualquer dessas muletas explicativas retiradas do senso comum e de nosso mito nacional. A modernidade de países como o Brasil é ‘deficiente’, seletiva e periférica porque jamais foi realizado aqui um esforço social e político dirigido e refletido de efetiva equalização de condições sociais das classes inferiores. A inclusão

fala das *patricias*, das mulheres burguesas de uma sociedade industrialista branca. Ela critica suas mesquinhas e futilidades hipócritas, quando menciona assuntos relacionados à classe e explica a realidade da mulher trabalhadora. As mulheres trabalhadoras no Brasil, pós-Primeira Guerra Mundial e final da escravidão brasileira, segundo Rago (2006), eram as mulheres estrangeiras, italianas, espanholas etc., que vinham de seus países tentando fugir da miséria do pós-guerra e buscando melhores condições de vida. Lacerda tem um livro, escrito em 1934 intitulado *Civilização: tronco de escravos*. Talvez a partir dele tenha ela inserido em suas reflexões e questionamentos sobre a questão dos negros e negras e suas condições dentro da engrenagem da realidade social naquele contexto histórico.

Consideramos importante deixar registrado que, enquanto as mulheres da primeira onda do movimento feminista estavam lutando para poderem trabalhar fora de casa, as mulheres negras sempre trabalharam fora de suas casas, pois a condição imposta foi sua saída das Casas de Engenho como escravas domiciliares para o serviço doméstico⁴¹⁰ nas casas das famílias de elite. As opressões e subjugações referentes à raça são significativas para se compreender as

das classes inferiores no Brasil foi sempre percebida — até pelos melhores como Florestan Fernandes — como algo que o mercado em expansão acabaria por incluir como que por mágica. Os esforços assistencialistas de ontem e de hoje, que são fundamentais (é melhor que existam do que não), mas insuficientes, nunca tocam no ponto principal por serem iniciativas condenadas ao curto prazo. Essa é a diferença que explica efetivamente a distância social de sociedades modernas periféricas como a brasileira e sociedades modernas centrais” (Jessé SOUZA, 2009, p. 401). “A construção arbitrária da legalidade e da ilegalidade não tem como único efeito transformar uma classe privilegiada em ‘classe da ordem’ que vai, inclusive, ter o monopólio de ‘julgamento’ dos indivíduos da ‘classe da desordem’. Seu efeito de dominação social e política tornada opaca e invisível, já que sua legitimidade e justificativa são construídas por ‘consensos sociais inarticulados’ — nunca discutidos ou sequer percebidos conscientemente —, é muito maior. Afinal, ao criar arbitrariamente o ‘delinquente’, que é, por definição, em sua esmagadora maioria, de uma única classe social, cria-se também o ‘estigma’ como privilégio negativo também de uma única classe” (Jessé SOUZA, 2009, p. 425).

⁴¹⁰ “Dados recentes demonstram que as mulheres representam 93,5% dos trabalhadores domésticos; 69% daqueles na produção para autoconsumo e 55% dos não-remunerados. Entre os empregadores, os homens representam 75% (PNAD/IBGE 2003)” (BRASIL, 2015, p. 37).

desigualdades⁴¹¹ quando se fala das mulheres negras⁴¹², pois trezentos anos de um regime escravocrata não se apagam com menos de cinquenta duvidosos anos de democracia.

Entre as mulheres negras, a posição nas relações de trabalho é acrescida de outros elementos, como a sexualização de seu corpo e a violência contra homens com quem têm vínculos especiais, sejam eles maridos, sejam irmãos ou filhos, mostrando a centralidade do racismo nas dinâmicas de dominação e na experiência concreta do feminino (BIROLI, 2018, 210).

Enfim, muitos outros temas poderiam ter sido abordados e outros teriam possibilidade de ser estudados mais profundamente. Alguns exemplos seriam as questões da injustiça salarial entre homens e mulheres e a prostituição, aspectos fortemente estudados e vivenciados entre as mulheres atualmente.

[...] necessário deslocar o problema das mulheres para o funcionamento das democracias, indo das características que mulheres e homens assumem em dada configuração das relações raciais e de gênero à permeabilidade desigual da política. Os muros ou os tetos de vidro que delimitam a participação das mulheres na política são feitos da energia e do tempo que lhes é roubado pelo trabalho prestado aos mais próximos e à sociedade, trabalho que muitas vezes não é reconhecido como tal, reforçando sua desvalorização. São feitos, ainda, dos estereótipos que associam o feminino à instabilidade emocional, à fragilidade e à baixa competência, assim como da violência física e simbólica que constrange e pune aquelas que “ousam” participar dos espaços tradicionalmente masculinos do exercício político. (BIROLI, 2018, p. 210).

⁴¹¹ “Uma das evidências mais significativas das desigualdades entre homens e mulheres no mundo do trabalho encontra-se nos rendimentos auferidos por cada um, quadro que se agrava quando analisado à luz da variável raça. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE 2003), divulgada em junho de 2004, o salário recebido por hora trabalhada, em reais, era assim distribuído: homens brancos: 7,16; mulheres brancas: 5,69; homens negros: 3,45 e mulheres negras: 2,78” (BRASIL, 2015, p. 24).

⁴¹² “A discriminação contra as mulheres e o preconceito racial, aliados às dificuldades de acesso à educação, reservam às mulheres negras as menores remunerações e as funções de mais baixa qualificação” (BRASIL, 2015, p. 39).

O exercício de ler, ver, ver além e compreender o livro *Renovação*, de Maria Lacerda de Moura, apresenta inúmeras possibilidades de olhares e discussões históricas, sociais e políticas. Isto principalmente no que se refere à mulher, à criança e às condições de exploração social numa realidade em que a mulher está sendo privada de suas possibilidades de desenvolvimento pleno e digno. É uma opressão que vem se delineando pela história de várias formas. Tentamos apresentar aqui, junto com outras mulheres, um pouco desta composição hegemônica de dominação.

Censuram-nos? – Que importa?
 Ridicularizam-nos? – Não faz mal.
 Criticam-nos – arrancando trechos incompletos das nossas paginas
 torcendo-os em raciocínios capciosos? – Isso prova a fraqueza dos
 argumentos contrários.
 É a arma covarde dos que não atacam pela frente.
 Quanto a mim, – não escrevo por snobismo: trabalho, bato-me pelo
 desinteresse pecuniário.
 Não leio, – estudo.
 Só desejo consciência lúcida a compreender a evolução social,
 contribuindo, de qualquer modo, para a solidariedade entre os
 homens.
 Nada sou e – que posso fazer?
 Que sei eu desse Universo imenso, da Terra pequenina, de cada
 verme que é cada um de nós?
 Que importa a mim esse ou aquele partido, esse ou aquele
 programma contanto que nos encaminhem todos para a
 chiméra⁴¹³ da perfeição num sonho de felicidade futura?
 O que convém é espalhar a fê, a esperança, o vigor para a cruzada
 emancipadora....
 Que prestígio alentador e decisivo dos nossos estímulos mútuos,
 reforçado nos sacrifícios, nas lutas, nos ataques – faça nascer,
 nesse imenso País – a “Confederação da Mulher Brasileira”,
 inquebrantável alavanca, fortaleza para a formidável campanha em

⁴¹³ Quimera, s.f. Monstro fabuloso, com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão; nome de um peixe, fantasia; produto da imaginação; utopia; absurdo; (Gen.) indivíduo que apresenta dois ou mais tipos de células geneticamente distintas, derivadas de indivíduos diferentes (QUIMERA, 1981, p. 939).

pról do bem estar coletivo. (LACERDA DE MOURA, 2015, p. 296-297).

Maria Lacerda de Moura é também uma fonte de inspiração pelo modo como se posiciona, se arrisca! Não tem medo das críticas e se constrói inclusive através delas, fazendo-nos e refazendo-nos a cada escrita, instigando-nos a continuarmos e irmos além, no caminho da superação das condições que nos foram impostas. Mulheres, vamos à luta!

REFERÊNCIAS

A SITUAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS das mulheres negras no Brasil – violências e violações, **Geledés**, 30 set. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/situacao-dos-direitos-humanos-das-mulheres-negras-no-brasil-violencias-e-violacoes>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

ABRUNHOSA, Rafael David. Estatismo e sistema interestatal em Mikhail Bakunin. **Revista em Debate da UFSC**, Florianópolis, v. 16, p. 41-54, 2016.

ACRACIA. In: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

AGNI. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Revista Sociedade e Estado**. v. 15, n. 2, Brasília, p. 303-330, jun.-dez. 2000.

AGUIAR, Thiago Borges. **Thiago Borges Aguiar**: aula da disciplina Educação e Pesquisa II [nov. 2017]. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2017.

AGUIAR, Thiago Borges. **A condição feminina em Maria Lacerda de Moura**: análise de configuração textual do livro Renovação (1919). 2019. Banca Defesa Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. Montesquieu: sociedade e poder. In: WEFFORT, Franciso. (Org.). **Os clássicos da política**. São Paulo: Atica, 2011. (Coleção Fundamentos, v.1).

ALMEIDA, Cleomar; BEZERRA, Mirthyani. João de Deus é alvo de outros 8 inqueritos sobre abuso. **UOL**, 21 dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/joao-de-deus-e-alvo-de-outros-8-inqueritos-sobre-abuso-sexual-diz-delegado.shtml>>. Acesso em: 1abr. 2019.

ALMEIDA, Maria Araújo de Almeida. **Um “mestiço irrecusável”**: Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX. 2008. Dissertação

(Mestrado em em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. As raízes da violência da sociedade patriarcal. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 235-243, jan.-jun. 2004.

ALMEIDA, Wendel Rodrigo de et al. A perspectiva gramsciana na educação analisada sob a ótica de vida e obra de Gramsci. **Evidência**, Araxá, v. 14, n. 15, p. 125-132, 2018.

ALMEIDA, Wilson Castelo. Teatro da anarquia: um resgate do psicodrama. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 9, n. 2, 1989.

ALMOFADINHA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacquel. **O que é feminismo**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

ALVES, José Eustáquio Diniz. População e sustentabilidade: perspectivas para a CIPD pós 2014. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 219-230, jan.-jun. 2014.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 292, mai.-ago. 2016.

AMANUENSE. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

AMICI, Giovanni Battista. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ARAÚJO, Alexandre Herculano de Carvalho. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. O tenente Vinhaes como representante do operariado na Constituinte e no Congresso Nacional (1890-1893). In:

ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 24. História e Democracia: precisamos falar sobre isso., São Paulo, 2018, São Paulo. **Anais Eletônicos**. Disponível em: <<https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

ARIANISMO. DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

ARIEL. In: DICCIONARIO enciclopédico labor. 3. ed. Barcelona: Labor, 1967.

ARQUET, François Marie (Voltaire). In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BACHOFEN, Jacob. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BACON, Roger. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BAIARDI, Daniel Cerqueira. **Conhecimento, evolução e complexidade na filosofia de Herbert Spencer**. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

BALOUSSIER, Anna Virgínia. Bancada evangélica celebra retirada de questão de gênero de base curricular. **UOL**, 24 jan. 2019. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/04/1873511-bancada-evangelica-celebra-retirada-de-questao-de-genero-de-base-curricular.shtml>>. Acesso em: 1 br.2019

BARACUHY, Braz. A crise da Liga das Nações de 1926: realismo neoclássico, multilateralismo e a natureza da política externa brasileira. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 255-397, jul.-dez. 2006.

BARRETO FILHO. Introdução. In: BRITO, Raymundo de Farias. **O mundo interior**: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Brasília: Senado Federal, 2006. (Edições do Senado Federal, v. 52).

BARROS, Neide Célia Ferreira. A visibilidade feminina através da fala de Anna Rita Malheiros na Primeira República Brasileira. In: ENCONTRO REGIONAL DE

HISTÓRIA, 16. Saberes e Práticas Científicas. 2014, Rio de Janeiro. Anais...

Disponível em:

<<http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BARROS, Nilce de Oliveira; VESPASIANO, Bruno de Souza. A história da educação: uma breve revisão. **Revista Científica Eletrônica de Ciências**

Aplicadas da FAIT, 2017. Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwj9zKe->

[m5bhAhXmE7kGHW_EADEQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Ffait.revista.inf.br%2Fimagens_arquivos%2Farquivos_destaque%2F1oyMLtuJODIWmGD_2017-1-21-10-35-26.pdf&usg=AOvVaw2kdTzyV6XfRgG8O3RSIpKn](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwj9zKe-m5bhAhXmE7kGHW_EADEQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Ffait.revista.inf.br%2Fimagens_arquivos%2Farquivos_destaque%2F1oyMLtuJODIWmGD_2017-1-21-10-35-26.pdf&usg=AOvVaw2kdTzyV6XfRgG8O3RSIpKn)>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. (v. 2).

BEBEL, Auguste. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BENOIST, Charles. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Normalidade, diversidade e alteridade na história do instituto nacional de surdos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, out.-dez. 2016.

BERGER, Philippe. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BIBELÔ. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

BINET, Alfred. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOURGET, Paul. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Educação e democracia: o papel do movimento feminista para a igualdade de gênero na escola. **Revista Ex Aequo**, n. 17, p. 155-163, 2008.

BRAGA, Joaquim Fernandes Teófilo. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BRASIL. Governo Federal. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Mulher e trabalho: avanços e continuidades. **Comunicado IPEA**, n. 40, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100308_comunicadoipea40.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Secretaria Especial de Política para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres**. 2015. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpm_compacta.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais**, Brasília, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BRASIL. Senado Federal. Procuradoria Especial da Mulher do Senado. Comissão Parlamentar Mista de Combate à Violência Contra a Mulher. **Lei Maria da Penha: perguntas e respostas**. Brasília: Senado Federal, 2017a. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/517191>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BRASIL. Senado Federal. Instituto de Pesquisa Data Senado. Observatório da Mulher Contra a Violência. Secretaria de Transparência. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Senado Federal, jun. 2017b. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BRASIL. Governo Federal. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1995 a 2015**. ed. Brasília: Ipea, 2017c. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BREDA, Juliana Fernandes. **Amor e morte em Schopenhauer**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Marília, São Paulo.

BREMER, Fredrika. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BRUNO, Giordano. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BRUYÈRE, Jean de La. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

BUCHNER, Georg. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

BUDA. In: DICIONÁRIO das religiões. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

CADAFALSO: DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

CALIBAN. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CALVINO, João. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CAMPANELLA, Tommaso. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CAMPOS, Ana Claudia Borges. **Gestão da informação**: uma análise ergológica da atividade do bibliotecário gestor. 2016. Tese (Doutorado em Ciência de Informação) – Faculdade de Ciência em Informação da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CANORO. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

CARPÓCRATES. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Arquitetura das escolas públicas do Paraná (1853-1955)**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná.

CATARINA II. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CESAR, Patrick. Ameaça fascista? O integralismo ontem e hoje. **Revista História da Biblioteca Nacional**, a. 6, n. 61, out. 2010.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia sócia. São Paulo: Brasilense, 1998.

CLEMANCEAU, Georges. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CONFÚCIO. In: DICIONÁRIO das religiões. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CONLEY, John. Madeleine de Scudéry. In: ZALTA, Edward N. (Org.). Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2016. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/madeleine-scudery/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

CORALINA, Cora. **Mulher da vida**. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

CORNEILLE. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CORREA, Mariza. Nossos mulatos são mais exuberantes. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, out.-dez. 2008.

CORTESÃ. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 12, set-dez, 2004.

COTADA PARA MINISTRA, pastora Damares... **Revista Fórum**, 1 dez 2018. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/cotada-para-ministra-pastora-damares-cre-que-mulher-nasce-para-ser-mae-e-deveria-ficar-em-casa/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

CROAHE, Jolivon. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

CRUZ, Amanda Lavenère de Omena Santa. **A representação da mulher nordestina no cinema brasileiro**: uma análise a partir de Era Uma Vez Eu, Verônica. 2016. Monografia (Curso de Audiovisual) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CURIE, Marie Skolodowska. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

D'ARC, Joana. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

DAEHNHARDT, Patrícia. A Alemanha e as intervenções militares internacionais: a persistência da Kultur der Zurückhaltung. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 40, p. 133-156, 2013.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias da gente brasileira**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017. (v. 3: República – Memórias [1889-1950]).

DELPHY, Christine. Teorias do patriarcado. In: HIRATA, Helena; et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**, São Paulo: Unesp, 2009. p. 173-179.

DEMOLINS, Edmund. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 23, n. 67, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300019>. Acesso em: 1 abr. 2019.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: capítulos essenciais. Tradução de Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Ática, 2007.

DIAS, Amália; JARA, Isabela Bolorini. Educação e emancipação feminina em Celina Padilha, a “educadora transviada” (1927-1930). **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 4, p. 230-255, set.-dez. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/articloe/view/8209>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

DIAS, Carlos Malheiro. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

DIDEROT, Denis. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

DIFUSÃO HERÉTICA LESBOFEMINISTA INDEPENDENTE. (Org.). **Textos escolhidos de Audre Lorde**. 2016. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

DONATO. In: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX** –Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUBOIS, Paul Charles. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ÉCRAN. In: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

EM VÍDEO, DAMARES... **Isto É**, 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/em-video-damares-alves-diz-que-igreja-perdeu-espaco-para-a-ciencia-nas-escolas/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

EMANCIPAÇÃO. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

EMANUEL. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

EPICURO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ESCRÓFULA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

ESFALFAR. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

ESTEVES, João. Produção, transmissão e reenquadramento do conhecimento por via da história das mulheres: o caso da 1ª República. **Ex Æquo**, n. 30, p. 39-53, 2014.

EUGENIA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

EUTÍQUIO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

FABRE, Rémi. Un exemple de pacifisme juridique: Théodore Ruysen et le mouvement “a paix par le droit” (1884-1950). **Vingtième Siècle: Revue D'histoire**, n. 39, p. 38-54, jui.-sep. 1993.

FACIO, Alda. Feminismo, gênero y patriarcado. **Justicia y Genero**, 1999. Disponível em: <<http://justiciaygenero.org.mx/publicaciones/facio-alda-1999-feminismo-genero-y-patriarcado>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 41, p. 159-199, jul.-dez. 2013.

FANTIN, Gabriela; D'AGOSTINI, Fabiana Piccoli; DE MARCO, Taisa Trombetta. Conquistas e atuais desafios do movimento feminista. **Anuário Pesquisa e Extensão UNOESC Videira 2018**, Videira, 2018.

FEDERICI, Sílvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução do Coletivo Sycorax. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/35224902/Federici_Silvia_Caliba_e_a_bruxa_pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

FOURIER, François Marie Charles. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

FRANÇA, Maria Célia da Veiga. Montaigne e a natureza humana do feminino. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 126, p. 449-461, dez., 2012.

FREDERICO II. In: ENCICLOPÉDIA Delta Universal. Rio de Janeiro: delta, 1982.

GALLO, Sílvia. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições**, v. 24, n. 2, p. 241-251, mai.-ago. 2013.

GAMEIRO, Aires. Notas à vota da teoria de degenerescência mental e o Dr. Miguel Bombarda. O caso da “cura” do Tenente Apparício Rebêllo dos Santos na casa de saúde do Telhal em Medicina na Beira –interior da pré-história ao século XXI. **Cadernos de Cultura**, n. 25, p. 112-119, nov. 2011.

GARZONI, Leriche de Castro. Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX). 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual e Campinas, Campinas, São Paulo.

GAYLE, Rubin. O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. Recife: S.O.S. Corpo. 1993.

GIANNOTTI, Arthur. (Org.). **Comte**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

GILABERT, Luz. La política museística municipal en el contexto español: la Red de Museos del Ayuntamiento de Murcia. In: SEMEDO, Alice; COSTA Patrícia (Orgs.). **Ensaio e práticas em museologia**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang von. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

GOMES, Calil de Siqueira. A educação feminina como forma de emancipação na história das mulheres. **Revista Intersaberes**, v. 9, n. 18, p. 374-394, jul.-dez 2014. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/616/423>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

GOMES, Gisele Ambrósio. **O Mentor das brasileiras**: um estudo de caso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira. Interesses mercadológicos e o “novo” ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, v. 11, n. 20, p. 131-145, jan.-jun. 2017.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do Dia Internacional da Mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 151, jan.-mar. 2014.

GONZALEZ, Lionel. Histoires 14-18: Marie-Clémence Fouriaux, une femme héroïque de la Grande Guerre. **Frande Info**, 24 jul. 2017. Disponível em: <<https://france3-regions.francetvinfo.fr/grand-est/marne/reims-metropole/reims/histoires-14-18-marie-clemence-fouriaux-femme-heroique-grande-guerre-740489.html>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

GRAVES, Robert Ranke. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

GRAZIANO, Amy B. E.; JOHNSON, Julene K. Richard Wallaschek's nineteenth-century contributions to the psychology of music. **Music Perception**, v. 23, n. 4, p. 293-304, 2006. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/56fc/38222ddc8fe0e0891f26ca3e7a86127dd033.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

GRAZZIOTIN, Vanessa. Histórico da representação feminina no sistema político brasileiro e o momento. **Revista Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, a. 5, n. 7, p. 19-23, 2015.

GRISOTTO, Raquel. 104 países proíbem a mulher, por lei, de fazer alguma coisa – e o Brasil está no grupo. **Época Negócios**, 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/06/104-paises-proibem-mulher-por-lei-de-fazer-alguma-coisa-e-o-brasil-esta-no-grupo.html>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

GROS, Antoine Jean. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

GUANABARA, Alindo. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

GUARDIA, Francesc Ferrer y. **A escola moderna**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

GUERRA JUNQUEIRO, Abílio Manuel. **A velhice do padre eterno**. Atualização ortográfica: Iba Mendes. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. Disponível em: <<http://bmm.jomega.net/wp-content/uploads/2015/11/A-velhice-do-padre-eterno-Guerra-Junqueiro-Iba-Mendes.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

GUSMÃO, Emery Marques. Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 269-289, jul.-dez. 2012.

GUTENBERG, Johannes. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

HALL, Marshal. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

HANISMAN, Denis. In: DICIONÁRIO dos filósofos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HEGEMONIA. In: DICIONÁRIO Gramsciano. São Paulo: Boi Tempo, 2017.

HELVÉTIUS, Claude Adrien. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HODIERNA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos que o homem. **Agência IBGE Notícias**, 7 mar. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

INCONTRI, Dora. Tolstoi e a anti-pedagogia (uma proposta de educação libertária). **Revista da Faculdade de Educação (USP)**, São Paulo, v. 17, n. 1-2, p. 102-120, jan.-dez. 1991.

INDRA. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

JANSEN. Cornelius Otto. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. Educação anarquista na República Velha: algumas idéias e iniciativas pedagógicas. **Revista Pro-Posições**, v. 1, n. 3, p. 37-54, 1990.

JORGE, Wanda. Autor popular e intérprete do romantismo francês. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n. 2, out.-dez. 2002.

KARAWEJCZYK, Monica. Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura: uma parceria inusitada. **Gênero**, Niterói, v. 14, n. 2, p. 105-124, 2014a.

KARAWEJCZYK, Monica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014b.

KARDEC, Allan. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13 (suplemento), p. 39-54, out. 2006.

LABRUDE, Pierre. La consultation des pauvres à Nancy: Marie Meunier, La Consultation des pauvres organisée par le Collège royal de médecine de Nancy: étude des registres des consultations de 1760 à 1789. **Revue d'Histoire de la Pharmacie**, a. 95, n. 358, p. 246-247, 2008.

LACERDA DE MOURA, Maria. Feminismo? Caridade? **Utopia**: Revista Anarquista de Cultura e Intervenção, Lisboa, n. 9, 1999.

LACERDA DE MOURA, Maria. **Renovação** [1919]. Fortaleza: Fac-Símile, 2015.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Elementos estáticos da teoria política de Augusto Comte: as práticas e o poder temporal. **Revista Sociologia e Política**, v. 23, p. 63-78, nov. 2004.

LAMARTINE, Alphonse Marie Louis de Prat de. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. Pedagogia montessoriana: ensaio de individualização do ensino. **Revista histedbr**, número especial, mai. 2010.

LANGE MAX. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

LAO-TSE. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

LAURIS JUNIOR, Renato Luiz. **José Oiticica**: reflexões e vivências de um anarquista. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo.

LAVATER, Johann Kaspar. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

LAVOUSIER, Antoine Laurent de. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LENTZ, Thierry. **Napoleão**. Tradução de Paulo Henrique Martinez. C. Egrejas. São Paulo: Unesp, 2008.

LESSA, Renato. As cidades e as oligarquias do antiurbanismo da elite política da Primeira República brasileira. **Revista USP**, São Paulo, n. 59, p. 86-95, set.-nov. 2003.

LOMBROSO, Cesare. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

LOYOLA, Inácio de. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

LUCOVICO, Célia; CARVALHO, Maria Olga. **Madame Roland**: uma educação burguesa no séc. XVIII. Lisboa: Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 2004.

LUÍS CAETANO PEREIRA GUIMARÃES FILHO. In: **CPDOC**, [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/usuario/login?ReturnUrl=%2fcpdoc%2facervo%2fdicionarios%2fverbete-biografico%2fluis-caetano-pereira-guimaraes-filho>>.
Acesso em 1 abr. 2019.

LURIA, Alexander Romanovich. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In. LURIA, Alexander Romanovich. **Psicologia Geral**. Rio de Janeiro: Civilização, 1991. p. 71-84. (v. 1).

LUTERO, Martim. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 3, p. 580-595, 2013.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 465-476, set.-dez. 2006.

MAHABHARATA. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MAOMÉ. In: DICIONÁRIO das religiões. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARCONDES, Danilo. **Montaigne**: a descoberta do novo mundo e o ceticismo moderno. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 126, p. 421-433, dez. 2012.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fio, 2004.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARTINS, Nilciana Alves. Emma Goldman: trajetória, anarquismo e feminismo. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH, 18. História & Parcerias. 2018, Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: <https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529783999_ARQUIVO_ARTIGOANPUH-RJNilcianaAlvesMartinsatualizado.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e Gênero. In: HIRATA, Helena et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

MATOS, Marlise; PARADIS, Clarisse Goulart. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. **Cadernos Pagú**, n. 43, p. 57-118, jul. dez. 2014.

MAXIMALISMO. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

MEDEIROS, José Joaquim de Campos da Costa de. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MELINDROSA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo. A psicologia social nos tempos de S. Freud. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 145-152, mai.-ago. 2000.

MELO, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de

História, Direito e Serviços Social da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, São Paulo.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. República e pluralidade religiosa no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 59, p. 144-163, set.-nov. 2003.

MENNAIS, Félicité Robert de La. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MEYER, Dagmar E. Estermann; RIBEIRO, Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Gênero, sexualidade e educação**. 'Olhares' sobre algumas das perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo G. E. 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/diversos/te_dagmar_meyer.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

MEYER, Família. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MILANEZ, Felipe. **Carta Capital**, 20 jan. 1919. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-cruzada-missionaria-contra-a-funai/>>. Acesso em: 1 abr. /2019.

MORAES, Antônio Evaristo. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MORAES, Mirtes. **Por detrás dos panos**: o cotidiano das costureiras nas fábricas, nos lares e na arte, 2016. Disponível em: <http://encontro2016.mg.anpuh.org/resources/anais/44/1468851145_ARQUIVO_Pordetrasdospantos.pdf>. Acesso em: 1 abr.2019.

MORAES, Wallace dos Santos de. Kropotkin: história intelectual de um anarquista revolucionário. **Revista em Debate**, Florianópolis, n. 12, p. 64-86, jul. dez. 2015.

MORGAN, Henry. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. **História da Educação**, Pelotas, n. 6, p. 69-77, out. 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Unesp, 2000.

MULLER, Fernanda Suely. Reverberações italianas a imprensa luso-brasileira no pós-guerra: ecos de D'Annunzio, Ferrero e Bianco nas revistas Atlântida (1915 – 1920) e Ilustração Portuguesa (1903-1924). **Anuário de Literatura**, v. 15, n. 2, 2010.

MUNIZ, Heitor. O super-homem de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos; Porto Seguro, v. 36, n. 2, 2015.

NAQUET, Alfredo Joseph. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

NESTÓRIO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NEVES, Marcelo, Ideias em outro lugar? Constituição liberal e codificação do direito privado na virada do século XIX para o século XX no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 30, n. 88, jun. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

OBREGÓN, Nora. Quién fue María Montessori. **Contribuciones desde Coatepec**, Toluca, n. 10, jan.-jul. 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, Jorge Cardoso de. **A contribuição de Rui Barbosa para a educação brasileira (1879-1895)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

OLIVEIRA, Rui Barbosa. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ONESKO, Stéfani de Almeida; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. As meditações do imperador Marco Aurélio. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 14. 2015, Maringá. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2015/pdf/043.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

ORÍGENES. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PAIVA, Ataulfo Nápoles de. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PALISSY, Bernard. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PALMA, Ana. Monteiro Lobato e a gênese do Jeca Tatu. **Agência Fiocruz de Notícias**, 9 ago. 2006. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/monteiro-lobato-e-a-g%C3%AAnese-do-jeca-tatu>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

PAPIN, Denis. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PASCAL, Blaise. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PASTORA Lusmarina Campos na Audiência Pública do STF - Descriminalização do Aborto. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RbIN7f6Kg8o>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

PECAULT, Felix. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PEDOLOGIA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

PEKNY, Carolina; POLLACHI. Mulheres dizem não às armas e sabem o porquê: Decreto que facilita posse de armas pode elevar número de feminicídios no Brasil. **El País**, 22 jan. 2019.

PELÁGIO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PELLERIN, Pascale. Ernest Seillière, um contre-révolutionnaire au XX e siècle. **Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie**, v. 50, 2015.

PENA, AFONSO. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico da Primeira República 1889-1930. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

PEREZ, José David. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PESQUISADORA DÉBORA DINIZ defende a descriminalização do aborto em audiência no STF. **Youtube**, 3 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3dB5SSRCO1M>>. Acesso em: 01/04/2019.

PIANA, Maria Cristina. **As políticas educacionais**: dos princípios de organização à proposta da democratização. São Paulo: Unesp, 2009.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PINTO, Manuel Serrano et al. O médico brasileiro José Pinto Azeredo (1766-1810) e o exame químico da atmosfera do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 617-673, set.-dez. 2005.

PINTO, Maria Emilia Martins. O Anticlericalismo do Jornal A Laterna – Mídia Alternativa na Era Vargas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA NA AMÉRICA LATINA, 3., 2010, São Paulo. **Arquivos...** Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77195/81057>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, p. 7-42, 2002.

PIUCCO, Nanceli. **Retradução comentada de Corinne ou L'Italie de Mme de Staël**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

PREACA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

PRESBITÉRIO. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

PREVOST, Marcel. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

PROUDHON, Pierre-Joseph. In: DICIONÁRIO dos filósofos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PUERI. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

QUEIROZ, José Maria Eça. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

QUIMERA. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

QUITZAU, Evelise Amgarten. O trabalho na forma de alegria juvenil: a ginástica segundo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 359-373, abr.-jun. 2012.

RACINE, Jean Baptiste. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira, em *Cultura Histórica em Debate*, Organização Zélia Lopes Silva, São Paulo: UNESP, 1995.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, Campinas, n. 3-4, 1996.

RAGO, Margareth. A Liberdade entre a utopia e a história: Luce Fabbrri e o anarquismo na América do Sul. **Cadernos Pagú**, Campinas, n. 8-9, p. 279-317, 1997.

RAGO, Margareth. Espistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis. Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 578.

RAGO, Margareth. Prefácio à Emma Goldman. Tráfico de mulheres. **Cadernos Pagú**, Campinas, n. 37, p. 263-271, jul.-dez. 2011.

RAMUS, Petrus, In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

RECLUS, Jean-Jacques Elisée. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

REIS, Claudio Ricardo Martins dos. Socialismo e anarquia na concepção de Errico Malatesta. **Kinesis**, v. 7, n. 13, p. 228-240, jul. 2015.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan-mar, 2017.

REIS DA SILVA, Sara. Between open adventure in foreign lands and confined living in Portugal: Portuguese children's literature and the work of Virginia de Castro e Almeida. **Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil**, v. 8, n. 1, p. 123-137, 2010.

RENAN, Ernest. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

REZENDE, Joffre Marcondes. **À sombra do plátano**: crônicas de história da medicina. O machismo na história do ensino médico. São Paulo: Unifesp, 2009. p. 131-136.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018;

RIBEIRO JUNIOR, Wilson A. Glossário. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO, JR., Wilson. A. **Textos hipocráticos**: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

RIQUET, Sylvia Helena de Saboya. O lugar científico do psicodrama. **Linhas Críticas**, v. 4, n. 7-8, jul. 1998-jun. 1999.

RODRIGUES ALVES. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico da Primeira República 1889-1930. São Paulo: FGV, 2015.

RODRIGUES, Edgar. **Os libertários**: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fabio Luz. Rio de Janeiro: UJR, 1993.

ROSA, Kaciana Nascimento da Silveira. **Toda criança é capaz de aprender**: as contribuições de Edouard Séguin (1812-1880) para a educação da criança com deficiência intelectual. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

SÁ, Mem de. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 95-139.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

SANTOS, Márcio Breia. **Revolução Francesa**. 2016. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SÃO MARON. In: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

SATO, Eiiti. Prefácio à nova edição brasileira. Em: CARR, Edward Hallett. **Vinte Anos de crise: 1919-1939**. Uma introdução ao estudo das relações internacionais. 2. ed. Tradução de Luiz Alberto Figueiredo Machado. Brasília: Universidade de Brasília; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

SAUSSURE, Albertine-Adrienne Necker de. In: ENCYCLOPEDIA Britannica. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Albertine-Adrienne-Necker-de-Saussure>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SAVELLI, Ivette Maria. As cartas de Iracema. **Manuscrita**, n. 11, 2003.

SAVIANI, Demerval. Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 653-662, set.-dez. 2017.

SAY, Jean Baptiste Léon. In: ENCYCLOPEDIA Britannica. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Leon-Say>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SCHELLER, Max. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

SCHILLER, Johann Christoph Friedrich Von. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

SCHLINDWEIN, Izabela Liz. **Os natais da livre-pensadora alemã Julie Engell-Günther**: relações de gênero e interétnicas no Brasil do século 19. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Revista Tempo**, v. 13, n. 26, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SCUDÉRY, Madeleine de. In: Stanford ENCYCLOPEDIA of Philosophy. 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/madeleine-scudery/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SERVET, Michel. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SHAKERS. In: DICIONÁRIO enciclopédico de teologia. Canoas: Ulbra, 1967.

SIKORSKI, Igor Ivan. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SILVA PRADO, Antônio da. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SILVA, Ana Paula Muniz da. **Mercy Otis Warren e a formação da República dos Estados Unidos da América**. 2016. Monografia – Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

SILVA, Caroline Nunes; ALMEIDA, Murilena Pinheiro de. A história do ecofeminismo: contribuições e limites. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2. 2012, Ponta Grossa. **Arquivos...** Disponível em: <<http://www.sinect.com.br/anais2012/html/artigos/educacao%20amb/3.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SILVA, Marcos José Diniz. Afinidades espiritualistas em redes intelectuais no Ceará dos anos de 1920. **Locus**: Revista de História, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, 2015.

SILVA, Rodrigo Rosa da. Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos na revista **Anauê**: Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 61-95, 2005.

SILVA, Wlamir. Amáveis patricias: o mentor das brasileiras e a construção da identidade da mulher liberal na província de Minas Gerais (1829-1832). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 107-130, 2008.

SILVEIRA, Carlos Baltasar da. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SILVEIRA, Manuel de Arriaga Brum da. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SIQUEIRA, Luíza de Lima. A família e a escola como ambientes formadores segundo Pestalozzi. 2012. Monografia (Curso de Pedagogia) – Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, São Paulo.

SOEZ. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

SOMA. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. **Cadernos Pagú**, n. 24, p. 315-325, jan.-jun. 2005.

SOUZA, Cristiane Aquino. A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. **Revista Novos Estudos Jurídicos** [Eletrônica], v. 20, n. 1, jan-abr 2015. Disponível em:
<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwiU1sSjuZjhAhX9F7kGHWTBCWgQFjABegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fsiaiap32.univali.br%2Fseer%2Findex.php%2Fnej%2Farticle%2Fdownload%2F7198%2F4094&usg=AOvVaw20hUyompCdbcEt3JdzAuty>> . Acesso em: 1 abr. 2019.

SOUZA, Hélio José dos Santos. **O problema da motivação moral de Kant**. São Paulo: Unesp, 2009.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. O congresso universal de raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012.

SOUZA NETTO, Francisco Benjamin de. Platão e o pensamento grego. **Revista de Filosofia Trans/Form/Ação**, São Paulo, n. 5, p. 35-42. 1982.

STAËL, Mme. Ensaio sobre as ficções. Tradução de Claudia Amigo Pino. **Revista Criação&Crítica**, n. 8, p. 65-79, 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/46844/50605/> Acesso em: 1 abr. 2019.

STANLEY, David Michael. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

STRÜCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. Bela, recatada e do lar: os novos desdobramentos da família patriarcal. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL. DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 13. 2016, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Disponível em: <online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15880>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SÜDFELD, Max (Nordau). In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

SURMENAGE. DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

SWEDENBORG, Emanuel. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

TALMUD. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

TARRAFA, Cristiana Correia. **A mulher, a política e os media**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

TELES, Maria Amélia Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Alameda, 2017.

THORNDIKE, Edward Lee. In: DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril, 1977.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Mme de Staël: literatura e tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n. 35, 2015.

TRENTINI, Simone Silva Alves. **Educação integral ou educação de tempo integral?** Uma análise da teoria e da prática do Programa Mais Educação nas experiências das escolas da rede estadual na Zona da Mata rondoniense. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia.

TRINDADE, Judite Maria Barboza. **Metamorfose**: de criança para menor. Curitiba – início do século XX. 1998. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná.

VALENTIM. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

VANINI, LUCILIO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. 2. ed. Buenos Aires: Expressão Popular, 2011. (Coleção Pensamento Social Latino-Americano).

VEDAS. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

VELOSO, Pedro Leão. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

VENTURI, Gustavo. Entre o público, privado e político. Avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. GODINHO, Tatau (Org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: undação Perseu Abramo; Sesc, 2013. p. 504. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v44n151/15.pdf>>. Acesso em : 1 abr. 2019.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Fundação Perseu Abramo, [s.d.]. Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/sites/default/files/cap5.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Afonso Pena. Verbete.. Coord. Alzira Alves de Abreu. Fundação Getúlio Vargas, 1988.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 37, p. 103-124, set. 1999.

WELLNER, Karen. Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919). 2015. **Semantic Scholar**, [s.d.]. Disponível em: <[https://www.semanticscholar.org/paper/Ernst-Heinrich-Philipp-August-Haeckel-\(1834-1919\)-Philipp/5e9a47029fc30f3e0e8ce7964d26d4fa0c053f96](https://www.semanticscholar.org/paper/Ernst-Heinrich-Philipp-August-Haeckel-(1834-1919)-Philipp/5e9a47029fc30f3e0e8ce7964d26d4fa0c053f96)>. Acesso em: 1 abr. 2019.

WOOLF, Virginia. **A arte do romance**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.

WUNDT, Wilhem. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

W. E. B. DU BOIS. **Geledés**, 06 jun. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/w-e-b-du-bois/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

ZARATUSTRA. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ZWINGLI. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

ANEXO I

CARTA⁴¹⁴ DO PRESIDENTE AMERICANO WOODROW WILSON PARA AS ASSOCIAÇÕES FEMINISTAS DOS ESTADOS UNIDOS, FRANÇA, INGLATERRA, BÉLGICA, ITALIA E PORTUGAL

“Li vossa mensagem com o mais profundo interesse, e felicito-me por esta oportunidade na qual vos posso exprimir sem nenhuma reserva, que, a completa e sincera reconstrução democrática do mundo, pela qual estamos lutando e havemos de conseguir custe o que custar, não será alcançada de modo algum e adequadamente enquanto não fôr reconhecido o direito de suffragio politico da mulher, sendo só por este acto que as nações do mundo poderão realizar, para beneficio das futuras gerações, os ideais de uma inteira força de opinião e de acção humana.

Os serviços da mulher nesta suprema crise da historia do mundo têm sido da maior utilidade e relevancia. A guerra não podia ser levada a bom termo sem ella e sem os sacrificios que ella tem sabido suportar.

Chegou a hora de ser reconhecida e paga uma parte de nossa divida de gratidão para com ella, e a unica recompensa que nos pede è o direito de voto. Podemos nós outros, com justiça, recusar-lh'o? No que toca à America do Norte é minha mais ardente esperança que o Senado dê uma satisfatoria resposta áquella pergunta, aprovando a emenda que cria aquelle direito antes que termine a presente reunião. Cordeal e sinceramente – Woodrow Wilson”.

⁴¹⁴ Esta carta foi transcrita do livro *Renovação*, de Maria Lacerda de Moura, e está entre as páginas 129-130 na 2ª edição de 2015. Após ela, Wilson apresentou ao Senado um comentário afirmando a urgência de aprovação do sufrágio feminino.

ANEXO II

PROJETO DE LEI MAURÍCIO DE LACERDA

(LACERDA DE MOURA, 2015, p. 182 a 186)

LEGISLAÇÃO OPERARIA

O TRABALHO DAS MULHERES

“Art. 1º. As mulheres só poderão ser admittidas a qualquer trabalho em officinas, fabricas ou outro estabelecimento industrial, agricola ou commercial, de propriedade publica ou particular, mediante contrato e nas condições desta lei.

Art. 2º. É vedado o contrato de trabalho ás mulheres si este:

- a) for em tunneis, minas ou de qualquer fórma subterranea;
- b) si o estabelecimento for destinado à fabricação de inflammaveis, praticar a manipulação de materiaes reputados legalmente nocivos á saúde, ou, pelo genero da industria, si for prejudicial ao organismo feminino;
- c) si for o serviço, por sua natureza, offensivo ao pudor ou contra a moral;
- d) si tiver de se realizar em domingo ou dia de repouso;
- e) finalmente, si for nocturno o trabalho industrial.

Art. 3º. O trabalho não poderá durar mais de seis horas por dia, não podendo ser continuo e devendo ter intervallo minimo de hora e meia de descanso.

Art. 4º. Os descansos e horas de trabalho, bem como o repouso semanal, que será obrigatorio e de 36 horas continuas, serão regulados, nos casos em que expressamente não disponha esta lei, pela “Lei de oito horas” dos adultos, devendo, porém, sempre, por qualquer trabalho extraordinario, ser accrescido o salario de

mais de 50% do contratado, e jámais será prejudicado o repouso nocturno, que será no minimo de onze horas consecutivas.

Art. 5º. Poderão as mulheres trabalhar nas minas desde que o serviço a prestar seja ao ar livre e não incida em qualquer das letras do art. 2º da presente lei.

Art.6º. O trabalho é nocturno desde que se deve realizar entre as 7 da noite e 5 da manhã.

Art. 7º. O trabalho é tambem vedado á mulher nos dous ultimos mezes da gestação em qualquer estabelecimento a que se refere o art. 1º da presente lei.

Art. 8º. Nos sessenta dias anteriores ao parto e quarenta dias depois do livramento, a contratada gosará de uma licença, ficando-lhe reservado o logar pelo patrão, encarregado ou empresario com quem tiver contratado trabalho.

Parag. 1º. Por qualquer accidente da gravidez e mediante attestado medico poderá a mulher contratada, sem perda do logar que occupava na officina, fabrica ou outro estabelecimento, faltar ao trabalho durante trinta dias.

Parag. 2º. Nos seis primeiros mezes de lactancia terá a contratada a um quarto de hora, cada duas horas durante o trabalho quotidiano, para amamentação do filho.

Parag. 3º. Nos mezes seguintes, emquanto durar a lactação, terá a mulher direito a uma hora por dia, durante o trabalho para amamentar o filho.

Parag. 4º. A hora de que trata o paragrapho anterior será dividida em meias horas, cuja utilização ficará á escolha da contratada, que, para obte-la, bastará communicar-a ao patrão, empresario ou encarregado do serviço.

Parag. 5º. Em caso algum poderá a contratada soffrer pela ausencia do serviço, nos termos dos paragraphos anteriores, qualquer desconto no seu salario diario.

Art. 9º. Durante o periodo da gravidez não poderão se occupar as mulheres em serviços ou trabalhos nas officinas, fabricas ou outros estabelecimentos, desde que os mesmos as exponham a abalos, grande esforço ou á atmospherá viciada de vapores de phosphoro, acido sulphydrico, sulpho carbono, sulphochloruro ou outros, a juizo da fiscalização do D.T.

Art. 10º. O trabalho em domicilio será contratado sempre como se fôra feito na fabrica ou estabelecimento, a salario diario, e nunca por obra ou tarefa.

Art. 11º. As mulheres menores não poderão ser empregadas como actrizes, figurantes, etc. em circos, cafès-concerto, theatros e nos exercicios perigosos, de força ou deslocamento e acrobacia ou nas profissões de saltimbancos, exhibicionistas de animaes e outras que offerecem perigo á pessoa, acarretem damno á sua saude, concorram para desnatural-lhe a moral ou as exponham a attentados ao pudor.

Art. 12º. Para realizar seus contratos de trabalho como empregada ou operaria não precisam a mulher casada e a menor de consentimento marital ou paterno e tem igualmente a faculdade de demandar judicial ou administrativamente perante o D.T. pelo cumprimento dos mesmos contratos ou por qualquer indemnização delles originada.

Parag. 1º. O producto do trabalho de mulher operaria ou empregada é de exclusiva propriedade sua.

Parag. 2º. A capacidade concedida á mulher pelo artigo 11º, só se refere ao contrato de trabalho como empregada ou operaria, desde, porém, que seja a titulo

de empresaria ou qualquer equivalente, deverá ser a mulher casada só admittida a contratar si, nos termos do Codigo Civil Brasileiro, obtiver o consentimento do marido, ou si, divorciada, apresentar a prova da sentença proferida pela autoridade competente.

Parag. 3º. A mulher menor, no caso do paragrapho anterior, deverá apresentar consentimento do pae, tutor ou curador.

Art. 13º. No acto da realisação do contrato as mulheres apresentarão attestado de vaccina e de não soffrimento de molestia contagiosa.

Art. 14º. Os operarios de sexos differentes não poderão trabalhar reunidos num mesmo local, devendo sempre naquelle que for destinado ao seu trabalho haver completa separação entre elle, só excepcionalmente, quando não o permittirem as condições do serviço, poderão trabalhar reunidos carecendo para isso o patrão ou empresario de permissão do D.T.

Art. 15º. As infracções á presente lei serão punidas com multas de 30\$ a 50\$000 para as operarias ou empregadas e de 100\$000 a 1:000\$ para os patrões ou empresarios, além da nullidade dos contratos realizados contra o que na mesma se dispõe.

Art. 16º. Quando o infractor pagar a multa que lhe for imposta pelo D.T., deverá a mesma ser recolhida á caixa de beneficencia dos obreiros ou empregados cujo processo será o estatuido a respeito pela lei que regula o contrato de trabalho em geral.

Art. 17º. Para a fiscalisação da presente lei as mulheres designirão, pela forma que se determinar em lei ordinaria, as suas delegadas, ás quaes competirá, em serviço mixto com o C.O.T., a visita e inspecção dos estabelecimentos ou fabricas, e a denuncia ao D.T. das infracções nos mesmos verificadas.

Art. 18º. Do contrato deverá constar cada uma das exigencias desta lei relativas á especie de trabalho, sua duração e salario e ser feito segundo norma adoptada pelo D.T., sob pena de nullidade.

Art. 19º. O contratante será obrigado, sob pena de multa de 100\$ a 500\$, a collocar em logar bem visivel de seu estabelecimento um quadro com todas as disposições que interessem aos contratantes, para conhecimento exacto dos deveres que lhes incumbem.

Art. 20º. Quando houver no estabelecimento quadro afixado de salarios e horario de serviço, nem assim ficará um contrato valido si não o mencionar egualmente.

Art. 21º. As mulheres nos contratos de trabalho, entanto que esta lei não houver disposto de modo diverso, são equiparadas em face da legislação relativa ao salario, horas de trabalho, accidentes e outros deveres, vantagens ou direitos, aos operarios ou empregados de sexo masculino e especialmente ao de se fazerem representar por operarios na Conciliação ou Arbitragem.

Art. 22º. O D.T. regulamentará a presente lei a qual entrará em vigor seis mezes depois de sua publicação.

Art. 23º. Revogam-se as disposições em contrario.

ANEXO III

SISTEMA EDUCACIONAL MARIA MONTESSORI

RESUMO MARIA LACERDA DE MOURA (2015, p. 260-262)

- 1º Desenvolver na criança a imitação espontânea em vez de obediência passiva.
- 2º Intervenção do adulto reduzida ao mínimo.
- 3º Liberdade individual não quer dizer ausência de direção.
- 4º Evitar à criança esforço demasiado de raciocínio e esforço de auto-educação.
- 5º A Casa dei Bambini não tem professoras e, sim, directoras porquanto o papel da professora é substituído pelo observador psicólogo.
- 6º Favorecer o desenvolvimento das energias e não esfalfar⁴¹⁵ o indivíduo.
- 7º A actividade sensorial e muscular deve preceder à actividade mental.
- 8º A educação nova tem por objetivo colocar a criança no caminho de sua auto-educação.
- 9º Abolir prêmios e castigos: serão de ordem puramente moral.
- 10º A liberdade da criança tem como limite o interesse da classe.
- 11º O papel das directoras é o do cientista: interesse pela especulação psicológica com o ardor do apóstolo e a curiosidade do analista.
- 12º Guiar e não ensinar.
- 13º Tudo, (inclusive as experiências didáticas) deve ser usado como instrumento para acordar as forças da inteligência, para actuar no espírito.
- 14º Uma escola é o campo de investigação experimental pedagógica.
- 15º A criança não se presta de modo algum, as experiências de introspecção.
(Problema transcendental e em discussão).

⁴¹⁵ Esfalfar – fatigar, extenuar, cansar (ESFALFAR, 1981, p. 438).

16º Não poderá ser estabelecida em suas bases uma psychologia infantil enquanto a criança não gosar inteiramente de uma liberdade que lhe permita manifestações expontaneas e individuaes.

17º A criança de quem nada se consegue é examinada pelo medico.

18º O trabalho é uma preparação para a vida.

19º A falta de sef-control da criança é uma falta de disciplina muscular.

20º O exercício preparatório é indispensável antes de qualquer aprendizado.

21º O movimento das mãos auxilia o desenvolvimento das funções cerebraes.

22º Toda acção coordenada exige menor esforço.

23º “O actuar em harmonia com as leis da natureza é descanso, e neste caso especial, desde que o homem é uma criatura inteligente, quanto mais inteligentemente proceder maior repouso encontra”.

24º O instinto natural de mexer em tudo è aproveitado e dirigido como exercício preparatório para escripta, etc.

25º A gymnastica sensorial é exercício preparatório para as associações de ideias e raciocínio.

26º Em resumo: tudo tende á cultura da iniciativa, ao sef-control, ao desenvolvimento da personalidade independente.

APÊNDICE I

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ESTUDOS SOBRE MARIA LACERDA DE MOURA

Artigos

- 1 ALMEIDA, Paloma Raquel de; LAGE, Allene Carvalho; AMORIM, Elba Ravane Alves. Maria Lacerda de Moura: uma feminista brasileira e sua concepção de educação da mulher. CONGRESSO ALAS URUGUAY, 31. 2017, Montevideo. **Anais....** Disponível em: <http://alas2017.easyplanners.info/opc/tl/2542_paloma_raquel_de_a_lmeida.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019
- 2 COSTA, Nilda Marinho da; MARTINS, Angela Maria Souza. Movimento feminista e educação: cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922). **Revista Contemporânea de Educação**, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 211-229, ago. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2539>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- 3 FERREIRA, Denise Cristina; FERNANDES, Maria Janine Pereira; MARTINS, Patrícia de Lima; DINIZ, Kaio Santos. História da Educação no Brasil: A proposta educacional de Maria Lacerda de Moura. CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS. 2017, Campina Grande. **Anais...** Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/coprecis/trabalhos/TRABALHO_EV077_MD1_SA9_ID654_17082017110649.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 4 GUIMARÃES, Paula Cristina David. Maria Lacerda de Moura e a inserção da psicologia experimental aplicada à pedagogia em Minas Gerais (1908-1921). ANPED – SUDESTE, 11. 2014, São João Del Rei. **Anais...** Disponível em: <<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/04/paula-cristina-david-guimarc3a3es.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 5 GUIMARÃES, Paula Cristina David. A história da escolarização da infância em Minas Gerais: desafios e perspectivas da pesquisa. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7. 2013, Cuiabá. **Anais...** Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/04->

%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20DAS%20CRIANCAS-%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20NO%20BRASIL/A%20HISTORIA%20DA%20ESCOLARIZACAO%20DA%20INFANCIA%20EM%20MINAS%20GERAIS.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

- 6 KARAWEJCZYK, Mônica. Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura: uma parceria inusitada. **Gênero**, Niterói, v.14, n.2, p. 105-124. 1.sem.2014. Disponível em:<<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/625>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

- 7 LIMA, Nabylla Fiori de; Queluz, Gilson Leandro. Representações de ciência e tecnologia no pensamento anarquista brasileiro: Análise da revista Renascença (1923). SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 14.2014, Belo Horizonte, **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<file:///C:/Users/Tatiana/Downloads/Nabylla%20Fiori%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

- 8 LIMA, Nabylla Fiori de. Maria Lacerda de Moura e a ciência da felicidade: bases para uma ciência feminista e libertária. MULHERES E FAZENDO GÊNERO, 13. TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES E DESLOCAMENTOS, 11. 2017, Florianópolis. **Anais...** Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497984961_ARQUIVO_Fazendogenero-MariaLacerdadeMouraeacienciadafelicidadeBasesparaumacienciafeministaelibertaria.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

- 9 LEITE, Miriam Moreira. A documentação de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 32, p. 238-250, 1997. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3822>. Acesso em: 1 abr. 2019.

- 10 LEITE, Miriam Moreira. Aspectos do segredo: Maria Lacerda de Moura. In: FUKUI, Lia. (Org.). **Segredos de família**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002. p. 61-70.

- 11 LEITE, Miriam Moreira. Maria Lacerda de Moura e o anarquismo. **Remate de Males**, Campinas, n. 5, p. 121-129, out. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636361>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

- 12 LOUSADA, Isabel; LAGUARDIA, Angela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas. **Navegações**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 99-104, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/25528561.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 13 MENDES, Samanta Colhado. **Anarquismo e feminismo**: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889 -1930). [s.d.]. Disponível em: <<http://legacy.unifacef.com.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Samanta%20Colhado%20Mendes.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 14 RAGO, Margareth. Ética, anarquia e revolução em Maria Lacerda de Moura. In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge. **As esquerdas no Brasil**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 262-293. (v. 1: A Formação das Tradições, 1889-1945).
- 15 RAGO, Margareth. Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbrì. **Verve**. Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol, n. 21, p. 54-78, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/30719>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 16 SANTOS, Patrícia Lessa dos. Poéticas animalistas em Maria Lacerda de Moura e Nise da Silveira: libertação, arte & resistência. **Sociopoética**, Campina Grande, v. 1, n. 17, jul.-dez. 2016. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/3223>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 17 SILVA, Ana Amélia Brasileiro Medeiros. Embates representacionais em busca de uma personagem: Maria Lacerda de Moura no tráfico de luzes e sons. **Estudos Feministas**, v. 17, n. 2, mai.-ago. 2009, p. 527-546. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24327927?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 18 SIQUEIRA, Juliana Salles de. Aspectos de uma enunciação em movimento: Maria Lacerda de Moura e suas reflexões sobre feminismo, educação e eugenia na década de 1920. CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6. 2009, Maringá. **Anais...** Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/307.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- 19 SCHPUN, Mônica Raisa. Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde. **Cadernos Pagú**, n.22, p. 329-342, 2004. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100012>. Acesso em: 1 abr. 2019.

Dissertações

- 1 DIAS, Maria Aparecida Lima. **O espírito da educação**: Maria Lacerda de Moura (1918-1935). 1999. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.
- 2 FERREIRA, Denise Cristina. **Educação e sociedade**: lições pedagógicas de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). 2012. 109f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba.
- 3 GOMEZ, Monica Liliana. **O pensamento feminista de Maria Lacerda Moura**. 1998. 171f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- 4 LIMA, Nabylla Fiori De. **Maria Lacerda de Moura na revista Estudos (1930-1936)**: anarquismo individualista e filosofia da natureza. 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná.
- 5 MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo**: 1889-1930. 2010. 254f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Franca, São Paulo.
- 6 MIRANDA, Jussara Valéria. **Recuso-me!** Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais.
- 7 PACHECO, Joice Oliveira. (2010). **O pensamento de Maria Lacerda de Moura sobre a emancipação feminina**: contribuições e desafios para a educação contemporânea. 2010. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul
- 8 SOUZA, Tatiana de. **Tecnologias políticas do gênero no Brasil**: a contribuição do pensamento de Maria Lacerda de Moura. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná.
- 9 RICHTER, Liana Peters. **Emancipação feminina e moral libertaria**: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura. 1998. 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, São Paulo.
- 10 ROCHA, Giseli da Silva **Anarquismo e individualismo**: a participação das mulheres no movimento operário Maria Lacerda de Moura e Emma Goldman. 2017. 103f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, Rio de Janeiro.

Teses

- 1 GUIMARÃES, Paula Cristina David. **Maria Lacerda de Moura e o estudo científico da criança patricia em Minas Gerais (1908-1925)**. 2016. 253f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- 2 LEITE, Miriam L. Moreira. **Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura**. 1984.

Fontes: Scielo, Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, indicações de pesquisadores do Núcleo de Pesquisa de Práticas Educativas no espaço escolar e não escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba e pesquisa geral no Google do nome de Maria Lacerda de Moura buscando as devidas referências.

APÊNDICE II

PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MARIA LACERDA DE MOURA

Livros

Ano	Título	Editora / Local
1918	Em torno da educação	Teixeira / São Paulo – SP
1919	Renovação	Typ. Athene / Belo Horizonte – MG
1924	A mulher é uma degenerada	Typ. Paulista / São Paulo – SP
1925	Lições de pedagogia	Typ. Paulista / São Paulo – SP
1926	Religião do amor e da beleza	Typ. Condor / São Paulo – SP
1931	Civilização – tronco de escravos	Civilização Brasileira / Rio de Janeiro – RJ
1931	Clero e Estado	Liga Anticlerical / Rio de Janeiro – RJ
1932	Amai... e não vos multipliqueis	Civilização Brasileira / Rio de Janeiro – RJ
1933	Serviço obrigatório para mulher? – Recuso-me! Denuncio!	A Sementeira / São Paulo – SP
1933	Han Ryner e o amor plural	Unitas / São Paulo – SP
1934	Ferrer, o clero romano e a educação laica	Editorial Paulista / São Paulo – SP
1934	Clero e o Facismo – horda de embrutecedores	Editorial Paulista / São Paulo – SP
1934	Facismo – filho dilecto da Igreja e do capital	Editorial Paulista / São Paulo – SP

Alguns artigos em jornais e revistas

Ano	Título	Jornal / Revista	Local
1920	A mulher brasileira e o problema trabalhista		Juiz de Fora – MG
1921	O problema da educação	A Tribuna (12 de setembro, p. 12)	Santos – SP
1922	A fraternidade e a escola	União do Trabalhadores Graphics	São Paulo – SP
1922	A mulher e a maçonaria	Typ. Globo	São Paulo – SP
1923	Contribuição de fevereiro – junho	Renascença (3 números)	São Paulo – SP
1927	Enquête d'A vida moderna	A vida moderna	
1928	Guerra à guerra	O Combate (20/12. N.4895, p. 3)	São Paulo – SP

1928	De Amundsen a Del Prete	O Combate	São Paulo – SP
1928	Leoncio Correia versus Mme. Chrysanthème	O Combate (12/04, n.4686, p. 3)	São Paulo – SP
1929	Santo Antonio	O Combate (18/06, n. 5070, p. 4)	São Paulo – SP
1929	Auto-biographia	O Combate (03/08, n. 5110, p. 3)	São Paulo – SP
1929	A última palavra do General Prestes	O Combate (30/08, n. 5133, p. 1)	São Paulo – SP
1929	Mais um dia a bordo	O Combate (18/07, n. 5096, p. 4)	São Paulo – SP
1929	Embaixatriz! – Não	O Combate (18/09, n. 5149, p. 3)	São Paulo – SP
1929	Conservadores ou revolucionários?	O Combate (20/09, n. 5151, p. 3; 28/09, n. 5158, p. 3)	São Paulo – SP
1929	O individualismo neo-estoico de Han Ryner	Feira Literária (nov. 11:59)	São Paulo – SP
1929	A Crise do café	O Combate (12/11, n. 5195, p. 3; 18/11, n. 5199, p. 3; 20/11, n. 5201, p. 3; 9/12, n. 5217, p. 3; 11/12, n. 5218, p. 3)	São Paulo – SP
1935	Guerra à guerra!	A Lanterna (2/11, n. 402, p. 4)	
1935	Profissão de fé	A Lanterna (9/02, n. 388, p. 3)	

Fonte: LEITE, 1984.

Pensar no futuro ou ficar na saudade? Construir sonhos ou conformar-se com a realidade? Espalhar-se em guerreiras ou maquiar a dignidade. Nós fazemos a nossa história⁴¹⁶.

⁴¹⁶ Cartaz 8 de março - Dia Internacional da Mulher “Mulheres Fazendo História”. Coordenadoria Especial da Mulher, Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2004.